

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar Sorocaba
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEd-So)**

SOLANGE APARECIDA DA SILVA BRITO

**PESQUISADORA-AUTORA-CIDADÃ:
POR UMA PEDAGOGIA DA ESCRITA DE SI EM ESPAÇOS/TEMPOS
DE PESQUISA-VIDA-FORMAÇÃO**

Sorocaba/SP/Brasil - 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar Sorocaba
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEd-So)

SOLANGE APARECIDA DA SILVA BRITO

**PESQUISADORA-AUTORA-CIDADÃ:
POR UMA PEDAGOGIA DA ESCRITA DE SI EM ESPAÇOS/TEMPOS
DE PESQUISA-VIDA-FORMAÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, (UFSCar-So), como requisito básico para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientação: *Prof^a. Dr^a. Bárbara Cristina
Moreira Sicardi Nakayama*

Brito, Solange Aparecida da Silva

PESQUISADORA-AUTORA-CIDADÃ: por uma pedagogia da escrita de si em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação / Solange Aparecida da Silva Brito -- 2023. 237f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Prof^ª. Dra. Bárbara Cristina Moreira Sicardi Nakayama

Banca Examinadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Souza de Freitas (Unipampa), Prof. Dr. Daniel Hugo Suárez (UBA), Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa (UFSCar), Profa.

Dra. Maria da Conceição F. B. S. Passeggi (UFRN/UNICID)

Bibliografia

1. Pesquisadora-autora-cidadã. 2. Pesquisa-vida-formação. 3. Pedagogia da escrita de si. I. Brito, Solange Aparecida da Silva. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

**PESQUISADORA-AUTORA-CIDADÃ:
POR UMA PEDAGOGIA DA ESCRITA DE SI EM ESPAÇOS/TEMPOS
DE PESQUISA-VIDA-FORMAÇÃO**

Texto de tese apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, (UFSCar-So), como requisito básico para obtenção do título de Doutora em Educação. Sorocaba, 29 de junho de 2023.

Autora: Solange Aparecida da Silva Brito

Orientadora e Presidenta da Banca Examinadora:

Prof^a Dra. Bárbara Cristina Moreira Sicardi Nakayama - UFSCar-So

Banca Examinadora (Titulares):

Profa. Dra. Ana Lúcia Souza de Freitas (Unipampa) – **externo**

Prof. Dr. Daniel Hugo Suárez (UBA) – **externo**

Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa (UFSCar) – **interno**

Profa. Dra. Maria da Conceição F. B. S. Passeggi (UFRN/UNICID) – **externo**

Banca Examinadora (Suplentes):

Profa. Dra. Laurizete Ferragut Passos (PUC) – **externo**

Profa. Dra. Rosa Aparecida Pinheiro (UFSCar) – **interno**

Identificação e informações acadêmicas da estudante:

- ORCID da autora: <https://orcid.org/0000-0002-5264-3011>

- Currículo lattes da autora: <http://lattes.cnpq.br/3930429127178776>

DEDICATÓRIA

*À minha **mãe** e ao meu **pai**, porque ambos são gigantes!*

Como é que alguém se transforma em escritor, ou é transformado em escritor? Não é uma vocação, imagine, também não é uma decisão, mais parece uma mania, um hábito, um vício, você deixa de fazer isso e se sente mal, mas *ter* que fazê-lo é ridículo, e acaba se tornando um modo de viver (como outro qualquer).

EMILIO RENZI, por Ricardo Piglia

Creio que todas as palavras que vamos pronunciando, todos os movimentos e gestos, concluídos ou somente esboçados [...] podem ser entendidos como peças soltas de uma autobiografia não intencional [...] Esta convicção de que tudo quanto dizemos e fazemos ao longo do tempo, mesmo parecendo desprovido de significado e importância, é, e não pode impedir-se de o ser, expressão biográfica, levou-me a sugerir um dia, com mais seriedade do que à primeira vista possa parecer, que todos os seres humanos deveriam deixar relatadas por escrito suas vidas.

JOSÉ SARAMAGO

AGRADEÇO...

Ao **Inaldo**, marido, anjo e extraterrestre, que assumiu a árdua missão de “me cuidar” e em cujos braços se encontra o melhor lugar do mundo! Não teria conseguido chegar até aqui com a sanidade mental intacta se não fosse por você, ainda que haja controvérsias sobre minha (in)sanidade... Ser quem sou e ir aonde vou, passa por ter você ao meu lado... Te amo!

Ao **Caê** e a **Valentina** por terem me ensinado novos sentidos e significados para a expressão do amor... Ser vovó em meio ao Doutorado foi algo não planejado, mas que trouxe mais leveza e doçura aos “últimos capítulos” ...

Ao **Lucas** por me fazer perceber e valorizar a minha rede de proteção afetiva que sempre esteve tão próxima e presente no trilhar o Doutorado, enquanto ele caminhava seus passos solitários, mas nunca insólitos, no Mestrado. Filho, estive/estou com você o tempo todo... Tenho muito respeito por sua coragem em se jogar ao mundo por seus sonhos e escolhas!

Ao **Felipe** por ser presença marcante diária e por ser um dos maiores exemplos de um “pesquisador-autor-cidadão” que a vida poderia ter me mostrado. Sua coragem de ousar viver para além e fora dos padrões e frequência que a sociedade tenta nos impor, constantemente, me assusta, mas vivo de gratidão e respeito por sua coragem, mesmo sabendo que você paga um preço alto por isso... você é uma grande referência para mim filho!

A **Milena** e a **Vitória**, a primeira é responsável por eu ter ganhado o status de vovó, ambas amam e dividem a vida com os amores da minha vida, torceram e me apoiaram na jornada por Doutoradolândia...

A **Gabriela** e ao **Gabriel** que me permitiram integrá-los ao meu materno... assim como a **Bia** e ao **Gregory** pelos olhares de orgulho e confiança que me lançam, cotidianamente, que me fazem querer continuar a ir em frente... Serei eternamente grata por tê-los como filhas/filhos e cúmplices dessa jornada tão incrível que é viver e pesquisar...

Aos meus **pais**, meus **irmãos**, minha **irmã** e ao meu sobrinho **Guilherme** pelo incentivo sempre presente. O último nos faz, cotidianamente, querermos ser pessoas melhores e vai voar a lugares inimagináveis, ser doutora em educação tem a ver, também, com querer ser referência para ele...

A **Tia Zezé (menina)** por ter me mostrado os caminhos para o ler; trilhá-los me permitiu chegar até Doutoradolândia...

A **(menina) Sol** por ter sonhado para além do ler... Por ter na escrita um modo de ler a vida e por escrever para marcar a si e ao mundo!

A Professora Doutora **Bárbara Cristina Moreira Sicardi Nakayama**... me faltariam palavras para expressar o que significa ter feito a itinerância do Doutorado sendo guiada e, por vezes, carregada por alguém de alma tão especial e singular como

você! Gratidão por sua confiança e por ter me incentivado a viver tudo que o Doutorado pudesse me oportunizar... Gratidão por acreditar em mim... Gratidão por ser quem é... do jeito que é... E por ser uma referência humana e profissional na qual me inspiro e me espelho...

*Ao hermanito **Henrique Frey**, pela felicidade do encontro acadêmico, de vida e da alma... Nem nos meus mais remotos pensamentos poderia imaginar que o Programa de Estágio Supervisionado de Capacitação Docente (PESCD) me daria um parceiro, no sentido mais significativo da palavra, de presente. Nossa aproximação trouxe novos sentidos a Doutoradolândia e a vida, serei eternamente grata por isso!*

*Ao **Professor Joaquim Gonçalves Barbosa** mais que uma referência bibliográfica, aquela que traz a sustentação da minha tese, passou a ser referência de autor-cidadão cuja itinerância acadêmica e de vida nos impulsiona a também querermos ser autores-cidadãos, pesquisadoras-autoras-cidadãs...*

*Ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente (**NEPEN**)... um espaço/tempo de pesquisa-vida-formação onde os encontros, por vezes, (re)significam nossa existência...*

*As mulheres docentes que vieram antes de mim e as que virão depois, no nome das professoras **Ana Cristina da Silva Rodrigues** e **Niédja Maria Ferreira de Lima** agradeço por terem feito a diferença no espaço acadêmico e terem deixado as portas abertas!*

*As mulheres docentes que se aventuraram a ocupar o espaço acadêmico, em especial, as professoras **Ana Lúcia Souza de Freitas**, **Maria da Conceição Passeggi** e **Maria Helena Mena Barreto Abraão**, cujos estudos e contribuições fundamentam essa pesquisa, bem como, um agradecimento especial a cada uma das **irmãs de NEPEN** que compartilharam comigo esse movimento.*

*Ao Professor **Daniel Hugo Suárez** por ser referência latina em uma abordagem euro centrada... sua contribuição traz novos sentidos e (re)significa o (auto)biográfico, gratidão por cada palavra nas bancas e nos tantos encontros...*

*Ao amigo **Zé Luiz (UFPB)** cujo encontro inusitado nos Pampas gaúchos nos ensinou que o mundo é ao mesmo tempo grande e um “quintal” ... Foi a partir de um presente dele que a ideia de escrever um cordel, para fechar a tese, chega até mim. Seu cordel de aniversário foi a inspiração que eu precisava. Gratidão pela partilha, querido!*

*As **professoras** e **professores** do PPGEd e demais programas nos quais cursei disciplinas, participei de cursos de extensão, seminários, Ateneo, fóruns e encontros acadêmicos, espaços que me ajudaram a ampliar as perspectivas da tese...*

*A **Dani Ávila** e **Rogéria** por serem irmãs de alma e estarem ao meu lado nos momentos de lutas e de glórias... E olha que não faltaram lutas nesses quatro anos... Ter vocês nas trincheiras comigo fez toda a diferença!!!*

*Ao professor **Wilson Sandano** pelo (re)encontro quando já fechava as ações da tese, mas que mesmo assim contribuiu com o olhar e do lugar da experiência!*

*Ao querido companheiro de Conselho Municipal de Educação de Sorocaba (CMESO) **Alexandre da Silva Simões** que me ensinou que a tese é a melhor produção que eu poderia escrever nesse tempo e na condição que tenho e que ela não tem que ser a mais importante da minha vida, embora nesse momento seja.*

*Ao **Dr. Vinícius Fornazari** e sua fiel escudeira **Amanda** que souberam me abraçar e me convencer que há amanhã mesmo quando os “diagnósticos” que a vida nos apresenta são assustadores e indesejados. Embora tenha sido uma escolha não tratar disso, explicitamente, na tese, aprendi com eles que nossos corpos dialogam conosco em forma de narrativas viscerais, ainda que, nem sempre estejamos prontas e prontos para lidar com elas e para que possamos aprender é que existem super-heróis e super-heroínas que adentram às nossas vidas, travestidos e travestidas de profissionais da saúde. Não teria terminado a tese sem o apoio, a força, o afeto, a humanidade e o profissionalismo de vocês dois.*

*A **Ana Paula Libório Arruda** por ter chegado de mansinho e se fazer presença constante e escuta sensível... Gratidão pela generosidade de revisar o texto da qualificação e, agora, a versão final da tese, em especial, por ser tão cuidadosa nos apontamentos! Em seu nome agradeço a todas e todos que atuam na supervisão de ensino municipal de Sorocaba, espaço profissional que compõe minha constituição enquanto pesquisadora-autora-cidadã...*

*As **equipes das escolas** nas quais atuo, pela compreensão desse tempo de dedicação que, por vezes, pode ter deixado na espera alguma resposta importante... Grata por terem torcido e vibrado com cada passo dessa itinerância!*

*A Prefeitura de Sorocaba, **Secretarias da Educação e Recursos Humanos**, pela regulamentação de participação em cursos de longa duração, incentivo para o desenvolvimento profissional.*

[...]

Há pessoas que se não agradecesse nominalmente, por existirem e partilharem momentos e experiências comigo, não seria justa: Adriane, Profe. Aline Dorneles, Angelita, Ariana, Betinha, Bia Fogaça, Profe. Celso Augusto, Cícero, Claudia Meletti, Cris David, Cris Ramos, Deimison, Edmara, Edvaldo, Everton, Fábio Lagoeiro, Giovana Correa, Gustavo Marcondes, Jean, Juliana Vieira, Leandro Limone, Léo, Luiz Fábio, Maira, Maria Cláudia, Maria Helena, Marita, Monisa, Raquel, Regina Magno, Rafael Doin, Rodrigo, Rogério, Simone Rocha, Taisa, Tatiana, Vivi...

[...]

Por fim, meu agradecimento ao Universo, que aqui identifico como Deus... Àquele, cujos planos para minha vida têm sido sempre muito maiores e especiais do que eu poderia, um dia, imaginar. É Ele quem sustenta[ou] cada minuto dessa grande, árdua e linda itinerância.

RESUMO

Esse trabalho traz ao diálogo as marcas de autoria, reveladas a partir de dois inventários de pesquisa (PRADO; FRAUENDORF; CHAUTZ, 2018), na perspectiva de anunciar uma pesquisa (auto)biográfica (PASSEGGI; SOUZA, 2017) que propõe olhar para o processo de constituição de uma pesquisadora-autora-cidadã, considerando uma perspectiva existencial (BARBIER, 2003), enquanto lente que afeta e é afetada no/pelo movimento de produzir uma tese. Pesquisadora-autora-cidadã é uma ideia que surge a partir de diálogos entrecruzados com os estudos e contribuições sobre autor-cidadão de Barbosa (2000), a partir da itinerância heurística (MACEDO, 2020) de uma doutoranda que vivencia a pesquisa acadêmica em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação (BRITO; NAKAYAMA, 2022), em especial o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente (NEPEN). A investigação, objetiva compreender o processo do (re)conhecer e assumir-se pesquisadora-autora-cidadã, a partir das experiências com dispositivos biográfico-narrativos (objetivo geral), e conta com três objetivos específicos: 1) compreender o papel dos dispositivos biográfico-narrativos, na itinerância heurística do doutorado, a partir da produção escrita em contextos (espaços/tempos) de pesquisa-vida-formação. (NEPEN); 2) compreender a experiência da escrita reflexiva, via dispositivos biográfico-narrativos, como possibilidade de identificar e problematizar as marcas de autoria e os caminhos onde elas levam. (EU); 3) compreender como uma Pedagogia da Escrita, mobilizada pelo trabalho com os dispositivos biográfico-narrativos, no processo de investigação (auto)biográfico, pode promover a tomada de consciência do “autorizar-se à autoria” contribuindo para o reconhecimento e o assumir-se pesquisadora-autora-cidadã. (A TESE). As Cartas Pedagógicas (FREITAS, 2020c), enquanto dispositivo de escrita reflexiva anunciam que investigar a partir de dispositivos biográfico-narrativos, em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação, tem oportunizado reconhecer e legitimar uma produção do conhecimento que emerge e se consolida das/nas intersubjetividades. Buscar caminhos para a tomada de consciência de que produzir conhecimento é produzir(se) a si mesma; que ambos são indissociáveis, mas que produzir a si mesma precede e compõe os processos do autorizar-se à autoria é o que caracteriza uma pesquisadora-autora-cidadã e, ainda, se a leitura do mundo precede a leitura da palavra, é possível considerar que é pela narrativa que se faz a leitura de mundo (FREIRE, 2011), e que, nesse caso, não só precede a leitura da palavra, como se dá pela própria palavra, pelas/nas tessituras da intriga, considerando a tríplice mimesis do círculo hermenêutico (RICOUER, 2010).

Palavras-Chave: pesquisadora-autora-cidadã; espaços/tempos de pesquisa-vida-formação; pesquisa (auto)biográfica; pedagogia da escrita de si; escritas reflexivas.

RESUMEN

Este trabajo pone en diálogo las marcas de autoría, reveladas a partir de dos inventarios de investigación (PRADO; FRAUENDORF; CHAUTZ, 2018), en la perspectiva de anunciar una investigación (auto)biográfica (PASSEGGI; SOUZA, 2017) que propone mirar para el proceso de constitución de una investigadora-autora-ciudadana, considerando una perspectiva existencial (BARBIER, 2003), como una lente que afecta y es afectada en/por el movimiento de producir una tesis. Investigadora-autora-ciudadana es una idea que surge a partir de diálogos entrecruzados con los estudios y contribuciones sobre el autor-ciudadano de Barbosa (2000), a partir de la itinerancia heurística (MACEDO, 2020) de una doctoranda que vivencia la investigación académica en espacios/tiempos de investigación-vida-formación (BRITO; NAKAYAMA, 2022), en especial en el *Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente* (NEPEN). La investigación pretende comprender el proceso de (re)conocerse y asumirse como investigadora-autora-ciudadana, a partir de experiencias con dispositivos biográfico-narrativos (objetivo general), y cuenta con tres objetivos específicos: 1) Comprender el papel de los dispositivos biográfico-narrativos, en la itinerancia heurística del doctorado, a partir de la producción escrita en contextos (espacios/tiempos) de investigación-vida-formación. (NEPEN); 2) Comprender la experiencia de la escritura reflexiva, vía dispositivos biográfico-narrativos, como posibilidad de identificar y problematizar las marcas de autoría y los caminos a donde ellas nos llevan (YO); 3) Comprender como una pedagogía de la escritura, movilizadora por el trabajo con los dispositivos biográfico-narrativos, en el proceso de investigación (auto)biográfico, puede promover la toma de conciencia del “autorizarse a la autoría” contribuyendo para el reconocimiento y el asumirse investigadora-autora-ciudadana. (LA TESIS). Las Cartas Pedagógicas (FREITAS, 2020c), en tanto dispositivo de escritura reflexiva anuncian que investigar a partir de dispositivos biográfico-narrativos, en espacios/tiempos de investigación-vida-formación, ha permitido reconocer y legitimar una producción de conocimiento que emerge y se consolida de/en las intersubjetividades. Buscar caminos para la toma de conciencia de que producir conocimiento es producir(se) a sí misma; que ambas cosas son indisociables, pero que producirse a sí misma, precede y compone los procesos de autorizarse a la autoría es lo que caracteriza a una investigadora-autora-ciudadana y además, si la lectura del mundo precede a la lectura de la palabra, es posible considerar que es mediante la narrativa, que se hace la lectura del mundo (FREIRE, 2011) y que, en esse caso, no sólo precede la lectura de la palabra, como se da por la propia palabra, por/en las tesisuras de la intriga, considerando la triple mimesis del círculo hermenéutico (RICOUER, 2010).

Palabras-clave: investigadora-autora-ciudadana; espacios/tiempos de investigación-vida-formación; investigación (auto)biográfica; pedagogía de la escritura de sí; escrituras reflexivas.

ABSTRACT

This work brings to the dialog the marks of authorship, revealed from two research inventories (PRADO; FRAUENDORF; CHAUTZ, 2018), in the perspective of announcing an (auto)biographical research (PASSEGGI; SOUZA, 2017) that proposes to look at the process of constitution of a researcher-author-citizen, considering an existential perspective (BARBIER, 2003), as a lens that affects and is affected in/by the movement of producing a thesis. Researcher-author-citizen is an idea that arises from dialogues intertwined with Barbosa (2000) studies and contributions on author-citizen, from the heuristic itinerancy (MACEDO, 2020) of a doctoral student who experiences academic research in research-living-formation spaces/time (BRITO; NAKAYAMA, 2022), especially the Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente (NEPEN). The research aims to understand the process of (re)discovering and becoming a researcher-author-citizen, based on experiences with biographical-narrative devices (general objective), and has three specific objectives: 1) to understand the role of biographical-narrative devices in the heuristic itinerancy of the doctorate, based on written production in contexts (spaces/times) of research-life-formation. (NEPEN); 2) to understand the experience of reflective writing, through biographical-narrative devices, as a possibility of identifying and problematizing the marks of authorship and the paths they lead to. (I); 3) to understand how a Pedagogy of Writing, mobilized by working with biographical-narrative devices, in the process of (auto)biographical research, can promote awareness of "authorizing oneself to authorship", contributing to the recognition and assumption of being a researcher-author-citizen. (THE THESIS). The Pedagogical Letters (FREITAS, 2020c), as a reflective writing device, announce that research based on biographical-narrative devices, in research-living-formation spaces/time, has made it possible to recognize and legitimize a production of knowledge that emerges and is consolidated from/in intersubjectivity. Searching for ways to become aware that producing knowledge is producing oneself; that both are inseparable, but that producing oneself precedes and makes up the processes of authorizing oneself to authorship is what characterizes a researcher-author-citizen and, furthermore, if reading the world precedes reading the word, it is possible to consider that it is through narrative that the reading of the world takes place (FREIRE, 2011), and that, in this case, not only does it precede the reading of the word, but it takes place through the word itself, through/in the weaves of the intrigue, considering the triple mimesis of the hermeneutic circle (RICOEUR, 2010).

Keywords: researcher-author-citizen; spaces/time for research-life-formation; (auto)biographical research; pedagogy of self-writing; reflective writing.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACIEPE	Atividades Curriculares de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão
ASSERS	Associação dos Supervisores de Educação do Estado do Rio Grande do Sul
AUGM	Programa ESCALA de Estudantes de Graduação da Associação de Universidades Grupo Montevideu
BDS	Bolsa de Doutorado Sanduíche
BIOGraph	Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CIPA	Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COVID-19	Doença do coronavírus (pandemia, cujos sintomas iniciaram em 2019)
CREDOC	Crédito Educativo
DP	Diário de Pesquisa
DR	Diário de Registro
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FFP	Faculdade de Formação de Professores
LDBN	Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional
NEPEN	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente
OP	Orientadora Pedagógica
PE	Pernambuco
PNL	Programação Neurolinguística
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
SSPMS	Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Sorocaba
Udelar	Universidad de La Republica Uruguay
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFSCar-So	Universidade Federal de São Carlos (<i>campus</i> Sorocaba)
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNISO	Universidade de Sorocaba
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Os momentos da tese.....	76
Quadro 2	Contornos do Projeto de Pesquisa (Processo Seletivo – 2019).....	80
Quadro 3	Contornos do Projeto de Pesquisa (Pré-Qualificação – maio/2021).....	95
Quadro 4	Orientações e possibilidades para escrita de Cartas Pedagógicas.....	107
Quadro 5	Síntese dos contornos da pesquisa (Exame de Qualificação – 2022)..	109
Quadro 6	Síntese dos contornos da pesquisa (Defesa – 2023).....	120
Quadro 7	Como se organiza o movimento de inventariar – <i>sobre onde buscar os (guar)dados</i>	125
Quadro 8	Inventário 1: atribuir sentidos.....	128
Quadro 9	Como se organiza o movimento de inventariar – <i>sobre atribuir sentido aos (guar)dados</i>	137
Quadro 10	Primeiras leituras dos guar(dados).....	138
Quadro 11	Momentos, descobertas e encontros: o contexto das produções (MÍMESIS I)	139
Quadro 12	Inventário 1 – Catálogo – Memórias dos encontros	180
Quadro 13	Inventário 1 – Catálogo – Dissertações defendidas.....	190
Quadro 14	Inventário 2 – Catálogo – Cadernos Físicos (diários).....	195
Quadro 15	Inventário 2 – Catálogo – Memórias	199
Quadro 16	Inventário 2 – Catálogo – Pareceres (atividade de Pré-Qualificação)...	200
Quadro 17	Inventário 2 – Catálogo – Artigo	200
Quadro 18	Inventário 2 – Catálogo – Capítulo de livros.....	201
Quadro 19	Inventário 2 – Catálogo – Cartas Pedagógicas	202
Quadro 20	Inventário 2 – Catálogo – Memoriais.....	209
Quadro 21	Inventário 2 – Catálogo – Narrativas	210
Quadro 22	Inventário 2 – Catálogo – Resumos	216
Quadro 23	Inventário 2 – Catálogo – Outros.....	217

LISTA DE TABELA

Tabela 1	Defesas das dissertações (ano e gênero).....	127
-----------------	----------------------------------------------	-----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	ESPIRAL DO TEMPO: elementos para a tessitura da intriga.....	32
Figura 2	O problema de pesquisa (25/12/2020).....	85
Figura 3	Proposta metodológica da tese (25/12/2020).....	85
Figura 4	Proposta de estrutura (2) do texto para versão final da tese (20/05/2021)	92
Figura 5	Percurso Metodológico: os pilares (20/05/2021)	94
Figura 6	A tese em construção	111

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Foto de família: Sol e os filhos (acervo pessoal).....	33
Imagem 2	Ultrassom morfológico do Caê (acervo pessoal).....	33
Imagem 3	Foto de família: Anúncio da chegada do Caê (acervo pessoal).....	33
Imagem 4	Foto/montagem: capas de livros (acervo pessoal)	33
Imagem 5	Encarte de Divulgação do curta-metragem “Vida Maria”.....	33
Imagem 6	Foto: livro o Berço da Desigualdade	33
Imagem 7	Foto da Sol (acervo pessoal).....	33
Imagem 8	Foto do pôr do sol na UFSCar (acervo pessoal).....	33
Imagem 9	Notas do processo de pesquisa	83

SUMÁRIO

PESQUISADORA-AUTORA-CIDADÃ: POR UMA PEDAGOGIA DA ESCRITA DE SI EM ESPAÇOS/TEMPOS DE PESQUISA-VIDA-FORMAÇÃO

PRIMEIRAS PALAVRAS

CARTAS-ANUNCIAÇÃO

- | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| I. Um convite à leitura: notas sobre os contornos da pesquisa e da apresentação da tese | 17 |
| II. Notas teóricas: Carta sobre o legado de dois “Paulos” (Freire e Ricoeur)..... | 21 |

MÍMESIS I – O VIVIDO (PRÉ-FIGURAÇÃO)

- | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Entre espirais do tempo, memórias fotográficas e provoc-ações: elementos para a tessitura da intriga..... | 30 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

MÍMESIS II – O NARRADO (CONFIGURAÇÃO)

DISPOSITIVO 1 – (Memorial)

- | | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <i>PRÓLOGO... AUTORA E OBRA: DO SEMIÁRIDO NORDESTINO AO AUTORIZAR-ME À AUTORIA NOS LABIRINTOS DA TESE</i> | 40 |
| Anunciar-me... sobre quem sou e como chego até aqui..... | 40 |
| Anunciar o NEPEN... sobre ser “um ponto” no canto direito da lousa e compor um espaço/tempo de pesquisa-vida-formação..... | 51 |
| Anunciar a tese... sobre meter o pé na porta e autorizar-me à autoria..... | 61 |

DISPOSITIVO 2 – (Narrativas)

- | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <i>A ITINERÂNCIA TEÓRICO-METODOLÓGICA</i> | 72 |
| Narrativa I – Das expectativas de habitar Doutoradolândia aos andaimes e caminhos percorridos | 78 |
| Escrita reflexiva e dispositivos biográfico-narrativos | 96 |
| Diários..... | 99 |
| Memoriais de formação..... | 101 |
| As Cartas Pedagógicas..... | 104 |
| Narrativa II – Entre escolhas e possibilidades: os contornos finais da tese..... | 114 |

DISPOSITIVO 3 – (Inventários de Pesquisa)

- | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <i>SOBRE A HEURÍSTICA DE ATRIBUIR SENTIDO: COMO ESCOLHO OLHAR PARA AS TESSITURAS DA INTRIGA</i> | 122 |
| Inventário I – O NEPEN sob a ótica de quem o integra..... | 126 |
| Inventário II – Doutoradolândia: espaços e tempos do produzir vida e ciência..... | 134 |

MÍMESIS III – REFLEXÕES SOBRE/COM O NARRADO (REFIGURAÇÃO)

DISPOSITIVO 4 – (Cartas Pedagógicas)

CARTAS QUE ANUNCIAM..... 150

Carta-anúncio I: Sobre ser pesquisadora-autora-cidadã e autorizar-se à autoria:
E agora, o que faço com o que os dispositivos biográfico-narrativos fizeram comigo?..... 151

Carta-anúncio II: Por uma Pedagogia da Escrita – *E agora, o que faço com o que o Doutorado fez comigo?*..... 156

ÚLTIMAS PALAVRAS...

PORQUE SEMPRE HÁ O QUE AINDA PRECISA, OU NÃO, SER DITO, ANTES DE OUTRAS ANDARILHAGENS..... 165

Quase um cordel: ensaios sobre a escrita de uma tese..... 167

Referências..... 170

APÊNDICE A

Catálogos (Inventário 1) – O NEPEN enquanto espaço de pesquisa-vida-formação... 179

APÊNDICE B

Catálogos (Inventário 2) – Doutoradolândia: espaços e tempos do produzir vida e ciência..... 194

PRIMEIRAS PALAVRAS CARTAS-ANUNCIAÇÃO

I. **Um convite à leitura:** notas sobre os contornos da pesquisa e da apresentação da tese

Sorocaba/SP/Doutoradolândia¹, outono de 2023.

Caras leitoras e caros leitores,

O presente texto intitulado “Pesquisadora-autora-cidadã: por uma pedagogia da escrita de si em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação” narra uma experiência formadora - a minha - ao assumir a realização de uma pesquisa (auto)biográfica, a partir do inventariar (PRADO; FRAUENDORF; CHAUTZ, 2018) minhas produções escritas, no recorte temporal do Doutorado (agosto/2019 a fevereiro/2023). É imprescindível e essencial, desde o primeiro parágrafo, demarcar que “pesquisadora-autora-cidadã” é uma ideia que nasce do contato e aproximação com os estudos do Professor Joaquim Gonçalves Barbosa, sobre “autores-cidadãos” (BARBOSA, 2000).

Realizar uma investigação no campo da formação docente a partir do (auto)biográfico, seja reconhecendo-o como abordagem ou paradigma, expõe e evidencia o pensamento de Delory-Momberger (2005), in Hess (2005, p. 15), de que “*Fazer sua tese é fazer um trabalho sobre si-próprio, obra de si-próprio.*”.

E, nesse sentido, para esta construção investigativa e publicização do que pode-se chamar de resultados, destaco o papel fundamental dos dispositivos biográfico-narrativos das experiências pedagógicas (SUÁREZ, 2015). Produzir escritas reflexivas (PASSEGGI, 2021), a partir de Narrativas, Diários de Pesquisa, Cartas-Pedagógicas, Inventários, Memórias e Memoriais, mediados e atravessados por espaços de pesquisa-vida-formação, em especial o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente (NEPEN), nos quais o singular se torna plural e o plural é singularizado, significa estar à frente da oportunidade de se ver/sentir-se autorizada a ser autora da própria tese. Esse “sentir-se autorizada”, se dá numa perspectiva ampla de

¹ Reconheço o Doutorado como um “lugar” em que habito atualmente, ele se chama “Doutoradolândia”. Cabe destacar que também já morei em “Dissertolândia” entre os anos de 2012 e 2013.

compreensão, carregada de sentidos e significados que extrapolam o acadêmico e o científico, sem deixar de sê-los.

A ideia de emancipação em Paulo Freire, a tríplice mimesis² e o círculo hermenêutico em Paul Ricoeur, são eixos transversais que contribuem na problematização da pesquisa, que está traduzida na seguinte pergunta: “Que/quais marcas de autoria emergem das/nas escritas reflexivas realizadas em contextos de pesquisa-vida-formação, a partir de dispositivos biográficos-narrativos e, que/quais sentidos e significados uma doutoranda pode atribuir a essas marcas no processo de tornar-se uma pesquisadora-autora-cidadã?” e na perspectiva de responder a problemática alguns objetivos foram indicados. O primeiro, considerado geral, compreendeu o processo do constituir-me pesquisadora-autora-cidadã, a partir das experiências com dispositivos biográfico-narrativos, em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação. Os demais, específicos, visaram: a) compreender o papel dos dispositivos biográfico-narrativos, no percurso do Doutorado, a partir da produção escrita em contextos de pesquisa-vida-formação; (NEPEN); b) compreender a experiência da escrita reflexiva, via dispositivos biográfico-narrativos, como possibilidade de identificar e problematizar as marcas de autoria e os caminhos onde elas levam. (EU); c) compreender como uma Pedagogia da Escrita, mobilizada pelo trabalho com os dispositivos biográfico-narrativos no processo de investigação (auto)biográfico, pode promover a tomada de consciência do “autorizar-se à autoria contribuindo para o reconhecimento e o assumir-se pesquisadora-autora-cidadã. (A TESE).

Considerando os contornos delineados da/para a investigação, assumo uma itinerância teórico-metodológica (MACEDO, 2020), que integra dois inventários de pesquisa, por meio de três ações: 1) catalogação das produções encontradas: (guardados); 2) realização de trabalho de curadoria, a luz dos contornos da pesquisa, no sentido de identificar que produções compuseram, diretamente, o terceiro momento da tese; 3) atribuir sentido às produções.

² Observa-se uma diferença na forma de grafia do termo mimese/*mimesis* quando nos debruçamos nos estudos que trazem as contribuições Paul Ricoeur, em especial nos artigos, nas dissertações e nas teses. Para os estudos que utilizam a versão de Tempo e Narrativa de 1994 o comum é a grafia “mimese/mimesis”, no entanto, considerando que o texto tomado como referência para a escrita dessa tese é Ricoeur (2010) e nela a tradução apresenta a palavra escrita como *mimesis*, escolho grafar dessa mesma maneira.

O primeiro inventário de pesquisa é referente a história do NEPEN. Considerando-o um espaço/tempo de pesquisa-vida-formação, o inventário evidencia o quanto participar desse coletivo, ao longo de uma década, compõe e atravessa o processo de constituir-me pesquisadora-autora-cidadã, na ressonância de como aquelas e aqueles que o integram lhe atribuem sentidos. Apresento, então, dois catálogos de produções, dos quais, o trabalho de curadoria indica (07) memoriais de formação, publicados nas dissertações defendidas, cujos autores foram/são integrantes do NEPEN e (21) memórias escritas enquanto registro histórico dos encontros. Nesse cenário, foi possível, a partir de um movimento hermenêutico, pautado na leitura vertical e horizontal das produções, apresentar o NEPEN sob a ótica de quem o integra, revelando características, percepções e nuances de sua importância no processo de constituições das pesquisadoras e pesquisadores.

O segundo inventário de pesquisa, referente as minhas produções escritas nos cenários acadêmico, profissional e pessoal, considerando o recorte temporal do Doutorado, apresentou 10 (dez) catálogos. O trabalho de curadoria trouxe as lentes e foco às produções que marcaram a itinerância da tese e que compuseram as tessituras da intriga apresentadas ao longo do texto. O movimento de atribuição de sentidos a essas produções no cenário e contexto da pesquisa, se deu a partir do círculo hermenêutico de Ricoeur, considerando a tríplice mimesis.

Isto posto, cabe anunciar, como resultado destes movimentos, que a tese promove um diálogo entrecruzado com a ideia de autor-cidadão (BARBOSA, 2000), pela lente de uma doutoranda em educação, que integra espaços de pesquisa-vida-formação, para assumir-se uma pesquisadora-autora-cidadã. Nesse cenário defendo uma Pedagogia da Escrita que promova o autorizar-se à autoria, enquanto viés emancipatório (FREIRE, 1987), que reconhece e marca posição na perspectiva de fundamentar o que é possível produzir de conhecimento a partir de rigores outros, sem, no entanto, negar os rigores acadêmicos clássicos, admitindo a coexistência de forma e conteúdo como possibilidade heurística e, principalmente, considerando o sujeito na relação com sua dimensão existencial.

Portanto, a **tese que defendo** é a de que a pesquisa (auto)biográfica, no campo da formação docente, realizada a partir das escritas reflexivas, por meio de dispositivos biográfico-narrativos, em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação, fazem emergir marcas singulares de autoria que são potencializadas no movimento heurístico,

hermenêutico e dialógico que aqueles espaços/tempos oportunizam aos autores que ali vivenciam as trocas singulares/plurais de suas trajetórias e produções. Essas marcas de autoria permitiram que, enquanto pesquisadora em formação, me constituísse e me reconhecesse uma pesquisadora-autora-cidadã, aquela que, pela necessidade de estar integralmente em sua produção (a tese) e impulsionada pelas descobertas oportunizadas por exercício de escrita reflexiva, a partir dos diferentes dispositivos biográfico-narrativos que o Doutorado apresentou, autorizou-me a emancipação e a fazer escolhas de rigores outros na/para a produção do conhecimento, a partir de uma itinerância metodológica. Rigores esses, que impactam as marcas da escrita acadêmica, bem como a estrutura de apresentá-la e, ainda, oportunizar a escolha de como essa “acadêmica” se posiciona enquanto sujeito e autora de sua trajetória existencial/social, visto que ambos (sujeito-trajetória acadêmica/o e sujeito-trajetória existencial/social) são indissociáveis. Uma tese que tem como ótica principal, a lente do autorizar-se a ser autora, ter autoria; autorizar-se a ser autônoma, ter autonomia; uma tese que se fundamenta na abordagem/paradigma da pesquisa (auto)biográfica (PASSEGGI; SOUZA, 2017) e que propõe, enquanto viés emancipatório, uma “Pedagogia da Escrita” que anuncie, parafraseando a obra de Paulo Freire, “A importância do ato de escrever”.

Por fim, é realizado o convite e a expectativa para uma leitura plural e dialógica das singularidades aqui trazidas e partilhadas. Sendo importante anunciar, ainda, que a organização e apresentação do texto se inspirou na tríplice mimesis de Ricoeur (2010):

- ✓ MÍMESIS I – O VIVIDO (PRÉ-FIGURAÇÃO): entre espirais do tempo, memórias fotográficas e provocações oriundas do Exame de Qualificação, apresento os elementos para a tessitura da intriga.
- ✓ MÍMESIS II – O NARRADO (CONFIGURAÇÃO): as tessituras da intriga vão sendo reveladas a partir do movimento de anunciar, a partir de um memorial, a autora e sua obra; apresentar, por meio de narrativas, a itinerância teórico-metodológica e, os inventários de pesquisa.
- ✓ MÍMESIS III – REFLEXÕES SOBRE/COM O NARRADO (REFIGURAÇÃO): apresentam duas Cartas Pedagógicas que anunciam a pesquisadora-autora-cidadã e a importância de uma Pedagogia da Escrita; e, por fim, algumas últimas, porque sempre há, ou não, mais alguma coisa que, ainda, precisa ser dito.

Sol Silva Brito

Texto escrito em tantas manhãs, tardes, noites e madrugadas, num movimento quase contínuo de tessitura, que ficou difícil marcar o tempo... Mas o que é mesmo o tempo?

II. **Notas teóricas:** Carta sobre o legado de dois “Paulos”³ (Freire e Ricoeur)

Sorocaba/São Paulo/Doutoradolândia, abril de 2023.

Caras leitoras e caros leitores,

Escrevo a vocês na perspectiva de partilhar a escolha de dialogar com o legado de Paulo Freire e Paul Ricoeur no processo de itinerância vivido ao longo dos quatro anos no Doutorado em Educação. Em Paulo Freire, busquei o compromisso de reconhecer meu lugar de fala e realidade, ao mesmo tempo em que assumo o compromisso de (trans)formá-lo, ao considerar minhas origens, os vínculos intergeracionais e a mobilização social ascendente (PASSEGGI, 2015), oportunizados pela leitura de mundo e, também, da palavra, embora a primeira preceda a da segunda (FREIRE, 2011). Reconheço o legado freireano que aponta para o fato de que só faz sentido a construção do conhecimento com o sujeito e não para ele, e incentivar a valorização e o reconhecimento crítico da realidade (FREIRE, 2011), que, neste trabalho, também aparece na heurística da itinerância teórico-metodológica (MACEDO, 2020). Reconheço, ainda, que os saberes e conhecimentos construídos no/com o ensino público, seja como estudante ou docente, bem como na/da/com a vida cumpre o objetivo de compreender minha realidade e transformá-la num compromisso, primeiro, com minha própria autonomia e emancipação (FREIRE, 1987). Em Ricoeur, o desafio foi compreender, a partir de sua teoria sobre tempo e narrativa, o círculo hermenêutico (RICOEUR, 2010), enquanto um jeito/lente para identificar e ler as marcas de autoria do processo de constituir-me pesquisadora-autora-cidadão ao tornar-me Doutora em Educação, enquanto uma fenomenologia hermenêutica do si (RICOEUR, 2014).

Narrar a história da minha tese é, também, narrar a mim mesma, escrever como tomo consciência de que “[...] a rigorosidade não recuse a ingenuidade, no esforço de ir além dela (FREIRE, 2011, p. 87)”. Por conseguinte, escrever uma obra, nesse caso,

³ Peço licença à memória de Ricoeur pela escolha em grafar “Paulos” quando seu nome é Paul. Justifico o pedido na perspectiva de indicar uma marca de autoria “quase poética” ao autor de Tempo e Narrativa, obra que é/foi um dos referenciais teóricos fundamentais desta tese e que acabou por se tornar, também, um personagem do movimento (auto)biográfico que aqui assumi.

assume-se enquanto uma escrita de si, uma escrita de mim mesma. Muitas tem sido as perguntas que tenho feito nesse processo: *Que/quais histórias estou narrando e que/quais escolho não narrar? O que esse não narrar, entre outros silêncios (in)conscientes querem ou poderiam dizer? Aonde essas histórias chegarão? Quem as lerão? Elas serão contribuição para as leitoras e leitores, docentes ou não? Que/quais saberes se vinculam a essas histórias? Como será o diálogo destes saberes para com aquelas e aqueles que os lerem?*

No momento em que finalizo a versão final da tese, uma das perguntas que mais tenho feito é sobre a clareza às leitoras e leitores das opções e diálogos teóricos assumidos, bem como o formato, a estrutura e a apresentação dessas histórias (tessituras da intriga), enquanto obra dessa itinerância de quatro anos no Doutorado. *Como organizo e entrego às leitoras e leitores minhas palavras, na relação e diálogo com as palavras de tantos outros autores, em especial de dois “Paulos”, o primeiro tão querido e o outro tão desafiador?⁴ Considerando Freire e Ricoeur, referenciais teóricos convidados a conversar comigo e com minhas histórias, aventuras e desventuras, como narrar esses encontros e (re)encontros? Como apresento um texto que seja um convite ao deleite, para além de anúncios de descobertas epistemológicas? Mais que cuidar do enredo e das tessituras das intrigas, que poética apresentar para que seja uma obra que represente tanto a itinerância da tese, quanto a da minha existência?*

¡Un texto de investigación narrativa no es solo texto! ¡Es una narración vital! Sin escrúpulos ni la más mínima ceremonia, es una narración que desgarrar los horizontes limitantes de la escritura académica; **golpeas los cánones, no como una forma de desobediencia o transgresión, sino, más bien, como una posibilidad de afirmación de una existencia potente en el mundo, em primera persona!** ¿Cómo escribir y pensar con nuestra ascendencia, vidas, cuerpos sin nuestras voces y experiencias, sin nuestras biografías? ¡Escribir narrativamente es inscribirse! (RIBEIRO, 2020, p. 102, grifo nosso)

Considerando as palavras de Ribeiro (2020, p. 108), “[...] como uma possibilidade de afirmação de uma existência potente no mundo”, escolho abrir os diálogos teóricos com Freire e Ricoeur e, ainda que escolha apresentar a tese em três

⁴ Cabe esclarecer que ao adjetivar os Paulos como “querido” e “desafiador”, remetendo-me à Paulo Freire e Paul Ricoeur, respectivamente, o faço na relação de como EU significo, dou sentido e me sinto afetada por sua obra e pelo que, a MIM, representam. O primeiro, patrono da educação brasileira e símbolo de um movimento de alfabetização de adultos voltado ao compromisso com a emancipação social, um querido; o segundo, um teórico cuja produção acadêmica, em especial seus estudos sobre tempo e narrativa é alicerce ao (auto)biográfico, no entanto, a MIM, de difícilíssima compreensão, um desafio.

momentos (mímesis), como anunciei na sessão “Primeiras Palavras”, entendo fazer-se necessário um preâmbulo maior e mais detalhado de como vejo e dou sentido a esses momentos, primeiro no diálogo com os estudos do Paulo francês (1913-2015) e, na sequência, com o Paulo brasileiro (1921-1997).

Embora não assumo, como objetivo do trabalho, o compromisso de mergulhar nos estudos de Paul Ricoeur, visto o desafio que é problematizar a ideia de tempo na relação com a narrativa, em especial sob sua ótica e rigor teórico, a intenção é externar minha compreensão de suas contribuições na obra “Tempo e Narrativa I” (RICOEUR, 2010), na perspectiva de dar a entender como a pauta na investigação que ora findo.⁵

Ricoeur (2010), coloca em confronto as *Confissões*, de Santo Agostinho (idade média), na relação com a *Poética* de Aristóteles (idade antiga), numa perspectiva de apontar reciprocidade entre “temporalidade” e “narratividade”. Na primeira o foco é a questão do tempo (*intentium e destentium animi* – tríplice presente, depois de discutir a memória, não uma, mas várias, enquanto estrutura essencial da narratividade), sem demonstrar uma preocupação central com a estrutura da narrativa de Agostinho; por outro lado, em Aristóteles o que interessa a Ricoeur é exatamente teorizar a intriga dramática, a forma (*mímesis* – imitação; *mythos* – o enredo, a intriga e, a *poiésis* – criar ou produzir), deixando de lado a importância da dimensão temporal.” (RICOEUR, 2010, p. 13).

Ricoeur parte da aporética, enquanto reflexão filosófica, para apresentar sua leitura da obra de Agostinho, em especial quanto a discussão feita sobre as aporias da experiência de tempo, na relação com a teoria da arte poética de Aristóteles, propondo uma possível síntese entre as obras e autores. Mais que comentar as obras, Ricoeur quer encontrar, em ambos, fundamentos para desenvolver sua própria teoria sobre o tempo e a narrativa e a grande proposição do autor é a de que há um movimento de síntese temporal no ato de narrar.

Aporética vem de Aporias e, segundo o dicionário de filosofia Abbagnano (2007)

⁵ Faço um agradecimento especial ao Professor Marcelo Furlin que contribuiu, em muito, para as sínteses que aqui apresento, considerando a disciplina Ricoeur & Outros ministrada com sua participação. Destaco também, que a aula do Professor Rui Josgrilberg, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YQKmZ0nXOUM>, indicada pelo já referido Professor Marcelo, por vezes foi uma fonte importante na busca de esclarecimentos que balizaram as leituras das obras de Paul Ricoeur.

APORIA: (gr. àrcopía; in. Aporia; fr. Aporie, ai. Aporie, it. Aporia). Esse termo é usado no sentido de dúvida racional, isto é, de dificuldade inerente a um raciocínio, e não no de estado subjetivo de incerteza. É, portanto, a dúvida objetiva, a dificuldade efetiva de um raciocínio ou da conclusão a que leva um raciocínio. P. ex., "As A. de Zenão de Eléia sobre o movimento", "As A. do infinito", etc. (p. 75)

Agostinho, enquanto narra sua história de vida, na forma de “confissões”, no capítulo dez, remete suas reflexões às questões sobre memória e no capítulo onze problematiza as aporias da experiência do tempo. A partir de uma ampla reflexão, fundamentada na obra de Agostinho, a ideia de triplo presente (o presente que é passado (o vivido), o presente que é o agora (o narrado) e o presente que se espera, enquanto futuro (a reflexão sobre o narrado), Ricoeur problematiza as aporias da experiência do tempo enquanto uma questão que remete ao fato de que “[...] como pode o tempo ser, se o passado já não é, se o futuro ainda não é e se o presente não é sempre?” (RICOEUR, 2010, p. 17)

Ainda, tomando o texto de Agostinho por referência, que apresenta uma compreensão de que não há como conhecer o “ser” do tempo, Ricoeur disserta longa e complexamente, no diálogo direto com as “*Confissões*”, sobre como definir o que é tempo e como medi-lo. Ricoeur aponta que Agostinho não traz a discussão sobre as aporias da experiência do tempo, conscientemente, numa relação com ação de narrar sua história de vida. A relação do tempo com a memória também é amplamente explorada por Ricoeur, por meio das reflexões sobre narratividade.

[...] existe, entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana, uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Ou, para dizê-lo de outra maneira: *o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação [plena] quando se torna uma condição da existência temporal* (RICOEUR, 2010, p. 93). Grifo do autor.

Considerando que a obra de Agostinho propõe que é na alma humana (*distentio anime*), que se mede o tempo, no sentido de que há um presente do passado que é a memória, um presente do presente que é a visão e um presente do futuro, que é a espera (RICOEUR, 2010), ou seja um *continuum* do presente que ora é um presente/passado, ora um presente/futuro, Ricoeur enfatiza que Agostinho não percebe que é na narrativa que está a chave para compreender que a temporalidade vem com a narratividade. Ricoeur apontará, então, que a ideia de tempo “só” existe na narrativa; o tempo só aparece porque narramos, ou, ainda, o tempo adquire as características da temporalidade (presente, passado e futuro), na narratividade.

Na esteira dessas reflexões, Ricoeur (2010), faz o mesmo movimento “analítico” da *Poética* de Aristóteles, a partir dos conceitos de *poiésis* (criação ou produção), *mytos* (palavra, enredo ou intriga) e *mímesis* (imitação), tendo como ponto fulcral de análise as referências dadas para a escrita dos vários gêneros e estruturas literárias, por meio de problematizar a imitação, enquanto reconstrução da realidade ficcional; o fazer criador do autor; e, como são escritas as intrigas do texto, sem que Aristóteles estabeleça relações dessas características e estruturas com a temporalidade.

Nesse sentido, *poiésis* é a percepção de um fazer criador que considera contextos anteriores, ou seja, não se cria do nada, mas se cria a partir de desdobramentos de experiências vividas. É um fazer próprio da arte ou ato, técnica de produção, fabricação, composição. Ricoeur reconhece que, em Aristóteles, “[...] o adjetivo ‘poético’ (com o substantivo subentendido: ‘arte’) [...] é assim identificada, sem maiores formalidades, à arte de ‘compor intrigas’ [...]” (2010, p. 59), que está na relação direta com o *mythos*, que é o próprio enredo, a intriga e, tudo isso na busca de dar sentido ao que se compõe, a partir de inovações semânticas. Pode-se dizer, então, que a *poiésis* é um fazer criador que se dá na relação com o apropriar-se de sentidos, não na perspectiva de tomar posse, mas no sentido de incluir ao movimento de nós mesmos, tornando-o próprio de nós, a partir de uma intriga, ao considerar, ainda, que toda narrativa tem um enredo ou uma intriga que acaba por assumir uma estrutura temporal.

A ideia de que a mimese é mais que simples imitação, está em estreita correlação com a tessitura da intriga, que também é reforçada por Ricoeur quando o mesmo aponta que

Essa equivalência exclui em primeiro lugar qualquer interpretação da *mímesis* de Aristóteles em termos de cópia, de réplica de idênticos. A imitação ou a representação é uma atividade mimética na medida em que produz algo, ou seja, precisamente o agenciamento dos fatos pela composição da intriga (RICOEUR, 2010, p. 61).

Essa atividade mimética, Aristóteles identifica como figuração, visto que representamos/figuramos a realidade que é muito mais que imitá-la. Por sua vez, Ricoeur vai enfatizar, também, que mimese ou atividade mimética não pode ser compreendida como meramente um movimento de replicar a realidade. Embora *mímesis* seja um termo oriundo do grego e signifique a faculdade do homem de

reproduzir, imitar, Ricoeur (2010) vai atribuir a composição ou tessitura de intrigas, como uma atividade ou ação de reproduzir o vivido.

[...] é preciso preservar na própria significação do termo *mimesis* uma referência ao antes da composição grega. Chamo essa referência de *mimesis* I, para distingui-la de *mimesis* II – a *mimesis* – criação – que continua sendo a função central. Espero mostrar, no próprio texto de Aristóteles, os indicadores dispersos dessa referência ao antes da composição poética. Isso não é tudo: a *mimesis* que é, como ele nos lembra, uma atividade, a atividade mimética, não encontra o termo visado por seu dinamismo apenas no texto poético, mas também no espectador ou leitor. Há, assim, um depois [ponto de chegada] da composição poética, que chamo de *mimesis* III, cujas marcas também buscarei encontrar no texto da *Poética* (RICOEUR, 2010, p. 82)

Em síntese, cabe dizer, que Ricoeur funda sua teoria sobre tempo e narrativa ao perceber que Agostinho apresenta uma discussão sobre o tempo, sem relacioná-la à ação de narrar quando, por outro lado, Aristóteles discute o contexto e a estrutura da escrita dos muitos gêneros narrativos, sem, no entanto, articular às questões do tempo.

Nesse cenário, cabe dizer, ainda, que a obra literária propõe uma compreensão de mundo e, para Ricoeur, a narrativa é uma forma de conhecermos o mundo e a si próprios. Nesse ponto, convido ao diálogo o Paulo brasileiro, retomando a ideia de que a “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2011, p. 19), é possível considerar que é pela narrativa que se faz a leitura de mundo que, nesse caso, não só precede a leitura da palavra, como se dá pela própria palavra, pelas/nas tessituras da intriga.

Fazer a leitura do mundo (realidade temporalizada), numa perspectiva freireana a partir/com/pela narratividade (apresentar as tessituras das minhas intrigas), é a escolha dessa investigação, sob a ótica da emancipação.

Ao escrever *Pedagogia do Oprimido* (1968), o pensamento de Paulo Freire evidencia as relações opressoras da/na estrutura social indicando muitas alternativas de transformação, cujo ápice será a ideia de emancipação a partir do que o autor chama de Pedagogia Libertadora.

Nesse sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir ‘conhecimentos’ e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação ‘bancária’, mas um ato cognoscente. Como situação de gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educando, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-

educando. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível. (FREIRE, 1987, p. 39)

Nesse sentido, a educação problematizadora, enquanto fazer humanista e libertadora, se reflete na importância de colocar os educandos no centro dos processos de ensino e aprendizagem, na perspectiva de que reúnam condições para lutarem por sua emancipação. Paulo Freire propõe, ainda, que educadores e educandos se constituam sujeitos em um processo contínuo da superação do intelectualismo alienante da educação bancária e o autoritarismo do educador que a desenvolve. É, nessa reflexão que o autor aponta que “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 39).⁶

Reconhecer-me “educanda”, protagonista de sua produção, na relação e diálogo com coletivos e referências teóricas, me colocar nesse lugar de compreender-me autora e do/no processo emancipatório vivenciado na itinerância do produzir vida e ciência, por meio da escrita de uma tese.

Se o conceito de emancipação é desenvolvido a partir da contradição pressão/libertação, ao trazer à tona as tessituras pessoais da intriga (os medos, desafios, encontros, (re)encontros, desencontros, superações...), persigo os princípios fundantes de uma educação humanizadora, tendo em Freire, a percepção de que é possível tanto a mudança da realidade, quanto a de si (mim mesma). O sistema acadêmico, tal qual como se configura atualmente, opressor, elitista, mecanicista, produtivista, cuja crítica vem sendo feita de forma larga em diversos movimentos, pode ser reconfigurado, aqui numa perspectiva ricoeriana, na busca de liberdade de expressão heurística; emancipação das amarras acadêmicas fazendo emergir rigores outros, conquistando assim uma autonomia para o autorizar-se à autoria.

Para isso, expresso nessa obra um exercício da *práxis*, ou seja, superar modelos e estruturas, sem negar a importância delas, mas acreditando que “[...] a verdadeira ciência é a que, partindo do concreto e mediada pelo conceito, retorna ao concreto.” (FREIRE; FAUNDEZ, 2011, p. 94)

⁶ Cabe enfatizar que ao anunciar que “ninguém educa ninguém”, Paulo Freire destaca um caminho que não seja a “educação bancária”, onde se hierarquiza a construção dos saberes de uma forma hierarquizada. Considerando o contexto de sua escrita, observar-se-á que a intencionalidade no/do processo de aprendizagem é sempre um destaque e preocupação do autor.

Ao despedir-me faço um agradecimento mais que especial àquelas e àqueles que se lançarem a leitura deste texto/obra/tese, convidando a cada uma e cada um a ampliarem os diálogos com o legado dos dois “Paulos”.

Sol Silva Brito

*Comemorando meus 52 anos... Cuidando da saúde do meu pai...
Enfim, uma carta sobre notas teóricas enxarcada de notas da vida, aliás,
como tem sido a produção de toda essa obra.*

MÍMESIS I
O VIVIDO (PRÉ-FIGURAÇÃO)

Entre espirais do tempo, memórias fotográficas e provoc-ações⁷: elementos para a tessitura da intriga

Oração ao tempo

*És um senhor tão bonito quanto a cara do meu filho...
Tempo tempo tempo tempo, vou te fazer um pedido...
Tempo tempo tempo tempo...
Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos...
Tempo tempo tempo tempo, entro num acordo contigo...
Tempo tempo tempo tempo...
Por seres tão inventivo e pareceres contínuo,
Tempo tempo tempo tempo, és um dos deuses mais lindos...
Tempo tempo tempo tempo...
Que sejas ainda mais vivo no som do meu estribilho,
Tempo tempo tempo tempo: Ouve bem o que eu te digo
Tempo tempo tempo tempo...
Peço-te o prazer legítimo e o movimento preciso,
Tempo tempo tempo tempo, quando o tempo for propício...
Tempo tempo tempo tempo...
De modo que o meu espírito ganhe um brilho definido,
Tempo tempo tempo tempo, e eu espalhe benefícios...
Tempo tempo tempo tempo...
O que usaremos pra isso fica guardado em sigilo,
Tempo tempo tempo tempo, apenas contigo e migo...
Tempo tempo tempo tempo...
E quando eu tiver saído para fora do teu círculo,
Tempo tempo tempo tempo, não serei nem terás sido...
Tempo tempo tempo tempo...
Ainda assim acredito ser possível reunirmo-nos,
Tempo tempo tempo tempo, num outro nível de vínculo...
Tempo tempo tempo tempo...
Portanto peço-te aquilo e te ofereço elogios,
Tempo tempo tempo tempo, nas rimas do meu estilo...
Tempo tempo tempo tempo...*

Caetano Velosos (1979)

Narrar tem origem no latim *narrare*, que significa “contar, relatar, narrar”, literalmente “tornar conhecido”, derivado de *GNARUS*, “o que sabe”. Preciso dizer que na realidade não sei sobre tudo, mas estou no processo de descobrir-me e, quem sabe, em algum momento venha a saber...

Nessa MÍMESIS I, o que quero mesmo é “tornar conhecido” algumas memórias e lembranças do vivido, enquanto indicativos do que comporá as tessituras da intriga da história de uma produção acadêmica que se confunde com a história da minha existência.

⁷ A opção da escrita provoc-ações, aqui e ao longo da tese, está ancorada e creditada a Freitas (2020b, p. 97).

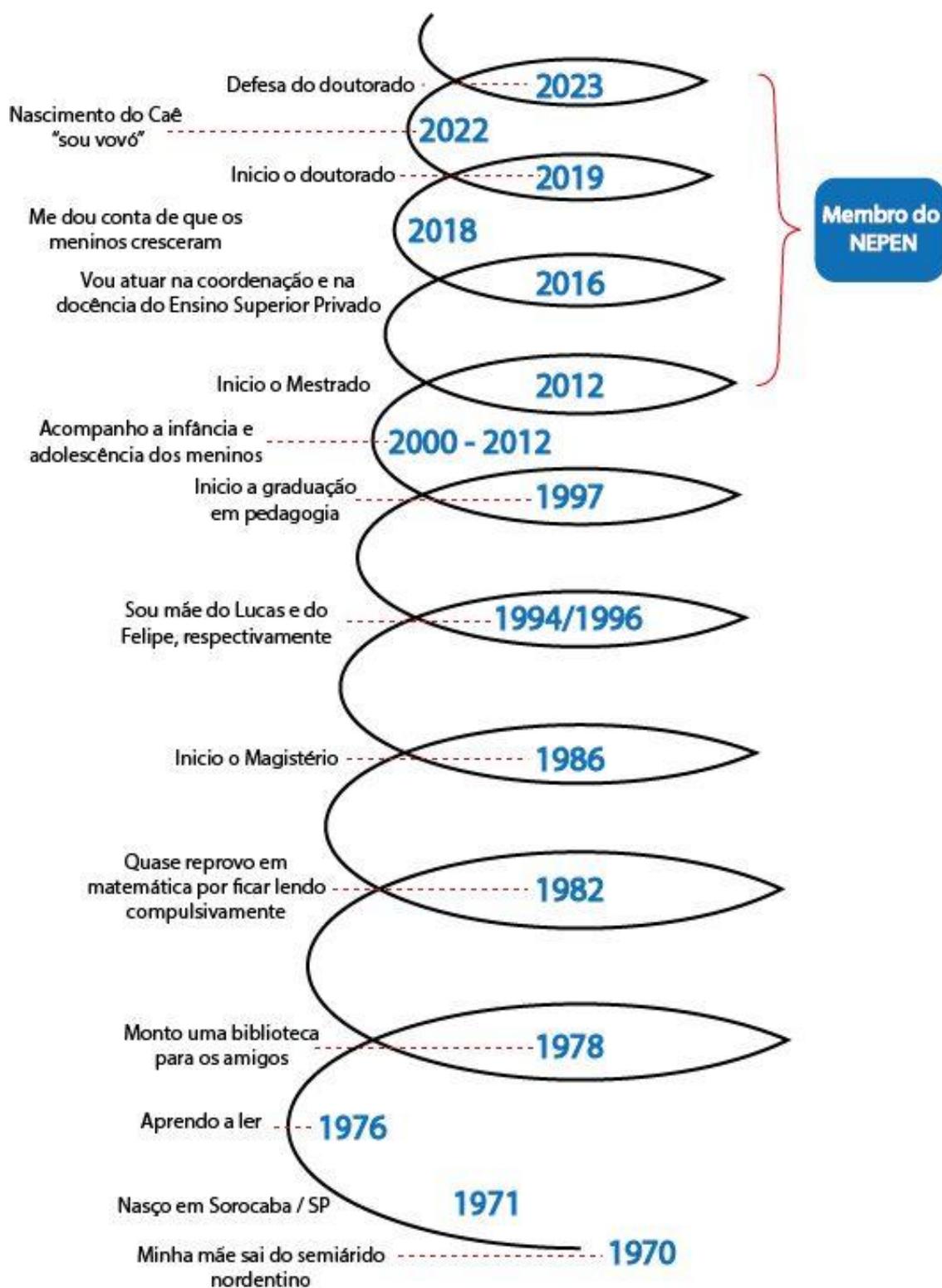
Escolhi a “Oração ao tempo” para anunciar que, por agora, o que ofereço para esse início de conversa é uma figura, um mosaico de imagens e um emaranhado de ideias que carrego comigo desde o Exame de Qualificação da Tese. E, embora possa parecer pouco enquanto “capítulo” de tese de Doutorado, é preciso dizer que em cada espiral, foto ou reflexão, logo mais apresentadas, cabem um mundo, o meu mundo; cabem uma vida, a minha vida.

E, ainda que possa parecer que este capítulo seja minúsculo, preciso dizer que cada dia mais estou me aproximando de tudo que é minúsculo, afinal, como aponta Ribeiro (2020), em sua Carta Mínima, “Um texto de pesquisa narrativa não é apenas um texto! É uma narração vital!” (p. 108) e, sendo assim,

Como escrever e pensar com nossas ancestralidades, pensar com nossas ancestralidades, vidas, corpos sem nossas vozes e vidas, corpos sem nossas vozes e vivências, sem nossas biografias? Escrever narrativamente é inscrever-se! [...] Num texto narrativo pulsam histórias, casos, memórias, traumas, histórias, casos, memórias, traumas, conquistas, VIDA! Denúncia, VOZ, conquistas, VIDA! Denúncia, VOZ, grito!... Escrevivências!... Conversações! grito!... Escrevivências!... Conversações! Re-significações... e AFETOS! (RIBEIRO, 2020, p. 107)

Início o pulsar das minhas histórias apresentando, à priori, sem muitas explicações, mas quase como expressões artísticas a serem apreciadas, as espirais do tempo, algumas memórias fotográficas e provoc-ações extraídas dos ecos e ressonâncias que me fazem companhia desde a manhã do Exame de Qualificação, em 17 de agosto de 2022.

FIGURA 1: ESPIRAL DO TEMPO: elementos para a tessitura da intriga



Elaboração: sistematização da autora (2023)

Provocações após o Exame de Qualificação...

Pesquisa é lugar de formação.

ECOS & RESSONÂNCIAS
Sobre por que escrever uma tese... Por que ser doutora?

Toda hora pede licença, é preciso arrambar a porta (AUTORIZAR-SE A SER AUTORA)!

Garantir uma "aclarção" metodológica.

Qual é o fio condutor da tese?
- A ESCRITA - A CONSTITUIÇÃO DE SI PELA ESCRITA...

O (auto)biográfico não é sólido no campo do conhecimento - é novo para todos nós (debate novo, rigores novos).

Assumir um posicionamento político de afirmação: "a academia é minha casa", não há menor - é para termos a coragem de existirmos; se a academia tem um histórico de sofisticar, por uma outra cidadania, temos que criar nossa própria teoria.

Menos drama!

Com que sentido aparece esse texto? Em que circuito vai circular essa tese?

Pensar numa autobiografia como sendo "MAIS QUE UMA REPRESENTAÇÃO DE MIM MESMA, É UMA RECONSTRUÇÃO!"; é uma viagem a si mesmo

Problematizar "nosotras" - a escrita enquanto método de indagação

"SE ASSUMIR!"

Romper com a lógica linear, sequencial, pré-requisitos, na proposta de organização de leitura e compreensão da tese.

Ter mais consciência da transgressão que se está propondo.

"Não cabemos em mim ou em você. Como toda gente tem que não ter cabimento. Para crescer."

Você vai fazer análise das suas produções? Das suas narrativas?

O que não pode abrir mão é do conceito de existência temporal e de formação em movimento (na relação com a vida, existência, com o biográfico, com a vida) - pesquisa-vida-formação.

Sua tese se propõe a problematizar como é que a gente se constitui pesquisadora? Como "viramos" doutora? - NASCENDO? E o que é o nascer? O que é o nascimento? - É disso que fala sua tese... E ela é poesia!

Você pode falar de metáfora como dispositivo porque a metáfora compõe suas narrativas, sempre... Ora é um personagem, ora é um lugar, ora é a gestação. Então pode trazer qual é a marca da metáfora no seu processo de autoria.

"SEU COMPROMISSO É, COM ESSA TESE, MOSTRAR: que o dispositivo biográfico tem uma força motriz para autorizar a autoria. - esta é a sua tese!

O difícil de romper com o clássico é não ter referências... É não ter referências prévias; precisa ser um processo de criação e é exatamente isso que promove a autoria.

A espiral do tempo nunca teve o compromisso de ser uma organização linear (linha do tempo), embora reconheça que poderia ter sido e, sob certa ótica, é uma forma de compreendê-la. As imagens do mosaico, sem dúvidas, não tinham/tem a pretensão de traduzirem a intensidade do “fazer Doutorado” na relação com o “viver a vida”. Por sua vez, os excertos trazidos como provocações dos “ecos e ressonâncias” do Exame de Qualificação, também, não abarcam a grandeza formativa do que foi dito naquela manhã, nem o quanto aquelas palavras reverberaram nos movimentos que se seguiram.

Em verdade, as expressões escolhidas para prefigurar a tese, enquanto mimesis I, foram definidas e construídas quando a versão final do texto estava adiantada, no momento em que a ideia de apresentá-lo, a partir da tríplice mimesis de Ricouer (2010), se consolidou enquanto perspectiva de organização de um texto acadêmico.

Credito ao movimento de garimpo e organização dos (guar)dados, materializados nos catálogos dos inventários que, embora integrem a tese como apêndices, traduzem um trabalho hercúleo de (re)aproximação, (re)apropriação e (re)significação dos escritos, tanto na relação com o NEPEN quanto, em especial, com minhas próprias produções.

Mais do que uma organização em quadros, a escrita dos catálogos coloca-me diante da experiência de “andarilhar” pelas produções de um espaço/tempo de pesquisa-vida-formação que me constitui em toda a última década da minha vida, bem como, meus movimentos de escrita e produção nas dimensões acadêmicas, profissionais e existenciais no recorte temporal do Doutorado.

Andarilhar aqui, no sentido atribuído por Carlos Rodrigues Brandão, no verbete “andarilhar” no Dicionário Paulo Freire (BRANDÃO, 2019) ao apontar que

Somos humanos porque aprendemos a andar. Somos humanos porque aprendemos a pendular entre um ‘estar aqui’ e um contínuo ‘partir’, ‘ir para’. Entre os que andam, viajam e vagam, há os que se deslocam porque querem (os viajantes, os turistas), os que se deslocam porque creem (os peregrinos, romeiros), os que se deslocam porque precisam (os migrantes da fome, os exilados) e há os que se deslocam porque devem (os ‘engajados’ [...] os ‘comprometidos’ com o outro, com uma causa’). (p. 44, Grifos do autor)

Essa andarilhagem, em especial as feitas pelas minhas produções realizadas no recorte temporal do Doutorado, foi por “querer”, por “crer”, por “precisar” e por “dever”. Visitando meu diário de tese encontro dois registros, um de 13/06/2019, quando ainda estruturava o projeto de pesquisa que seria apresentado no processo

seletivo e outro, de 30/07/2019, momento em que estava aguardando o resultado da seleção que me ajudarão a externar alguns sentidos deste “andarilhar”.

Como ser pesquisador no Brasil com tanta dificuldade de compreensão de vocabulário; sem ter me apropriado do inglês ou da língua do referencial escolhido [francês]; com dificuldades que ultrapassam as financeiras, para ter acesso aos livros básicos; acesso a ir, estar, conhecer lugares (países e instituições de educação que poderiam contribuir com a qualidade e abrangência da pesquisa?

Como aceitar e reconhecer o/do/no lugar de onde falamos, que nem de longe alcança a área e possibilidades de onde nossos referenciais falam? Essa questão é importante pois queremos que nossa pesquisa/nosso trabalho na contribuição/construção de conhecimentos seja legitimada e, também, se torne referência para além de um título de doutor, queremos que ultrapasse os limites desse título; (Sol Silva Brito, 13/06/2019)

[...]

Fiz uma formação, a convite da Direção de [um Centro de Educação Infantil] sobre “identidade docente”. Usei uma dinâmica que envolvia narrativas orais com foco nas “entregas” de cada um, que compõe uma “entrega coletiva” [singular/plural] no ser e fazer-se docente. Ao final, uma professora e procurou para fazer duas considerações. A primeira foi me dizer que ao folhear os livros sobre formação docente, narrativas e pesquisa (auto)biográfica que eu levava no intuito de “partilhar” os referenciais teóricos com os quais venho dialogando, ela percebeu que eu os grifo/marco, ora a lápis, ora com caneta “marca texto”, o que a deixou horrorizada; disse que não acreditava como alguém podia fazer isso em um livro e esboçou um “- Não suporto quem faz isso!” – na hora, o pensamento mais imediato foi: “- Que bom que estou aqui só de passagem e ela não terá que me suportar!”. Seu segundo comentário me incomodou ainda mais que o primeiro. Ela me “contou” que é mestre em educação, pela Universidade de Sorocaba (UNISO); que fora orientada pelo professor José Dias Sobrinho; e, que não fora para o D

outorado pois não acredita que que possa haver pesquisador e/ou não acredita em quem FAZ PESQUISA; ou dia QUE FAZ PESQUISA sem tempo e condições para estar nos lugares em que as discussões acontecem (eventos, grupos de estudos, museus, apresentações culturais, etc.). - Considerando minha inquietação de dias atrás e o fato de ter dito que estava aguardando os resultados do processo seletivo do Doutorado da UFSCar, aquela fala me soou quase como “uma afronta”. Gaguejei que há diferentes perspectivas para olhar e compreender “as coisas” e, que bom que seja assim; deixei claro que via a questão do “SER PESQUISADOR / FAZER PESQUISA” muito diferente dela, mas também não dei conta de me posicionar muito firmemente... [até porque as ponderações dela, de certa forma também tem sido as minhas]. Saí de lá me perguntando: - *Que pesquisadora serei eu? Que tipo de pesquisa darei conta de fazer?* Haja inquietação!!! (Sol Silva Brito, 30/07/2019)

Empreender energia e tempo, enquanto andarilhava pelas minhas produções, na construção dos catálogos dos inventários de pesquisa, de certa forma, tem uma relação com essas e outras inquiet-ações⁸ que perpassam toda a itinerância da tese. A produção dos catálogos me coloca em conexão e me integra ao tetragrama da (Trans)formação Permanente de Freitas (2020a, p. 66-67), visto que me oportunizou

⁸ Neologismo inspirado em FREITAS (2020a).

um movimento interconectado entre registro, reflexão, emoção e ação. Para não ceder ao meu desejo de externar nuances dessa experiência, não sem antes advertir, que não há regra ou linearidade para viver a “experiência tetragramática”, produzir os catálogos, enquanto momento do inventário de pesquisa, me coloca a frente do compromisso de retomar as minhas produções e organizá-las em um **registro** que me **emociona**, enquanto descubro suas diferentes dimensões e alcances, a partir de cada **reflexão** que o escrever me promovia; ao mesmo tempo, em que me impulsionava a tomar decisões e definir **ações** diante das muitas escolhas e possibilidades que a tese me apresentava.

A produção dos catálogos, então, é o eixo mobilizador para o exercício do que apresentar na mimesis I, assumindo a incompletude, visto ser processo e, o não compromisso com o “dar conta” de garantir “cobertura total” das tessituras da intriga que viria compor a tese, uma vez que

[...] Seja qual for a capacidade do espectador de abarcar a obra com um único olhar, esse critério externo entra em composição como uma exigência interna à obra ‘A extensão que permite a reviravolta’ [...] É certo que essa extensão só pode ser temporal: a reviravolta leva tempo. Mas é o tempo da obra, não o tempo dos acontecimentos do mundo [...]. (RICOEUR, 2010, p. 70, Grifos do autor)

Ricouer (2010, p. 76) vai dizer, ainda, que “Os episódios controlados pela intriga, são o que dá amplitude a obra e, assim, uma ‘extensão’”. (Grifo do autor) Considerando esse cenário e contexto nos quais “nascem” as espirais do tempo, o mosaico de imagens e as provocações após o Exame de Qualificação, destaco: a) o período de uma década em que pertenço e me sinto pertencente ao NEPEN, sendo que esse espaço/tempo de pesquisa-vida-formação tatua em mim as marcas do que é/tem sido, para mim, pesquisar/ser pesquisadora são os capítulos atuais de uma vida que se inicia com um ato de migração de uma retirante nordestina e perpassa por oportunidades, desafios, aventuras e desventuras de um viver que se encontra em constante movimento; b) as imagens que escolho apresentar mostram nuances de uma Sol menina/mãe/avó que tem se aventurado no espaço acadêmico, descobrindo-se ávida por saber/viver mais, tal qual demonstram os olhos instigantes de seu neto Caê; que se encontra com sua tese ao pôr do sol de um dia que marcava a ânsia do encontro, enquanto o mundo tentava descobrir como sobreviver a uma pandemia; que marca o encontro com pessoas/espacos que jamais imaginara ser possível, encontros que a levam, literal e redundantemente, a encontrar/conhecer/olhar nos olhos/sentir o

cheiro e o aconchego dos abraços de seus referenciais teóricos, alicerces para a tese (Ana Lúcia Souza de Freitas, Daniel Hugo Suárez, Joaquim Gonçalves Barbosa e Maria da Conceição Passeggi), traduzidos em uma foto das capas de algumas de suas obras, bem como ao “marcar” o encontro com Nita Freire. As andarilhagens por terras portenhas também aparecem no mosaico, sendo que em uma das fotos as máscaras denunciam e marcam a pandemia que atravessou, praticamente, todo o período do Doutorado. O mosaico de imagens é fechado por dois sorrisos de cumplicidade que tem marcado a história de duas vidas, para além dos diálogos e trabalhos acadêmicos. c) as provocações após o Exame de Qualificação traduz alguns dos ecos e ressonâncias da fala de cada uma e cada um dos integrantes da Banca Examinadora.

Como dito na abertura da Mímesis I dessa tese, quero mais que seja um “apreciar”, enquanto expressões que escolho trazer de início e como anúncio, que um compreender propriamente dito, visto que este último, quero crer, será oportunizado nas Mímesis II e III.

MÍMESIS II
O NARRADO (CONFIGURAÇÃO)

DISPOSITIVO 1 – (Memorial)

PRÓLOGO... AUTORA E OBRA: DO SEMIÁRIDO NORDESTINO AO AUTORIZAR-ME À AUTORIA NOS LABIRINTOS DA TESE

*Minha mãe
Minha avó
E antes delas minha tataravó
E antes delas um milhão de gerações distantes
Dentro de mim
[...]
Como toda gente tem que não ter cabimento
Para crescer*

Arnaldo Antunes (2004)

Anunciar-me... sobre quem sou e como chego até aqui!

Filha de retirantes nordestinos, fui concebida numa pequena cidade chamada Riacho das Almas, que deixou de ser distrito de Caruaru (PE), para ser elevada a município em 1953⁹. Minha história é bastante típica: a falta de condições materiais levava aos filhos das famílias nordestinas, ainda aos dezesseis anos, a tirarem os documentos como se tivessem dezoito (a maioridade legal), para trabalhar como mão de obra em diferentes frentes. Meu pai trabalhou em Maceió, Brasília e na capital Fluminense, sempre na construção civil. Entre ir e vir, para visitar os pais, casou-se com minha mãe, reproduzindo, a partir de então, a história de muitas famílias de retirantes nordestinos desse país. Foram anos de trabalhos exaustivos, por vezes sub-humanos, na esperança de garantir a subsistência da esposa e dos filhos, indo visitá-los quando era possível.

A família foi se constituindo e depois de perder cinco bebês para a desidratação, por conta da falta de uma estrutura básica de sobrevivência, no início dos anos 1970¹⁰, minha mãe, analfabeta, carregando a mim dentro do ventre e, segurando pelas mãos mais duas crianças, deixa aquele lugar em busca de encontrar meu pai na cidade de Sorocaba (SP), sem que ele tivesse conhecimento de sua vinda. Foi com um grande susto que a recebeu em dezembro de 1970 e meu nascimento se

⁹ Disponível em: <https://www.riachodasalmas.pe.gov.br/historia/>

¹⁰ De acordo com os dados disponibilizados por Yunes e Ronchezel (1974, p. 32), em 1970 a taxa de mortalidade infantil na região nordeste do Brasil era de 149,27 a cada mil nascidos vivos. Os dados de 2019 apontam para uma taxa de 15,2 crianças mortas a cada mil nascimentos (BRASIL, 2021, p. 6).

deu no final de abril de 1971. Depois de mim, a família se completaria com a chegada de mais duas crianças.

Quando terminei o Mestrado, mais precisamente no dia da defesa, após todo o ritual de avaliação e arguição, no momento dos agradecimentos, solicitei permissão para partilhar o curta-metragem “Vida Maria”¹¹, produzido em 2007 pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Mais adiante, apresentarei uma Carta Pedagógica na qual há uma imagem da foto de divulgação do filme que retrata a reprodução de histórias de vida de mulheres do semiárido nordestino. A produção é feita “[...] em computação gráfica 3D e finalizada em 35 mm, o curta-metragem mostra personagens e cenários modelados com texturas e cores pesquisadas e capturadas no Sertão Cearense, no Nordeste do Brasil, criando uma atmosfera realista e humanizada.”¹² A cena inicial retrata as mãos de uma criança escrevendo seu nome (Maria José), em um pequeno caderno brochura. Quando a tomada é ampliada percebe-se que se trata de uma menina que está ajoelhada num banquinho, tendo o caderno apoiado na janela de uma humilde casa. Na sequência, uma senhora envelhecida e com o semblante muito triste encaminha-se do quintal da casa em direção ao interior da casa, chamando a criança. Como ela está absorta no movimento de escrever o nome, a senhora rudemente a tira do banquinho determinando que ela vá “caçar o que fazer” e que ali não é lugar dela ficar naquele momento. O filme segue, mostrando a menina correndo em direção a uma bomba manual que bombeia água de um poço, jorrando-a para dentro de uma lata. A câmera volta-se para a janela da casa, onde a mãe de Maria José a observa. O filme transcorre cenas de Maria José, no quintal da casa que, a partir de efeitos gráficos deixa de ser a menina que arrasta a lata d’água, para ser a jovem que consegue carregá-la na cabeça. Nesse momento, seu pai chega com “Antônio”, que se oferece para ajudá-la, trocando olhares furtivos, enquanto ela passa os dedos no cabelo. A cena segue com Antônio levando a lata d’água, seguido de Maria José, que agora tem uma proeminente barriga de grávida. Na sequência, Maria José é retratada a frente de um grande pilão socando sementes e arrumando roupas estendidas em um varal de arame farpado. Em cada uma dessas cenas ela acalenta a barriga, sempre “cheia” como a lua, grávida. Ao final da tomada, em que ela observa inúmeras peças de roupas, de diferentes tamanhos, que secam no sol a pino, sete meninos entram pelo portão, em fila, pedindo-lhe “a benção”. Maria José, os abençoa,

¹¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4

¹² Informes do canal de divulgação do filme, disponível no mesmo *link* da referência anterior.

enquanto acaricia a barriga de grávida mais uma vez. Em seguida, o que se vê é uma Maria José envelhecida e, exatamente como sua mãe no início do filme, sai em direção a casa chamando “Lurdes”. O filme termina com a repetição da cena inicial, Maria de Lurdes está ajoelhada num banquinho, escrevendo seu nome na mesma brochura apoiada sobre a janela. A mãe lhe diz rispidamente *“Oh Lurdes! Tu não tá me ouvindo chamar não, Lurdes? Tu não sabe que aqui não é lugar pra tu ficar agora? Em vez de ficar perdendo tempo “desenhando nome”, vá lá pra fora arranjar o que fazer, vá. Tem o pátio pra varrer... Tem que levar água pros bichos... Vai menina! Vê se tu me ajuda, Lurdes!”* O filme termina com a mãe sussurrando uma memória, com olhar longe e a tristeza estampada em sua face: *“Fica aí fazendo nada... Desenhando o nome...”*. Nesse momento, o plano da câmera se abre e o rosto de Maria José é enquadrado na sala da casa onde se percebe que é um velório. Sua mãe está sendo velada, tendo seu pai, bem velhinho, sentado numa cadeira a frente do caixão. Seu marido tem exatamente o mesmo rosto que seu pai tinha no início do filme, os filhos, cujos traços físicos também são reproduções do pai, estão encostados na parede, todos com semblantes muito tristes. Maria José, vestida preto, tal qual a mãe no caixão fecha o retrato da reprodução de Vidas Marias, enquanto a câmera enquadra o quintal, tendo a janela como moldura, mostrando Maria de Lurdes manipulando a bomba do poço, enchendo a lata d’água e, lentamente, o foco da câmera passa para o caderno brochura, ainda sobre a janela. O bater do vento faz esvoaçar suas folhas, mostrando diferentes nomes “desenhados”: Maria de Lurdes... Maria José... Maria Aparecida... Maria de Fátima... Maria das Dores... Maria da Conceição... Maria do Carmo...

Entendi que precisava “contar” o filme, ainda que correndo o risco de a leitura ficar cansativa. Escolher retratar os detalhes se justifica porque essa é, exatamente, a história das minhas avós (Maria das Dores e Apolônia da Conceição); de certa forma, foi a história da minha mãe (Maria do Socorro), e de suas cinco irmãs (Maria dos Anjos, Maria José (Tia Zezé), Maria de Lourdes, Margarida José e Rita Maria) e, poderia ter sido a história da Sol, a minha história. Essa é, ainda, a história de um contingente de mulheres, não somente nordestinas, ainda nos dias de hoje.

Bourdieu (1998, p. 189-190) aponta que:

A análise crítica dos processos sociais mal analisados e mal dominados que atuam, sem o conhecimento do pesquisador e com sua cumplicidade, na construção dessa espécie de artefato socialmente irrepreensível que é a “história de vida” e, em particular, no privilégio concedido a sucessão

longitudinal dos acontecimentos consecutivos da vida considerada como história em relação ao espaço social no qual eles se realizam não é em si mesma um fim.

Ela conduz à construção da noção de *trajetória* como série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou o mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações. Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.

Pensando no conceito de “trajetória” para Bourdieu, na relação com a reprodução social retratada no curta-metragem “Vida Maria”, a ideia de “acontecimentos consecutivos/sucessivos” e “série de posições sucessivamente ocupadas” parecem dialogar e, talvez, dialoguem, embora seja imprescindível demarcar que trarei outros elementos/referências para compreender a ideia de “trajetórias”.

No entanto, quando escolho “Vida Maria” para representar a trajetória de vida da minha mãe, cuja coragem de rompê-la, muda substancialmente o que poderia ter sido minha trajetória, a de uma mulher docente que, no contexto da tese, se coloca em diálogo consigo mesma e com suas produções, tal perspectiva não está na relação com o Bourdieu que coloca o biográfico enquanto “ilusão”.

Fixar residência em Sorocaba (SP), cidade em que nasci, oportuniza para toda a família novas expectativas e possibilidades. Meus pais, por terem sido acolhidos, passaram a acolher e, por um longo tempo, praticamente toda minha infância, nossa casa sempre contou com “hóspedes”. Primeiro, as irmãs e irmãos da minha mãe e, mais tarde, irmãs e irmãos do meu pai. Entre idas e vindas, dos onze integrantes da família da minha mãe (seis mulheres e cinco homens), três constituíram suas famílias e fixaram residência no Rio de Janeiro; sete em São Paulo e, somente a caçula ficou e reside até hoje em Olinda, no Pernambuco. Dos integrantes da família do meu pai, nove ao todo (seis mulheres e três homens), seis vieram e ficaram em São Paulo; uma irmã veio, ficou um tempo, mas retornou ao nordeste e, um irmão e uma irmã nunca saíram de lá. Meu pai foi acolhido por uma de suas irmãs, a que veio para Sorocaba antes dele e, depois que minha mãe chegou e se estabeleceram aqui, ofereceram abrigo e acolhida para a chegada de todos os demais.

Ver-me no compromisso de anunciar-me e dizer quem é essa que se lança ao compromisso de produzir uma tese sobre escrita, pesquisa, autoria e cidadania

perpassa por essa mobilidade social e pelos encontros intergeracionais (PASSEGGI, 2015). E, na perspectiva de partilhar algumas das memórias de como chego à docência, sem pedir licença, partilho um relato de experiência escrito em forma de Carta Pedagógica em junho de 2022 como atividade de um curso sobre documentação narrativa, coordenado pelo Professor Daniel Suárez (UBA) e a Professora Aline Dornelles (FURG).

Carta-Relato de Experiência - Como cheguei aqui: diálogo com quem me mostrou ser possível escolher chegar.

Sorocaba/SP, 21 de junho de 2022.

Amada Tia Zezé,

Sei que seus dias não têm sido fáceis! Na verdade não sei e, considerando que nunca passei pelo que está passando, talvez eu devesse escrever que “imagino” o quão inTensos(1) tem sido os dias da Mulher Maravilha da família Silva. Sabe, você sempre foi nossa fortaleza, nossa Xerife, nossa Assistente Social, nossa Médica de Harvard e Xamã; a economista, a psicó-quiata(2); a mandingueira que tem remédios para curar de unhas encravadas a ameaças de AVC; a dona de receitas dos ingredientes mais improváveis, dos conselhos indizíveis e de uma leitura da realidade tão contundente, que “As veias abertas da América Latina” me pareceram contos de fadas quando li.



Ficar sabendo do seu diagnóstico de câncer de mama só depois de você ter passado pela cirurgia e estar se preparando para a rodada de quimioterapia, sem nem poder ficar preocupada, porque afinal de contas você já está o suficiente, faz com que a cada minuto eu renove minha admiração, respeito e carinho pela senhora, sem não antes, ter uma ponta de frustração por saber que tenho nem um décimo da sua coragem e força!

Mas, não foi necessariamente para falar do seu estado de saúde que me senti motivada a lhe escrever essa carta. Estou às voltas com um convite para narrar sobre como me tornei professora, talvez uma escrita mais ampla, algo que dê conta de responder “Como cheguei aqui?” em um curso sobre documentação narrativa de experiências pedagógicas, que está compondo minha trajetória acadêmica no doutorado em educação.

Sempre que (re)visito minha história, escolhas e caminhos trilhados, sinto a necessidade de marcar, de forma muito clara, minhas origens e, fazer isso, passa por você. Vejo como importante compartilhar que fui concebida no semiárido nordestino e, enquanto filha/sobrinha de retirantes, minha história é bastante típica: a falta de condições materiais levava os filhos das famílias nordestinas, ainda aos dezesseis anos, a tirarem os documentos como se tivessem dezoito (a maioria legal) para poderem trabalhar, como mão de obra, em diferentes frentes. Como você sabe, meu pai trabalhou em Maceió, Brasília e na capital Fluminense, sempre na construção civil. Entre ir e vir, para visitar os pais, casou-se com minha mãe e, daí por diante, segue a

história de mais um nordestino que deixou a esposa no agreste, enviava dinheiro para ajudar na subsistência dela e dos filhos e, uma vez por ano, regressava para fazer um novo filho e conhecer o que havia feito no ano anterior.

Tenho me reportado ao curta metragem “Vida Maria”(3) como um referencial de superação quando penso na história da nossa família. Marcada pela força e coragem da minha mãe, sua irmã mais velha, que não se conformou com o cenário de



perspectivas vislumbrados onde morava “se retira”, literalmente, puxando um filho pela mão, carregando outro no colo, enquanto eu estava sendo gerada dentro de sua barriga. As vezes penso que ela não consegue alcançar a grandiosidade e importância daquela decisão. Há momentos, como agora quando lhe escrevo, que me pego a imaginar o que

eram os dias de vocês naquele tempo e espaço histórico-geográfico? Que sonhos sonhavam? Que dificuldades viviam? Que alegrias as alegravam?

Quando penso que, no início dos anos 1970 uma mulher analfabeta aventurou-se a atravessar o país por acreditar que poderia oportunizar aos seus, experiências melhores que aquelas que teve e que essa decisão, acabou por permitir que suas irmãs e irmãos também trilhassem caminhos outros e buscassem experiências outras, não posso deixar de pensar nas trajetórias improváveis e nos vínculos geracionais problematizados em Passeggi (2015).

[...] a trajetória é concebida como um modelo composto de fases de estabilidade, fases de transições e de mudanças, durante as quais se define o transcurso da existência. Fala-se então de trajetória familiar, de trajetória de formação, trajetória profissional, existencial, de saúde etc. [...] quando uma trajetória se afasta dos padrões esperados ela é vista como “improvável”. (p. 4) Destaque para essa Carta Pedagógica.

Reconhecer os membros de nossa família, em especial a partir da minha mãe, como sujeitos de uma trajetória (im)provável(4) compõe qualquer movimento narrativo que queira problematizar a provocação(5) feita na pergunta “Como cheguei aqui?”. Chegar ao sudeste do país na década de 1970 nos oportunizou que o acesso à escola pública nos fosse garantido. Dado o momento histórico do país, em que se ampliava o quantitativo de vagas na educação formal(6), cursei todo o ensino básico na escola pública e você Tia, teve acesso à um programa de Educação para Jovens e Adultos. A fotografia de Sebastião Salgado, que escolhi para marcar as oportunidades que a escola pública nos deu, está publicada no livro de Cristóvão Buarque, “O Berço da Desigualdade”. Vejo as meninas Maria José e Sol, no olhar penetrante da garotinha fotografada, debruçada sobre seu caderno numa carteira escolar. Penso que a foto poderia ser a minha ou a sua em alguma escola do campo em Riacho das Almas (PE); mas também, poderia ter sido eu, com aqueles olhos curiosos iguais aos meus ao longo de todo o ensino fundamental na escola pública.



Sabe Tia Zezé, eu reconhecia aquele espaço como um lugar mágico e, talvez por isso, tenha conseguido lidar com as diferenças culturais que estar ali me impunha. Acho que nunca lhe contei que quando estava na quinta série, próximo aos onze anos, aprendi a cozinhar para poder fazer nhoque e lasanha, visto que toda segunda-feira ouvia as crianças contarem que tinham comido isso na casa das avós no almoço de domingo. Deixei de ir a uma festa, dessas em que o lanche era coletivo, porque minha mãe não sabia fazer coxinha, quibe, rissole... nesse dia, quando o professor perguntou

quem poderia trazer cuscuz eu levantei a mão rapidamente, pois era a primeira coisa que ele falava que a minha mãe sabia fazer. Logo após anotar meu nome na frente do “cuscuz”, ele olhou para mim e disse que era para eu pedir para minha mãe fazer “bem molhadinho”. Nessa hora já percebi que não estávamos pensando no mesmo cuscuz e quando cheguei em casa minha mãe disse que só sabia fazer aquele, de fubá de milho, salgado, umedecido com água e cozido no vapor. É um prato típico nordestino e fica extremamente seco, come-se acrescentando leite, caldo de carne ou manteiga. Como não tive coragem de falar para o professor que o cuscuz que minha mãe fazia era outro, não fui a festa. Apesar dessas marcas sobrevivi a educação formal, mas como você sabe, o mesmo não se deu com o Dé, meu irmão mais velho que evadiu na quinta série por não se enquadrar ao espaço e à cultura escolar.



A escolha do magistério, ao chegar no segundo grau, parecia óbvia dada minha relação com a escola e, em especial, com a leitura e a escrita. Você se lembra quando aos sete anos de idade eu organizei minha primeira biblioteca? Você era doméstica em uma casa na capital e estava aprendendo a ler e escrever no Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), aliás você era tão encantada com a possibilidade de aprender a ler e a escrever que me ensinou muito antes de eu ir para a escola. Um dia você me trouxe várias caixas de livros que seriam jogados no lixo e eu os cataloguei com etiquetas que fui pedir no mercadinho da esquina de casa, dizia desde sempre que seria professora... Quase não

faço o curso, pois minha mãe esperava que eu fosse estudar no noturno para poder trabalhar e ajudar na economia familiar. Você se lembra que a convenceu a esperar mais um pouco para eu ir para o mercado de trabalho e assim ela me deixou cursar o magistério?

Entende agora por que narrar “Como cheguei aqui” passa por você diretamente?

Você é a primeira pessoa dos dois lados da minha família, materna e paterna, a acessar o ensino superior, você é a primeira pessoa da família que me mostrou ser possível fazer escolhas, planejar a vida e uma carreira. Você nos oportunizou aprendizagens imensuráveis quando nos fins de semana levava a mim, minha irmã e minha prima para a capital, para que te ajudássemos em sua confecção improvisada, na sala num daqueles labirintos comerciais sombrios de São Paulo, ou até mesmo no seu apartamento, quarto e sala, entupidos de artigos que precisavam ser arrematados e embalados para que pudesse honrar os prazos com seus clientes. Andar de metrô, rir com você se fingindo de grávida para usar as filas preferenciais nos mercados, ajudá-la a sair da cadeira com a coluna travada por ter carregado fardos pesados demais, tanto no sentido literal quanto no figurado, compõe minha trajetória até aqui. Conheci Lewis Carroll e a “Alice no país das maravilhas” a partir de um trabalho da faculdade de Artes que você pediu para que eu fizesse, visto que tinha que dar conta com as meninas, dos arremates e das embalagens de uma produção de mini aventais para bonecas. Lembro que eu fiquei assustada, tinha nem concluído o Ensino Fundamental e você me convenceu que podia fazer aquela releitura.

Como cheguei aqui? Cheguei por suas mãos... Cheguei por seus passos que tentei seguir... Cheguei embalada por seu exemplo de tomar a vida nas mãos e ser autora dela.

Cursar Pedagogia, fazer algumas especializações, galgar a carreira docente (de auxiliar de educação à supervisão de ensino), fazer Mestrado e aventurar-me a estar aqui, no Doutorado, é uma trajetória marcada por suas chegadas tão esperadas nas madrugadas de sexta-feira, quando tinha folga da “casa de família” onde trabalhava em São Paulo; do som de “Lata d’água na cabeça, lá vai Maria, lá vai Maria...” (6) ou “Carcará” (7) músicas que você nos ensinou a gostar; do exemplo e gosto pela leitura que entrou em casa por você, por suas escolhas.

Poderia ter escolhido narrar como cheguei aqui, a partir de uma perspectiva epistemológica, partilhando minha trajetória acadêmica ou narrando a tese da qual estou gestante e que está fundamentada nos referenciais do (auto)biográfico, outra hora lhe escrevo sobre essas coisas, que a mim são tão caras. Mas, talvez pelo susto que tivemos, há algumas semanas, com a notícia de seu problema de saúde, decidi que não poderia adiar mais o desejo de textualizar a importância que a senhora tem para que eu tivesse chegado até aqui.

Ter a certeza de que não há trajetória sozinha me fez escolher querer que o foco dessa escrita fosse um sujeito, um sujeito que me compõe e me constitui tanto na minha singularidade quanto na pluralidade. Um ser que me ensinou o que é autoria/autorização.

Segundo Ardoino (1998) “O autor é, realmente, o fundador, o criador, até mesmo o genitor; seja como for, aquele que se situa e que é explicitamente reconhecido pelos outros como estando na origem de.” (p. 28), é assim que a vejo, apesar dos determinismos sociais, precisava externar que chegar até aqui passa por sua trajetória e pelo exemplo de autora da vida que é!

Sol Silva Brito

Me organizei para terminar essa escrita ao pôr do sol, seria tão simbólico... Mas fiquei detida admirando-o por tanto tempo que agora são as estrelas que me fazem companhia!

Notas

- (1) Grafia usada por FREITAS (2020).
- (2) Psicóloga e Psiquiatra.
- (3) Curta metragem produzido pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (2007). Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_hum4>
- (4) Escrevo com “im” entre parênteses, porque reconheço as trajetórias das gerações tanto como improváveis ou prováveis, considerando o contexto (plural) e as histórias de vida (singulares) dos sujeitos.
- (5) FREITAS (2020)
- (6) Nasci no ano de promulgação da segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971, que fixava Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dava outras providências.
- (7) Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nOs-4FhBak>
- (8) Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4LODInKUznc>

Referências

- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Andarilhagens de uma pesquisadora**: cartas pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras Paulo Freire. 1 ed. São Paulo: BT Acadêmica; Porto Alegre: Poesis & Poiética Casa Publicadora, 2020. 372p
- PASSEGGI, Maria da Conceição. Trajetórias "Improváveis"? Vínculos intergeracionais e mobilidade social. In: FERREIRA, M. S. et al. **Investigação em Educação**: diversidade de saberes e práticas. Ed. Fortaleza, CE: Imprece, 2015, p. 173-206.

Considerando esse cenário e contexto, na relação com as perspectivas dos contornos dessa investigação, cabe destacar que

[...] a pesquisa (auto)biográfica tem por ambição compreender como os indivíduos, a criança, o jovem, o adulto, atribuem sentidos às suas múltiplas formações pessoal, ética, intelectual, profissional, sentimental, espiritual ao

longo de sua história. [...] Quando colocamos o indivíduo no centro do processo de investigação e o consideramos como capaz de tomar distância de sua experiência educativa e refletir sobre ela, todas essas dimensões se entrecruzam. Trata-se pois de investigar como as pessoas se auto(trans)formam e se percebem em mudança. Como vão reinterpretando os fatos, construindo sentidos para o seu agir, sofrendo a ação do mundo e agindo sobre ele. (PASSEGGI, 2015, p. 6)

Olhar para esses episódios na perspectiva, não só de (re)significá-los, mas de atribuir sentidos e compreender as escolhas que fiz, tem trazido à tona o reconhecimento de tantos movimentos de um “[...] sujeito epistêmico, teórico, racional [que] não é dissociado do sujeito empírico, onírico, estético, incarnado, transpassado por emoções, razões, desejos, saberes tácitos ou conscientes.” (PASSEGGI, 2015, p. 6). Tenho percebido que a tomada de consciência do meu percurso biográfico (PASSEGGI, 2015), em especial no que se refere à minha trajetória social, sob a ótica da mobilidade ascendente, tem sido a experiência mais potente, profunda, impactante e formadora de todo o percurso do Doutorado.

As questões relacionadas ao vínculo intergeracional, com minha tia, bem como, com as mulheres nordestinas de minha história, e aqui, tomo a liberdade de incluir a Professora Maria da Conceição Passeggi, pois a potência dessa tese nasce no banco de um café paulistano quando ela acolheu minhas inseguranças, tem feito com que me assumo enquanto uma trajetória (im)provável¹³. Uma trajetória marcada por mulheres docentes como a minha orientadora, Professora Bárbara Sicardi Nakayama, que me convence que tenho asas e que posso voar para os lugares inimagináveis, me trazendo até o Doutorado.

Mas, é importante demarcar que nem sempre foi assim...

¹³ A escrita de palavras fazendo o uso de parênteses, tal qual como escolho escrever (im)provável desse ponto em diante do relatório para o Exame de Qualificação da tese, mais que uma marca de autoria, indica a influência de outras tantas escritas carregadas de sentido que, em especial, as produções do (auto)biográfico tem nos oportunizado travar contato, a exemplo do próprio termo (auto)biográfico, temos ainda (re)velar, (des)velar, (re)existir, (re)significar, (re)visitar, entre tantos outros.

O labirinto da tese: um conto sobre encontros e reencontros

Por: Sol Silva Brito

Quando se despediu de *Dissertolândia*¹⁴, no final da festa, momento da celebração - “É defesa que se fala, não é? – sabia que não era um “Adeus!” àquele espaço e tempo pelo qual se apaixonara. Escolhera, para encerrar aquele ciclo, um vídeo que transbordava o sentimento daquela jornada: a superação de uma reprodução nua e crua de uma realidade, a superação de mais uma “Vida Maria”. Naquela tarde, vestida de sol, Maria Luz sentiu no rosto a brisa de uma conquista. Mais que um título, mais que “encerrar” o encaminhar de uma pesquisa, aquele momento, aquelas falas, os apontamentos, as arguições e seus posicionamentos; cada vibração, cada palavra trazia em si a íntegra de um percurso, percurso este que iniciara bem antes da universidade pública vir para sua cidade; antes de um grupo de professores sonharem e realizarem a concretude de um programa de pós-graduação, muito antes de descobrir os meandros do fazer-se pesquisadora. Mas, isso está contado no “Histórias e Dedicatórias” da dissertação de Maria Luz...

Alguns anos se passaram sem que Maria Luz perdesse a conexão, não com a “academia” propriamente dita, mas com as inteirezas dos encontros e entregas, que sim, são possíveis de acontecer nesse espaço que é tão cheio de rigores e normas. Encontros e entregas que a cada nova vivência / experienciada, ou experiência / vivenciada num espaço e tempo chamado “Grupo de Pesquisa” trazia nuances de sabores de quero mais... muito mais! “*Doutoradolândia*” lá seria a próxima parada de Maria Luz, que estava como criança que se prepara para aventurar-se a roubar o segundo ou terceiro brigadeiro da mesa do aniversário, visto que os primeiros “furtos” foram bem-sucedidos.

Agora Maria Luz estava próxima e familiarizada com a linguagem acadêmica: a palavra “me-to-do-lo-gia” já não lhe causava “borboletas na barriga” e a escrita acadêmica, ora tão e ainda rigorosa, ganhara contornos que permitiam marcas de autoria, tanto que a menina ousada, na dissertação, encerrou com “Reticências” e não com as clássicas “Considerações Finais”... Enfim, a estação em que Maria Luz estaria prestes a descer, “*Doutoradolândia*”, era um lugar que lhe parecia de continuidades, desdobramentos, espaço para matizar cores primárias com as quais travara conhecimento enquanto estivera em *Dissertolândia*. Tinha outra questão, muito pontual, que trazia ainda mais tranquilidade à Maria Luz, a acompanhante que a esperava na descida da estação... Ah... aprendera a chamá-la de bárbara, visto ser o adjetivo que mais lhe fazia jus, ou seria Bárbara? Na academia essa companhia se chama “orientador / orientadora”, mas para Maria Luz esse era um encontro que ia muito além de um “orientar”, sempre buscou uma palavra que pudesse traduzir essa relação, pensando bem, talvez “encontradora” fizesse mais sentido, afinal esse ser, bárbaro – no sentido de espetacular e único - num processo conjunto, por vezes quase simbiótico, mas sempre “desmisturado”, afinal as singularidades é o amálgama desse processo, encontra possibilidades, caminhos, novas linguagens, tempos, empoderamento; encontra força e potência que nem mesmo o “encontrando” tinha conhecimento de ter.

Ter vivido em *Dissertolândia* e reconhecer naquele tempo, espaço e ações um movimento tão existencial quanto acadêmico fez com que Maria Luz acreditasse

¹⁴ Mais que um neologismo, “*Dissertolândia*” se remete ao período em que cursei o Mestrado (2012 e 2013). Naquela época a Prefeitura de Sorocaba, onde mantinha vínculo de trabalho de 40 horas semanais, não oferecia qualquer programa de incentivo à pesquisa. Para poder cumprir os créditos das disciplinas cada hora de trabalho precisava ser compensada (paga) o que me levou a um afastamento social, então, quando me perguntavam por que estava tão sumida eu respondia que estava morando em “*dissertolândia*”. Agora, em “*Doutoradolândia*” as condições são um pouco melhores, minha jornada de trabalho semanal é de 30 horas e tenho dispensa de ponto um dia da semana para me dedicar aos compromissos da pesquisa, graças a uma grande luta que profissionais da educação travaram para terem o direito de buscarem qualificação profissional.

que em *Doutoradolândia* seria um tanto quanto diferente, talvez agora o fazer-se pesquisadora, o pertencer ao movimento acadêmico enquanto “doutoranda” mostrasse meandros mais estáveis, mais previsíveis, mais seguros e prováveis...

Maria Luz esticou-se até a ponta dos pés para reconhecer o ambiente. Lançou o olhar longe, reconheceu caros e queridos companheiros de caminhada, abriu um sorriso largo para a “encontradora”, percebeu novos rostos que traziam poeiras de labutas que ela não conhecia, mas que a deixou ávida por conhecer e, já nas aproximações com os primeiros créditos, as disciplinas, travou um encontro com uma velha conhecida, mas que na verdade não esperava ver tão cedo e tão imperativa em *Doutoradolândia*: a Sra. Existencialidade.

Maria Luz, num movimento quase quântico, sacou da mala seu projeto de tese e apontou à Sra. que estava ali na sua frente, quase como um escudo que a protegeria de raios e poderes mágicos. Ela riu, sem ruborizar a face, o que era o mínimo a se esperar diante de um encontro inusitado como aquele, embora, dias depois Maria Luz a perdoou, afinal o inusitado estava nela, Maria Luz, que as vezes ainda esquecia de sua incompletude. Mas, aquele riso foi um convite, convite que Maria Luz não conseguiu recusar... Seguiu aquela Sra., no fundo uma velha conhecida, até a entrada de um labirinto feito de cercas vivas tão verdinhas e molhadas de orvalho com aroma de amanhecer que era impossível não querer continuar.

Desde então estão assim a brincar de esconde-esconde ou encontra-encontra... Tem sido dias de encontros e reencontros regados a muitos distanciamentos, até porque para que os encontros e os reencontros aconteçam haveremos de nos distanciarmos um “cadinho”, como dizem os mineiros. Nesse movimento de encontros, reencontros e distanciamentos a tese, Maria Luz e a Sra. Existencialidade estão se construindo. Riem muito e choram também. A “encontradora”, sempre atenta, vez ou outra dá uma piscadela indicando à Maria Luz onde está a tese, que por sua vez, só de birra corre e se esconde e fica em silêncio, quietinha... Quietinha... Nessas horas, em que Maria Luz se desespera por achar que a tese se perdeu, a “encontradora” sorri, estende os braços, apresenta novas lentes e a convida a continuar, tanto a busca pela tese, quanto pela Sra. Existencialidade.

O labirinto já não é mais projetado a partir de “becos sem saídas”, ele tem sido espaço e tempo dos encontros, muitos encontros. E agora que Maria Luz entendeu que o inesperado também compõe esse caminhar, descobriu dia desses, ontem mesmo, um espelho no qual se viu refletida junto a tese e a Sra. Existencialidade, que desde sempre foi a sua, mas que na caminhada, no brincar pelo labirinto da estação Doutoradolândia, na busca de sentidos e significados vai se encontrando e reencontrando com tantas outras existencialidades.

No meio do caminho, entre labirintos, medos e desafios, tinha um grupo de pesquisa, o NEPEN. Foi lá, num espaço/tempo de pesquisa-vida-formação, que a “encontradora” e outros parceiros de jornada contribuíram para que a itinerância ganhasse sentido e (re)significada e a pesquisadora-autora-cidadã se revelasse.

Sou só um sertanejo, nessas altas ideias navego mal. Sou muito pobre coitado. Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração.

Graciliano Ramos

Anunciar o NEPEN... sobre ser “um ponto” no canto direito da lousa e compor um espaço/tempo de pesquisa-vida-formação

Oralmente, narrei a minha primeira experiência com a escrita de memoriais de formação diversas vezes, em especial com/para grupos de ingressantes no PPGEd em momentos de partilhar os desafios que encontramos no percurso do cursar uma Pós-Graduação *stricto sensu*. Recorrentemente, retomava a percepção daquela ter sido uma das atividades acadêmicas mais difíceis de ver concluída e acabei por escrever sobre ela como forma de iniciar a escrita de alguns memoriais de formação que o contexto do Doutorado me solicitou e, mais a frente, será partilhada na tese.

Enquanto me vejo no compromisso de anunciar quem sou eu e, em que contexto produzi a tese, a escolha por fazê-lo a partir de um memorial reforça a percepção de que, apesar dos desafios e dificuldades a época, a escrita daquele primeiro memorial, que abre a versão final da dissertação, marca meu encontro com as narrativas e, por conseguinte, com o (auto)biográfico e isso me é/tem sido, muito caro.

Compreender os memoriais como um dispositivo narrativo-biográfico (SUÁREZ, 2015), potencializa a percepção de que, no momento em que escrevo a versão final da tese, escrever torna-se um exercício mais inTenso¹⁵, difícil, moroso e cheio de cuidados. Na ocasião em que escrevi o Relatório para o Exame de Qualificação, vendo-me tão apreensiva e preocupada com o “deixar ir” o relatório da tese, àquelas e àqueles que iriam avaliá-lo, ouvi meu companheiro dizer que minha aflição se justificava por eu estar escrevendo para elas e eles e não para mim. Em um tom quase de “intimação” me perguntou: - *Afinal, sua tese não é sobre autoria?*

De fato, minha tese é sobre autoria, sobre constituir-me, autorizar-me e reconhecer-me enquanto um sujeito que faz pesquisa e produz ciência. Ocupar esse lugar, do sujeito que produz conhecimento científico, é uma escolha que nasce em mim muito antes que eu entendesse o que realmente isso significava. Ainda adolescente, quando minha Tia Zezé, que apresentei a vocês e de quem ainda falarei

¹⁵ Credito a grafia desta forma à Prof^a. Ana Lúcia Souza de Freitas.

começa a cursar sua primeira graduação, DECIDO que eu também cursaria. Anos mais tarde, quando descobri que Mestrado e Doutorado eram a “continuação da graduação”, passo a dizer que também “faria aquelas coisas”, embora não fizesse a menor ideia do que era escrever/produzir uma dissertação ou uma tese.

Nesse cenário de narrar como me aproximo do espaço acadêmico e do “pesquisar”, enquanto mote de anunciar-me, cabe dizer, ainda, que é na graduação em Pedagogia (1997-2000), que descubro a pesquisa acadêmica enquanto possibilidade de busca de respostas, primeiro para questões práticas da profissionalidade docente e, depois, na perspectiva de buscar compreensão para questões ideológico-políticas. Se o primeiro sutiã a gente nunca esquece, a primeira monografia, também não.

Educação sob a ótica da sociedade capitalista neoliberal” foi o título final da minha monografia. Meu orientador me incentivou a ler Marx, Engels, Bordieu, Michael Apple, Giroux, entre outros referenciais que foram o arcabouço da discussão que me propus fazer. Um dia eu estava no laboratório de informática, usando o computador para digitar minha monografia, quando percebi alguém parado a minha frente; ao erguer a cabeça dei de cara com um menino estranho que me encarava. Sem nenhuma cerimônia ele me perguntou em que ano do curso de Economia eu estava, ao que respondi que não estudava economia, mas sim pedagogia. Com uma expressão incrédula ele disse que não sabia que quem fazia pedagogia também lia Marx, indicando o livro “O Capital” que estava sobre a mesa que eu estava usando. Olhei firmemente nos olhos dele, com cara de poucos amigos e disse que eu tampouco sabia que para ler Marx tinha que ser aluno da Economia. (BRITO, Memorial de Formação, 2021)

O questionamento acima descrito, no excerto retirado de um dos memoriais de formação que produzi no contexto do Doutorado, de alguma forma coloca lente a uma hierarquização do acesso ao conhecimento científico, no qual há uma lógica para definir quem deveria ter acesso a que tipo de literatura, como se tivéssemos que pedir autorização para ler este ou aquele tema/autor. Macedo (2020) quando aborda a construção dos argumentos teóricos aponta que

Ademais, a teoria deve ter gosto especial pela atenção criativa em relação aos seus constructos de análise conceitual. Ao afirmar que a teoria é uma forma de prática de construção criativa, estamos nos distanciando das várias dicotomias teoria-prática e, conseqüentemente, **colocando fora de questão qualquer visão hierárquica e dicotômica de teoria.** (p. 66, grifo nosso)

Hierarquização e desautorização de saberes e conhecimentos também aparece em outra experiência que vivi no primeiro ano da graduação em Pedagogia (1997) com uma professora de Psicologia da Educação. No primeiro dia de aula, antes de dizer seu nome, ela escreveu na lousa, várias vezes, a letra “T”. Da esquerda para

a direita, começou com um “T” que pegava a altura toda da lousa, usou uma cadeira para poder escrevê-lo e, na sequência, com espaços entre um e outro foi escrevendo a mesma letra em tamanhos menores, até que na outra extremidade da lousa fez um “ponto”. Quando terminou, ela explicou que a letra “T” era de “Teoria ou Teórico”; os “Ts” maiores representavam os grandes filósofos e pais do conhecimento, citou Sócrates e Platão; os “Ts” que vinham na sequência, ainda grandes, mas menores que os primeiros, eram os filósofos do estruturalismo como Descartes, Dewey, Kant entre outros; em seguida a representação dos estudiosos que fundamentavam os princípios da educação Piaget, Vygotsky e Wallon, seguidos de um “T” pouca coisa menor, representando Paulo Freire, Ana Teberoski, Magda Soares, entre outros e, quase na ponta direita da lousa, os “Ts” bem pequenos, segundo ela, eram os estudiosos nas academias, fazendo pesquisas. Nesse momento, ela se apresentou como doutoranda em Educação, uma estudiosa de Vygotsky e, por fim, disse-nos que aquele pontinho, que nem era um “T”, éramos nós que estávamos na graduação.

Quase duas décadas e meia separam-me do primeiro ano da minha graduação e no momento atual, aos olhos daquela professora, seria elevada “de ponto” a um “t minúsculo” na extremidade direita da lousa, posto que hoje estou finalizando a escrita de uma tese. E essas experiências compõem, de alguma forma, a dificuldade que uma pesquisadora em formação tem de escrever para si própria, de se assumir autora da sua itinerância heurística formacional (MACEDO, 2020).

Esse medo, essa necessidade de pedir licença/autorização ou até mesmo da angústia de não ter/saber as respostas às perguntas feitas, também, marca a história dessa tese. Em dezembro de 2019, no final do primeiro semestre do Doutorado, em um encontro de orientação, ouvi a pergunta *“Por que você quer escrever uma tese?”*. Na ocasião, a Claudia, minha “irmã de orientadora”, respondeu prontamente com muita tranquilidade e segurança. Já eu, cheguei a esboçar um constrangido “não sei” e a resposta recebida foi muito objetiva: *“Claro que sabe, senão você não estaria aqui!”* Saí daquele encontro muito aflita, desconsertada e me perguntando se eu seria uma “fraude”, pois não tinha uma resposta. Fiquei meses pensando naquele fim de tarde e buscando uma resposta àquela pergunta, até que um dia a resposta chegou até mim.

Dou-me conta que encontro uma resposta para *“O porque querer escrever uma tese”* no momento em que escrevo o relatório dela, para o Exame de Qualificação. Ali compreendi que narrar as singularidades de como a resposta me chega é a forma que escolho para anunciar como as “trajetórias (im)prováveis” e as mulheres docentes

atravessam e definem algumas perspectivas dessa investigação, também na sob a ótica do autorizar-me.

Em 2021, mobilizada por reflexões de uma das disciplinas que estava cursando, escrevi e publiquei no meu *blog* pessoal, um conto intitulado “Sobre repertórios, ignorâncias e saberes: do sentir ao ser, porque nós temos o direito!”¹⁶. Naquela narrativa, entre outros episódios, narro uma experiência vivida no dia 13/03/2020, momento exato em que a resposta àquela pergunta (*Por que você quer escrever uma tese?*) me encontra.

**Sobre repertórios, ignorâncias e saberes:
do sentir ao ser, porque nós temos o direito!**

Entre o dormir e o acordar...
Entre o sol nascer e o sol se por...
Entre o vir ao mundo e o morrer...
Nos intervalos está o viver!?

Nesse recheio que é amálgama,
Nesse existir que é poesia,
Nesse posicionar-se de cada dia
Encontro faces do meu EU
Que nem mesmo EU conhecia!?

Ela ficou impelida a continuar aquele conto em versos, mas eram tantas as reflexões que voltou para a velha e conhecida forma de se expressar em narrativas, embora, no fundo ainda pensasse: - Não seriam os versos narrativas, então!?

A aula foi de tal forma potente que a exauriu. Quando terminou, um suspiro, um café e um sono profundo... O corpo se entregara. Não necessariamente o corpo biográfico que ela ainda desconhece o conceito, conceito esse anunciado, quase como uma provocação, no texto da Marie Christine Josso, a RB, não sua gata... (Ah, não sabiam? Sim... Ela tem o hábito de colocar em seus bichanos o nome de seus referenciais teóricos. No Mestrado quem a acompanhou foi o TARDIF e agora, em Doutoradolândia, é a Marie, que sim, é Christine Josso e tem sido sua companheira enquanto divaga nas descobertas epistemológicas...).

Mas, voltando a aula e às inquietações provocadas, algumas reflexões não davam lugar para outros pensamentos, por isso a decisão de traduzi-los em palavras, não na expectativa de se ver livre deles, não isso não, mas exatamente para eternizá-los, visto terem resgatado memórias que lhes são muito caras...

"Sinto não ter repertório para essa discussão" ou algo muito próximo disso foi dito por um alguém com olhos ávidos que espelhavam susto, insegurança e vontade! Ela escolheu ficar com a vontade... Vontade de lhe acolher e dizer pra não se preocupar com repertório, leituras, teorias, teóricos... tudo isso é passível de se conhecer, buscar, se aproximar, afinal o mais importante ali era o "querer estar", estar no sentido de ser, existir, coexistir... Aquele olhar (ávido, assustado, inseguro e desejoso) a fez



¹⁶ O texto está disponível em: <https://tudojuntoemisturadosolmultipla.blogspot.com/2021/03/sobre-repertorios-ignorancias-e-saberes.html>

lembrar de que a pouco mais de um ano acolhera um menino, que embora não estivesse na sua frente e por isso não foi possível analisar seu olhar, o conhecia tão bem, visto que o parira, que a voz trêmula e ofegante lhe indicava a amplitude de seus sentimentos. A queixa do filho, muito parecida com esse "Não tenho repertório" era a de um biólogo, formado em faculdade privada, curso não integral que ousara querer compor um grupo de pesquisa num programa de pós-graduação da medicina da USP... Naquele dia, com seu primogênito ao telefone, ela dissera o que gostaria de ter dito na aula hoje: - *Não deixe ninguém dizer que aí não é o seu lugar! Fique firme, anote tudo, depois busque, estude, pergunte, vá atrás... Não interessa se os referenciais de quem está aí são mais amplos e específicos que os seus, o que é importa é que você está aí e aí, também é o seu lugar!* Naquela ocasião ela respirou profundamente, para acalmar a mãe leoa que sentia a cria assustada e ansiosa, e repetiu pausadamente mais uma vez: - ***Não permita que ninguém diga que aí não é o seu lugar!***... Mas hoje, na aula, as acolhidas e a temática de discussão iam exatamente ao encontro de um anúncio tão claro, àquele menino de olhos ávidos, assustados e desejosos, que era como se todo o grupo dissesse: - *SIM, o lugar de cada um e cada uma é aqui, com as suas histórias de vida, suas experiências, seus repertórios e tudo o mais ou o menos que se tem à dispor, a expor, a compor...*

[...]

Um outro recorte da aula que continuava a fazer seu corpo e alma vibrarem foi uma expressão escrita no *chat*: "Humildade da ignorância"... suspirou... respirou... inspirou... exercício do diafragma mesmo... O que seria "Humildade da ignorância?"... Mais uma vez ela se viu como no reflexo de um recorte temporal, também não muito distante, de alguém que se via às voltas por responder, para si e ao mundo, porque queria escrever uma tese... Ah, foram meses com aquela pergunta a lhe rondar: - *Porque, mas porque Deus, ela queria escrever uma tese?* E foi num encontro, nada casual, que ela se viu frente a frente a uma de suas RB, que só não nomeou, ainda, mais uma filha felina com o nome dela, porque simplesmente se entrar mais algum bicho no espaço que ela habita, teme ser expulsa de casa pelo marido, que pasmem, é alérgico a gatos! Mas, voltando ao encontro, ela se vira falando de suas expectativas para com a tese, do projeto inicial e dos primeiros ajustes já realizados. De forma espontânea, quase infantil, partilhou sua angústia: *Não sabia explicar porque queria escrever uma tese...* assim que soltou no ar a inquietação, se viu na necessidade de tentar responder e começou a falar de contribuição social; resposta à inquietações pessoal na relação com a dimensão profissional; talvez por vaidade; quem sabe por superação, visto sua trajetória improvável... Todas aquelas justificativas pareciam, agora ela se dera conta, de que no fundo, o que ecoava quase que num susto, era uma outra pergunta: *"Como a filha de retirantes nordestinos, estudante da escola pública, professorinha, poderia ter se atrevido a querer escrever uma tese?"*... Naquela tarde, uma sexta-feira treze, enquanto tomava café num shopping paulistano, dias antes da pandemia assolar o país, ela viu sua angústia ser acolhida por um olhar quase maternal, da sua RB, e um sorriso cúmplice da sua orientadora... Enquanto a segunda dizia com o sorriso - presta atenção!, a professora Passeggi lhe olhou nos olhos e disse: - ***Você não precisa justificar porque quer escrever uma tese simplesmente porque escrevê-la é um direito que você tem! Enquanto cidadã e enquanto sujeito você tem o D-I-R-E-I-T-O de escrever uma tese, se você escolheu escrevê-la.***





Revisitar e (re)significar essas duas experiências vivenciadas possibilitaria à ela escrever sobre a potência da pesquisa-formação e da abordagem da pesquisa (auto)biográfica, entre outras tantas reflexões...

Mas foi em Paulo Freire que ela encontrou o viés para organizar os pensamentos, na expectativa de poder dizer a cada um e cada uma que ali estava, naquela aula:

Não é sobre repertório... Não é sobre a humildade da ignorância... Mas é sim, sobre o DIREITO de não ter repertório e mesmo assim estar onde se quer estar, com quem se quer estar, estudando o que faz sentido e se quer estudar... É sobre ter o DIREITO da ignorância e mesmo assim dizer: AQUI É O MEU/SEU LUGAR...

Porque afinal, como dizia seu "quase conterrâneo" Paulo Freire, **NÃO EXISTE SABER MAIS OU SABER MENOS, O QUE EXISTE SÃO SABERES DIFERENTES...** e nesse movimento auto-hetero-eco formativo e biográfico, cada um desses saberes importam e tem lugar enquanto cada um e cada uma constitui sua existência e trilha os caminhos da vida-formação...

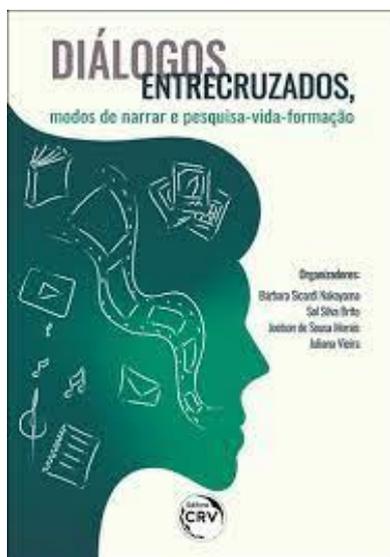
 *Qualquer semelhança com a aula da Professora Bárbara Cristina Moreira Sicardi Nakayma, da disciplina Pesquisa (Auto)biográfica e Formação de Professores, de 23/03/2021, ministrada no PPGED da UFSCar-Sorocaba **não é mera coincidência.**

PS.: Imagens do arquivo pessoal. O livro "O desafio Biográfico" de François Dosset foi sugestão da Professora Maria da Conceição Passegi na tarde em que descobri que sim, tenho o direito de escolher escrever uma tese, sem necessariamente ter que justificar essa escolha...

Encontrar essa resposta e consolidá-la, passa por um espaço/tempo que me é muito caro e do qual me sinto integrante desde o Mestrado, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente (NEPEN). Ainda no início do Doutorado, enquanto ponderava a viabilidade de pensar uma pesquisa tendo as marcas das experiências formadoras nas trajetórias acadêmicas das mulheres nordestinas, olhando para essas trajetórias com a lente do (im)provável, o NEPEN chega ao seu décimo ano de existência. Contribuí com a organização dos arquivos virtuais de sua história e me vi, nesse movimento, totalmente apaixonada pela ideia de investigá-lo enquanto espaço e tempo de pesquisa formação (JOSSO, 2007), na relação com as marcas das experiências formadoras de quem o compõe.

No Relatório escrito para o Exame de Qualificação, produzi uma narrativa intitulada "*Diálogos entrecruzados I: a pesquisa (auto)biográfica, um espaço de pesquisa-vida-formação (NEPEN) e autoria*" que foi retomado e ampliado, posteriormente e, em coautoria com a Professora Bárbara, minha orientadora do Doutorado, veio a compor o capítulo de abertura do primeiro livro do qual participo como organizadora.

Nesse capítulo, em (NAKAYAMA; BRITO; MORAIS; VIEIRA, 2022, p. 20-23), a ideia de “espaço/tempo de pesquisa-vida-formação” é caracterizada a partir do NEPEN, como é possível ver a seguir:



As histórias de vida e as marcas das experiências formadoras dos sujeitos que compõem o NEPEN, que são trazidas pelas e nas narrativas (orais e escritas), bem como por outros a documentação biográfico narrativa, assumem o lugar de mediação do conhecimento de si, na relação com o conhecimento do outro (JOSSO, 2007, p. 419) atribuindo sentido aos saberes e práticas daquelas e daqueles que vivem o NEPEN. Elas, as narrativas, são escritas com o foco nas aprendizagens e conhecimentos: existenciais;

instrumentais; relacionais e reflexivos, a partir de um constructo coletivo para definição dos referenciais que são utilizados como apoio para pensar e dar sentido às experiências narradas.

Considerando Morais e Bragança (2021)

[...] a pesquisa (auto)biográfica em educação tem, nos movimentos formativos, a especificidade de seu projeto *epistemopolítico*. As experiências vividas vão tecendo, em dinâmicas singulares-plurais, uma figura de si e do nós em permanente devir, e a biografização, nas suas diversas formas de expressão, orais, escritas, imagéticas, favorece uma reflexividade potencialmente formadora. Na pesquisa (auto)biográfica a tessitura e a compreensão das fontes narrativas geram movimentos potencialmente formadores. (MORAIS; BRAGANÇA, 2021, p. 5, grifo nosso)

Essas experiências vividas, consideradas “formadoras” no contexto do NEPEN, a partir do conceito construído por Josso (2004, p. 48), “[...] implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação. Articulação que se objetiva numa representação e numa competência.”

Ainda na perspectiva de trazer sentido para o que significa “experiência” no cenário de formação que o NEPEN propõe, cabe convocar Larrosa Bondía (2002) no sentido de assumir que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (p. 21) e, ainda, que

Do ponto de vista da experiência, o importante não é a posição (nossa maneira de pormos), nem a "o-posição" (nossa maneira de opormos),

nem a "imposição" (nossa maneira de impormos), nem a "proposição" (nossa maneira de propormos), mas a "exposição", nossa maneira de "ex-pormos", com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiências aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se "ex-põe". **É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorrer.** (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 21, grifo nosso)

Por fim, considerando os estudos de Ricoeur (2010) e Passeggi (2011),

Pensar sobre as experiências permite que o sujeito "olhe" para o passado e faça uma reflexão do que aconteceu, quer tenha sido um acontecimento não provocado ou provocado; lhe dá ainda a possibilidade de pensar em como está hoje, considerando o que lhe aconteceu, e a partir dessa reflexão projetar o que fará, no seu futuro, agora que tem consciência do que lhe aconteceu no passado. Esse processo de ressignificação de sentidos de uma vivência que passa a ser considerada experiência, nesse contexto de "experiência formadora" é um movimento de olhar/refletir no presente, o que se lhe passou no passado para que possa, consciente e intencionalmente projetar o futuro. (BRITO; NAKAYAMA; MELETTI; FONSECA, 2022, p. 73)

Entre o viver e o partilhar experiências formadoras nos espaços, tempos e atividades de escrita reflexiva oportunizados pelo e no NEPEN, se tem observado que a potência daquele espaço/tempo e fazer formativo evidencia-se nas produções e nos sentidos que se dão a elas. Seja no desenvolver e escrever uma dissertação ou tese; na escrita das memórias dos encontros; ou ainda, em outras produções epistêmico-existenciais que emergem a partir de diferentes dispositivos que convidam à escrita reflexiva, cada vez se tem mais clareza que o NEPEN tem transbordado o conceito de pesquisa-formação, assumindo-se mais, a cada novo semestre, um espaço de pesquisa-vida-formação.

René Barbie (2003, p. 83) aponta que

O pesquisador, na abordagem transversal, não hesita em escutar a si próprio e os outros, e se deixar levar por seu fluxo e refluxo oceânico, de uma maneira criativa e imprevista. Ele é o homem da metáfora, antes de ser o homem do conceito. Liga o que está dividido e distingue o que está confuso. Apaga a fronteira indeterminável entre cérebro esquerdo e direito quando tenta compreender a vida-em-ato. Sabe tomar lugar na estrela cadente do evento e atravessar como relâmpago os reinos adormecidos do instituído. É o mediador da noite e do dia. Seu sol é uma nuvem. Sua areia não constrói o castelo. Viaja não sobre, mas nas imagens. Deixa as tesouras do conceito àqueles que não sabem mais sorrir do quase nada. Sabe que o branco concilia todas as cores. Descobriu na noite a fonte de toda brancura. Afaga na neve a espinha dorsal do incêndio. Percebe na chama uma água mais pura que a esmeralda. Dá o que permanece imutável e acolhe o que falta a cada um.

Assumir a ideia de um espaço/tempo do pesquisar a partir do (auto)biográfico, reconhecendo os rigores e compromissos que o acadêmico exige, evidenciando, porém, que rigores outros podem emergir nesse mesmo cenário e que

podemos ser (re)conhecidos como espaço/tempo de metáforas, para além dos muitos contornos conceituais que por aqui transitam, convida-nos a assumir que somos, enquanto NEPEN, um espaço/tempo de pesquisa-vida-formação.

Espaço/tempo grafado enquanto duas palavras que se integram a partir de uma barra que não quer dicotomizá-las, separá-las ou dividi-las e, sim ter nesse sinal gráfico a indicação de relação indissociável entre espaço e tempo. Um espaço que se constitui na relação com temporalidade; espaço que não é estático, é movimento; tempo que não é cronos, é existencial.

Pesquisa-vida-formação integrando, a partir do hífen, três ações que, no espaço/tempo do NEPEN, são vibrantes, pulsantes, singulares e plurais ao mesmo tempo. Não se pesquisa só; não se vive só; não se forma só. O hífen representa o convite à conectividade do fazer pesquisa com e junto; do viver com e junto; e do formar-se, também com e junto. São ações que se dão no (com)junto enquanto integram o singular dos sujeitos no plural do grupo; o singular do grupo, no plural dos sujeitos. Nesse sentido não se anula ou se deixa de viver para pesquisar; o pesquisar compõe e integra o viver e, no viver, está o formar-se. Formar aqui que nada tem a ver com “colocar-se em forma ou na forma”, mas enquanto ação de se constituir, de ser, de acontecer para, na, e com a vida; de escolher como significar as experiências vividas em experiências formadoras, a partir de um espaço/tempo de pesquisa que é formal, acadêmico e existencial ao mesmo tempo.

É nesse transbordamento conceitual que o cenário do espaço/tempo de pesquisa-vida-formação do NEPEN ganha contornos de coletivo e plural, tendo como cerne de suas ações o respeito e a escuta sensível das singularidades dos sujeitos que o integram. É nesse cenário que as produções que significam uma titulação (dissertações e teses) dialogam horizontalmente com escritas reflexivas que traduzem as subjetividades de experiências formadoras partilhadas, oportunizadas no viver o NEPEN.

Comemorar uma década do NEPEN significou, acredito que não só para mim, tomar consciência desse “transbordar”, conceitualmente, o que se compreende como espaço de pesquisa formação e, de minha parte, emergiu com mais intensidade, o desejo de que a tese fosse atravessada pelo NEPEN. Esse emergir se deu em plena pandemia da COVID-19, sendo importante destacar que mais de dois terços do percurso do Doutorado cursei em contexto pandêmico, marcado pelo isolamento e distanciamento social. As atividades, a partir do virtual e do remoto, garantiram que os estudos e cumprimento das disciplinas fossem realizados, oportunizando o

aprendizado do uso de tecnologias disponíveis, mas que não integravam a cultura acadêmica.

Num primeiro momento, as *lives* (encontros realizados em plataformas virtuais, transmitidas em tempo real em *sites* de comunicação e redes sociais), foram a forma que se encontrou para manter o diálogo entre grupos com interesses afins, bem como propor reflexões sobre os impactos da pandemia nas diferentes áreas da produção acadêmica.

É assistindo a uma dessas *lives* que me encontro com a ideia de autor-cidadão (BARBOSA, 2000) e, esse encontro, que é um momento charneira dos contornos da tese, promove e me mobiliza a buscar a compreensão de um “fazer pesquisa” que considere o sujeito epistêmico, também como sujeito autoral, existencial, cultural e social, iniciando assim a ideia de pensar a pesquisadora-autora-cidadã.

Quem costuma vir de onde eu sou
 Às vezes não tem motivos pra
 Seguir...
 Então levanta e anda, vai!
 Levanta e anda!
 Levanta e anda!
 Mas eu sei que vai, que o sonho te traz
 Coisas que te faz
 Prosseguir
 Levanta e anda, vai... Levanta e anda!

Emicida (2013)

Anunciar a tese... sobre meter o pé na porta e autorizar-me à autoria

Considerar minhas raízes e origem geográfico-social, meus vínculos intergeracionais e, ainda, minha inserção no mundo acadêmico a partir de um espaço/tempo de pesquisa-vida-formação impacta, compõe, integra e atravessa a forma como a tese foi anunciada, ganhando os contornos com os quais se apresenta no momento de sua finalização. Esse itinerário, sob a ótica das escolhas teórico-metodológicas serão tratados na próxima sessão desse texto, no entanto faz-se imprescindível anunciar que desde o projeto de pesquisa apresentado para o processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFSCar-So, a intenção e desejo sempre foi o de investigar as marcas das experiências formadoras, sendo que, no projeto inicial, a proposta era olhar para os fazeres da supervisão de ensino e seus sujeitos.

Porém, foi ao assistir uma *live*, no auge da pandemia da COVID-19 (setembro/2020), que tive a oportunidade de ouvir o Professor Joaquim Gonçalves Barbosa falar dos processos de autoria, de multirreferencialidade e da ideia de autor-cidadão (BARBOSA, 2000) e, aquele contato definiu outros rumos do meu trabalho, em especial quanto a expectativa de apresentar, com a tese, a ideia de pesquisadora-autora-cidadã que nasce em um primeiro momento como pesquisa-cidadã.

Visitando meus registros no Diário da Tese, constato que no dia seguinte a ter assistido a *live*, numa UFSCar vazia e silenciosa, em virtude da quarentena, num ato de busca por sobrevivência e pela ansiedade de respirar um pouco fora de casa, tive uma reunião com minha orientadora, na qual (re)desenhamos o projeto pesquisa trazendo os referenciais abordados pelo Professor Joaquim Barbosa, na relação com o NEPEN enquanto espaço/tempo de pesquisa-vida-formação que, naquele

momento, ainda era identificado como espaço de pesquisa-formação. Naquela tarde, que está eternizada em uma foto que compõe o mosaico de imagens na “MÍMESIS I – O vivido”, a tese ganhava em seus contornos a perspectiva de propor a discussão sobre uma ideia (pesquisadora-autora-cidadã), que emergiria das marcas de autoria nas/das experiências formadoras evidenciadas pela escrita reflexiva, a partir de documentação biográfico narrativa (SUÁREZ, 2015, 2017), produzidas por integrantes do NEPEN.

Essa ideia nasce dos estudos do Professor Joaquim Barbosa (2000) em que apresenta o conceito/ideia de autor cidadão, indicando que

Autor-cidadão, portanto, é uma construção histórica, geográfica, social, psicanalítica, ecológica que, enquanto tal, exige ‘politização’ não só de uma dimensão do sujeito, tal como a econômica ou política partidária, mas da vida em suas várias perspectivas, englobando seu modo de ser e de se expressar. (BARBOSA, 2000, p. 90)

Enquanto construção plural (histórica, geográfica, social, psicanalítica e ecológica), pensar em um autor-cidadão se vincula ao posicionamento epistemopolítico em que Passeggi e Souza (2017, p. 11), indicam a necessidade de que haja um movimento que acolha a voz dos grupos até então silenciados pelas correntes acadêmicas mais tradicionais.

Contra essas correntes positivistas e colonizadoras, os estudos com as histórias de vida em formação e as narrativas autobiográficas, ao priorizar o humano situam-se numa perspectiva *epistemopolítica*, como afirmam Pineau e Le Grand (2012)¹⁷. As narrativas propõem uma nova episteme, um novo tipo de conhecimento, que emerge não na busca de uma verdade, mas de uma reflexão sobre a experiência narrada, assegurando um novo posicionamento político em ciência, que implicam princípios e métodos legitimadores da palavra do sujeito social, valorizadores de sua capacidade de reflexão, em todas as idades, independentemente do gênero, etnia, cor, profissão, posição social, entre outras opções.

Por sua vez, o humano e o existencial denotam uma abordagem de pesquisa multirreferencial, do ponto de vista de que “As ciências da educação não podem ser pensadas separadamente das ciências do homem e da sociedade, das quais elas formam um subconjunto um domínio pertinente a um campo.” (ARDOINO; BERGER, 2003, p. 29-30).

A ousadia do Professor Joaquim Gonçalves Barbosa ao desenvolver um movimento de ensino e aprendizagem que despertasse à autorização para a autoria

¹⁷ PINEAU, G.; LE GRAND, J-L. **As histórias de vida**. Trad. Carlos Eduardo Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFERN, 2012.

(BARBOSA, 2003) trazendo ao cenário de discussão “[...] quem é que ensina e quem aprende, ou uma outra estratificação, quem pode escrever e produzir ciência e teorias e quem deve lê-las [...]” (ABRAMOWICZ, 2000, p. 11) coloca-me na relação com minhas indagações sobre “Por que querer escrever uma tese e o direito de fazê-lo”, considerando que “O sujeito existencial torna-se ao mesmo tempo responsável por sua ação e solidário com todos aqueles que o acompanham em sua realização.” (ARDOINO; BERGER, 2003, p. 50)

Considerando, por fim, que

O autor é, realmente, o fundador, o criador, até mesmo o genitor; seja como for, aquele que se situa e que é explicitamente reconhecido pelos outros como estando na origem de.

[...]

A autorização torna-se o fato de se autorizar, quer dizer, a intenção e a capacidade conquistada de tornar-se a si mesmo seu próprio co-autor, de querer se situar e explicitamente na origem de seus atos, por conseguinte, dele mesmo enquanto sujeito. Ele reconhece, dessa forma, a legitimidade bem como a necessidade de decidir sobre certas coisas por ele mesmo. Sem ignorar, também, os determinismos sociais e psicossociais que interferem necessariamente com ela. [...]. (ARDOINO, 1998, p. 28)

Fazer escolhas, sentir-se coautor de si mesmo, reconhecer-se em um movimento legítimo de produção científica, ainda que com inseguranças e assumindo incompletudes, tem sido o movimento dessa investigação.

Cabe destacar que, entre descobrir-me no direito de escrever uma tese por ter escolhido fazê-lo, como mencionado anteriormente, até o momento em que escrevo o texto que a materializa, tem sido uma longa jornada. Muitos foram os encontros e desafios entre o momento de descobrir-me no direito para, até o autorizar-me e reconhecer-me pesquisadora-autora-cidadão.

Na escrita do relatório que foi submetido ao Exame de Qualificação que, a meu ver, foi uma experiência muito intensa e, também, de um potencial formativo imensurável, em especial, porque a Banca Examinadora integrava as principais referências escolhidas para compor e dialogar com a tese. Muitas e essenciais foram as contribuições recebidas naquele momento, mas ao revisitar minhas anotações, quatro temáticas se evidenciaram em especial, visto que apareceram nas falas de todos os integrantes da banca: a) necessidade de autorizar-me à autoria, visto que o texto apresentado para o Exame de Qualificação trazia um excesso de “pedidos de licença”; b) a utilização da gestação como metáfora, em especial, a perspectiva voltada à biologização e não a sustentar enquanto fio condutor de todo o texto; c)

garantir uma compreensão e clareza da metodologia; d) apresentar a ideia de “mulheres docentes” no plural, quando não tinha clareza que mulheres seriam essas.

Discuti cada uma dessas questões nas reuniões de orientação que se sucederam ao Exame de Qualificação. E, a cada novo diálogo, considerando o processo de construção da tese, a necessidade de olhar atenta e cuidadosamente para o autorizar-me à autoria ganhou destaque, sem desconsiderar, é claro, cada uma das outras indicações da banca.

Algumas das falas ressoaram como ecos, não somente aos meus ouvidos, mas a cada pensamento de continuidade da tese. *“É preciso assumir um posicionamento político de afirmação: “a academia é minha casa”, não há menor – é para termos a coragem de existirmos; se a academia tem um histórico de sofisticar, por uma outra cidadania, temos que criar nossa própria teoria. [...] Toda hora pede licença é preciso arrombar a porta (autorizar-se a ser autora!)” (Professor Joaquim Gonçalves Barbosa); “A construção da voz feminina é essencial – como compor a voz do feminino? – a relação entre o “ter direito” com o “pedir permissão” o tempo todo...” (Professor Daniel Hugo Suárez); “Ter mais consciência da transgressão que se está propondo.” (Professora Ana Lúcia Souza de Freitas) ... Mas nada foi mais intenso e impactante que a recepção da metáfora que balizou a escrita e a organização estrutural do texto, o gestar da tese, identificada ao longo do relatório, mas com duas inserções bem marcantes.*

Na primeira delas, anuncio estar grávida de uma tese, a partir da releitura da letra de uma música de Oscar Jara:

Anúncio poético

*Experiências da, na e com a produção da tese me levaram a aproximar-me do contexto cultural “hispano-hablante” Latino-Americano. As músicas de Mercedes Sosa, Violeta Parra, Marta Gómez e Víctor Jara foram meus companheiros por dias afins. A escrita abaixo, um exercício de autoria que parte de um caminho trilhado cheio de investimentos, esperas, angústias, alegrias, conquistas e algumas frustrações é como escolhi marcar o início desse relatório. A música de Víctor Jara afetou-me de um tanto que precisei manifestar-me também: **Estou grávida de uma tese e tenho o direito de gestá-la, mas só tenho esse direito porque as mulheres docentes que me antecederam fizeram com que as portas ficassem abertas!**¹⁸*

Manifiesto¹⁹
Víctor Jara

Yo no canto por cantar
ni por tener buena voz,
canto porque la guitarra
tiene sentido y razón.

Tiene corazón de tierra
y alas de palomita,
es como el agua bendita
santigua glorias y penas.

Aquí se encajó mi canto
como dijera Violeta
guitarra trabajadora
con olor a primavera.

Que no es guitarra de ricos
ni cosa que se parezca
mi canto es de los andamios
para alcanzar las estrellas,
que el canto tiene sentido
cuando palpita en las venas
del que morirá cantando
las verdades verdaderas,
no las lisonjas fugaces
ni las famas extranjeras
sino el canto de una lonja
hasta el fondo de la tierra.

Ahí donde llega todo
y donde todo comienza
canto que ha sido valiente
siempre será canción nueva

Manifesto
Sol Silva Brito

Eu não gesto uma tese por gestar
nem por ter boas palavras,
escrevo-a porque as palavras
pulsam por sentido e razão.

Muito mais que sentidos
as palavras são como asas,
são como bênçãos,
me santificam e me curam.

Nesse gestar se encontram meus sentidos,
como dissera Larrosa Bondía:
nele me ex-ponho com toda fragilidade e força que
isso encerre.

Não é uma tese gestada enquanto verdade,
nem algo que se queira ver definitivo,
minha escrita, na tese, dá pistas
para alcançar a autoria, autorizar-me.
Que o gestar, a escrita e a tese tenham sentido,
porque nascem das experiências,
experiências essas da vida e da alma
viveres que foram singulares e plurais.
Quisera poder fugir da vaidade que
por vezes acena para mim
querendo se impor, me expor....
mas sei que não é dela que concebo.

Escrevo o que tenho vivido,
na esperança de poder (re)significá-lo, estou
grávida e escrevo uma tese,
porque é meu direito gestar e escrevê-la.

ELABORAÇÃO: a autora para o relatório apresentado ao Exame de Qualificação (2022).

Mais que anunciar-me grávida, a organização estrutural de apresentação do relatório se faz na relação com os momentos de uma gestação: MOMENTO I – Da concepção ao primeiro trimestre: contextos e referenciais teóricos; MOMENTO II – 2º

¹⁸ Fonte da imagem: acervo pessoal.

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uj-3mpjDC8M&t=30s>

trimestre: ultrassom morfológico (percurso metodológico e primeiros achados);
 MOMENTO III – Do 3º trimestre ao parto: Carta-Convite ao devir e, a partir de uma narrativa, externo porque a escolha da gestação como metáfora.

Mas por que a gestação como metáfora?



FONTE: acervo pessoal



Viver a experiência acadêmica é algo que persigo desde o final da graduação em Pedagogia, ou seja há mais de duas décadas. Quando terminei a licenciatura, “ser mãe” com dedicação (quase) exclusiva foi uma escolha. Escrevi sobre isso na dedicatória da minha dissertação,

HISTÓRIAS & DEDICATÓRIAS... Em 2000, ao terminar o curso de graduação em Pedagogia, recusei um convite que passaria a ser, desde então, um sonho a ser perseguido: fazer-me pesquisadora a partir de um programa de Mestrado. **A emoção** me faz *dedicar esse árduo trabalho* aos motivos daquela recusa: LUCAS e FELIPE...Filhos amados, razão e colorido do meu viver! - Naquele momento escolhi vê-los crescer sendo que jamais me arrependi da escolha. [...] (BRITO, 2013, s/p)

Em 2012/2013, ao cursar o Mestrado, senti aflorar com a força de uma foz, o desejo pelo Doutorado, mas o interessante é que não fui buscá-lo enquanto sequência ou continuidade, o que pareceria natural. Mantive-me vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente (NEPEN); participei de algumas atividades extensionistas; em 2016 tive a oportunidade de ser docente e coordenar o curso de Pedagogia de uma instituição de ensino superior privada; mas, somente em 2019 acesso o Doutorado. Esses seis anos entre o Mestrado e o Doutorado marcaram uma ruptura ou a passagem de uma condição existencial extremamente importante para mim, encerro o Mestrado mãe de dois adolescentes e inicio o Doutorado mãe de dois adultos.

A maternidade me constitui e sempre fiz/faço(1) questão de dizer que ser mãe do Lucas e do Felipe, os meninos da foto que abre essa narrativa, é o que significa e dá sentido à minha vida. Aprendi, ainda no Mestrado, com a Professora Bárbara Sicardi Nakayama, minha orientadora, a importância de dizer quem sou, de onde venho e de que lugar falo quando estou à frente de uma ação formativa ou em espaços que demandem uma apresentação. Tenho feito a escolha de sempre me

apresentar, primeiramente, como a mãe do Lucas e do Felipe independente do espaço em que esteja. Nos primeiros trabalhos acadêmicos do Doutorado, já assistida por um terapeuta que me ajudava a viver a síndrome do ninho vazio, vivi momentos em que busquei apresentar-me de outro jeito: a doutoranda, pesquisadora em formação ou pela face da supervisora de ensino, profissional do Ensino Básico na escola pública. O fato é que me perdia, não me reconhecia e, recorrentemente, lá estava eu tendo uma foto dos meninos no segundo slide dos trabalhos acadêmicos apresentando-me, mais uma vez, a partir da maternidade.

Foram momentos de angústia que marcaram e, ainda marcam um (re)descobrir quem sou para além da mãe e, com isso, tentar entender que ao apresentar uma produção acadêmica num evento, numa disciplina ou num encontro formativo, quem o faz não é, em primeira instância, a mãe do Lucas e do Felipe, mas sim, a doutoranda, a pesquisadora em formação, que por sua vez, também não se desvincula de sua face materna, visto que é um sujeito singular e plural.

Escolher trazer essas nuances da mulher/mãe que tem que lidar com a realidade dos filhos saindo do ninho, prestes a se tornar avó do primeiro neto, enquanto vive a experiência de cursar um Doutorado e produzir uma tese, ao mesmo tempo que assumo que a pesquisa se dará a partir da pesquisa (auto)biográfica (PASSEGGI; SOUZA, 2017) é escolher escancarar as faces que ao mesmo tempo que afetam, estão sendo afetadas pelo percurso da tese; é dizer que encontrei no movimento de produção de conhecimento científico, a possibilidade, ainda que metaforicamente, de parir novamente. ***Metaforizar a escrita da tese com a gestação, talvez seja a forma que encontrei de preencher o espaço de um ninho que está ficando vazio.***

Ao organizar as ideias para escrever essa narrativa sobre a metáfora da gestação, senti que precisava dizer que escolher assumi-la, enquanto marca de um percurso, está para além de uma questão semântica, visto que é uma escolha comprometida com o “ex-por” (LARROSA BONDÍA, 2002), o desnudar-se, a entrega, uma entrega inteira. Nesse sentindo, já havia tentado a leitura de “A metáfora viva” (RICOEUR, 2000), obra densa demais para minha possibilidade de compreensão, no entanto, diante do ato de escrever sobre minha metáfora, numa perspectiva mais singular, retomei o livro no capítulo em que o autor trata da metáfora na relação com a semântica do discurso (Estudo III). Nele Ricoeur aponta que “[...] a definição real de metáfora em termos de enunciado não pode eliminar a definição nominal em termos de palavra ou nome, na medida em que a palavra continua a ser portadora do efeito de sentido metafórico. [...]” (p. 108)

Sendo assim, cabe a mim assumir que a metáfora da gestação para minha tese é tanto um movimento de atribuir sentido (SOUZA, 2014), principalmente para mim, quanto uma escolha semântica, apesar da semântica ter vindo primeiro.

Descobrir a metáfora da minha tese careceu de tempo e percursos trilhados. Tenho usado a expressão “gestar uma tese” sem, no entanto, fazer uma reflexão aprofundada dela, não a via ou percebia como uma metáfora, mas, sim, um jeito de identificar o movimento que vivia. Sem me dar conta de que já tinha uma metáfora, no penúltimo encontro de um Seminário realizado pela Udelar – Universidad de la República Uruguay, que participei enquanto aluna de um programa de mobilidade e internacionalização, ao ver a Profa. Dra. Aline Dorneles falar sobre a metáfora da sua tese (DORNELES, 2016), considerando que o encontro era por uma plataforma virtual, escrevi no *chat* que também queria ter uma metáfora e que iria procurá-la. Na ocasião, ela respondeu que “Não precisamos procurar ou buscar nossa metáfora, bem como não há obrigatoriedade em ter uma, mas quando é para acontecer, ela chega até nós.” (DORNELES, 2021)

Pouco tempo depois, assim como dissera à Professora Aline Dorneles, a metáfora se desvelou a mim. Era uma tarde de quarta-feira, estava em uma aula do Doutorado e acompanhava os colegas de turma apresentarem seus “memoriais formativos” sobre o percurso da disciplina que cursávamos. Um parceiro de PPGEd e de NEPEN usou a metáfora do quebra-cabeças para apresentar sua atividade final, naquele momento, enquanto eu o ouvia falar de forma tão apaixonada das peças que dispunha e que já havia encaixado no quebra-cabeças de seu percurso formativo, como em um cair o véu, entendi que chamar minha tese de embrião, dizer que estou gestando-a e que haverá o momento de parir, não era uma escolha puramente semântica, mas, acima de tudo, metafórica.

[...] a definição real de metáfora em termos de enunciado não pode eliminar a definição nominal em termos de palavra ou de nome, na medida em que a palavra continua a ser a portadora do efeito de sentido metafórico; é da palavra que se diz tomar um sentido metafórico; eis por que a definição de Aristóteles não é abolida por uma teoria que não se refere mais ao lugar da metáfora no discurso, mas ao próprio processo metafórico (RICOEUR, 2000, p. 108)

A metáfora do produzir uma tese como uma gestação, na relação com esse momento em que escrevo o relatório para o Exame de Qualificação, tem sido considerado, por mim, como um preparar para a realização do “ultrassom morfológico”. A apreensão por descobrir algo que indique que o bebê não está bem é desesperadora, por outro lado, saber que haverá uma investigação detalhada no sentido de oportunizar que a bebê/tese receba os cuidados que sejam necessários, é tranquilizador.

Enfim, enquanto mãe vivo a experiência do voo dos filhos e a chegada do primeiro neto; enquanto pesquisadora em formação estou gestante de uma tese, que perpassa pelo (auto)biográfico. Ao mesmo tempo que compreendo a necessidade e aprendo a torcer pelo voo dos filhos, desejo que a bebê/tese, quando parida, também alce nuvens longínquas. Aproveito para registrar que a imagem de ultrassom que abre a escrita dessa narrativa, ao lado da foto em que estou com meus filhos, é do ultrassom morfológico do Caê, meu netinho que está a caminho.

 Nota (1): A maternidade, enquanto contrato vitalício, não se manifesta ou se vive num tempo passado ou presente, por isso a escolha de usar “passado/presente”, nesse caso, fiz/faço.

A recepção da banca ao uso dessa metáfora, como apontei acima, foi na direção de considerá-la sob uma ótica menos biológica, bem como de aprofundar minha compreensão sobre o uso delas, de forma que pudesse sustentá-la do começo ao fim do texto. Na ocasião fui muito pontual em dizer que “*Não abriria mão da metáfora!*”, talvez naquele momento, como forma de posicionamento autoral.

No entanto, agora que apresento a versão final da tese, preciso assumir que aquela metáfora foi importante para aquele momento, considerando as reflexões existenciais que fazia quando escrevi o relatório para o Exame de Qualificação. Lá, a autora precisava lidar com “seu ninho vazio” e, fazê-lo na relação com o que produzia na dimensão acadêmica, foi uma das linguagens possíveis que, agora, perde seu sentido.

Logo, abrir mão de uma metáfora que me foi tão cara e necessária amplia horizontes e possibilidades de pensar numa escrita autoral que represente uma itinerância heurística que me permite (re)desenhar forma e conteúdo, a partir das marcas que as minhas produções tatuaram em mim.

Há uma conexão em todos esses movimentos e episódios, do anunciar-me “filha de retirantes nordestinos” a perseguir os passos da minha tia, considerando os vínculos intergeracionais; tentar me situar e me reconhecer no cenário acadêmico para além de “um ponto” no canto direito da lousa; compreender e atribuir novos sentidos a “quem sou” considerando que os filhos cresceram e voaram, definitivamente é uma tarefa existencial que requer muito, em especial, de quem se lança a uma aventura (auto)biográfica (ABRAHÃO, 2004).

A complexidade que envolve assumir-se autora e autorizar-se numa perspectiva heurística, esbarra nas condições e perspectivas existenciais e para mim,

isso emergiu com uma força tão intensa que necessitei da gestação, enquanto metáfora condutora da escrita e organização textual.

No entanto, essa aventura de itinerância heurística, ganha contornos de emancipação quando investe na ideia da pesquisadora-autora-cidadã na perspectiva de compreender que escrever uma tese é um direito que precisa ser pensado na relação com o compromisso ético e político, em especial, porque o espaço em que é produzida é uma instituição pública.

Considerar minha história de vida, a partir do (auto)biográfico, tem sido uma mola propulsora para desenvolvimento desse trabalho. As experiências vividas ao longo desse percurso ajudaram-me a tomar consciência que esse direito só me é/tem sido garantido porque outras e outros que me antecederam tem, em suas próprias histórias, as marcas do (im)provável que também carrego comigo. Acredito que, por terem tais marcas, desenham propostas de Programas de Pós-Graduação, com a oferta de disciplinas, cursos de extensão, entre outras ações formativas que oportunizam que portas possam se abrir àquelas e àqueles que queiram ocupar e viver os espaços/tempos do produzir conhecimento, do fazer ciência.

Não obstante, a ambiência acadêmica não é o mote mais importante, embora haja compromissos específicos com esses meandros. Assim como há pessoas pensando esses espaços, enquanto cidadã, também preciso assumir meu compromisso com os muitos outros com quem convivo pessoal, profissional e socialmente e encarar o caráter emancipatório e emancipador (FREIRE, 1987), que esse processo formativo oportuniza-me é um dos principais objetivos quando apresento a ideia de pesquisadora-autora-cidadã, que será anunciado a partir de Cartas Pedagógicas (FREITAS, 2020c; CAMINI, 2021; VIEIRA, 2019).

Não posso terminar esse movimento de anunciar e apontar a relevância da tese, sem demarcar que a escolha por usar a lente do acadêmico de forma alguma quer negar ou tirar a legitimidade de saberes e conhecimentos produzidos em outros espaços, em especial, o da escola e seu cotidiano. Pelo contrário, antes da pesquisadora, sou a trabalhadora da educação, que está inteira nessa tese, logo essa investigação pauta-se na discussão de uma trajetória (im)provável que caminha por experiências formadoras de muitos espaços, no entanto, a problematização se dá no contexto da produção de uma tese e, por isso, o espaço acadêmico, na relação com o ser docente, está em evidência.

Esse cuidado com as dimensões existencial, profissional e social da pesquisadora-autora-cidadã evidencia-se quando faço a escolha de inventariar as produções escritas, realizadas no recorte temporal do Doutorado e, a partir delas buscar as marcas dos tempos e espaços de formação; da relação autoria e criação; das experiências e reflexões emancipadoras; dos medos e desafios; da relação vida na academia e academia na vida; e, do papel do coletivo e plural, do NEPEN, nas minhas descobertas singulares, bem como, da importância das relações e articulações estabelecidas com o processo de orientação.

Por fim, cabe mais um anúncio...A tese se configura a partir das aprendizagens que emergem da compreensão do círculo hermenêutico de Paul Ricoeur (2010). Inspirada em Passeggi (2011) considero:

- a) (MÍMESIS I) – O VIVIDO – **PRÉ-FIGURAÇÃO**: Quais as experiências que marcaram a minha vida e a produção desta tese?;
- b) (MÍMESIS II) – O NARRADO – **CONFIGURAÇÃO**: O que essas experiências fizeram comigo?;
- c) (MÍMESIS III) – AS REFLEXÕES SOBRE/COM O NARRADO – **REFIGURAÇÃO**: O que faço, agora, com o que isso me fez?

DISPOSITIVO 2 – (Narrativas)

A ITINERÂNCIA TEÓRICO-METODOLÓGICA

*ou se é positivista ou materialista dialético,
ou se é marxista ou se segue Augusto Comte!
ou se faz pesquisa quantitativa e esquece a perspectiva quali,
ou considera a compreensão e esquece os gráficos!*

*quem olha para a subjetividade não faz ciência,
quem faz ciência não considera a subjetividade!*

*é uma grande pena que não se possa
encontrar um “entrelugar”! – queremos um entrelugar?
ou seguimos o rigor do método e não somos autores,
ou somos autores e fazemos o que com o rigor do método?
ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivemos, nós que pesquisamos, escolhendo o tempo inteiro!*

*não sei se considero o sujeito, não sei se considero “o eu e o outro”,
se saio correndo com as normas da ABNT nas mãos, ou se fico tranquila.
mas, já temos pistas para entender
qual é melhor: e pode ser isto e aquilo...*

Sol Silva Brito²⁰

Desde minhas primeiras incursões ao mundo da produção científica, ainda na graduação em Pedagogia, nos idos anos de 1987, propor/definir um referencial teórico-metodológico, ou mesmo uma metodologia, sempre foi, para mim, um dos grandes desafios. Pensamentos determinantes e herméticos como “*É o fato de ter/seguir, rigidamente, uma metodologia que garante que o trabalho é científico*” ou “[...] *nunca esqueçam da importância de definir e seguir, rigorosamente, cada passo da metodologia*”²¹ são marcas que me constituem e, ainda que escolha pesquisar a partir de abordagens ou paradigmas cujos rigores são outros é comum, vez ou outra me cobrar a sistematização e o desenho de uma “*ME-TO-DO-LO-GIA*”.

Essa necessidade de estruturar, sistematizar e desenhar, não necessariamente uma metodologia, mas o percurso trilhado, que integra escolhas teórico-metodológicas, por vezes, agora no Doutorado me soou paradoxal ou contraditório, visto que a escolha pela pesquisa (auto)biográfica propõe, não de hoje, uma discussão mais ampla sobre métodos e, de minha parte, haver o interesse pela

²⁰ Adaptação do Poema “Ou isto ou aquilo” de Cecília Meireles. Produção feita como atividade de uma disciplina cursada durante o Doutorado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 2021, atualizada para compor a versão final da tese.

²¹ Memórias da fala do Professor da disciplina Metodologia do Trabalho Científico no curso de graduação em Pedagogia na Universidade de Sorocaba (UNISO) em 1997.

transgressão na/da forma. Nesse sentido, cabe destacar o interesse em apresentar uma “tese-dispositivo” em que, no lugar de capítulos tivesse diferentes “dispositivos de escrita reflexiva”, sendo alertada pela banca do Exame de qualificação sobre o quanto uma “miscelânea” de gêneros textuais prejudicam a compreensão da produção enquanto obra. Cheguei a fazer algumas reflexões na direção de que estava “maquiando” a tal da “transgressão da forma”, visto que, em suma, continuava/continuo apresentando um texto acadêmico que não fugia/foge do clássico: Introdução; Capítulo Teórico; Metodologia; Análise; Apresentação de resultados e Conclusão, o famoso (I-D-R-C) – Introdução, Desenvolvimento, Resultados e Conclusão.

Nesse cenário e, em especial quanto ao método, corroboro com Resende Júnior (2015, p. 386), no sentido de compreender que, “[...] aquilo que efetivamente orienta o cientista não são os métodos que ele elenca no seu projeto de pesquisa, no famigerado item “metodologia”, mas sim os fins cognitivos visados na pesquisa.”, em especial, quando se trata da pesquisa (auto)biográfica.

Nesse sentido, quero assumir não um compromisso com a apresentação de uma metodologia ou percurso metodológico, mas, sim, compartilhar como a experiência de produção dessa tese foi vivida a partir da perspectiva de seu itinerário teórico-metodológico. Considerando as contribuições de Macedo (2020), a ideia é compreender que pesquisa em educação se faz para além de seguir, passo a passo, um método, mas sim “[...] com autorização, inventar o método, porque pesquisar é sempre um desafio, uma aventura pensada e valorada, uma experiência de *autorização curricular-formacional* de alta complexidade” (MACEDO, 2020, p. 14, grifo do autor).

O referido autor ainda aponta que

Cabem ainda algumas considerações sobre a pesquisa em Ciências da Educação implicada aos cenários da Educação Universitária. Marcada por uma complexidade singular em face da sua pluralidade irreduzível, as Ciências da Educação demandam uma inerente abordagem multirreferencial, porquanto clamam sempre por um reconhecimento sem luto da sua plural experiência heurística e formacional. Destarte, vinculada sempre em completude e ao complementarismo epistemológico, elas convivem de forma híbrida com ciência e arte, nem por isso menos socialmente pertinentes e científicas. É nesses termos que sintetiza na sua complexidade epistemológica, ciência, existência arte e formação. (p. 17)

Nessa perspectiva de compreender o movimento de produção de uma tese, enquanto itinerância heurística, para além da ideia de percurso, enquanto **metodologia** quero me apoiar, também, nas ideias de Ribeiro (2019),

Esta ideia – a de que pesquisar é criar uma narrativa de pesquisa –, presente na proposição de Clandinin e Connelly (2015)²², aporta-se na teoria narrativa de Ricoeur (2010)²³, a qual apresenta o ser humano como animal narrativo, de modo que a compreensão de si, da vida e dos fenômenos sociais, culturais etc. são possíveis a partir e graças à construção de uma narrativa sobre nós mesmos e sobre o mundo que vamos fazendo com a herança que nos é passada, isto é, com os diferentes e múltiplas narrações que nos vão sendo apresentadas e que vão nos apresentando o mundo: relações, filmes, lugares, pessoas, livros, histórias etc.

Nessa perspectiva, compreendo que **metodologia não é (apenas) uma questão de método**, de modos de fazer pesquisa. Pelo contrário, situa-se nas dobras do pensamento: **tem a ver com o que estamos sendo e a partir de onde pensamos**. Tem a ver com a maneira como nos posicionamos diante do conhecimento e da possibilidade de sua produção, com uma política de conhecimento. Ao falar de metodologia, com letra minúscula (o que talvez demonstre o quão habitado pelas dicotomias ainda sou), refiro-me a uma dialógica entre ética, epistemologia, política e método. **Um percurso que vai sendo construído e reconstruído no processo de investigação, frente a desafios, perguntas e incômodos que vamos sendo capazes de tecer e sentir no movimento de investigar [...].** (p. 90, grifo nosso)

Nesse contexto, ao me assumir “sujeito (auto)biográfico”, buscar posicionar-me sobre como penso e de onde esses pensamentos emergem, buscar dialogar com múltiplos referenciais e anunciar uma tese que se constitui em um movimento de construção e (re)construção, faz sentido escolher compreender o “metodológico” na relação com o processo de investigar, que compõe de forma singular e heurística os meandros dessa produção. Uma itinerância heurística que foi desenhando e (re)desenhando esse trabalho em diversos momentos e que, considerando as marcas da minha formação, não numa perspectiva cartesiana ou de me colocar dentro da caixa, embora fosse assim que me sentisse em alguns momentos, reconheço e assumo que, também, é no movimento do estruturar, sistematizar, colocar as informações em quadros e expressar-me por figuras e desenhos, que a pesquisadora em formação que habita em mim, se revela, se autoriza e encontra ferramentas para a criação.

Dito isso, anuncio a escolha de apresentar, a partir de Narrativas, os registros do processo e itinerância heurística na construção da tese, a partir do publicizar os

²² CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa**: experiências e história em pesquisa qualitativa. 2. ed. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.

²³ RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa 2**: A configuração do tempo na narrativa de ficção. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

exercícios e movimentos realizados para sistematizar as ideias que foram se (re)desenhando e se (se)significando. Meu “Diário da Tese”, um caderno físico, com uma versão digital, bem como outras produções realizadas ao longo do Doutorado, são as fontes para contextualizar as expectativas de cursar o Doutorado, externada logo ao terminar o Mestrado (2013); os andaimes e caminhos percorridos (2019 a 2022); e, as escolhas e possibilidades que definiram os contornos finais dessa investigação (2023), na expectativa de que essa aventura pensada, que é pesquisar (MACEDO, 2020), seja compreendida, de fato, como uma obra.

Cabe dizer, ainda, enquanto nota explicativa, que essas narrativas têm o objetivo de compartilhar os diferentes **momentos da tese**, com ênfase aos ajustes dos contornos da investigação, a saber: a) das expectativas de cursar o Doutorado até os andaimes e caminhos percorridos enquanto doutoranda em educação; b) os contornos finais da tese; e, c) apresentação da heurística da análise. Antes, porém, partilho um movimento que intitulei “tempos da tese”, que escolho apresentar precedendo o narrar.

Quadro 1 – Os momentos da tese

	PROJETO DE PESQUISA	PRÉ-QUALIFICAÇÃO	EXAME DE QUALIFICAÇÃO	TESE
TÍTULO	EXPERIÊNCIAS FORMADORAS / CICLO DE VIDA PROFISSIONAL; SUPERVISÃO DE ENSINO / FORMAÇÃO DE FORMADORES: NARRATIVAS QUE BUSCAM (RE)VELAR MARCAS E RELAÇÕES	DO SUJEITO EM FORMAÇÃO À PESQUISADORA-AUTORA-CIDADÃ: POTÊNCIAS DE UM GRUPO DE PESQUISA.	DOCUMENTAÇÃO BIOGRÁFICO NARRATIVA EM ESPAÇOS DE PESQUISA-VIDA-FORMAÇÃO: UM DIÁLOGO DA PESQUISADORA-AUTORA-CIDADÃ COM AS TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS DE MULHERES DOCENTES	Título na defesa: PRODUZIR CIÊNCIA, PRODUZIR A VIDA: POR UMA PEDAGOGIA DA ESCRITA NO PROCESSO DE CONSTITUIR-ME PESQUISADORA-AUTORA-CIDADÃ Título final: PESQUISADORA-AUTORA-CIDADÃ: POR UMA PEDAGOGIA DA ESCRITA DE SI EM ESPAÇOS/TEMPOS DE PESQUISA-VIDA-FORMAÇÃO
TEMA	O perfil; os saberes e os fazeres; a dimensão da ação; e, a constituição da identidade do supervisor de ensino, a partir de narrativas (auto)biográficas.	As experiências formadoras e a pesquisa-formação sob a ótica das potencialidades de um grupo de pesquisa.	Marcas de autoria das experiências na formação docente na relação com a pesquisa (auto)biográfica, dispositivos narrativos e a pesquisa formação.	Marcas de autoria nas escritas reflexivas, a partir de dispositivos biográficos-narrativos, produzidos em espaços de pesquisa-vida-formação, na relação com a pesquisa (auto)biográfica no campo da formação docente.
PROBLEMA	A partir de narrativas (auto)biográficas escritas no contexto de uma pesquisa-formação, quais são e como se evidenciam as marcas das experiências formadoras, considerando o ciclo de vida profissional dos supervisores de ensino, no que se refere a como se constituem “formador de formadores” de professores da educação básica?	Considerando as marcas das experiências formadoras, como se constituem os sujeitos que integram o espaço-tempo do NEPEN enquanto pesquisadores-autores-cidadãos?	Que marcas de autoria emergem de experiências formadoras, reveladas nos processos de constituição de mulheres docentes que fazem pesquisa e, integram espaços de pesquisa-vida-formação, que estão concebidos na relação com a pesquisa (auto)biográfica e com os dispositivos de documentação narrativa?	Que/quais marcas de autoria emergem das/nas escritas reflexivas realizadas em contextos de pesquisa-vida-formação, a partir de dispositivos biográficos-narrativos e, que/quais sentidos e significados uma doutoranda pode atribuir à essas marcas no processo de tornar-se uma pesquisadora-autora-cidadã?
OBJETIVOS	GERAL: Compreender quais são e como se evidenciam as características das marcas das experiências formadoras e, ainda, como elas emergem ao longo do ciclo de vida profissional. OBJETIVOS ESPECÍFICOS: <ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar as marcas que compõem/delineiam as experiências formadoras dos supervisores de ensino com foco no papel de formador de formadores de professores e profissionais da educação básica; • Compôr, explicitar e anunciar “dispositivos/movimentos” que serão utilizados como “disparadores” ou “provocadores” para que os registros das narrativas aconteçam, na expectativa de: a) oportunizar que as experiências formadoras sejam identificadas, discutidas e problematizadas; b) compreendê-los; • Apresentar os princípios epistemológicos e metodológicos que compõe a abordagem (auto)biográfica, enquanto corrente pedagógica; 	GERAL: desenvolver o conceito “autor-pesquisador-cidadão”, que se origina dos estudos e investigações do Prof. Joaquim Barbosa (2000) que, desde sua tese de doutoramento, apresenta os espaços educativos (salas de aula) a partir da perspectiva da multirreferencialidade apontando os docentes e profissionais da educação como autores cidadãos. OBJETIVOS ESPECÍFICOS: <ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar as marcas que compõem/delineiam as experiências formadoras dos sujeitos, a partir de pesquisa-formação realizada no NEPEN; • Compôr, explicitar e anunciar “dispositivos/movimentos” que serão utilizados na pesquisa-formação na expectativa de: a) oportunizar que as experiências formadoras sejam identificadas, discutidas e problematizadas; b) compreendê-los; • apresentar os princípios epistemológicos e metodológicos que compõe a abordagem (auto)biográfica, enquanto corrente pedagógica; • Apresentar o conceito de pesquisador-autor-cidadão. 	GERAL - promover um diálogo entrecruzado com o conceito de autor-cidadão (BARBOSA, 2000) pela lente de mulheres que integram espaços de pesquisa-vida-formação para apresentar a ideia de “autora-pesquisadora-cidadã”. OBJETIVOS ESPECÍFICOS: <ol style="list-style-type: none"> Mapear características que legitimam os espaços/tempos de pesquisa-vida-formação na relação com os pressupostos teóricos-metodológicos da pesquisa (auto)biográfica. Inventariar as características que legitimam os dispositivos narrativos enquanto referenciais para/de documentação narrativa em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação. Identificar as singularidades dos processos de autoria das experiências formadoras de mulheres docentes que integram espaços/tempos de pesquisa-formação, a partir do diálogo, tendo as Cartas Pedagógicas como biográfico narrativo. 	GERAL: <i>compreender o processo do constituir-se pesquisadora-autora-cidadã, a partir das experiências com dispositivos biográfico-narrativos, em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação.</i> ESPECÍFICOS <ol style="list-style-type: none"> Compreender o papel dos dispositivos biográfico-narrativos, no percurso do Doutorado, a partir da produção escrita em contextos de pesquisa-vida-formação; (NEPEN) Compreender a experiência da escrita reflexiva, via dispositivos biográfico-narrativos, como possibilidade de identificar e problematizar as marcas de autoria e os caminhos onde elas levam. (EU) Compreender como uma Pedagogia da Escrita, mobilizada pelo trabalho com os dispositivos biográfico-narrativos no processo de investigação (auto)biográfico, pode promover a tomada de consciência do “autorizar-se à autoria contribuindo para o reconhecimento e o assumir-se pesquisadora-autora-cidadã. (A TESE)

	PROJETO DE PESQUISA	PRÉ-QUALIFICAÇÃO	EXAME DE QUALIFICAÇÃO	TESE
METODOLOGIA	<p>A pesquisa estará pautada na abordagem (auto)biográfica e o método escolhido para seu desenvolvimento é a “pesquisa-formação”, que visará oportunizar, por meio de seminários de formação, a (re)significação de sentidos a partir das reflexões individuais e coletivas advindas das narrativas. Buscar a articulação entre “experiência formadora”, “ciclo de vida profissional” e “formação de formadores”, além de atender a alguns anseios pessoais da pesquisadora, tem por expectativa apresentar possíveis contribuições para a potencialização de ações formativas em outros espaços e contextos.</p>	<p>Cabe destacar que buscar compreender “como se constituem os sujeitos” se insere na expectativa de que a problemática apresentada também revele os “dispositivos/movimentos” que são/serão utilizados como “disparadores” ou “provocadores” para que os registros das narrativas e outras estratégias aconteçam, no âmbito da pesquisa-formação, que será uma das escolhas metodológicas do trabalho que se apresenta. Considerando que esses “dispositivos” deverão ser construídos ao longo da pesquisa, não é possível apresentá-los nesse momento, mas, não apontar essa intenção seria deixar incompleta as expectativas da pesquisadora, visto que se faz importante conhecer que/quais dispositivos se evidenciam nos estudos oportunizados no NEPEN. Nesse sentido ainda, cabe destacar que o Diário de Pesquisa (HESS, 2005) e as Cartas Pedagógicas (FREITAS, 2020c) também são apostas para a organização de registros e produção de dados, esses últimos sob a ótica da abordagem (auto)biográfica.</p>	<p>Análise dos inventários</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Biografizar o NEPEN (SOUZA, 2014): <ul style="list-style-type: none"> ➢ Estrutura e organização dos espaços/tempos ➢ Acontecimentos realizados/oportunizados; ➢ Outras características. 2. Indicar as características que configuram espaços acadêmicos como sendo de pesquisa-vida-formação. <p>Análise dos inventários (SOUZA, 2014) A partir do que esse trabalho assume como dispositivos e documentação narrativa das experiências pedagógicas (SUÁREZ, 2015)</p> <p>inventariar as características:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➢ das mediações; ➢ da escrita das memórias dos encontros; ➢ dos pareceres produzidos para as arguições da “Pré-qualificação” dos projetos de dissertações e teses; ➢ das narrativas produzidas no contexto do NEPEN; ➢ dos memoriais acadêmicos publicados nas dissertações; <p>Documentação narrativa das experiências pedagógicas</p> <ul style="list-style-type: none"> ➢ Definir critérios para convidar outras mulheres docentes que comporão a última parte da pesquisa (NEPEN e outros espaços); ➢ Estruturar a proposta da documentação narrativa de experiências pedagógicas (SUÁREZ, 2015); ➢ Formalizar o convite a partir de uma Carta Pedagógica; ➢ Desenvolver o movimento de documentação narrativa, tendo as Cartas Pedagógicas (FREITAS, 2020c) como dispositivo narrativo. 	<p>Inventário, Curadoria e Análise</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Biografizar o NEPEN (SOUZA, 2014): <ul style="list-style-type: none"> ➢ Estrutura e organização dos espaços/tempos; ➢ Acontecimentos realizados/oportunizados; ➢ Outras características. 2. Indicar as características que configuram espaços acadêmicos como sendo de pesquisa-vida-formação. <p style="text-align: center;">Percepções do presente.</p> <p>Inventário, Curadoria e Análise</p> <ul style="list-style-type: none"> ➢ (Re)fazer/(Re)contar os caminhos do Doutorado e da tese, a partir das minhas produções, sob a ótica dos momentos (temporalidade/Ricoeur) e experiências vividas (emancipação/Paulo Freire); <p style="text-align: center;">Narrar o presente considerando o passado.</p> <p>Novos escritos para um inventário que estará sempre em construção:</p> <p>Cartas que anunciam:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➢ Ser, se enxergar e se assumir pesquisadora-autora-cidadã ➢ Por uma Pedagogia da Escrita <p style="text-align: center;">Pensar/Narrar o futuro considerando as possibilidades de compreensão do presente a partir das aprendizagens do passado.</p>
REFERENCIAIS TEÓRICOS	<p>O arcabouço teórico indicado para a discussão sobre “experiência formadora” será JOSSO, 2004 e 2007 e LARROSA BONDÍA, 2002. Já as narrativas (auto)biográficas serão problematizadas sob a ótica de BERTAUX, 2010; BOLÍVAR, 2001; FERRAROTTI, 1987; JOSSO, 2004 e 2007; JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002; MILLS, 1982; NÓVOA, 2010). E as questões sobre formação de formadores e ciclo de vida profissional serão tratadas a partir dos estudos de VAILLANT (2003); GARCÍA e VAILLANT (2017) e, HUBERMAN (1989), respectivamente.</p>	<p>O arcabouço teórico contemplará, entre outros, os estudos de: BOLIVAR (2001); FERRAROTTI (1987); NÓVOA (1987); JOSSO (2004); PASSEGGI (2011); BERTAUX (1981); JOVCHELOVITCH (2002); a corrente francófona que integra, além de Marie-Christine Josso, já indicada, Domicé, Pineu e Delory-Momberger. A pesquisa contará com dois percursos metodológicos, a análise de documentos (CELLARD, 2012) e a pesquisa-formação (JOSSO, 2004 e 2007).</p>	<p>A existencialidade (BARBIER, 2003 e FERREIRA, 2007); escritas reflexivas na pesquisa (auto)biográfica (PASSEGGI, 2021 e PASSEGGI e SOUZA, 2017); Cartas Pedagógicas (FREIRE, 2000; CAMINI, 2021; FREITAS, 2020c; DICKIMANN, 2020); Diários de Pesquisa (BARBOSA e HESS, 2010); Diários de Registro (FREITAS et. al., 2017); Metáforas (RICOEUR, 2000); Narrativas (SOUZA, 2004); Inventários (PRADO et. al. 2018); dispositivos de uma documentação narrativa (SUÁREZ, 2015); autoria (BARBOSA, 2000); emancipação (FREIRE, 1987); trajetórias (im)prováveis (PASSEGGI, 2015); experiências formadoras vivenciadas em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação (JOSSO, 2004 e 2007).</p>	<p>A existencialidade (BARBIER, 2003 e FERREIRA, 2007); escritas reflexivas na pesquisa (auto)biográfica (PASSEGGI, 2021 e PASSEGGI e SOUZA, 2017); Cartas Pedagógicas (FREIRE, 2000; CAMINI, 2021; FREITAS, 2020c; DICKIMANN, 2020); Diários de Pesquisa (BARBOSA e HESS, 2010); Diários de Registro (FREITAS et. al., 2017); Metáforas (RICOEUR, 2000); Narrativas (SOUZA, 2004); Inventários (PRADO et. al. 2018); dispositivos de uma documentação narrativa (SUÁREZ, 2015); autoria (BARBOSA, 2000); emancipação (FREIRE, 1987); trajetórias (im)prováveis (PASSEGGI, 2015); experiências formadoras (JOSSO, 2004 e 2007) vivenciadas em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação (BRITO e NAKAYAMA, 2022).</p>

Narrativa I – Das expectativas de habitar Doutoradolândia aos andaimes e caminhos percorridos

No dia da defesa da dissertação intitulada *Estágio remunerado, formação, profissionalização e precarização do trabalho docente: um estudo a partir do programa “residência educacional”*, quando finalizei o Mestrado em Educação no PPGEd da UFSCar-So entrego aos presentes um marca-página que eu mesma produzi no qual escrevi:

Bem-vindo à “Dissertolândia”!

Em Março de 2012 conheci um lugar muito especial chamado ***Dissertolândia***. Enquanto estive lá vivenciei experiências muito interessantes...

Quis que alguém inventasse um controle remoto com uma *tecla sap* para traduzir as aulas de Pesquisa em Educação do Professor Marquinhos...

Apreendi a procurar nos rostos dos colegas uma expressão que de alguma forma denunciasse que eles estavam tão perdidos quanto eu, sendo que as colocações que muitos deles faziam, nas aulas, me levavam a perguntar: *“O que eu vim fazer aqui?!”*.

Nunca pensei em desistir, mas em vários momentos tive a impressão de que não dispunha de bagagem suficiente para terminar a jornada...

O mais importante é que em *dissertolândia* existem pessoas especiais que tem o poder de fazer com que acreditemos em nós mesmos e nos convençam que temos “potencialidades”. Anjos que assumem o papel de ORIENTADOR(A). Minha jornada por lá contou com o privilégio e a honra ter uma pessoa **“Bárbara”** me acompanhando. Seu nome traduz a profissional e pessoa que é. Literalmente ela me mostrou que posso “voar”, a ela GRATIDÃO ETERNA, sendo que quero mais:

Doutoradolândia aí vou eu!!!

Sol - 16/12/2013

A escolha por centralizar o texto em um padrão diferente das normas ou das que venho utilizando nas inserções das minhas produções, visa aproximar leitoras e leitores à ideia original do marca-página, cujas fontes (tipo e tamanho) também foram mantidas.

Foram cinco anos entre anunciar *“Doutoradolândia aí vou eu!!!”* e, realmente, colocar o pé na estrada. Nesse período estive a frente de alguns trabalhos na rede

pública municipal de ensino de Sorocaba, bem como enquanto representante da supervisão de ensino municipal no Conselho Municipal de Educação de Sorocaba (CMESO) e, ainda, entre março de 2016 e julho de 2019, fui docente e coordenadora dos cursos de Pedagogia e Letras em uma universidade privada.

No início de 2019, tomo a decisão e anuncio que deixaria o vínculo com o Ensino Superior para dedicar-me a pensar em um Projeto de Pesquisa voltado ao Doutorado em Educação. Considerando que, naquele momento, o PPGEEd da UFSCar-So ainda não contava com a aprovação do Doutorado, iniciei as reflexões pensando em outras instituições, UNIFESP, USP e UNICAMP, especificamente. No entanto, visto a aprovação da CAPES, em maio/2019 é publicado o edital do processo seletivo para o doutorado no PPGEEd da UFSCar-So e eu passo a sistematizar as ideias e os estudos com foco a inscrever-me como candidata a uma vaga no Doutorado.

Nesse tempo de estudar passo a registrar, em um caderno físico que identifico como “Diário da Tese”, as ideias, ações, movimentos de pesquisa e estudos com vistas a escrever o Projeto de Pesquisa para o processo seletivo da primeira turma de Doutorado do PPGEEd da UFSCar. Além do cronograma publicado no edital e uma tabela apresentando um planejamento de trabalho indicando das ações necessárias para a construção do projeto às primeiras palavras que escrevi foram:

2019... Nasce um projeto de doutorado - (RETROSPECTIVA ATÉ 10/05/2019)

- *Início 2019 na certeza de que esse será o ano em que vou me dedicar às ações necessárias para ingressar no Doutorado;*
- *Anuncio minha saída da Faculdade Anhanguera (docência e coordenação) para o final do primeiro semestre;*
- *Lanço-me, a convite da Prof^a. Bárbara, na disciplina PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA NA FORMAÇÃO DOCENTE...*
- *Busco inquietações que possam vir a serem problematizadas enquanto pesquisa de Doutorado...*
- *Mapeio possibilidades de processos seletivos nas universidades públicas da região (UFSCar/Sorocaba - promessa de abertura; UNIFESP, USP e UNICAMP);*
- *Planejo férias para a primeira quinzena de junho para me dedicar à construção do pré-projeto;*
- *Lanço-me à Doutoradolândia...*

(BRITO, maio, 2019 – excertos do Diário da Tese)

O período de construção do Projeto de Pesquisa para o processo seletivo levou-me a retomar “Produzir a obra – o momento da tese”, Remi Hess (2005), e isso, juntamente com o mergulho nos estudos sobre pesquisa (auto)biográfica na formação docente, me encoraja, cada vez mais, a pensar numa escrita de si para si, como

aponta o autor, de forma a perseguir uma proposta que vá ao encontro do Hess diz: “Os estudantes de hoje deveriam escolher temas que lhes permitam trabalhar no nível do sujeito, ou no nível de um grupo de sujeitos.”. (2005, p. 78) – Extraído do Diário da Tese (maio/2019).

A decisão de propor uma pesquisa na perspectiva da abordagem (auto)biográfica; a ideia de olhar para as marcas das experiências formadoras, na relação com o constituir-se supervisora de ensino, considerando o ciclo de vida profissional, num cenário de pesquisa-formação, definiu um projeto de pesquisa com os seguintes contornos:

Quadro 2 – Contornos do Projeto de Pesquisa (Processo Seletivo – 2019)

ELEMENTOS	DESCRIÇÃO
TÍTULO	EXPERIÊNCIAS FORMADORAS / CICLO DE VIDA PROFISSIONAL; SUPERVISÃO DE ENSINO / FORMAÇÃO DE FORMADORES: NARRATIVAS QUE BUSCAM (RE)VELAR MARCAS E RELAÇÕES
TEMA	O perfil; os saberes e os fazeres; a dimensão da ação; e, a constituição da identidade do supervisor de ensino, a partir de narrativas (auto)biográficas.
PROBLEMA	A partir de narrativas (auto)biográficas escritas no contexto de uma pesquisa-formação, quais são e como se evidenciam as marcas das experiências formadoras, considerando o ciclo de vida profissional dos supervisores de ensino, no que se refere a como se constituem “formador de formadores” de professores da educação básica?
OBJETIVOS	<p>GERAL: Compreender quais são e como se evidenciam as características das marcas das experiências formadoras e, ainda, como elas emergem ao longo do ciclo de vida profissional.</p> <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar as marcas que compõem/delineiam as experiências formadoras dos supervisores de ensino com foco no papel de formador de formadores de professores e profissionais da educação básica; • Compor, explicitar e anunciar “dispositivos/movimentos” que serão utilizados como “disparadores” ou “provocadores” para que os registros das narrativas aconteçam, na expectativa de: a) oportunizar que as experiências formadoras sejam identificadas, discutidas e problematizadas; b) compreendê-los; • Apresentar os princípios epistemológicos e metodológicos que compõe a abordagem (auto)biográfica, enquanto corrente pedagógica;
METODOLOGIA	A pesquisa estará pautada na abordagem (auto)biográfica e o método escolhido para seu desenvolvimento é a “pesquisa-formação”, que visará oportunizar, por meio de seminários de formação, a (re)significação de sentidos a partir das reflexões individuais e coletivas advindas das narrativas. Buscar a articulação entre “experiência formadora”, “ciclo de vida profissional” e “formação de formadores”, além de atender a alguns anseios pessoais da pesquisadora, tem por expectativa apresentar possíveis contribuições para a potencialização de ações formativas em outros espaços e contextos.
REFERENCIAIS TEÓRICOS	Para a discussão sobre “experiência formadora”: JOSSO, 2004 e 2007 e LARROSA BONDÍA, 2002. Narrativas (auto)biográficas: BERTAUX, 2010; BOLÍVAR, 2001; FERRAROTTI, 1987; JOSSO, 2004 e 2007; JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002; MILLS, 1982 e NÓVOA, 2010). Formação de formadores e ciclo de vida profissional: VAILLANT (2003); GARCÍA e VAILLANT (2017) e, HUBERMAN (1989), respectivamente.

Elaboração: Sistematizado pela autora (2023), a partir do Projeto de Pesquisa apresentado no Processo Seletivo de 2019.

Considerando que a ideia de experiências formadoras permanece ao longo de todo o movimento da tese, cabe destacar que ancorei-me no conceito construído por Josso (2004), que aponta que as experiências formadoras são aquelas vivências que passam a ser consideradas experiências, a partir de um “[...] certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido.” (JOSSO, 2004, p. 48). Para a pesquisadora então,

O conceito de experiência formadora implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação. Articulação que se objetiva numa representação e numa competência. É nesse ponto que convém ficarmos atentos à importância da escala com a qual está relacionada a experiência em questão. (JOSSO, 2004, p. 48)

A autora apresenta ainda um tríplice movimento que integra a concepção de experiência implicando o sujeito enquanto ser psicossomático e sociocultural, ou seja, global. Josso (2004), vincula o conceito de experiência formadora em três aprendizagens e conhecimentos: os existenciais, os instrumentais e pragmáticos e, os compreensivos e explicativos. É na reflexão das relações entre essas aprendizagens e conhecimentos que se pode buscar a compreensão do processo de elaboração de uma experiência.

Considerando as experiências formadoras, dentre algumas possibilidades de ter/ver o sujeito como parte que integra os contornos de uma pesquisa (auto)biográfica, o trabalho com as narrativas vem se demonstrando solo fértil. A guisa de definir o que são narrativas, Bolívar e Domingo (2001, p. 19), recorre a Roland Barthes (1970): “*El relato comienza la historia misma de la humanidad: no existe ni há existido em ningún lugar um pueblo sin relato, el relato está aí como la vida.*” As narrativas têm sido, ao longo das últimas três décadas, objeto de estudo de diversos pesquisadores. Enquanto investigação acadêmica, propor uma pesquisa sob a ótica da pesquisa (auto)biográfica entre outras implicações importantes, está se assumindo que “[...] *la narrativa es tanto el que se investiga como el <fenômeno> de la investigacion.*” (BOLIVAR; DOMINGO, 2001, p. 17).

Para essa pesquisa, considerando o cenário do (auto)biográfico, das experiências formadoras e das narrativas, buscou-se, tal qual apontam Passeggi e Souza (2017, p. 10):

[...] tomar o autobiográfico como objeto de estudo. Por essa razão, essa ousadia se sustenta em apostas de diferentes ordens. Recorremos ao termo aposta para sinalizar o engajamento, o desafio dessa aventura (auto)biográfica no mundo científico. Uma aposta de caráter epistemopolítico, que coloca no centro do processo a capacidade humana de reflexividade autobiográfica do sujeito, permitindo-lhe elaborar táticas de emancipação e empoderamento suficientemente boas para superar interpretações culturais excludentes, que o oprimem. Uma aposta pós-colonial, que se opõe a uma visada elitista do conhecimento que desconhece essa capacidade de reflexividade humana e de interpretação do cidadão “comum” que sofre as pressões cotidianas que o destituem dos seus direitos e embotam sua consciência crítica. [...]

Nesse contexto, decidida que faria uma pesquisa (auto)biográfica, quando percebo que tenho o direito a escrever uma tese, a partir de um diálogo com a Professora Passeggi, penso em fazer a revisão do projeto de pesquisa e propor uma investigação sobre as “Experiências formadoras das trajetórias das mulheres nordestinas no espaço acadêmico”. Em função desse pensar, minha orientadora me apresenta o artigo “Trajetórias ‘Improváveis’? Vínculos intergeracionais e mobilidade social” (PASSEGGI, 2015). Reconhecer-me sujeito daquele artigo, na relação com a ideia de investigar as trajetórias das mulheres nordestinas, levaram-me olhar para esse (im)provável, que passei a escrever com o “im” entre parênteses. Essa escolha, mais que uma marca de autoria, me ajuda a olhar para esse (im)provável numa relação indissociável do contexto sócio-histórico (plural), e das histórias de vida (singulares), dos sujeitos. O contexto sócio-histórico só deixa de ser de reprodução (provável), se o sujeito, em sua singularidade, age e o transforma em outro percurso de mobilidade ascendente (improvável). A compreensão que dou a essa articulação (trajetórias; vínculos intergeracionais; contextos sócio-históricos e histórias de vida), na relação com a ideia de autor-cidadã (BARBOSA, 2000), da qual tomo conhecimento em ao assistir uma *live*²⁴, mais adiante, contribuiria para compor a ideia de pesquisadora-autora-cidadã.

Ao assistir a *live* com o Professor Joaquim Gonçalves Barbosa, encontro-me com o conceito de “autor-cidadão” (BARBOSA, 2000), que me leva às reflexões sobre multirreferencialidade, o que provocou em mim indicativos de que um primeiro movimento de revisão da proposta de investigação aconteceria, alterando o projeto apresentado no processo seletivo, em especial, porque naquele momento não via

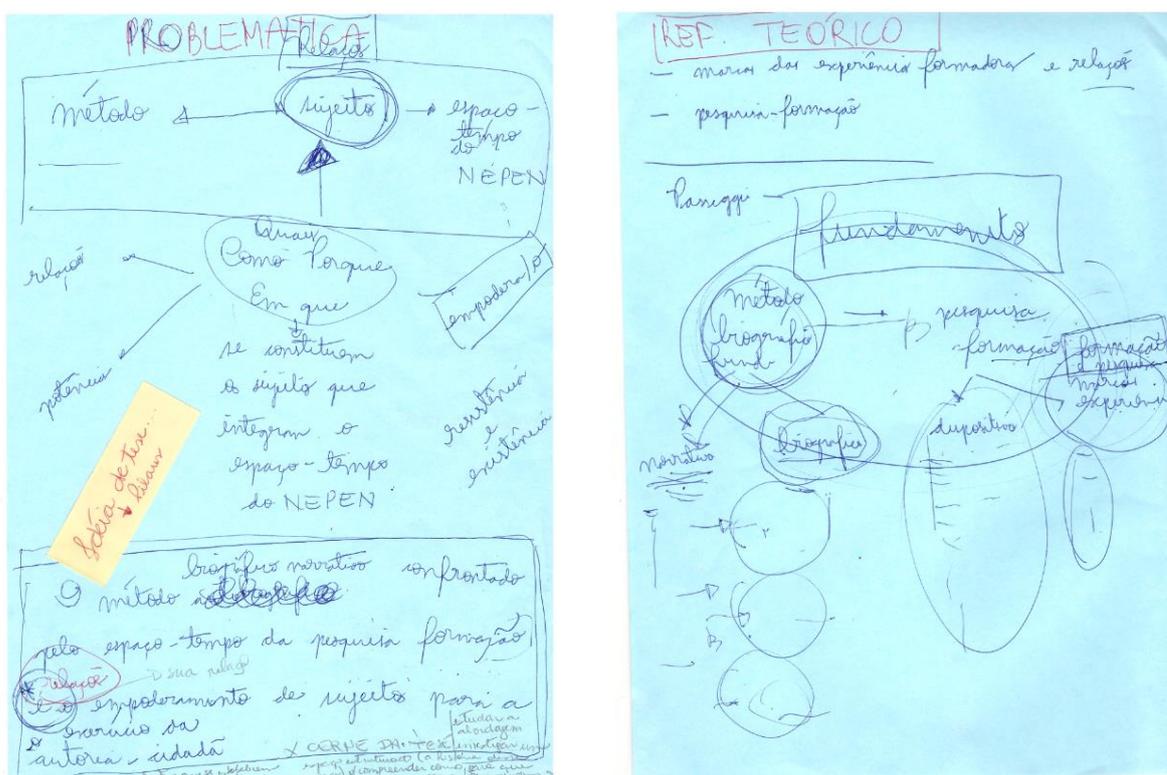
²⁴ Assistida em 24/09/2020. Transmitida ao vivo em 22 de set. de 2020. LIVE - Diário de pesquisa: recurso para escrita e formação no *stricto sensu*. Convidado: Prof. Dr. Joaquim Barbosa PosEduc/UERN; Mediadora: Profa. Dra. Mayra Ribeiro PosEduc/UERN. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NODDofB6HUc>

mais sentido em uma pesquisa tendo a supervisão de ensino como espaço/sujeitos de investigação.

A proposta de uma investigação com foco às marcas das experiências formadoras se amplia ou se (re)significam na direção de olhar para as marcas de autoria, a partir da produção de narrativas (auto)biográficas, tendo uma pesquisa-formação como perspectiva metodologia.

No dia seguinte a ter assistido a *live*, numa tarde de orientação realizada numa UFSCar vazia de pessoas, por conta do contexto pandêmico, mas cheia de ideias e possibilidades pelo encontro com a tese²⁵, alguns esboços são desenhados em sulfites azuis²⁶ na perspectiva de anúncio de uma trajetória que seria trilhada, atravessada, encharcada e implicada com o conceito de autor-cidadão (BARBOSA, 2000), conforme é possível observar a seguir.

Imagem 9 – Notas do processo de pesquisa



²⁵ Essa tarde está eternizada em uma foto do pôr do sol visto da sacada de um dos prédios da UFSCar que compõe a MIMESIS I.

²⁶ Estes sulfites foram integrados ao Diário da Tese e digitalizações deles estão disponíveis nos anexos.

Campos da pesquisa

NEPEN
 história e
 levantamento de produções de grupo
 (biografia e NEPEN)

análise
 - hermeneutica

Quais /

Permitter

→ teoria dos momentos contada aos
 estudantes

* Do sujeito ao objeto na pós graduação
 (nas referências da literatura - tese na
 editoria)

ou de objeto a sujeito na pós graduação.

Objetivos Objetivos específicos

1 - compor um mapa teórico da fund.
 do mt. biográfico narrativo

2 - investigar na perspectiva de
 biografar como, o que e para que
 produzi sentido um espaço de
 pesquisa formadas estruturadas sob a égide
 dos métodos biográfico-narrativos

2 gds objetivos

na perspectiva de compreender
 a produção do método biográfico
 narrativo esboçado pelo
 espaço-tempo da pesquisa
 formos para o empoderamento
 dos sujeitos na sociedade cidadã.

Como?
 NEPEN

distinção
 produção
 de sentido
 que se dá
 no processo

para empoderar
 a "deslocar"

Método, sua relação com a produção

Metodologia

→ mapa da ...

→ delimitação da pesquisa / fundamentos teóricos
 da tese

MAPA

NEPEN

história
 práx
 mem
 reflex
 aprendizagem

Como
 O que
 Para que
 as práticas
 de pesquisa
 produzem
 sentido na
 produção de
 conhecimento

mapando - método
 pesquisa formos
 de pesquisa

Sudoeste

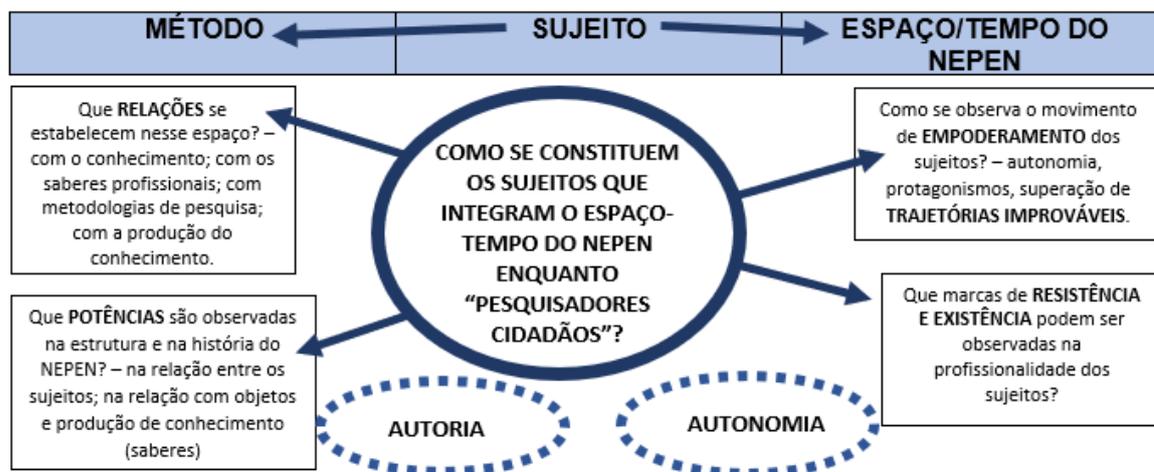
Diário de
 Pesquisa

Como que
 momento vai
 de 2000 (Luzias)
 Francisco

Fonte: Diário de Pesquisa I (IN2_CF01)

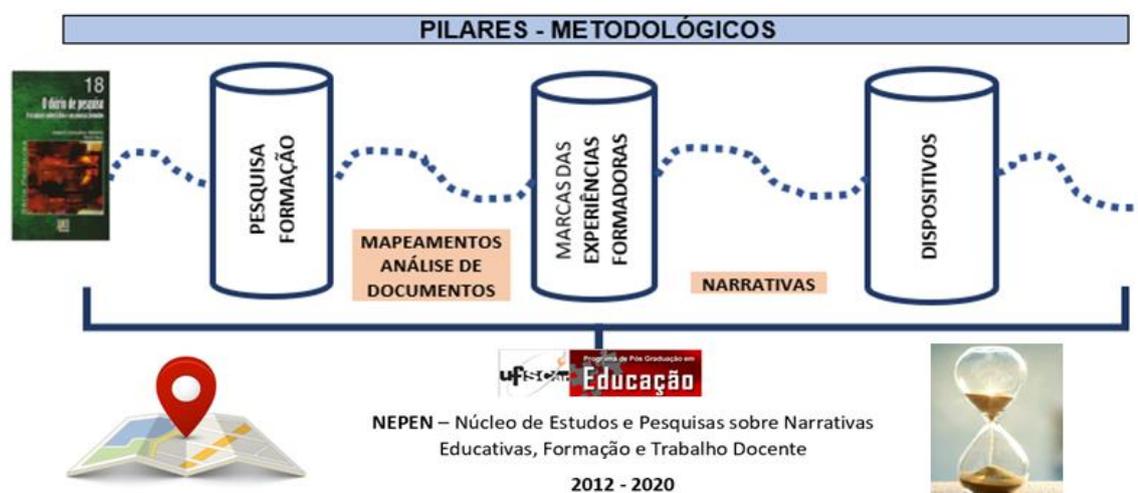
Posteriormente, esses esboços foram traduzidos em dois esquemas nos quais a problemática e a metodologia apareceram “materializadas” para me ajudarem a dar continuidade ao desenvolvimento da tese.

Figura 2 – O problema de pesquisa (25/12/2020)



Fonte: Elaborado pela autora. (2020)

Figura 3 – Proposta metodológica da tese (25/12/2020)



Fonte: Elaborado pela autora. (2020)

Nesse (re)desenhar, “autoria” e “autonomia” aparecem como lentes da problemática que focaliza a ideia de “pesquisadores-cidadãos”, em referência ao conceito de autor-cidadão do Professor Joaquim Barbosa; as trajetórias improváveis, ainda escritas sem os parênteses “(im)prováveis”, estão na relação com a perspectiva de empoderamento; o NEPEN é apresentado como um “espaço de potências”, sendo que suas relações são problematizadas. No que se refere à estruturação da tese a intenção era ter como pilares, as marcas das experiências formadoras, os dispositivos e, a pesquisa formação, naquele momento grafado sem o hífen. As narrativas, os

mapeamentos e a análise de documentos são as metodologias demarcadas, tendo os diários de pesquisa como eixo transversal de diálogo.

No Diário da Tese integro uma narrativa produzida no final de 2020, enquanto atividade do NEPEN, mais ou menos o mesmo período em que esquematizo as orientações feitas nos mencionados sulfites azuis.

EU, A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO E A CONSTRUÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA (TESE)

Para me encorajar a escrever essa narrativa, movimento que não necessariamente tenho procrastinado, mas na verdade cada dia que pensava nele percebia que não me sentia pronta, fui revisitar a organização do material que venho escrevendo, numa pretensão primeira de que fosse um Diário de Tese²⁷, mas que nem de longe chegou a sê-lo, mas que ainda nutro um desejo muito grande de o ser.

Iniciei essa organização num caderno físico e depois passei para um blog que chamei de “Sol em Doutoradolândia”. Ao retomar esse espaço virtual, notei algumas constatações que me causaram um misto de susto, tristeza e urgência

O material foi organizado entre o último dia de outubro e o dia 03 de novembro, sendo que meu último registro no caderno físico data de janeiro de 2020 – Levo um susto! Não imaginei que fazia tanto tempo que não faço registros acerca do movimento interno da construção do projeto de tese.

O susto se transforma em um remoer a pergunta: “Porque deixei de fazer registros, porque?” – fico triste! Retomo o material físico... há registros esparsos do meio e final de março, também do final de abril. Olho melhor, não são tão esparsos assim, relembro os contextos em que se deram as anotações; vou para a agenda, confirmo esses contextos... os registros e movimentos parecem começar a fazer algum sentido...

Retomo o material encadernado do NEPEN e passeio os olhos nas anotações e destaques feitos nos textos lidos... outras tantas articulações se mostram...

Me deparo com um excerto do texto da Naura²⁸, leio:

Nesta realidade, com toda complexidade e contradições do mundo globalizado, o que fazer? Como criarmos condições para produzirmos as nossas existências, coletivamente, com respeito, dignidade, felicidade e realização humana? Como ensinar aos alunos a “produção da vida humana” nestas condições? Como podemos produzir nossas existências, com alguma “segurança” de estarmos construindo um outro mundo mais justo e igualitário, mais compreensivo e solidário? O que se impõe para a educação, para as políticas públicas e para a

²⁷ Hess (2005).

²⁸ FERREIRA, N. S. C. Gestão do conhecimento: da produtividade a humanização da formação. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, v. 2, n. 3, 2007. Disponível em: <https://seer.utp.br/index.php/a/article/view/1996/1708>

gestão da educação no sentido da superação deste desconforto e desta gama de sentimentos e de “vida” insatisfeita que existe de forma generalizada em todos os povos e nações e no mais íntimo dos corações? O que fazer para “dominar” a violência de toda ordem a fim de superá-la por um outro mundo mais humano, onde o ódio seja substituído pelo amor e pela fraternidade? O que fazer? Como fazer? (FERREIRA, 2007, p. 131)

Enquanto essa leitura me toma, só me faço fazer outras perguntas: Que produção de conhecimento é esta que me autorizo a fazer? Me autorizo mesmo? Por que escrever e defender uma tese? Por que ser doutora? Por que não ser doutora? Que campo é esse no qual me aventuro a produzir conhecimento científico? Eu faço ciência? Eu sou cientista? Como articular minhas experiências, aquelas do Larrosa Bondía²⁹ (2002) com esse conhecimento que pulsa, visceral e continuamente de, e, em mim?

Já não respiro, suspiro... Mas já não estou assustada nem triste. Sinto uma urgência. Urgência não de chegada ou finalização, mas de recomeço e continuação...

Ainda sem muita certeza decido:

- Não preciso ter todas as respostas, ninguém precisa de todas as respostas!

Vou me lançar e continuar buscando somente algumas, as que me parecem fazer mais sentido.

E de repente me dou conta que nem são tantas assim, já tenho algumas:

Sim... Será uma tese sobre experiências formadoras;

Sim... Será uma tese sobre o fortalecimento de um campo de pesquisa;

Sim... Será uma tese sobre trajetórias (im)prováveis;

Sim... Será uma tese trilhada pela e com a pesquisa (auto)biográfica;

Não... Não estou perdida, esse distanciamento foi importante.

Agora me sinto, não pronta, porque reconheço a minha incompletude bem como a dos momentos que vivencio; também, não procuro prontidão!

Me sinto... Faltam palavras e, na falta delas busco, na maior referência e apoio que esse movimento de pensar e viver uma tese tem me apresentado... ME SINTO AUTORIZADA a viver esse processo de me constituir pesquisadora e pela pesquisa produzir conhecimento científico, num campo que assim como eu também está a se constituir. Sem, mas, nem senões, somente porque EXISTIR me dá o direito de me

AUTORIZAR... De ser autora dessa existência singular que de tão singular que é traz marcas de cada vivência, cada convivência, cada interação com os inúmeros espaços, tempos e seres com os quais esbarrei nessa minha trajetória.

²⁹ LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de Educação**, nº 19, 2002. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>

Eu, a produção do conhecimento científico e a construção do projeto de pesquisa (tese) me remete a cartazes que já vi em muitos canteiros da construção civil: *ESTAMOS EM OBRA!*

Meses depois, a tese ganha novos contornos, a partir de duas experiências, uma na relação com o processo de orientação, a “Pré-Qualificação”³⁰ e, a outra a partir de um curso de extensão sobre Cartas Pedagógicas, do qual participei quase por acidente.

Com vistas ao exercício de “Pré-Qualificação”, que ocorreria no final de maio de 2021, retomo os esquemas reproduzidos pelas figuras anteriormente apresentadas e no exercício de dialogar com o que tinha sido produzido, na relação com as aproximações de alguns conceitos e leituras, problematizo a ideia de “pesquisador-cidadão”, que em alguns momentos aparece como “pesquisa-cidadã”, para um conceito que trouxesse a questão da autoria como central.

A necessidade de evidenciar a autoria deu-se pelo meu (re)encontro com Paulo Freire e pelos exercícios de escrita reflexiva oportunizadas no curso de extensão sobre Cartas Pedagógicas. Querer aprender a escrevê-las, me fez sistematizar suas características pela ótica de Freitas (2020b, 2020c) e Dickmann (2020), sendo que para a escrita da minha primeira Carta Pedagógica, intitulada “Da graduação ao Doutorado: Paulo Freire e a gestação de uma tese” retomei a leitura do livro “A importância do ato de ler: três artigos que se complementam” (FREIRE, 2011).

Afetada pelas escritas compartilhadas nos encontros do curso de extensão, bem como minhas próprias incursões autorais, apresento a seguinte escrita na minha primeira Carta Pedagógica:

³⁰ No NEPEN há uma atividade denominada “pré-qualificação” que é amplamente conhecida e reconhecida pelos seus integrantes, em especial, os que estão produzindo dissertações e teses, enquanto estudantes do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. Trata-se de um momento previsto no cronograma, desde o momento do planejamento do semestre, em que se definem arguidores que assumem o compromisso de ler e emitir pareceres aos projetos de pesquisa em andamento. Geralmente, essa atividade ocorre no final do primeiro ano para os projetos de dissertação, e no final do segundo ano para projetos de tese. É um momento muito rico em que não só os arguidores, mas todos os componentes do NEPEN têm acesso ao projeto e contribuem a partir de suas percepções.

DA GRADUAÇÃO AO DOUTORADO: Paulo Freire e a gestação de uma tese

Sorocaba, abril de 2021.

Caras pedagogas e caros pedagogos formados no início do século XXI,

Espero que esta carta os encontre bem, assim como aos que lhes são caras e caros! Considerando o tempo (cronos) que nos separa de nossa formação inicial, lá se vão mais de 20 anos, gostaria de começar essa carta por externar como se apresentou a mim a motivação de lhes escrever. Recentemente fui instigada a pensar como me aproximei das obras de Paulo Freire, aquele que é o Patrono da Educação brasileira. Nos tempos que estamos vivendo, nunca é demais (re)afirmar quem é Paulo Freire, afinal “*Ele sim!*”, muito diferente de muitos que nunca foram, nem nunca serão, referência democrática, humana ou política, seja no Brasil, quiçá no mundo, como Paulo Freire, de fato, sim o é!

Esse exercício narrativo, me levou ao primeiro ano da graduação em pedagogia (1997), na Universidade de Sorocaba (UNISO), que fora fundada em setembro de 1994. Em 1996 iniciavam-se as atividades do primeiro programa de pós-graduação *stricto sensu*, o Mestrado em Educação³¹. Antes da fundação da UNISO, o curso de pedagogia era ofertado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFI), instituição da mesma mantenedora. Ter tido a oportunidade de fazer o curso como uma das primeiras turmas da universidade, permitiu acesso a atividades de pesquisa e extensão, para além do ensino e, é esse o cenário, que marca meu encontro com os escritos de Paulo Freire, quando, ainda no primeiro ano da graduação, na disciplina de Metodologia do Trabalho Científico³², fui “convidada” a ler “A importância do ato de ler: três artigos que se complementam”.

Na disciplina estudamos os fundamentos da pesquisa em educação e aprendemos como fazer um projeto de pesquisa, visto que escrever e apresentar uma monografia era obrigatório no final do curso. Aquela indicação de leitura era uma das referências para a fundamentação teórica do que seria meu projeto de pesquisa e apresentava como problema de pesquisa, algo muito próximo ao questionamento: “Por que é tão complexo compreender as notas de rodapé dos textos estudados no curso de pedagogia?”.

³¹ Fonte: <http://uniso.br/uniso/historico>

³² Essa disciplina foi ministrada por um professor, que faço a opção por não externar o nome. Em 1997, ele era doutorando na PUC-SP, orientando do Prof. Paulo Freire. Em maio, quando Paulo Freire falece, ele ficou tão abalado que se licenciou por um período. Isso me marcou muito, em especial, porque mais tarde tomei conhecimento que ele não concluíra seu doutoramento.

Nesse momento, enquanto me narro, me dou conta, sem ter a certeza se esse “dar-se conta” é uma percepção do hoje ou daquele momento da formação inicial, mas, que com clareza se (re)vela, lá ou aqui, que a dificuldade não estava nas notas de rodapé, propriamente ditas, mas sim na minha relação, ou não relação, com a leitura de textos acadêmicos. Filha de retirantes nordestinos, de pais semianalfabetos, fruto da escola pública, não me recordo, antes da graduação, e olha que cursei o magistério, ter tido contato com leituras desse gênero textual e a complexidade que ele engendra.

Agora, para a escrita dessa carta, (re)li o referido livro e foi inevitável pensar que as aproximações aos estudos e contribuições de Paulo Freire (2011) me ensinaram a estar atenta à leitura do mundo, aquela que precede a leitura da palavra. Fazer uma leitura crítica da realidade, me levou a escrever e apresentar a monografia “A educação sob ótica da sociedade capitalista neoliberal”. Aquele trabalho, uma de minhas primeiras produções científica, trazia como cerne da discussão a busca por compreender a realidade de uma sociedade que apresenta princípios de uma ideologia denominada neoliberalismo, hoje já vista como pós-neoliberalismo. Um paradigma onde o mercado se fixa como centralizador das regulações sociais buscando ação livre e irrestrita, pregando a necessidade de acabar com intervenções feitas pelo Estado (ANDERSON, 1995). Em tempos de neo ou pós-neoliberalismo, a educação exerce um papel de veículo de reprodução da divisão social em classes, e nesse contexto, não se é de admirar, que do lugar de onde venho e de onde se fixam minhas origens geográficas, sociais e culturais, a leitura de textos acadêmicos não foi uma vivência a ser priorizada.

Já se vão mais de duas décadas daquele momento da formação inicial e, nas minhas andarilhagens³³ acadêmicas, tenho, cada vez mais, me interessado pelos meandros da metodologia científica. Fiz o Mestrado, treze anos depois da graduação e o capítulo da dissertação que mais me deu prazer escrever foi, exatamente, aquele que apresenta o percurso metodológico da pesquisa. Cheguei a pensar em tê-la (a metodologia científica) como objeto de pesquisa, quando resolvi ir morar em “Doutoradolândia”³⁴, mas ao desenhar meu projeto de tese, ventos inquietantes me levaram para lugares outros, visto que a aproximadamente uma década, venho me debruçando sobre estudos e pesquisas que tem a formação docente como eixo temático.

³³ Termo presente nos escritos de Paulo Freire, mas só percebi a potência e singularidade dele ao ouvir, em um evento, a Professora Ana Lúcia Souza de Freitas pronunciá-lo. Me permiti usá-lo aqui, mas quero saber mais.

³⁴ Reconheço no Doutorado um “lugar” em que habito atualmente, ele se chama “Doutoradolândia”. Cabe destacar que também já morei em “dissertolândia” entre os anos de 2012 e 2013.

Nesse momento, me encontro às voltas com leituras e a organização de escritos para me lançar à aventura de apresentar um relatório de pesquisa para a qualificação da tese, planejada para o final de 2021. Penso que ousar querer escrever uma tese, cujo objetivo é conhecer as marcas das experiências formadoras (JOSSO, 2004) de sujeitos, que assim como eu, representam trajetórias improváveis (PASSEGGI, 2015) está afetada pelas provocações de Paulo Freire, que nos faz acreditar que “Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes.” (FREIRE, 1987, p. 68) e, nesse contexto de saberes, todos eles importam.

Considerando a perspectiva de que, para ensinar se exige criticidade; para aprender há que se ter curiosidade epistemológica; e, que é aprendendo que percebemos ser possível ensinar (FREIRE, 1996), minha proposta de tese, que está sendo gestada desde antes da minha graduação, mas ganha força quando descubro os meandros da metodologia científica, incentivada por um apaixonado pela vida e obra de Paulo Freire, objetiva (re)velar marcas das experiências formadoras, de sujeitos sob a ótica do autorizar-se a ser autor, ter autoria; autorizar-se a ser autônomo, ter autonomia; **uma tese que passeie pela abordagem da pesquisa (auto)biográfica (PASSEGGI, 2017) e que proponha uma “Pedagogia da autoria”; que anuncie “A importância do ato de escrever.”** (grifo nosso)

Por fim, já deixando minhas saudações sinceras de sucesso, fico compelida a querer saber como as pedagogas e pedagogos, que me são contemporâneos de formação, se aproximaram das obras e de Paulo Freire; como percebem que os escritos e contribuições do Patrono da Educação brasileira, esbarram e afetam seus percursos e trajetórias acadêmica e profissional; e ainda, que/qual tese estaria sendo gestada/escrita/inscrita desde lá, a graduação. Deixo aqui o convite para que compartilhem comigo seus saberes e experiências.

Prof.ª Sol Silva Brito

Outono (2021), olhando o sol se pôr...

Palavras-chave: metodologia científica; autoria; pesquisa (auto)biográfica.

Referências

ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo. (Org.). **Pós-Neoliberalismo:** as políticas sociais e o Estado democrático. RJ, Paz e Terra, 1995, p.9-23.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época; v. 22)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** SP, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. (2017). O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional.

Investigación Cualitativa, 2(1) pp. 6-26. Disponível em:

<https://ojs.revistainvestigacioncualitativa.com/index.php/ric/article/view/56/36>

PASSEGGI, Maria da Conceição. Trajetórias “improváveis”? Vínculos e mobilidade social. In: PEREIRA, M. S. et al. *Investigação em Educação: diversidade de saberes e práticas*. Impreco: Fortaleza, 2015. p. 173-206.

Tanto a expressão “Pedagogia da autoria”, quanto “A importância do ato de escrever” estão na relação com a produção de Paulo Freire, em especial, “A importância do ato de ler” e anunciam muitas das intenções da tese, pois se “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.” (FREIRE, 2011, p. 11). Nesse sentido, cabe destacar o movimento reflexivo de pensar o quanto a escrita de si precede e compõe a escrita de uma tese.

E é nesse sentido e contexto que narrar a tese tem sido narrar a mim, enquanto autora não só de um texto, mas de todo um percurso que é acadêmico, sem dúvida, mas também social e existencial e, por isso, a escolha de contemplá-lo enquanto heurística da itinerância teórico-metodológica.

Nesse cenário, em que compartilho as ponderações que realizo ao longo do processo de construção da tese, a figura quatro traz uma proposta pensada para organização e apresentação da tese, no momento da atividade de “Pré-Qualificação”, feita junto ao NEPEN.

Figura 4 – Proposta de estrutura (2) do texto para versão final da tese (20/05/2021)

SEÇÃO	CONTEÚDO
Carta Apresentação	De sujeito em formação à pesquisadora
Carta Introdução	Mapa da pesquisa
Diário de Pesquisa 1	Referenciais teóricos-metodológicos DP 1.1 – Pesquisa (auto)biográfica DP 1.2 – Pesquisa-formação DP 1.3 – Experiências formadoras DP 1.4 – Dispositivos de aprendizagem na abordagem (auto)biográfica
Diário de Pesquisa 2	Os percursos metodológicos: os andaimes da pesquisa DP 2.1 – Da análise documental DP 2.2 – Da pesquisa-formação
Diário de Pesquisa 3	O campo: apresentando o NEPEN DP 3.1 – O núcleo de pesquisa no PPGE DP 3.2 – Os sujeitos DP 3.3 – As produções DP 3.4 – As aprendizagens
Diário de Pesquisa 4	Uma pesquisa-formação no NEPEN: tecitura das narrativas DP 4.1 – O contexto da pesquisa-formação: ações e sujeitos DP 4.2 – Apresentando as narrativas: achados e (guardados) DP 4.3 – Análise dos achados e (guardados)
Diário de Pesquisa 5	“Autora-pesquisadora-cidadã”: os contornos de um conceito
Carta de considerações provisórias	
Referências	Indicação das referências utilizadas no texto conforme ABNT.

Fonte: elaborado pela autora para a atividade de “Pré-Qualificação”. (2021)

Mais que uma estrutura propriamente dita, que já foi alterada substancialmente, ao apresentá-la enquanto trato da itinerância teórico-metodológica, o que busco é chamar atenção, primeiramente a mim mesma, ao fato de que naquele momento já era claro para minha orientadora que o NEPEN seria assumido, enquanto espaço/tempo de pesquisa-formação no qual se daria a problematização do percurso de construção da tese, a partir e, na relação com as produções nele realizadas e/ou discutidas.

No entanto, naquele momento, em que os caminhos da tese eram desenhados e apresentados aos meus pares de coletivo, minha perspectiva de pesquisa-formação pautava-se em Josso (2004) e, por isso, propunha a realização de uma pesquisa-formação com foco na produção da tese. Isso fica muito claro quando retomo o texto apresentado para a “Pré-Qualificação” e indico³⁵:

A proposta de realizar uma pesquisa-formação para compor a tese estava prevista no projeto de pesquisa apresentado no processo seletivo. No momento de redesenhá-lo, visto o cursar dos primeiros créditos e o movimento de orientações individuais e coletivas, entendeu-se que, uma vez o espaço e tempo do NEPEN configurando-se como espaço e tempo de pesquisa-formação, naquele momento – dezembro de 2020, decidiu-se que não faria sentido propor mais um movimento, uma vez que os indicativos de fontes para constituir a tese pareciam suficientes.

Conforme fomos nos apropriando da ideia central da tese, que é apresentar o conceito de “**pesquisador-autor-cidadão**”, e a partir de leituras realizadas, dispositivos que nos foram apresentados com potencialidades ainda não experimentados no NEPEN, a doutoranda junto a sua orientadora, muito recentemente, decidiram realizar uma pesquisa-formação específica para o contexto dessa tese.

Visto ser uma decisão que começa a ser gestada e ganhar contornos de concretude, nesse momento o que se tem são algumas indagações, cujas respostas, que poderão ajudar no seu planejamento:

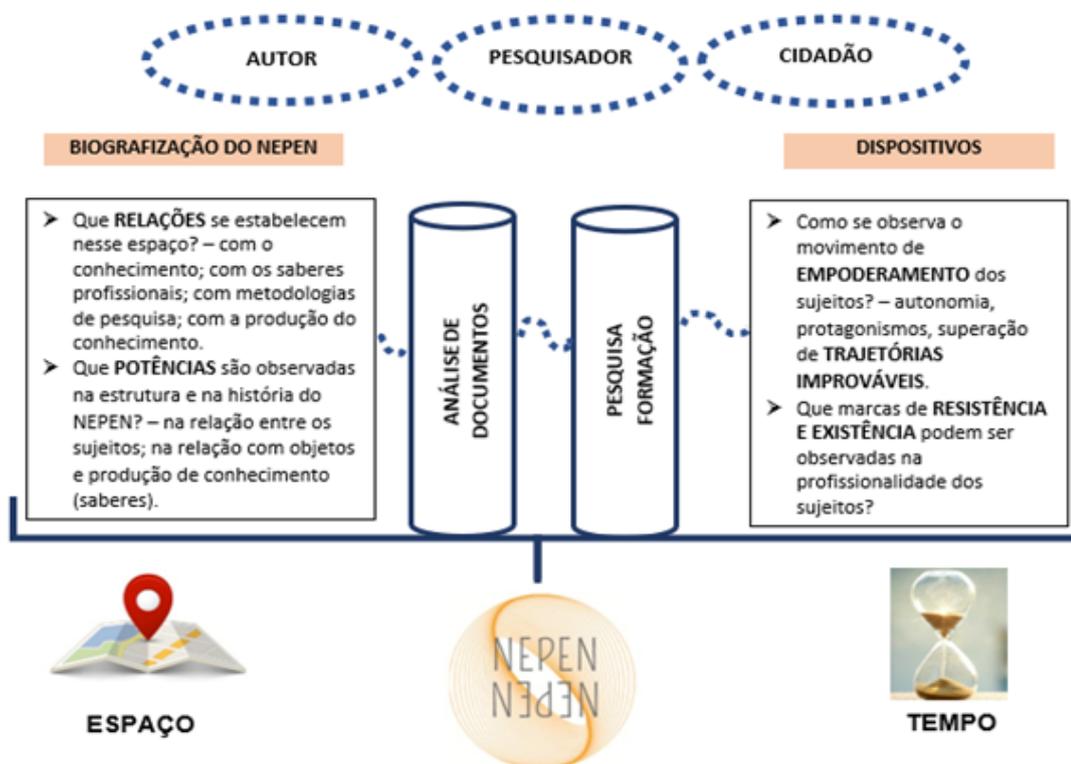
- a) Que/quais critérios definirão os sujeitos que serão convidados a participarem dessa pesquisa-formação?
- b) Será realizada no ambiente próprio do NEPEN ou num espaço vinculado a ele na forma de um curso de extensão ou outra modalidade organizativa?
- c) Que/quais e como os referenciais teóricos serão levados para esse espaço e tempo de pesquisa-formação?
- d) As Cartas Pedagógicas e os Diários de Registros poderão ser alguns instrumentos para reflexão e produção de narrativas, que outros dispositivos poderão ser utilizados?

Outra questão a ser destacada é que, naquele momento, ainda não tinha definido que o conceito pesquisadora-autora-cidadã viria no feminino, sendo que essa decisão se dá a partir das contribuições recebidas no dia da “Pré-Qualificação” e, se

³⁵ Brito (2021, p. 43-44).

consolida, na experiência vivida na disciplina multi-institucional, que cursei como aluna especial da Universidade Federal Fluminense (UFF), no segundo semestre de 2021.

Figura 5 – Percurso metodológico: os pilares (20/05/2021)



Fonte: elaborado pela autora. (2021)

Na figura, integro a problemática à metodologia, trazendo à cena, a potência do NEPEN enquanto espaço/tempo de pesquisa-formação, à luz das relações estabelecidas, com a lente nos movimentos de empoderamento de sujeitos autores de suas próprias trajetórias (im)prováveis, na perspectiva da resistência e existência profissional. Isso indica que até esse momento, ainda que talvez já tivesse a percepção do caráter existencial da tese, ainda indicava o viés da profissionalidade como um dos eixos da investigação, possivelmente me remetendo ao projeto inicial, no qual trazia em Huberman (1995) a ideia de olhar para aspectos da carreira.

Cabe ainda destacar que, naquele momento, a ideia era assumir como critério de recorte temporal, as produções feitas no ano em que o NEPEN completa uma década, considerando a história dele, enquanto um grupo vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), mas que também coloca lentes na história dos sujeitos desse coletivo, reconhecendo-o no movimento

de produção autoral, que impacta e afeta tanto a produção, quanto a pesquisadora em formação.

Quadro 3 – Contornos do Projeto de Pesquisa (Pré-Qualificação – maio/2021)

ELEMENTOS	DESCRIÇÃO
TÍTULO	DO SUJEITO EM FORMAÇÃO À PESQUISADORA-AUTORA-CIDADÃ: POTÊNCIAS DE UM GRUPO DE PESQUISA.
TEMA	As experiências formadoras e à pesquisa-formação sob a ótica das potencialidades de um grupo de pesquisa.
PROBLEMÁTICA	Considerando as marcas das experiências formadoras, como se constituem os sujeitos que integram o espaço-tempo do NEPEN enquanto pesquisadores-autores-cidadãos?
OBJETIVOS	<p>GERAL: desenvolver o conceito “autor-pesquisador-cidadão”, que se origina dos estudos e investigações do Prof. Joaquim Barbosa (2000) que, desde sua tese de doutoramento, apresenta os espaços educativos (salas de aula) a partir da perspectiva da multirreferencialidade apontando os docentes e profissionais da educação como autores cidadãos.</p> <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar as marcas que compõem/delineiam as experiências formadoras dos sujeitos, a partir de pesquisa-formação realizada no NEPEN; • Compor, explicitar e anunciar “dispositivos/movimentos” que serão utilizados na pesquisa-formação na expectativa de: a) oportunizar que as experiências formadoras sejam identificadas, discutidas e problematizadas; b) compreendê-los; • apresentar os princípios epistemológicos e metodológicos que compõe a abordagem (auto)biográfica, enquanto corrente pedagógica; 4. Apresentar o conceito de pesquisador-autor-cidadão.
METODOLOGIA	Cabe destacar que buscar compreender “como se constituem os sujeitos” se insere na expectativa de que a problemática apresentada também revele os “dispositivos/movimentos” que são/serão utilizados como “disparadores” ou “provocadores” para que os registros das narrativas e outras estratégias aconteçam, no âmbito da pesquisa-formação, que será uma das escolhas metodológicas do trabalho que se apresenta. Considerando que esses “dispositivos” deverão ser construídos ao longo da pesquisa, não é possível apresentá-los nesse momento, mas, não apontar essa intenção seria deixar incompleta as expectativas da pesquisadora, visto que se faz importante conhecer que/quais dispositivos se evidenciam nos estudos oportunizados no NEPEN. Nesse sentido ainda, cabe destacar que o Diário de Pesquisa (HESS, 2005) e as Cartas Pedagógicas (FREITAS, 2020c) também são apostas para a organização de registros e produção de dados, esses últimos sob a ótica da abordagem (auto)biográfica.
REFERENCIAIS TEÓRICOS	O arcabouço teórico contemplará, entre outros, os estudos de: BOLIVAR (2001); FERRAROTTI (1987); NÓVOA (1987); JOSSO (2004); PASSEGGI (2011); BERTAUX (1981); JOVCHELOVITCH (2002); a corrente francófona que integra, além de Marie-Christine Josso, já indicada, Domicé, Pineu e Delory-Momberger. A pesquisa contará com dois percursos metodológicos, a análise de documentos (CELLARD, 2012) e a pesquisa-formação (JOSSO, 2004 e 2007).

Elaboração: Sistematizado pela autora (2023), a partir do texto apresentado para o exercício de Pré-Qualificação em maio/2021

Enquanto marca temporal, cabe dizer a “Pré Qualificação” ocorreu em maio de 2021 e as considerações dos arguidores foram discutidas e ampliadas até que

passaram a integrar o relatório de tese, escrito para o Exame de Qualificação, que aconteceu pouco mais de um ano depois, em agosto de 2022. Os primeiros esboços dos referenciais teórico metodológicos foram apresentados em formato de Diário de Pesquisa, mas ainda muito incipiente e visivelmente frágil tal como registrei naquele texto:

Escolhi fazer a apresentação dos primeiros esboços do referencial teórico-metodológico a partir de verbetes. Primeiramente para assumir, da forma mais transparente possível, o quanto tenho clareza da insipiência com a qual dialogo e me aproximo dos teóricos que balizarão as discussões que sustentarão a tese. Assumir essa insipiência não é um exercício fácil, pois já se vão longos 21 meses morando em Doutoradolândia e, sem exageros, mais de meia centena de livros comprados, teses, dissertações e artigos impressos, todos na fila aguardando o momento de serem lidos de forma a comporem o arcabouço teórico desse trabalho. A apresentação por verbetes, talvez, seja uma forma de me ajudar a perceber o quanto preciso priorizar as leituras e sistematizar sínteses e mapas conceituais.

Considerando a opção de apresentar os verbetes inseridos na proposta do diário eles não estarão em ordem alfabética conforme normalmente se vê em artigos científicos, mas em ordem cronológica, tais como os registros feitos em meus diários.

*Sol Silva Brito
Maio/2021*

No período entre a escrita do texto apresentado no NEPEN, no exercício de Pré-Qualificação e o exame de Qualificação, as leituras e os estudos se intensificaram, a partir das indicações surgidas nas reuniões de orientação e da participação em algumas disciplinas com muitos encontros, reencontros e desencontros com conceitos, ideias e referenciais teóricos que foram significando e (re)significando a tese, ao delinear a compreensão de conceitos e ideias-chave da tese, a saber: escritas reflexivas a partir de dispositivos biográfico-narrativos, na relação com os estudos de Passeggi (2021) e Suárez (2015, 2017); as Cartas Pedagógicas (FREITAS, 2020c), os Diários de Pesquisa (BARBOSA; HESS, 2010).

Escrita reflexiva e dispositivos biográfico-narrativos

Escrever o artigo intitulado “Mapeamento sistemático de experiências formadoras e dispositivos de pesquisa-formação: contribuições da abordagem

(auto)biográfica”, publicado na Revista Pontos de Interrogação³⁶ marca, sobremaneira, a forma como me aproximo dos estudos sobre dispositivos narrativos, em especial, no cenário das pesquisas acadêmicas, o que reforçou a relevância da temática da investigação para o campo da pesquisa (auto)biográfica.

O termo “dispositivo”, quando fora do contexto da pesquisa (auto)biográfica ou quando analisado por pesquisadores que não tem aproximação com seus referenciais, via de regra, causa um estranhamento e/ou críticas por ser compreendido na relação com os “dispositivos de poder” foucaultianos, “[...] máquinas de fazer ver e de fazer falar [...]” (DELEUZE, 1990, p. 155)

Em primeira nota é importante dizer que os dispositivos narrativos de escritas reflexivas de certa forma são dispositivos de poder, mas em outra perspectiva. Poder na relação com reflexividade que oportuniza um autorizar-se à auto(trans)formação (PASSEGGI, 2021). Nesse sentido, ainda segundo Passeggi (2014, p. 225),

Na perspectiva da pesquisa (auto)biográfica em Educação [...] as narrativas autorreferenciais são utilizadas como objeto, fonte e método de pesquisa qualitativa, e como **dispositivo pedagógico de reflexão crítica e de formação**. (grifo nosso)

Isto posto, a realização do mapeamento sistemático contribuiu para a compreensão de “dispositivo” a partir das contribuições de Delory-Momberger (2006, p. 369), para quem este se configura como espaço/tempo/ação de (re)encontros e (des)encontros reflexivos que acontecem na relação do sujeito consigo mesmo e, ao mesmo tempo, com o(s) outro(s), entendendo, assim, o movimento do narrar-se como “[...] uma das formas privilegiadas de atividade mental e reflexiva, segundo a qual o ser humano se representa e compreende a si mesmo no seio de seu ambiente social e histórico”.

Nesse sentido, baseando-se nos estudos de Delory-Momberger (2006, p. 369), não se busca um “[...] controle do ‘ser interior’ considerado em si mesmo e para si mesmo, mas advém da forma histórica e socialmente construída que o relato permite dar às experiências individuais”. Antes sim, entende-se como um movimento

[...] que inscreva a história de vida numa dinâmica prospectiva que liga o passado, o presente e o futuro do sujeito e visa fazer emergir seu projeto pessoal, considerando a dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de mudança aberto ao projeto de si. (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 369)

³⁶ O texto elaborado por Brito, Nakayama, Melletti e Fonseca (2021) está disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/14384>. Acessado em 15.fev.2023.

Os “dispositivos” são os movimentos (tempo/espaco/ação), tanto aqueles intencionalmente pensados/planejados, negociados horizontalmente, por meio de diálogos, contratos e consensos, na relação com os sujeitos que compõe as pesquisas na abordagem (auto)biográfica, quanto aqueles que emergem/se configuram durante o processo de escuta sensível (JOSSO, 2004), desde que assumidos enquanto constructo coletivo por todos os envoltimentos no processo de investigação.

Ampliada a compreensão acerca de dispositivos narrativos, cabe ressaltar que, para Suárez (2015 e 2017), na documentação narrativa das experiências escolares, enquanto dispositivos de trabalho pedagógico, compreende-se como

[...] estrategia de producción individual y colectiva de textos orientados a reconstruir de forma narrativa, difundir y debatir experiencias y prácticas educativas llevadas a cabo por los mismos docentes autores de los relatos en diferentes situaciones sociales, Conversas sobre formación de profesores, prácticas e currículos culturales, geográficas, históricas e institucionales. (SUÁREZ, 2017, p. 198-199)

Ao considerar o contexto da pesquisa em desenvolvimento, os movimentos de escrita reflexiva ou narrativas autorreferenciais, que temos chamado de dispositivos narrativos, tem se destacado, em especial no NEPEN, enquanto espaço/tempo de pesquisa-vida-formação. A entrega dos participantes ao se voluntariarem e se disponibilizarem a viver a experiência do narrar-se, enquanto compartilham memórias dos encontros e das atividades desenvolvidas, em um movimento singular-plural, revela-se como potente para pensar os dispositivos narrativos a partir das contribuições de Suárez (2015), sendo importante destacar que o autor fundamentará, ainda, um movimento de “documentação narrativa das experiências pedagógicas”, que é a escolha de continuidade da tese.

Para o referido autor, a documentação narrativa pauta a publicização de saberes pedagógicos, que emergem da reflexividade, pelo (auto)biográfico, que partem dos saberes da experiência de docentes.

La documentación narrativa, como dispositivo pedagógico crítico, pretende tornar publicamente disponible el saber pedagógico reconstruido, recreado, relatado por los docentes narradores desde sus saberes de experiencia. Inscribiendo esse saber pedagógico en el debate público y em los diferentes circuitos de discusión especializada em materia de educación, currículum, formación docente o evaluación, interpela a los docentes como sujetos político-pedagógicos, como sujetos de conocimiento y de su propia formación, y se compromete con la intervención, con la acción político-pedagógica colectiva en el campo educativo (SUÁREZ, 2015, p. 78).

Nesse sentido, o movimento de (re)desenhar a proposta de pesquisa reconhece alguns dispositivos de escrita reflexivas na relação com a documentação narrativa das experiências pedagógicas como integrantes do processo de formação vivenciado nos espaços/tempo de pesquisa-vida-formação e, em especial, no constituir-me pesquisadora-autor-cidadã.

A escrita reflexiva, a partir de dispositivos biográfico-narrativos, impacta-me e atravessa de tal forma que opto, no momento de passar pelo Exame de Qualificação, por apresentar um relatório da tese que se anuncia a partir deles, identificando-o da seguinte forma: *“Narrativas, Diário, Inventário de Pesquisa, Memorial e Carta Pedagógica: relatório de Tese apresentado para Exame de Qualificação do Programa de Pós-Graduação em Educação para obtenção do título de Doutora em Educação.”*.

Ao considerar a intenção de integrar nesse movimento de narrar o processo de construção (re)construção da tese, enquanto itinerância teórico-metodológico, faz-se importante abordar a compreensão que dou para cada um desses dispositivos.

Diários

Na ocasião em que apresentei o embrião desse trabalho na “Pré-Qualificação” do NEPEN, questão abordada anteriormente, para organizar a escrita do capítulo teórico, vasculhei meus escritos, fichamentos e anotações das leituras realizadas, disponíveis nos meus Diários de Pesquisa (BARBOSA; HESS, 2010). Uso Diários no plural porque produzi mais de um ao longo do percurso do Doutorado. Tenho o Diário da Tese, que abriga as ações iniciais do projeto submetido ao processo seletivo, bem como as orientações já enquanto doutoranda, assim como as descobertas que foram (re)desenhando a proposta de pesquisa, que inclui o movimento da escrita do texto para a “Pré-Qualificação”, bem como esse; o diário das produções acadêmicas em que constam os percursos trilhados para a escrita de artigos, Cartas Pedagógicas, resumos e resumos expandidos submetidos às revistas e eventos acadêmicos e, ainda, o Diário das Disciplinas, sendo que não posso deixar de mencionar que fiz um Diário de Registro (FREITAS; MACHADO; SOUZA, 2017) do curso de extensão sobre Cartas Pedagógicas realizado junto à Unipampa.

Para o Exame de Qualificação, o relatório da tese integrou os encontros e reencontros com os referenciais teóricos a partir de narrativas, publicizando alguns dos conteúdos dos Diários de Pesquisa (DP), em especial, na apresentação do percurso metodológico trilhado até aquele momento.

Ao reconhecer que a tese se constrói e (re)constrói no movimento do pensá-la ao escrevê-la, é importante apontar que Diários de Pesquisa nessa investigação é tomado

[...] como recurso processual capaz de auxiliá-lo [o estudante universitário] em sua autoformação, entendida aqui a partir de tríplice perspectiva: formação para a pesquisa; para a escrita e, principalmente, formação de si como autor de sua atuação no social da vida cotidiana. (BARBOSA; HESS, 2010, p. 15)

A autoformação é princípio fundante na pesquisa (auto)biográfica e, em especial, nessa investigação, os DP são integrados e reconhecidos no movimento da documentação biográfico narrativa, que assumem a intimidade com o processo de criação e autocriação, ao mesmo tempo que publiciza os escritos, anotações, enquanto registros dos andaimes da pesquisa. (BARBOSA; HESS, 2010)

Por sua vez, Freitas, Machado e Souza (2017, p. 13) ao problematizarem os Diários de Registros (DR) indicam que

[...] ao reunir registros de natureza diversa, o diário constitui-se como um instrumento de ensino-pesquisa por meio do qual educador/a e educandos tomam para si o desafio da documentação da experiência, assumindo-a como objeto de investigação. Nesse processo, (trans)formam-se em “coleccionadores/as do cotidiano”, desenvolvendo práticas de registro e organizando-os, a fim de constituir a memória do trabalho realizado.

Cabe destacar que organizar os escritos dos Diários de Pesquisa ou Registro, na perspectiva de publicizá-los e integrá-los ao texto da tese é/tem sido um exercício desafiador. Acreditava que a partir das anotações e organização que já tinha, a demanda seria textualizá-los de forma sistematizada. No entanto, na busca dessa sistematização duas questões se destacaram:

- a) A necessidade de aprimoramento da/na organização dos excertos e destaques das leituras feitas, que aparecem nos DP e DR, de forma a facilitar a textualização da escrita no momento de sua publicização;
- b) Evidenciaram-se as fragilidades quanto a aproximação e apropriação dos conceitos e referenciais teóricos que fundamentam a investigação, muitos deles, apropriados, mas que no momento da sistematização para a escrita, tornou-se evidente que necessitavam ser retomados e/ou ampliados.

Também pelas questões apontadas acima, eleger os diários como dispositivo narrativo na relação com o processo de autoformação e marcas de autoria fizeram sentido.

Por fim, é significativo compartilhar duas ações que não foram integradas, diretamente ao texto final da tese, mas que a compõe transversalmente: a) no início da realização da pesquisa busquei organizar os registros feitos nos diários em um *blog* virtual, que foi identificado como “Sol em Doutoradolândia”. A dinâmica frenética do cursar disciplinas, garantir a realização dos trabalhos acadêmicos, enquanto fazia a revisão do projeto e dava continuidade à investigação, inviabilizaram que essa proposta fosse levada a cabo, sendo que muito provavelmente quando fizer um balanço do que foi o percurso do Doutorado, o desejo de ter alimentado o *blog* e tê-lo como mais um dispositivo narrativo, na relação com o virtual, será algo a ser pautado; b) em 2020, ano mais contundente da pandemia da COVID-19, o aplicativo *WhatsApp*, mais especificamente o grupo criado para comunicação entre os membros do NEPEN, foi um espaço de extensão das discussões realizadas nas reuniões do coletivo, em que circularam angústias e ansiedades existenciais, frente ao isolamento social, mas também, a divulgação de materiais, *lives*, músicas e uma infinidade de documentos e ações que, de alguma forma, ajudaram na sobrevivência àquele “pandemônio” e na ampliação do acesso aos referenciais da pesquisa (auto)biográfica.

Em algum momento do percurso da tese, eu e minha orientadora chegamos a pensar em ter o conteúdo desse grupo de *WhatsApp* também como um dispositivo de escrita reflexiva, na relação com o (auto)biográfico. Pensar nessa possibilidade me fez *printar* todas as conversas, tendo o ano de 2020 como recorte temporal. Esse material, que é um (guar)dado, não está contemplado integralmente nessa tese, mas, certamente, em muitos momentos está em diálogo com ela. É importante demarcar, portanto, que o movimento de construção de uma obra não se encerra na entrega de seu relatório ou da versão, dita final. Há potencialidades que só foram anunciadas ou mencionadas, mas que podem reverberar e se colocar em diálogos entrecruzados no seguir outras itinerâncias acadêmicas e de investigação, para além da tese em si.

Memoriais de formação

Os memoriais de formação marcam meu encontro e aproximação com a escrita reflexiva, a escrita de si e as narrativas na formação docente, ainda no Mestrado.

Textualizei minha primeira experiência com a escrita de memoriais, conforme pode ser observado a seguir:

[...]

Quando finalizei o Mestrado, uma das questões que mais causou-me inquietação, talvez a palavra correta seja frustração, quando via-me como uma pesquisadora em potencial, foi o fato de os sujeitos envolvidos no programa de formação estudado* não terem sido considerados, ouvidos, partícipes da dissertação, uma vez que o desenho da proposta de pesquisa contemplou a análise documental e do discurso enquanto metodologia de pesquisa. Tentei, até o último minuto, inserir narrativas enquanto produção de dados na minha pesquisa, até que, ao apresentar a proposta em um simpósio, vi-me convencida de que no tempo do Mestrado, considerando o desenho da proposta de pesquisa, não seria possível integrar um trabalho com narrativas.

Naquele momento, não tinha repertório teórico para compreender a pesquisa (auto)biográfica, mas a experiência de escrever meu memorial de formação como texto de abertura da dissertação, me fez querer saber mais. Sendo assim, foi em 2012, ano do início do Mestrado cursado no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), na Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba (UFSCar-Sor), mesmo programa em que atualmente curso o Doutorado, travei meus primeiros contatos com Memoriais Acadêmicos e Memoriais de Formação. Foi no trabalho de conclusão da disciplina “Formação de Professores e Práticas Educativas” que, ao escrever meu primeiro memorial tive uma experiência formadora inesquecível, um momento charneira (JOSSO, 2004).

Um dos trabalhos acadêmicos mais difíceis de ver concluído, ele marca minha aproximação com as narrativas (auto)biográficas, bem como foi um dos primeiros textos que produzi em Dissertolândia**, uma produção carregada de muita ansiedade em corresponder à expectativa daquele novo espaço que desbravava.

Em síntese, foram cinco versões até que a orientadora o aceitasse como uma escrita a compor a abertura da dissertação, que, claro, ainda recebeu ajustes e complementos, podendo afirmar que o que está publicado no repositório é a sexta versão do memorial. Quando finalizei a quarta versão, estava aos prantos, literalmente, visto que sou muito dramática. Fechei o computador, dei alguns socos na mesa dizendo: “- É isso! Não refaço! Seja a nota que for, refaço a disciplina, mas não retomo esse trabalho!” Dias depois a orientadora me devolve o trabalho com várias anotações e indicações de ajuste. Eu olho diretamente nos olhos dela, respiro fundo e digo: “- Obrigada Professora! Quando devo entregar a nova versão?” Me dei alguns dias para digerir que teria que mexer naquela escrita novamente e, quando a retomei, percebi como bastante óbvios os apontamentos feitos, não conseguia

entender por que nas quatro escritas anteriores não tinha conseguido enxergá-los. Tratava-se da necessidade de manter no texto experiências que dialogassem com o tema da pesquisa, sendo que em alguns momentos eu ainda narrava fatos descontextualizados. A devolutiva dessa última versão foi com um imenso sorriso e palavras que diziam algo como *“Era isso! Ficou muito bom!”*. Naquele momento, embora muito feliz com o retorno, me senti fortalecida para dizer à orientadora quanta dificuldade tive em realizar aquele trabalho. Contei-lhe sobre os treze anos que me afastavam da graduação até aquele início do Mestrado; que estava me esforçando para aprender a linguagem de um espaço/tempo que era tão novos e estranhos para mim e, que agradeceria muito se ela pudesse compreender minhas muitas limitações. Ao me ouvir, atentamente, a orientadora me olhou nos olhos e perguntou: *“- Terminou?”*. Quando acenei a cabeça em sinal afirmativo, esperava e antevia uma resposta que não necessariamente seria a que gostaria de ouvir. Naquele momento, ela me falou sobre como cheguei, espontaneamente, até o PPGEd; sobre o processo seletivo que fora extremamente concorrido; e, principalmente, deixou claro que quem estava vendo limitações era eu e enfatizou que ela só enxergava potencialidades e sempre que eu apresentasse uma produção que, na avaliação dela, eu poderia fazer melhor, sim, ela cobraria que fosse melhor.

Serei e sou eternamente grata à Prof^a. Dra. Bárbara C. M. Sicardi Nakayama, que continua olhando para minhas potencialidades e as vê onde eu jamais enxergaria e, por acreditar nelas, me impulsiona e me faz crer que tenho asas, asas essas que levam a ousar me aproximar de referenciais densos e intensos como os referenciais da pesquisa (auto)biográfica e me fez/faz acreditar que posso escrever-viver-gestar-parir uma tese.

 * Programa Residência Educacional. Ver BRITO (2013).

** Ao cursar o Mestrado (2012 e 2013), a Prefeitura de Sorocaba, onde mantinha vínculo de trabalho (40 horas semanais) não oferecia qualquer programa de incentivo à pesquisa. Naquela ocasião para poder cumprir os créditos das disciplinas cada hora de trabalho precisava ser compensada (paga) o que me levou a um afastamento social. Quando me perguntavam por que estava tão sumida eu respondia que estava morando em “Dissertolândia”.

Mais que contextualizar minha aproximação com as narrativas e o (auto)biográfico, a experiência com a escrita de Memoriais de Formação, seja a primeira no Mestrado, quanto as que vivi no Doutorado, tem ampliado a percepção de que eles são potentes dispositivos de escrita reflexiva.

Segundo Passeggi (2010, s/p), o memorial de formação é um

Texto acadêmico autobiográfico no qual se analisa de forma crítica e reflexiva a formação intelectual e profissional, explicitando o papel que as pessoas, fatos e acontecimentos mencionados exerceram sobre si. Adota-se a hipótese de que nesse trabalho de reflexão autobiográfica, a pessoa distancia-se de si mesma e toma consciência de saberes, crenças e valores, construídos ao longo de sua trajetória.

Por sua vez, para Abrahão (2011, p. 166) memorial de formação é

[...] o **processo** e a **resultante** da **rememoração com reflexão sobre fatos relatados**, oralmente e/ou por escrito, mediante uma **narrativa de vida**, cuja trama (enredo) **faça sentido** para o sujeito da narração, com a **intenção**, desde que haja sempre uma intencionalidade, de clarificar e **ressignificar** aspectos, dimensões e momentos da própria formação. No que respeita ao processo, trata-se de **experienciar** o momento da narrativa reflexionada também como um **componente formativo essencial**. Trata-se de o narrador, elaborador do próprio memorial, ser realmente o **sujeito da narração** (embora dela também seja objeto), consciente de que a reflexão empreendida é elemento *sine qua non* para a **compreensão da própria formação** e, ainda, de que o **momento da narração**, nos moldes aqui entendidos, é, também ele, **momento formativo**. (grifo da autora.)

Nessa perspectiva, pela oportunidade de olhar para percursos e trajetórias, como aponta Passeggi (2010), em uma escrita que oportunize e busque a compreensão da própria formação, enquanto escrita que parte da rememoração com reflexão e intencionalidade, como indica Abrahão (2011), para essa tese os memoriais de formação serão compreendidos como fonte de análise, na perspectiva de que no convite ao diálogo, contemple a continuidade da investigação e possa identificar as marcas de autoria nele evidenciadas.

As Cartas Pedagógicas

Sou apresentada às Cartas Pedagógicas (FREITAS 2020c; CAMINI, 2021; VIEIRA, 2019) em um evento virtual, intitulado “Ateliê de Cartas Pedagógicas”, cuja organização foi da Associação dos Supervisores de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (ASSERS), realizado no contexto das comemorações ao centenário do nascimento de Paulo Freire. O encontro ocorreu no carnaval de 2021 e, por isso, passamos a identificá-lo como “Folia das Cartas” e foi planejado/oportunizado pela minha orientadora de tese em parceria com a Professora Ana Lúcia Souza de Freitas. Posteriormente, participei de um curso de extensão³⁷ que lançou-me ao encontro mais

³⁷ Ofertado pela Universidade Federal do PAMPA (UniPampa) tinha uma tetra docência formada pelas Professoras Ana Cristina Rodrigues, Ana Lúcia Souza de Freitas, Bárbara Sicardi Nakayama e pelo Professor Celso Nunes da Conceição. O curso contou com onze encontros síncronos, por meios virtuais e o grupo era composto por participantes de diferentes estados do Brasil, bem como por pessoas do “Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França”.

íntimo com as Cartas Pedagógicas, bem como com Paulo Freire, dando-me conta, nos primeiros encontros, que o Patrono da Educação brasileira compunha meu repertório teórico de forma muito incipiente. Essa constatação fez-me escolher abraçá-lo, por meio das suas produções e convidá-lo a compor a tese que está sendo gestada, possivelmente no que se refere à dimensão “cidadã”, de pesquisadora-autora-cidadã, na relação com a ideia de emancipação.

Conhecer e reconhecer as Cartas Pedagógicas enquanto dispositivo narrativo tem sido uma construção feita em parceria com minha orientadora e outras doutorandas e doutorandos do NEPEN, visto que em situações diferentes temos lançado mão delas enquanto escrita reflexiva. O curso de extensão, a que me referi acima, ainda, marca a percepção de que “A potência do espaço de pesquisa-formação está na documentação narrativa (SUÁREZ, 2015) nele produzido e nos sentidos que se dá a eles.” (NAKAYAMA, 2021)³⁸

Nesse sentido,

A carta, como instrumento que exige pensar sobre o que alguém diz e pede resposta, constitui o exercício do diálogo por meio escrito. Por isso, referir-se às cartas pedagógicas implica referir-se ao diálogo, um diálogo que assume o caráter do rigor, na medida em que registra de modo ordenado a reflexão e o pensamento; um diálogo que exercita a amorosidade, pois só escrevemos cartas para quem, de alguma forma, nos afeta, nos toca emotivamente, cria vínculos de compromisso. (VIEIRA, 2019, p. 75)

O convite ao expressar-se por escrito, tendo explícita a proposição ao diálogo, enquanto expectativa de resposta também escrita, é uma das características que a carta enquanto gênero textual, quando elevada a Carta Pedagógica, tem sido vista e considerada um potente dispositivo narrativo, em específico, para essa tese em gestação.

Na perspectiva de demarcar o que assumo como “Carta Pedagógica” nessa tese, cabe destacar que se trata de um gênero cunhado a partir dos escritos de Paulo Freire, uma vez que era hábito dele, pode-se até dizer, uma preferência, escrever e comunicar-se a partir de cartas (VIEIRA, 2019, p. 75). Vale ressaltar, ainda, que a considerando o momento histórico em que Paulo Freire viveu, a comunicação epistolar era uma estratégia muito utilizada, visto que a era digital só estava começando a dar indícios de sua potencialidade, enquanto modo de comunicar-se.

³⁸ Essa é uma anotação feita no meu Diário da Tese, em 07/09/2021, a partir de uma ligação telefônica da minha orientadora para conversar sobre algumas de suas percepções, após a leitura da Carta-Avaliação do Curso de Extensão, em que via possibilidades de dialogar com a minha tese.

Alguns dos livros publicados que compõem o seu legado foram escritos a partir de cartas, “Cartas à Guiné-Bissau” (2021), “Cartas à Cristina – reflexões sobre minha vida e minha práxis” (2015), “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar” (1997) são alguns exemplos.

Pouco mais de um ano após a morte de Paulo Freire, ocorrida 1997, sua esposa Professora Ana Maria [Nita] Araújo Freire, organiza os escritos nos quais ele trabalhava no momento em que adoeceu e morreu e publica em 2000 o livro intitulado “Pedagogia da Indignação – cartas pedagógicas e outros escritos”. Na apresentação do livro, ela fala dos escritos nele publicados, identificando os escritos como cartas pedagógicas atribuindo ao próprio Paulo Freire essa denominação. Assim ela as apresenta,

Ler esses textos, sobretudo porque eles estavam, como sempre, escritos pelas próprias mãos de Paulo, significaria naquelas horas de dor indescritível dizer a mim mesma que, definitivamente, estas *Cartas Pedagógicas* (ele mesmo as chamou assim desde quando começou a escrevê-las) ficaram inacabadas. (FREIRE, 2000, p. 10)

Na escrita da tese a escolha de grafar Cartas Pedagógicas com as iniciais em maiúsculo se fundamenta na contribuição de Freitas (2020c). Segundo a referida autora,

Compreender e usufruir o potencial emancipatório implícito no legado das Cartas Pedagógicas é, pois, uma perspectiva que se espraia e nos desafia a fortalecer parcerias no movimento de reinvenção do legado de Paulo Freire. Antes de finalizar, chamo atenção e justifico – imagino que já tenham observado – o modo como emprego a expressão Cartas Pedagógicas com letras maiúsculas. Tenho a intenção de deixar aqui minha sugestão. Proponho empregarmos letras maiúsculas na expressão Cartas Pedagógicas, concebendo-a como um nome próprio do legado de Paulo Freire, considerando ser essa uma forma de destacar a relevância e a atualidade de suas contribuições. (FREITAS, 2020c, p. 66)

Assumindo-as enquanto “nome próprio” cuja paternidade é de Paulo Freire, enquanto compreensão sobre o potencial das Cartas Pedagógicas, considerando o pensamento Freireano, na perspectiva de reinventar as práticas de formação docente, acredito e busco na pesquisa voltada à formação docente, uma rigorosidade outra que considere as singularidades de cada sujeito. E, nesse sentido, as Cartas Pedagógicas passarem a integrar uma pesquisa (auto)biográfica, com suas características e potencialidades para compor a documentação biográfico narrativa, vai ao encontro do que tenho me proposto fazer; movimentos pautados na escuta e no diálogo, com o outro, escolha essa, seja enquanto pesquisadora em

formação ou como profissional da educação, atuando, em ambas as frentes, com a formação docente.

Considerando a dimensão investigativa que venho atribuindo às Cartas Pedagógicas, cabe trazer, mais uma vez, ao movimento de reflexão, a experiência com o exercício de Pré-Qualificação realizado em maio de 2021. Ao estruturar o texto que compartilhei, no lugar de escrever uma “Introdução” o fiz por meio de uma “*Carta Apresentação*” e encerrei-o com uma “*Carta das considerações provisórias: um convite à continuidade*”. Aquele texto foi organizado ao longo do mês de maio, auge dos encontros do curso de extensão, ao qual me referi e, a recém-descoberta das Cartas Pedagógicas de Paulo Freire, reveladas à luz das reflexões oportunizadas no curso, foi um convite à transgressão acadêmica.

Ancorada nos estudos de Freitas (2020b) em que a autora aponta que

Como indica a própria expressão, a escrita de uma Carta Pedagógica diz respeito a associar a produção textual de gênero carta a uma intencionalidade pedagógica específica. Enquanto carta, apresenta elementos próprios, tais como data, destinatário, saudação inicial e final, caracterizada pela escrita na primeira pessoa do singular, por um/a remetente que se comunica na expectativa de receber uma resposta. Sendo pedagógica, tem uma intencionalidade formativa que lhe é intrínseca, ou seja, propõe fazer a escrita de pensamento, prática reflexiva e “provocações” ao diálogo. (FREITAS, 2020b, p. 97)

Reconheço que as Cartas Pedagógicas não têm uma estrutura rígida, visto tratar-se, em primeira instância, de um movimento de escrita narrativa. No entanto, no quadro abaixo apresentam-se algumas características de organização da escrita, que foram sistematizadas a partir das contribuições da autora e obra acima citadas.

Quadro 4 – Orientações e possibilidades para escrita de Cartas Pedagógicas

	POSSIBILIDADES
TÍTULO	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Que seja provocativo; ➤ Que apresente e delimite o tema; ➤ Que chame atenção; ➤ Que seja mais um convite ao diálogo para além de um título técnico.
EXPERIÊNCIAS	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Sobre o que eu quero falar? ➤ Que/Qual experiência quero compartilhar na C. P.? ➤ Porque quero propor uma discussão sobre esse tema/experiência?
DESTINATÁRIO	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Para quem vou/gostaria de escrever? ➤ Pode ser real, fictício, único, coletivo etc.; ➤ Que ative/aguçe a imaginação.
MOTIVAÇÃO / PROBLEMÁTICA	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Que inquietação quero responder quando me proponho a escrever sobre esse tema? ➤ É possível anunciar, denunciar, comunicar, expor, propor ...

PROVOC-AÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Convite à resposta; ➤ Provocar o leitor a dar continuidade ao processo incluindo o outro como sujeito desse movimento de autoria.
---------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Brito (2022a)

Cabe destacar, que estruturar “os elementos” que compõem a escrita de uma Carta Pedagógica em um quadro, não tem por expectativa apresentar uma receita ou um engessamento do como escrevê-la. Fazer quadros estruturantes, para organizar as ideias, tem sido uma marca no processo de produção acadêmica, que vem se evidenciando no constituir-me pesquisadora.

Por fim, ao colocar em diálogo as Cartas Pedagógicas, enquanto dispositivo narrativo, com os contornos da tese, cabe destacar que as reflexões oportunizadas a partir da escrita da Carta-Avaliação do curso de extensão, anteriormente citado, impacta na escolha por trazer a discussão sobre documentação narrativa (SUÁREZ, 2015) para a tese. Essa escolha consolida-se a partir da aproximação do NEPEN com os estudos do Professor Daniel Suárez, que no ano comemorativo da primeira década, se ampliam substancialmente.

Em decorrência da pandemia da COVID-19, foram realizados eventos virtuais que integraram a agenda de celebração. Intitulados como “Diálogos entrecruzados”, esses momentos oportunizaram que o NEPEN e outros grupos de pesquisa convidados participassem de discussões e reflexões protagonizadas por referências nacionais e internacionais. O Professor Daniel Suárez foi uma delas. Com uma fala intitulada “Revitalizar la pedagogía: documentación narrativa, investigación participativa y formación” oportunizou e contribuiu para uma reflexão sobre a pedagogia como saber legítimo das professoras e dos professores, bem como, do papel do narrar no fortalecimento a essa ideia. Essas reflexões dialogaram diretamente com o trabalho e, em especial com a escolha de ter as Cartas Pedagógicas e os estudos de Paulo Freire presentes nela.

A ampliação de estudos e aproximações com os referenciais teóricos definiram que os contornos da tese, no momento do Exame de Qualificação, fossem os apresentados no quadro síntese abaixo.

Quadro 5 – Síntese dos contornos da pesquisa (Exame de Qualificação – 2022)

ELEMENTOS	DESCRIÇÃO
TÍTULO	DOCUMENTAÇÃO BIOGRÁFICO NARRATIVA EM ESPAÇOS DE PESQUISA-VIDA-FORMAÇÃO: UM DIÁLOGO DA PESQUISADORA-AUTORA-CIDADÃ COM AS TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS DE MULHERES DOCENTES
TEMA	Marcas de autoria das experiências na formação docente na relação com a pesquisa (auto)biográfica, dispositivos narrativos e a pesquisa formação.
PROBLEMÁTICA	Que marcas de autoria emergem de experiências formadoras, reveladas nos processos de constituição de mulheres docentes que fazem pesquisa e, integram espaços de pesquisa-vida-formação, que estão concebidos na relação com a pesquisa (auto)biográfica e com os dispositivos de documentação narrativa?
OBJETIVOS	<p>GERAL - promover um diálogo entrecruzado com o conceito de autor-cidadã (BARBOSA, 2000) pela lente de mulheres que integram espaços de pesquisa-vida-formação para apresentar a ideia de “autora-pesquisadora-cidadã”.</p> <p>ESPECÍFICOS</p> <p>a) Mapear características que legitimam os espaços/tempos de pesquisa-vida-formação na relação com os pressupostos teóricos-metodológicos da pesquisa (auto)biográfica.</p> <p>b) Inventariar as características que legitimam os dispositivos narrativos enquanto referenciais para/de documentação narrativa em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação.</p> <p>c) Identificar as singularidades dos processos de autoria das experiências formadoras de mulheres docentes que integram espaços/tempos de pesquisa-formação, a partir do diálogo, tendo as Cartas Pedagógicas como biográfico narrativo.</p>
METODOLOGIA	<p>Análise dos inventários</p> <p>1. Biografizar o NEPEN (SOUZA, 2014):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estrutura e organização dos espaços/tempos; • Acontecimentos realizados/oportunizados; • Outras características. <p>2. Indicar as características que configuram espaços acadêmicos como sendo de pesquisa-vida-formação.</p> <p>Análise dos inventários (SOUZA, 2014)</p> <p>A partir do que esse trabalho assume como dispositivos e documentação narrativa das experiências pedagógicas (SUÁREZ, 2015) inventariar as características:</p> <ul style="list-style-type: none"> • das mediações; • da escrita das memórias dos encontros; • dos pareceres produzidos para as arguições da “Pré-qualificação” dos projetos de dissertações e teses; • das narrativas produzidas no contexto do NEPEN; • dos memoriais acadêmicos publicados nas dissertações; <p>Documentação narrativa das experiências pedagógicas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Definir critérios para convidar outras mulheres docentes que comporão a última parte da pesquisa (NEPEN e outros espaços); • Estruturar a proposta da documentação narrativa de experiências pedagógicas (SUÁREZ, 2015); • Formalizar o convite a partir de uma Carta Pedagógica; • Desenvolver o movimento de documentação narrativa, tendo as Cartas Pedagógicas (FREITAS, 2020c) como dispositivo narrativo.
REFERENCIAIS TEÓRICOS	A existencialidade (BARBIER, 2003; FERREIRA, 2007); escritas reflexivas na pesquisa (auto)biográfica (PASSEGGI, 2021; PASSEGGI; SOUZA, 2017); Cartas Pedagógicas (FREIRE, 2000; CAMINI, 2021; FREITAS, 2020c; DICKIMANN, 2020); Diários de Pesquisa (BARBOSA; HESS, 2010); Diários de Registro (FREITAS et. al., 2017); Metáforas (RICOEUR, 2000); Narrativas (SOUZA, 2004); Inventários (PRADO et. al., 2018); dispositivos de uma documentação narrativa (SUÁREZ, 2015); autoria (BARBOSA, 2000); emancipação (FREIRE, 1987); trajetórias (im)prováveis (PASSEGGI, 2015); experiências formadoras vivenciadas em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação (JOSSO, 2004, 2007).

Elaboração: Sistematizado pela autora (2023), a partir do texto apresentado para o Exame de Qualificação em agosto/2022

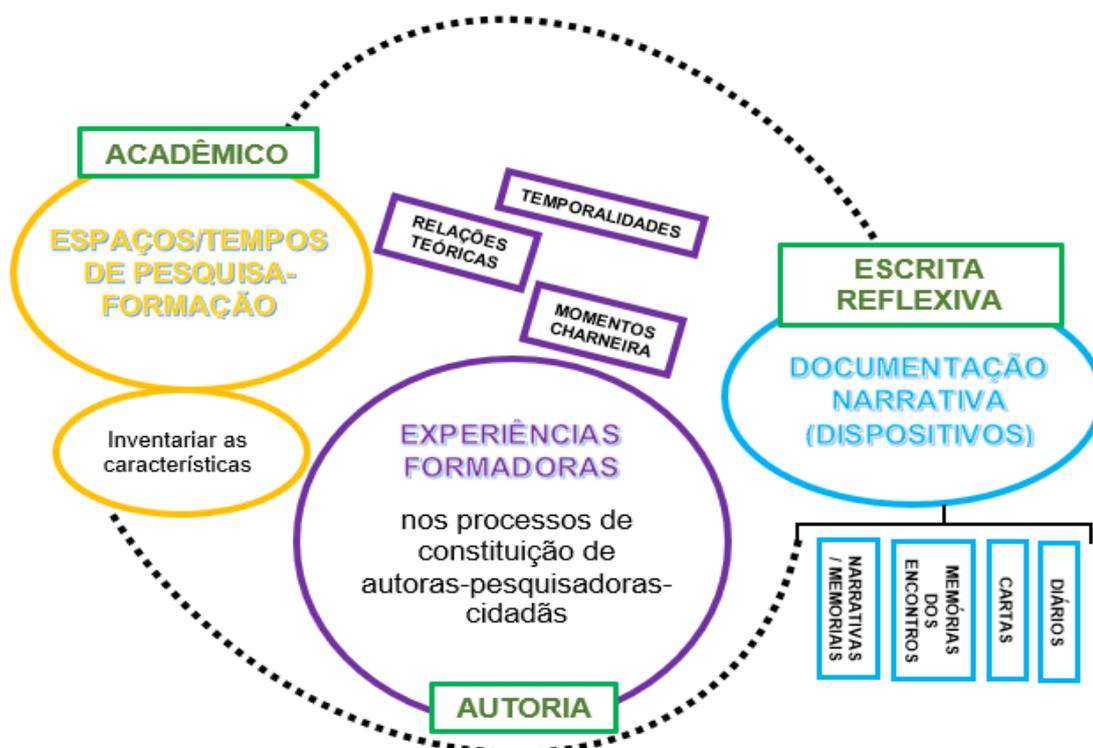
Naquele momento, indicava-se um trabalho que articulava a trajetória acadêmica (os **espaços/tempos da pesquisa-vida-formação**³⁹), na relação com a escrita reflexiva (**dispositivos narrativos e documentação narrativa das experiências pedagógicas**), com foco nos processos de autorias, revelados pelas marcas das **experiências formadoras** de mulheres docentes. Esse movimento se dá numa perspectiva de investigação que assume e considera o (auto)biográfico como escolha epistemo-metodológica e, nesse sentido, busca inventariar: a) as características do que se está chamando por espaços/tempos de pesquisa-vida-formação; b) as características dos dispositivos das escritas reflexivas, a saber: diários, Cartas Pedagógicas, Memórias, Narrativas e Memoriais, produzidos no contexto dos espaços/temos de pesquisa-vida-formação.

A figura abaixo demonstra a perspectiva da tese em movimento ou do movimento da tese, ainda em construção. No momento em que escrevia aquele relatório, para o Exame de Qualificação, apresentei marcas de temporalidade, relações teóricas e momentos charneira do meu percurso, enquanto autora, na relação com a produção da tese, bem como indicava como expectativa para o devir e continuidade, chamar para o diálogo outras mulheres que pudessem e quisessem contribuir com o processo de investigação a partir de reflexões sobre as marcas das experiências formadoras de seus percursos acadêmicos. Num primeiro momento, seriam convidadas as mulheres do NEPEN⁴⁰, visto pertencer a esse coletivo desde sua instituição e, ainda, uma expectativa a se consolidar para que fosse feito convite a mulheres docentes em trajetória acadêmica na Argentina e Uruguai.

³⁹ Ideia apresentada anteriormente quando anuncio o NEPEN.

⁴⁰ Essa tem sido uma escolha pautada numa coerência epistemopolítica (PASSEGGI; SOUZA, 2017), pois acredito que, embora fosse legítimo propor uma pesquisa-formação com foco na produção da tese, o que se busca colocar em evidência são os meandros articuladores e mediadores na produção do conhecimento, enquanto característica de um espaço de pesquisa-vida-formação (NEPEN), a partir de dispositivos narrativos.

Figura 6 – A tese em construção (Exame de Qualificação – 2022)



FONTE: Elaborado pela autora. (2022)

É importante ressaltar que a busca pelas marcas de autoria, que se dá a partir do (auto)biográfico, não dispensa o rigor que é característica da produção científica, embora se reconheça a pertinência de se realizar uma investigação a partir de um rigor outro, um rigor comprometido com a reflexividade (PASSEGGI, 2021), de quem está a produzir conhecimento científico, nesse caso, nessa tese, enquanto experiência acadêmica e existencial.

Larrosa Bondía (2002), nos coloca frente a uma compreensão de “experiência” numa perspectiva ampla de sentidos. Citando Walter Benjamin, Larrosa Bondía diz que “Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.” Nesse sentido, ainda pautada nas contribuições do autor,

Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como **um território de passagem**, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da experiência é **um ponto de chegada**, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como **“aquilo que nos acontece, nos sucede”**, ou “happen

to us”, o sujeito da experiência é sobretudo **um espaço onde têm lugar os acontecimentos.** (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 24, grifo nosso)

Expor os caminhos percorridos, mostrar os andaimes dessa investigação, tem sido uma escolha que vai ao encontro do assumir-me, enquanto sujeito da experiência e pesquisadora em formação, contemplar os territórios de passagem, alguns pontos de chegada [e partida] mas, principalmente, os acontecimentos que denotavam um processo, que ao mesmo tempo que expõe incompletudes, anuncia e assume o compromisso do ir em frente na heurística da itinerância teórico-metodológica.

Nesse contexto, apresento uma narrativa escrita para uma das disciplinas cursadas no Doutorado que, de alguma forma, é uma síntese de alguns dos conceitos e ideias que a tese traz, no seu bojo de fundamentação.

Carta/Narrativa – Se algo acontecer, amo vocês: narrativa de uma mãe/doutoranda ou, de uma doutoranda/mãe.

Sorocaba, 04 de outubro de 2021.

Para Lucas e Felipe, os sentidos dessa minha existência....

Filhos amados, bênçãos infinitas sejam derramadas sobre a vida de vocês!

Embora seja muito recorrente eu apostar na escrita como meio de comunicação para com vocês e, por isso, ser comum receberem escritos meus, essa Carta Pedagógica, que escrevo hoje é um tanto quanto diferente, visto que é uma “lição de casa” do Doutorado da mãe. Sim, no Doutorado também tem lição de casa! Estou cursando uma disciplina que reúne seis universidades públicas, dentre elas três de Portugal, com seis professoras e um professor. Para entenderem a importância dessa disciplina e da lição de casa, pensando em algo que sei que gostam muito, seria como vocês estarem fazendo um curso sobre a história do reggae e o vocalista do “Ponto de Equilíbrio”, com o guitarrista do “Mato Seco” e o baixista do “Plantas e Raízes”, junto com outra galera “desse naipe” fossem os professores de vocês. Sendo mais clara ainda, lembra que a mãe explicou que colocar Tardif e Marie Christine Josso como nome dos nossos bichanos era uma forma de ter os referenciais teóricos que a mãe estuda mais pertinho dela? Então, agora estou tendo aula com pessoas responsáveis pelos estudos sobre pesquisa (auto)biográfica estarem se consolidando no Brasil e Portugal, professoras e professor que também mereceriam virar nome de gatas/gato, será que Inaldo deixa?

A lição de casa é escrever uma pequena narrativa na qual eu conte o que senti ao assistir, na última aula, o curta metragem da Netflix “Se algo acontecer, te amo”⁴¹, na relação com os estudos sobre a pesquisa (auto)biográfica, que é um jeito outro de fazer pesquisa na área das ciências humanas. Uma abordagem e método de pesquisa bem diferente do tradicional ou, diferente do que o Lucas faz no Mestrado, em que tem sujeitos como voluntários de experimentos. Nesse “jeito outro” o sujeito da pesquisa está diretamente envolvido nela, faz parte, a compõe. Suas subjetividades (sentimentos, emoções, memórias e marcas das suas experiências) compõem a

⁴¹ Trailer disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l2e1fZnqjE>

pesquisa que é feita a partir do olhar e de uma escuta sensível das histórias de vida que esses sujeitos narram, na relação com seus percursos de formação profissional e de vida.

Tem um filósofo chamado Paul Ricoeur – excelente nome para um “frajolinha”, não acham? – cujos estudos estão deixando a mãe “doidinha”, que tem ajudado a compreender as potencialidades dos “tempos do narrar”. Não sei muita coisa ainda, mas ele chama atenção para a importância desses tempos. Mais ou menos assim: quando narramos (presente/hoje), acessamos uma memória (algo que aconteceu no passado), que, no movimento do narrar (escrever ou falar sobre essa trama narrativa, a memória e seus contextos) convocamos uma perspectiva de olhar para o que aconteceu (passado), a partir do que somos no presente, ou seja, é olhar para o passado considerando as aprendizagens e as experiências vividas que, somente agora, no presente, estão disponíveis. Nesse movimento (rememorar o passado com os olhos do presente) temos a oportunidade de projetar o futuro, a partir de aprendizagens que foram possíveis nesse processo de reflexão. Dizendo de outro jeito, o presente é a lente para (re)significar o passado, que se projetará como um futuro possível, que estará marcado por aprendizagens, que só ocorrem porque nos narramos, porque contamos nossas histórias de vida, para nós mesmos e para os outros. E nessa relação, nós e o(s) outro(s), vamos desvelando quem somos e nos constituindo sujeitos (auto)biográficos. O (auto) está entre parênteses porque esse “biografar-se” se dá sempre na relação com o outro que escuta/lê nossa narrativa ou, que a compõe no momento em que (re)visitamos as memórias.

Marie Christine Josso, uma socióloga e antropóloga suíça, não nossa gatinha tricolor, apresenta em seus estudos, um conceito chamado “momento charneira”. A tradução mais próxima para charneira é dobradiça. O conceito pode ser compreendido como uma experiência que é um “divisor de águas”, uma passagem (fecha uma/abre outra) entre duas etapas de vida; ou ainda, acontecimentos que separam, dividem e articulam as etapas da vida.

Então, o curta da Netflix me fez reviver dois momentos charneira da minha vida na relação com vocês. No início da primavera de 2004 a perda do nosso querido e amado Carlos Júnior, único sobrinho e único primo, ainda tão menino, com cinco anos e meio, me fez ter consciência de que não existe ordem natural e, sim, filhos podem partir antes das mães; em abril de 2014, quando houve aquele acidente no quilômetro 108 da rodovia Raposo Tavares, em que 12 adolescentes foram atropelados e seis perderam a vida e, Felipe estava lá, mas o fato dele não saber onde esperar o ônibus para voltar para casa, salvou a vida dele, me obrigou a entender que apesar do medo da perda, vocês precisam e merecem viver. Colocar numa redoma e ser o Marlin, protagonista do filme “Procurando Nemo”, e querer que “nada aconteça com vocês”, naquele momento eu entendi que não era opção. Pari filhos “alados” e para eles, nem o céu pode ser limite.

Escrever, narrar e compartilhar essa lição de casa com vocês dois é o jeito que encontro de dizer: “Se algo acontecer, amo vocês!”. ***Voem, voem alto.... voem longe... voem sem medo e, se não tiver outro jeito, voem com medo mesmo! Hoje vejo, aceito e não sofro por ser/oferecer a vocês uma plataforma de decolagem... Hoje não há ansiedade, nem expectativas quando penso que, sim, pode ser que em algum momento queiram utilizá-la como plataforma de pouso, mas que seja “se”, “quando” e “pelo tempo” que fizer sentido para vocês, que seja, se for, por vocês...***

E, também, de me aventurar a me expor aos professores/referências no sentido de perguntar: Será que estou conseguindo me aproximar dos conceitos que, de forma tão brilhante, generosa e cuidadosa, eles têm apresentado nas aulas de quarta-feira? Quando penso na oportunidade ímpar que essas aulas estão sendo, na relação com o gestar de uma tese, sempre me pergunto: Será que esse grupo de pesquisadoras/professoras e esse pesquisador/professor conseguem imaginar o que oportunizam a nós? Será que os outros estudantes, assim como eu, se beliscam de vez em quando para terem certeza de que, sim, estão tendo aula com os precursores, desbravadores que construíram os andaimes da pesquisa (auto)biográfica em nosso

país e em Portugal? Puxa.... quero escrever mais sobre isso! Mas essa, era para ser uma PEQUENA narrativa...

Sol Silva Brito

(a mãe e a doutoranda)

Tarde nublada pedindo café e bolinho de chuva. Enquanto olho o céu cinza e a brisa se transformando em frio, minha subjetividade sorri e diz: “Por mais lições de casa como essa”!

Narrativa II – Entre escolhas e possibilidades: os contornos finais da tese

Do momento em que foi realizado o Exame de Qualificação, agosto/2022, até a retomada, revisão e reorganização final dos contornos da tese, janeiro/2023, muitas foram as minhas experiências acadêmicas e existenciais, com se era esperado.

Destaco que, passada a ansiedade de ter o relatório da tese avaliado pela Banca de Qualificação, os meses que se seguiram foram de preparativos à participação em três eventos: 1) IX Seminário de Pesquisa e VIII Encontro de Egressos do PPGEd-So – 10 anos do PPGEd UFSCar Sorocaba: histórias, memórias, produção de conhecimento e circulação de saberes” – realizado no final de outubro de 2022; 2) VII Jornadas Nacionales y V Latinoamericanas de Investigadorxs en Formación en Educación; 3) Encontro presencial do Ateneo de Investigadores de la Red “*Travesías del Sur*”, os dois últimos na Universidad de Buenos Aires (UBA), en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, no final de novembro/2022.

Para o Ateneo de Investigadores de la Red “*Travesías del Sur*” levei, às mulheres brasileiras, argentinas e uruguaias que lá se encontravam, uma carta intitulada “Sobre acreditar que produzir ciência é produzir a vida...”. Nessa missiva eu apresentava as perspectivas que a tese vinha tomando e indicava o interesse e desejo de convidá-las a um diálogo, ampliando assim os ecos e ressonâncias, tal qual estava previsto no momento da qualificação conforme é possível observar.

Sobre acreditar que produzir ciência é produzir a vida...

Buenos Aires, novembro de 2022.

Caríssimas Mulheres que pesquisam,

Primeiramente gostaria de cumprimentá-las, na expectativa de que essa carta lhes encontre bem e com muita disposição para os estudos e reflexões que os bons ventos latinos têm nos trazido. Para quem não me conhece meu nome é Sol Silva

Brito e curso o Doutorado em Educação na Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, sob a orientação da Professora Bárbara Sicardi Nakayama.

A tese que estou produzindo, a partir do (auto)biográfico, visa promover um diálogo entrecruzado com o conceito de autor-cidadão (BARBOSA, 2000) pela lente de mulheres que integram espaços de pesquisa-vida-formação para apresentar a ideia de “pesquisadora-autora-cidadã”. Considerando que, “Autor-cidadão”

[...] é uma construção histórica, geográfica, social, psicanalítica, ecológica que, enquanto tal, exige ‘politização’ não só de uma dimensão do sujeito, tal como a econômica ou política partidária, mas da vida em suas várias perspectivas, englobando seu modo de ser e de se expressar. (BARBOSA, 2000, p. 90)

Dia a dia, no percurso do Doutorado, percebo em mim, traços de uma “autora-cidadã” que considera o fazer e o *locus* acadêmico como parte de sua existência. Por isso, tenho me reconhecido “pesquisadora-autora-cidadã”. Enquanto construção plural (histórica, geográfica, social, psicanalítica e ecológica), pensar em “autor[a]-cidadã[o] se vincula ao posicionamento epistemopolítico, em que Passeggi e Souza (2017, p. 11) indicam a necessidade de que haja um movimento que acolha a voz dos grupos até então silenciados pelas correntes acadêmicas mais tradicionais.

Nesse sentido, minha tese traz como metáfora o gestar e problematiza “*Que/quais marcas de autoria emergem de experiências formadoras, reveladas nos processos de constituição de mulheres docentes que fazem pesquisa e, integram espaços de pesquisa-vida-formação, que estão concebidos na relação com a pesquisa (auto)biográfica e com os dispositivos de documentação narrativa?*”

Considerando esse encontro, da *Red Travesías del sur*, como um espaço/tempo de pesquisa-vida-formação é que me vi mobilizada a escrever às mulheres que (re)encontraria aqui para, primeiramente, externar minha alegria pelo partilhar singularidades e, em seguida, indicar que, em breve, pretendo formalizar um convite para que possamos trocar cartas, na perspectiva de ampliar o diálogo sobre como cada uma de vocês se percebem no processo de se constituírem pesquisadoras e, sobre as marcas de autoria que identificam nele.

Por fim, se “Fazer sua tese é fazer um trabalho sobre si-próprio, obra de si-próprio.” (DELORY-MOMBERGER, 2010), o diálogo oportunizará identificar ecos e ressonâncias da minha trajetória com as histórias e marcas singulares de vocês, deixando, tanto a tese quanto a mim, encharcadas de um plural que nos permitirá (re)significar a ideia de “pesquisadora-autora-cidadã”.

Sol Silva Brito

21/11/2022

solange.brito@estudante.ufscar.br – 55 15 99843.xxxx

Tarde quente e cheia de ansiedade...

Tarde de ideias e expectativas!

REFERÊNCIAS: BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Autores Cidadãos – a sala de aula na perspectiva multirreferencial**. São Carlos: São Bernardo: EDUFScar, EdUMESP, 2000.; DELORY-MOMBERGER, C. Introdução. In: HESS, Remi. **Produzir a sua obra: o momento da tese**. Tradução de Sérgio da Costa Borba e Davi Gonçalves. Brasília: Liber Livro Editora, 2005. (Série Pesquisa, v. 11).; PASSEGGI, Maria da Conceição. y SOUZA, Elizeu Clementino de. (2017). **O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional**. Investigación Cualitativa, 2(1) pp. 6-26. Disponível em: <https://ojs.revistainvestigacioncualitativa.com/index.php/ric/article/view/56/36> . Acessado em 16.jul.2022.

Embora tenha voltado da Argentina com planos, ideias e feito as primeiras articulações, visando ter as mulheres da *Red Travesías del Sur* como integrantes da tese, em um movimento de Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (SUÁREZ, 2015, 2017), ao mapear as contribuições da Banca Examinadora da Qualificação, bem como alguns episódios pessoais enfrentados entre dezembro de 2022 e fevereiro de 2023, quando retomei a itinerância da tese, outras são as opções de continuidade, em especial, ter as minhas produções como foco de desenvolvimento da tese, como apresentado na sessão “Primeiras Palavras”.

Os sentimentos e redirecionamentos da tese foram externados na última Carta Pedagógica escrita para a *Red Travesías del sur*.

CARTA-INVESTIGAÇÃO:

Sobre acreditar que produzir ciência é produzir a vida...

Sorocaba/Doutoradolândia*, março de 2023.

Caríssimas e Caríssimos integrantes da *Red Travesías del Sur*,

É com satisfação ímpar que retomo o processo de escrita e, na expectativa de que esta Carta-Pedagógica** lhes encontre bem, saúdo à todas e todos, externando, desde já, a ansiedade de ver reunidas e publicadas nossas produções. Enquanto terceira Carta Pedagógica, destaco que esta objetiva registrar a retomada do processo de articulação e diálogo junto aos integrantes da *Red Travesías del Sur* produzindo, dessa forma, uma “carta final”, que, particularmente, estou compreendendo como “Carta Síntese”.

Retomando a leitura das escritas anteriores percebo que a questão do “monstro” chamado tempo cronos continua a atravessar minhas expectativas e condição de produção. Dessa vez há uma questão que potencializa, ainda mais, a dificuldade de conciliar o tempo das muitas ações com as quais nos vemos envolvidos, visto que estou prestes a finalizar o texto da tese, cuja data de defesa se anuncia para junho vindouro. Tempo cronos que me trai dia a dia, visto que estou em férias estratégicas, exatamente para que possa me dedicar ao fechamento da tese que materializará a itinerância do Doutorado, a ansiedade e o desejo de ver finalizada a obra dos últimos quatro anos da minha vida, chegou a me fazer pensar se fazia sentido parar para esse movimento de retomada.

Mais que compromisso com o grupo, cada oportunidade de pensar e sistematizar as ideias, a partir de escritas reflexivas (PASSEGGI, 2015) tem sido, para mim, mais uma oportunidade de (des)velar os silêncios e os gritos da tese. Me vi problematizando, sob a ótica dos contornos dela, considerando o período da primeira escrita até aqui, o que está mantido, o que foi alterado, que negociações foram feitas e que rumos foram escolhidos? Considerando o momento de finalizar a escrita de uma tese que está fixada em um recorte temporal, histórico, social e existencial, que tese vinha sendo desenhada em outubro e que tese tenho agora?

Cabe ratificar que a tese que estou produzindo, a partir do (auto)biográfico, se mantém na perspectiva de promover um diálogo entrecruzado com o conceito de autor-cidadão (BARBOSA, 2000), mas não mais pela lente de mulheres que integram espaços de pesquisa-vida-formação. Em verdade, posso ainda considerar “mulheres” no plural, numa compreensão de que aquelas e aqueles que partilham da caminhada comigo me constituem e me compõem, no entanto não mais abarco ou mantenho a ideia de ampliar o diálogo para ouvir outras vozes. Questões pessoais que me atravessaram desde o retorno do *Ateneo* e uma análise mais cuidadosa das contribuições feitas pela Banca de Qualificação, realizada em agosto/2022, me levaram a ter o processo que vivi no Doutorado, bem como minhas produções, na relação com o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente (NEPEN), o eixo investigativo no apresentar a ideia de “pesquisadora-autora-cidadã”, a partir dos estudos de Barbosa (2010), como já lhes contei nas cartas anteriores.

Dia a dia, no percurso do Doutorado, percebo em mim, traços de uma “autora-cidadã” que considera o fazer e o *lócus* acadêmico como parte de sua existência. Por isso, tenho me reconhecido “pesquisadora-autora-cidadã”. Enquanto construção plural (histórica, geográfica, social, psicanalítica e ecológica), pensar em “autor[a]-cidadã[o] se vincula ao posicionamento epistemopolítico, em que Passeggi e Souza (2017, p. 11) indicam a necessidade de que haja um movimento que acolha a voz dos grupos até então silenciados pelas correntes acadêmicas mais tradicionais.

Outra questão a ser destacada é que não trago mais o gestar como metáfora da tese. Distanciar-me do texto e das ações de investigação, por um certo período, me fez perceber que a metáfora da gestação, ainda que muito marcada por características biologizantes, era extremamente necessária para mim, enquanto pesquisadora em formação, naquele momento, mas que ao retomar as contribuições da Banca de Qualificação e, considerando algumas experiências, mais que formadoras, que a vida me oportunizara num curto espaço de tempo cronos, ela deixou de fazer sentido.

O encontro com a *Red Travesías del sur*, enquanto “espaço/tempo de pesquisa-vida-formação”, ideia esta que é fortalecida na tese, bem como o ampliar das experiências com os dispositivos narrativos de experiências pedagógicas (SUÁREZ, 2015) contribuíram para que, por meio da tese, eu marque posição sobre a importância da escrita no processo de constituição do sujeito humano, reconhecendo as potencialidades que os ecos e ressonâncias de um coletivo podem promover no movimento de reconhecer-se a si mesmos diante das produções escritas que partilha.

Por fim, se “Fazer sua tese é fazer um trabalho sobre si-próprio, obra de si-próprio.” (DELORY-MOMBERGER, 2005, p. 11), minha tese tem se revelado na perspectiva de indicar que cada trajetória traz histórias e marcas singulares de si, mas encharcadas de um plural que nos permitirá (re)significar as possibilidades de sermos autores de nossas próprias obras/vida enquanto “pesquisadoras-autoras-cidadãs”.

Sol Silva Brito

31/03/2023

solange.brito@estudante.ufscar.br – 55 15 99843.xxxx

Tem sido dias de trabalho muito inTenso...

Tardes que cheiram a fechamento de ciclos e encerramentos...

Mas não de despedidas, afinal, já almejo outros voos!

* Quando cursei o Mestrado (2012 e 2013) já mantinha vínculo empregatício com a Prefeitura de Sorocaba, trabalhando 40 horas semanais. Como não tinha qualquer programa de incentivo à pesquisa, para poder cumprir os créditos das disciplinas, cada hora de trabalho precisava ser compensada (paga) o que me levou a um afastamento social. Nesse período quando me perguntavam por que estava tão “sumida” eu respondia que estava morando em “Dissertolândia”. Mais que um neologismo era uma forma de expressar e reconhecer um espaço/tempo de morada, permanência. Agora, no Doutorado, esse espaço/tempo tem sido chamado de “Doutoradolândia”, embora tenha que admitir que tenho condições são um pouco melhores, minha jornada de trabalho semanal é de 30 horas e tenho dispensa de ponto um dia da semana para me dedicar aos compromissos da pesquisa, graças a uma grande luta que profissionais da educação travaram para terem o direito de buscarem qualificação profissional.

** Ver (FREITAS, 2020).

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Autores Cidadãos** – a sala de aula na perspectiva multirreferencial. São Carlos: São Bernardo: EDUFScar, EdUMESP, 2000.

DELORY-MOMBERGER, C. Introdução. In: HESS, Remi. **Produzir a sua obra**: o momento da tese. Tradução de Sérgio da Costa Borba e Davi Gonçalves. Brasília: Liber Livro Editora, 2005. (Série Pesquisa, v. 11).

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. (2020) **Andarilhagens de uma pesquisadora**: cartas pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras Paulo Freire. 1 ed. São Paulo: BT Acadêmica; Porto Alegre: Poesis & Poiética Casa Publicadora, 2020. 370p

PASSEGGI, Maria da Conceição. y SOUZA, Elizeu Clementino de. (2017). O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Investigación Cualitativa**, 2(1) pp. 6-26. Disponível em:

<https://ojs.revistainvestigacioncualitativa.com/index.php/ric/article/view/56/36>.
Acessado em 16.jul.2022.

SUÁREZ, Daniel Hugo. Documentación narrativa e investigación-formación-acción en educación. En: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). **(Auto) biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 63-86.

Esse cenário de desenhar e (re)desenhar os contornos da tese a partir das experiências vividas e, em tempo real, a meu ver, amplia a “recomendação” encontrada em Macedo (2020, p. 70),

Nesses termos, pensar a pesquisa com(o) formação universitária a partir da *implicação*, do pesquisador e sua condição de se tornar autor de si, de se *autorizar*, portanto, habita a metáfora e o mote que repetimos sempre em nossas aulas: ‘inventem o método!’, ‘assumam e aprendam a condição heurísticamente honesta e responsável de serem um *bricoleur* na relação com o método’. (Grifos do autor.)

Mais que *bricoleurs* na relação com o método, toda a tese a ser construída no ir e vir autoral de seus contornos; no diálogo com os novos referenciais teóricos estudados; nas reflexões vindas das escutas sensíveis dos parceiros que me acompanham e fazem ecos e ressonâncias no (re)significar minhas catarses, assim como, nas condições impostas pela vida. Tenho acreditado nas minhas intuições epistêmicas e perseguido, não sem medo, o caminho proposto por Mills (1982, p. 229), “[...] temos de nos apegar a imagens e noções vagas, se forem nossas, e devemos desenvolvê-las, pois quase sempre as ideias originais se apresentam assim, inicialmente.

Acreditar e apegar-me às imagens e noções vagas, por serem minhas, levam à definição final dos contornos desse trabalho, apresentados no quadro a seguir. No entanto, preciso dizer que, ainda que a itinerância da tese não fosse o ponto fulcral dela, não conseguiria apresentar esses contornos, sem antes mostrar os andaimes sob os quais estão sustentados.

Quadro 6 – Síntese dos contornos da pesquisa (Defesa – 2023)

TEMA	OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	ITINERÂNCIA TEÓRICO- METODOLÓGICA	RESPONDER
Marcas de autoria nas escritas reflexivas, a partir de dispositivos biográficos-narrativos, produzidos em espaços de pesquisa-vida-formação, na relação com a pesquisa (auto)biográfica no campo da formação docente.	<i>Compreender o papel dos dispositivos biográfico-narrativos, no percurso do Doutorado, a partir da produção escrita em contextos de pesquisa-vida-formação; (NEPEN)</i>	Inventário, Curadoria e Análise 1. Biografizar o NEPEN (SOUZA, 2014): <ul style="list-style-type: none"> ➤ Estrutura e organização dos espaços/tempos; ➤ Acontecimentos realizados/oportunizados; ➤ Outras características. 3. Indicar as características que configuram espaços acadêmicos como sendo de pesquisa-vida-formação. Percepções do presente.	<i>Quem é/somos o NEPEN? Como esse espaço/tempo de pesquisa-vida-formação se organiza em direção a apoiar pesquisadoras e pesquisadores em formação?</i> O vivido Pré-figuração MÍMESIS I
PROBLEMA Que/quais marcas de autoria emergem das/nas escritas reflexivas realizadas em contextos de pesquisa-vida-formação, a partir de dispositivos biográficos-narrativos e, que/quais sentidos e significados uma doutoranda pode atribuir à essas marcas no processo de tornar-se uma pesquisadora-autora-cidadã?	<i>Compreender a experiência da escrita reflexiva, via dispositivos biográfico-narrativos, como possibilidade de problematizar as marcas de autoria e os caminhos onde elas levam. (EU)</i>	Inventário, Curadoria e Análise <ul style="list-style-type: none"> ➤ (Re)fazer/(Re)contar os caminhos do Doutorado e da tese, a partir das minhas produções, sob a ótica dos momentos (temporalidade/Ricoeur) e experiências vividas (emancipação/Paulo Freire); Narrar o presente considerando o passado.	<i>Como quero/escolho contar como foi minha estadia em Doutoradolândia e escrever uma tese agora que estou de malas prontas para alçar outros voos?</i> O narrado Configuração MÍMESIS II
OBJETIVO GERAL Compreender o processo do constituir-se pesquisadora-autora-cidadã, a partir das experiências com dispositivos biográfico-narrativos, em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação.	<i>Compreender como a tomada de consciência do “autorizar-se à autoria”, mobilizada pelo trabalho com os dispositivos biográfico-narrativos, é problematizada e apresentada na proposta de uma Pedagogia da Escrita no processo de investigação (auto)biográfico. (A TESE)</i>	Novos escritos para um inventário que estará sempre em construção: Cartas que anunciam: <ul style="list-style-type: none"> ➤ Ser, se enxergar e se assumir pesquisadora-autora-cidadã ➤ Por uma Pedagogia da Escrita Pensar/Narrar o futuro considerando as possibilidades de compreensão do presente a partir das aprendizagens do passado.	<i>E agora, o que faço com o que o NEPEN, o doutorado e a tese fizeram comigo?</i> <i>Que saberes e aprendizagens posso anunciar a partir dos atravessamentos e singularidades vividas com os dispositivos?</i> A reflexão sobre/com o narrado Reconfiguração MÍMESIS III

Elaboração: sistematização da autora (2023)

Por fim, é no cenário acima apresentado que a tese se organiza, enquanto síntese de um percurso, de uma itinerância e, considerando que sua produção é um

trabalho que está fixado e contextualizado temporal, histórica, social e existencialmente. Cabe demarcar, ainda, que os inventários de pesquisa foram mantidos, tanto como dispositivo biográfico-narrativo, quanto como estratégia metodológica da investigação, cabendo antes de apresentá-los, partilhar uma advertência de Mills (1982, p. 240) com a qual corroboro totalmente.

Faremos um inventário de tudo o que parece envolvido no que estamos procurando compreender. Buscaremos o essencial, e cuidadosa e sistematicamente relacionaremos esses itens com outros, a fim de formar uma espécie de modelo funcional. E então relacionaremos esse modelo com o que estivermos procurando explicar. **Por vezes, é difícil; mas com frequência, não conseguiremos.** (Grifo nosso)

DISPOSITIVO 3 – (Inventários de Pesquisa)

SOBRE A HEURÍSTICA DE ATRIBUIR SENTIDO: COMO ESCOLHO OLHAR PARA AS TESSITURAS DA INTRIGA

Sol no conocía la investigación narrativa y la investigación (auto)biográfica. Ella, su tutora de tesis, Bárbara Sicardi Nakayama, llevó a descubrirla. Viajaron a los libros. Ella, la investigación narrativa, estaba más allá en los teóricos y en la subjetividad, esperando. Cuando niña Sol y su tutora de tesis alcanzaron, por fin, aquellos conceptos, teorías y singularidades, después de mucho leer y estudiar, la investigación narrativa estalló ante sus ojos. Y fue tanta pasión y intensidad de la nueva forma de investigar, y tanto su fulgor, que niña quería saber mucho más. Y cuando, por fin consiguió percibir, pidió a su tutora de tesis, Bá, ¿Ayúdame a aprender?

Sol Silva Brito⁴²

É ao conversar com minha orientadora sobre a organização das produções do NEPEN, que eu havia feito com vistas a construção de um *site* comemorativo aos seus dez anos que ouço, pela primeira vez, a expressão “inventário” na relação com a atividade de pesquisar. Naquele momento, ainda sem referenciais, imaginei que “inventariar” seria “levantar e organizar” as produções, até porque, quando pensava em “biografizar” o NEPEN, a possibilidade que me ocorria era a análise documental (CELLARD, 2012), possivelmente por ter me aproximado dela no Mestrado.

Posteriormente, em uma das disciplinas cursadas durante o Doutorado, o Professor Guilherme do Val Toledo Prado (UNICAMP) falou sobre “inventariar” de uma forma que demonstrou que se tratava de um movimento para além da organização de documentos. Quando acessei o artigo de Prado, Frauendorf e Chautz (2018) e, por meio dele conheci outras publicações (teses e dissertações) que traziam o inventário em seu escopo metodológico, tomei consciência de que, de alguma forma, trazia o movimento de inventariar em meu processo de constituição como pesquisadora em formação, ainda que numa perspectiva mais próxima dos passos da análise documental (CELLARD, 2012).

Considerando que, segundo Prado, Frauendorf e Chautz (2018, p. 535)

[...] mais do que fazer uma análise distanciada dos (guar)dados, inventariar significa senti-los em suas múltiplas ressignificações, que renascem na

⁴² Adaptado do poema de Eduardo Galeano (1999). Para esse texto retomei a primeira adaptação feita desse poema, escrita para o encerramento do *SEMINARIO: Abordaje narrativo, biográfico y autobiográfico em la investigación educativa*, em 2023, cursado como aluna de intercâmbio junto a *UNIVERSIDAD DE LA REPUBLICA URUGUAY – FACULDAD DE HUMANIDADES Y CIÊNCIAS DE LA EDUCACION – INSTITUTO DE EDUCAÇÃO*.

tessitura do texto, delineando para o pesquisador possíveis achados que contam de uma pesquisa, que acontecem ao se pesquisar.

Estava evidente que inventariar, na perspectiva de compor “inventários de pesquisa” não se restringia à ação de sistematizar e organizar os achados e (guar)dados. No momento em que passo pelo Exame de Qualificação assumi que havia, ainda, um percurso a ser trilhado no sentido de compreender os contornos da proposta de se trabalhar com inventários. Naquele momento da investigação, considerando as leituras realizadas, organizava os documentos em tabelas descritivas, que objetivavam olhar para o panorama quantitativo e contextual das produções (NEPEN e minhas), características da ação de catalogar (catalogação). Mas, trazia a percepção de que o processo de inventariar se firmaria na ação indissociável de estabelecer diálogos/reflexões entrecruzadas, dos/com os achados naquelas produções catalogadas, tendo as marcas de autoria como foco desse dialogar/refletir.

Dito de outra forma, por analogia, o sentido semântico da palavra inventariar, que significa “listar, catalogar, fazer a descrição pormenorizada, fazer levantamento”, o ato de inventariar suscita perspectivas: de partilha (no caso de bens); de dar a conhecer um panorama (no caso de levantamentos); e, nesse contexto de pesquisa (auto)biográfica, em especial para esse trabalho em que os inventários são vistos como dispositivo narrativo, mais que ajudar a organizar a própria pesquisa (MORAIS, 2006, p. 245) inventariar vem com o sentido de oportunizar o diálogo e o estabelecimento de relações e o atribuir sentidos, entre diferentes fontes, na perspectiva de ver emergir e identificar marcas de autoria, visto ser esse o foco dessa investigação.

Nessa perspectiva, dois foram os inventários produzidos para a tese. O primeiro contempla as memórias e dissertações defendidas em uma década de NEPEN e objetiva apresentar como aquele espaço/tempo de pesquisa-vida-formação contribuem com o processo do constituir-me pesquisadora-autora-cidadã, considerando as vozes plurais e as lentes com as quais aquelas e aqueles que o integram, lhe atribuem sentido. O segundo inventário integra as minhas produções (acadêmicas, profissionais e existenciais) no recorte temporal do Doutorado. Importante destacar que a compreensão sobre os inventários de pesquisa perpassa por três movimentos:

- 1) **catalogar as produções:** organização dos (guar)dados a partir de levantamento e catalogação das produções em tabelas.
- 2) **curadoria:** a partir de critérios de inclusão, definir que/quais produções serão integradas ao terceiro movimento.
- 3) **atribuir sentido:** olhar para as produções identificadas, a partir da curadoria, estabelecendo relação delas com os contornos e intenções da pesquisa, por meio de:

As tabelas que apresentam a **catalogação** das produções, em ambos os inventários, estão disponibilizadas nos apêndices da tese. É tanto no processo de construção dos catálogos, quanto a partir deles, que os sentidos foram emergindo de forma que fosse possível apresentar os critérios de inclusão, para o trabalho de curadoria, bem como definir algumas lentes e perspectivas do/no atribuir sentido(s).

Integrar a ideia de **curadoria** à metodologia parte das contribuições do Professor Daniel Suárez no momento do Exame de Qualificação, na perspectiva de que eu possa definir que/quais dispositivos e escritas reflexivas comporiam as tessituras da intriga da tese e como seriam apresentadas.

Para tanto, uma das muitas reflexões feitas nas reuniões de orientação, após o Exame de Qualificação, balizou a definição dos critérios para a curadoria, bem como o movimento de lhes **atribuir sentido:**

O que você precisa contar? – tem que escolher: dos seus encontros com os dispositivos; do que as suas experiências de pesquisa-vida-formação promoveram em você; dos resultados disso e agora o que faz com isso; **Pega a tríplice mimesis do Ricoeur** inventaria, conta uma história, anuncia as marcas dos dispositivos na composição dessa história e diz o que você pretende fazer com tudo isso que viveu, agora que “é” pesquisadora, porque sim, você é pesquisadora. Para a titulação de doutora há rigores e protocolos a serem cumpridos, mas é preciso assumir, o que, de fato, você já é! (Professora Bárbara Sicardi Nakayama, Reunião de Orientação, Café *Ouí*, 01/02/2023)

Não posso deixar de demarcar que o movimento de atribuição de sentido, que parte do círculo hermenêutico de Ricoeur dialoga, direta e transversalmente, com a ideia de emancipação de Paulo Freire.

Na expectativa de evidenciar o percurso heurístico da itinerância metodológica, apresento um quadro síntese com os três momentos dos inventários de pesquisa que, posteriormente serão retomados.

Quadro 7 – Como se organiza o movimento de inventariar – sobre onde buscar os (guardados)

CATALOGAR	
Organização dos (guardados) a partir de levantamento e catalogação das produções em tabelas.	
NEPEN (inventário 1)	PRODUÇÕES DA AUTORA (inventário 2)
<p>Título da tabela: indicação da localização do arquivo no computador (nome da pasta);</p> <p>Coluna 1 – Código - IN1 = inventário 1; MEM = memórias; D = dissertação; Número que foi atribuído em ordem decrescente considerando a data em que a memória foi escrita ou a ocorreu a defesa da dissertação. EX. (IN1_MEM27)</p> <p>Coluna 2 – Nome do arquivo – para as dissertações inicia com o ano de defesa, sobrenome e primeiro nome. Ex. 2021_LAGOEIRO, Fábio; para as memórias indica-se MEMÓRIA NEPEN ou MEMÓRIA NEPEN/GEPRAM com a data na sequência. Ex. MEMÓRIA NEPEN_02-02-2022</p> <p>Coluna 3 – Título – apresentação do título das dissertações; no caso das memórias se não foi indicado um título aparece a informação “não apresentado”.</p> <p>Coluna 4 – Contexto e Conteúdo – apresentação dos objetivos quando se trata das dissertações; informações gerais do conteúdo da memória, em especial as temáticas abordadas.</p>	<p>Título da tabela: indicação da localização do arquivo no computador (nome da pasta) ou de que se trata de material físico.</p> <p style="text-align: center;">MATERIAL FÍSICO</p> <p>Coluna 1 – Código (IN2 = inventário 2). Para os materiais físicos CF = Caderno Físico. Para os arquivos digitais a sigla do tipo de material: (M=Memórias; Par=Pareceres; ART=artigos; CL=capítulo de livros; C=cartas; CP=Cartas Pedagógicas; MR=memoriais; N=narrativas; o=outros).</p> <p>Coluna 2 – Materiais Físicos – Descrição: informações sobre os detalhes dos cadernos para sua identificação; Arquivos Digitais - Nome do arquivo – Identificação do arquivo.</p> <p>Coluna 3 – Título – Como é denominado o material/arquivo digital.</p> <p>Coluna 4 – Contexto e Conteúdo – apresentação do contexto e objetivos que levaram a escrita, bem como um indicativo do seu.</p>
CURADORIA	
Definição, a partir dos critérios de inclusão apresentados, de quais serão as produções que vão compor o <i>corpus</i> de análise da pesquisa.	
NEPEN (inventário 1)	PRODUÇÕES DA AUTORA (inventário 2)
<p>Critérios de inclusão (DISSERTAÇÕES): Que tragam textos que tratem da trajetória formativa do autor, assumindo o formato de memorial (dispositivo).</p> <p>Critérios de inclusão (MEMÓRIAS): Todas as memórias disponíveis serão integradas ao corpus de análise.</p>	<p>Critérios de inclusão: Produções que:</p> <ol style="list-style-type: none"> Apresentem os momentos charneira dos rumos da tese; Descobertas existenciais e conceituais; Encontros e (re)encontros (teóricos e da/na vida) que promoveram: diálogos, parcerias, desafios e/ou desencontros.
ATRIBUIR SENTIDO*	
olhar para as produções identificadas, a partir da curadoria, estabelecendo relação delas com os contornos e intenções da pesquisa.	
NEPEN (inventário 1)	PRODUÇÕES DA AUTORA (inventário 2)
Leitura vertical e horizontal; cruzamento das unidades de sentido (adaptado de SOUZA, 2014).	Movimento heurístico, a partir do círculo hermenêutico de Paul Ricoeur (adaptado a partir de Ricoeur, 2010).

* No Quadro 8, na página 126, será apresentado detalhamento do movimento de atribuição de sentido.

Elaboração: sistematização da autora (2023)

Inventário I – O NEPEN sob a ótica de quem o integra

Ao considerar o movimento de organização das produções do NEPEN, visando as ações comemorativas de seus dez anos, foi feita uma força tarefa na qual entrei em contato com os atuais e antigos integrantes do coletivo para solicitar que encaminhassem todos os arquivos digitais encontrados em seus e-mails e/ou salvos em seus computadores. Na ocasião, além das memórias, chegaram também os cronogramas (alguns anuais outros semestrais), com as previsões das atividades e estudos realizados nos encontros; as referências (textos foco de leitura de discussões), foram compartilhados de forma que fosse possível reconstruir a história do NEPEN, sob a ótica de sua organização.

O mapeamento das dissertações defendidas foi outra ação realizada naquela ocasião e retomada com vistas ao processo do inventário de pesquisa desenvolvido na tese. Logo, as **dissertações catalogadas** são aquelas produzidas e defendidas por pós-graduandos matriculados no PPGEd (UFSCar-So) e vinculados ao NEPEN. Partindo do panorama de dissertações produzidas no contexto do NEPEN foi feito um mapeamento, utilizando o *Google Formulário* como mecanismo de organização dos dados, gerando uma tabela no *Excel* com as seguintes informações: Autor(a); Orientador(a); Ano da Defesa; Título da Dissertação; Problema de Pesquisa; Objetivo Geral; Metodologia e Referenciais Teóricos que estivessem no diálogo com os referenciais dessa tese.

Essa estratégia permitiu a catalogação das dissertações, movimento que integra o inventário de pesquisa, que foi organizado a partir de um quadro que apresenta, além do código, ano e autor(a) – dados que ajudam a localizá-las na pasta do computador; o título da dissertação e uma breve descrição de sua temática, sendo que procurei apresentar o tema na relação com o objetivo da pesquisa. Todas as dissertações estão disponíveis no repositório da UFSCar⁴³, sendo que na tabela da catalogação há o *link* para acesso a cada uma, individualmente.

A partir de um olhar preliminar nos dados levantados, observa-se que são vinte e sete dissertações, desenvolvidas e orientadas por duas professoras do PPGEd (UFSCar-So) que lideraram o NEPEN ao longo de sua história. As defesas ocorreram entre 2013 e 2021⁴⁴, sendo:

⁴³ Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8232>

⁴⁴ O Quadro 13, disponível na página 186 (APÊNDICE A), traz a catalogação das dissertações defendidas no período.

Tabela 1 – Defesas das dissertações (ano e gênero)

ANO	Gênero		Total
	Mulheres	Homens	
2013	02	-	02
2015	03	03	06
2016	03	02	05
2017	03	-	03
2018	02	01	03
2019	-	03	03
2020	01	01	02
2021	-	03	03
TOTAL	14	13	27

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Observa-se, ainda, que 51,85% foram por mulheres e 48,15% por homens. No que se referem as temáticas discutidas, há uma grande incidência de pesquisas voltadas ao ensino da Matemática, em diferentes contextos, na Educação Infantil, graduação, Ensino Fundamental, programas de formação continuada totalizando (12) trabalhos; a educação para as relações étnico-raciais aparecem em (02) pesquisas; a inserção profissional e a constituição docente são foco de (04) pesquisas; as demais, tratam de: saberes docentes no ensino superior (01); formação continuada do coordenador (01); a profissionalização do docente masculino na educação infantil; percepção das questões de gênero por professora da educação infantil (01); estágio remunerado (01); formação de professora da EJA na relação com questões de gênero e sexualidade (01); formação do enfermeiro para a docência (01); o programa de formação continuada “Teias do Saber” (01).

Outro destaque interessante é que somente (02) dissertações não trazem, de forma clara, como parte da dissertação, o percurso formativo do autor, sendo que em (06) trabalhos esse percurso aparece com a identificação específica de “Memorial de Formação” e nas demais (19) se vê contemplado esse percurso, mas não necessariamente assumindo-se como “Memorial de Formação”.

Considerando o cenário na relação com os objetivos dessa investigação, em especial a importância dos dispositivos de escrita reflexiva, o trabalho de curadoria iniciou com uma análise dos textos das (06) dissertações nas quais os autores abrem os trabalhos com a escrita de memoriais ou memoriais de formação.

Para o movimento de análise, na perspectiva de atribuir sentido ao que dizem sobre o NEPEN aqueles que o integram, as lentes foram as que estão apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 8 – Inventário 1: atribuir sentidos

ATRIBUIR SENTIDO		
As lentes e a metodologia para a leitura e atribuição de sentido do inventário.		
	LENTEs	PERSPECTIVA DE ANÁLISE
NEPEN (inventário 1)	Como o NEPEN é ou não apresentado e/ou reconhecido como espaço/tempo: <ul style="list-style-type: none"> ✓ de formação; ✓ que promove autoria; ✓ de criação; ✓ de emancipação; ✓ de medos e desafios; ✓ que oportuniza apresentar o ser sujeito da vida na academia; ✓ que oportuniza apresentar o ser sujeito da academia na vida. 	1. Leitura Vertical - identificar unidades de sentido. 2. Leitura horizontal - identificar relações entre as unidades de sentido que emergiram da categorização.

Elaboração: sistematização da autora (2023)

Essa busca demonstrou que dos seis trabalhos (03), deles mencionam o NEPEN diretamente na perspectiva de: reconhecer o NEPEN como espaço que contribuiu para a revisão, reorganização do objeto de pesquisa.

Uma vez cursando o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos - PPGED e tendo participado das disciplinas e especialmente do Grupo de Pesquisa - NEPEN, bem como das leituras e discussões realizadas, o objeto que a princípio estava definido, parecia se distanciar por questões teórico-metodológicas que cabem ser descritas neste momento, para demonstrar o quanto o processo de construção da pesquisa é vivo e dinâmico e se modifica ao longo da investigação. (IN1_D03, 2015, p. 60)

A possibilidade de refletir sobre a prática, também é uma observação atribuída à participação do NEPEN, “Ao participar do NEPEN pude aprender a escrever sobre minha prática e refletir sobre os caminhos e as representações que utilizo enquanto professor de matemática. (IN1_D19, 2018, p. 16)”. E, ainda há a percepção do NEPEN enquanto espaço biográfico, que “[...] valida o conhecimento produzido pela narrativa do outro. As narrativas promovem um processo emancipatório, provocando mudanças na prática docente. (IN1_D27, 2021, p. 16)”.

Ao entender que um olhar mais cuidadoso contribui com o movimento de identificar como o NEPEN aparece nas dissertações defendidas por sujeitos que o integraram, ampliei a busca para as demais dissertações utilizando a ferramenta de “localização” do ADOBE. A partir dos indexadores <NEPEN>, <grupo de estudo> e <grupo de pesquisa>, os dois últimos no singular e no plural, em outras (04) dissertações o NEPEN é mencionado diretamente no corpo do texto.

Um deles, aponta o NEPEN, enquanto espaço que

[...] abrange investigações sobre as narrativas educativas enquanto instrumentos de formação e produção de conhecimentos acerca da profissionalidade e do trabalho docente, trouxeram contribuições profissionais e à pesquisa em andamento por meio das leituras, dinâmicas e problematizações. (IN1_D08, 2015, p. 17)

Mencionando a participação tanto no NEPEN quanto no GEPRAEM, uma das dissertações apontam contribuições à formação, bem como, “[...] refletir sobre a prática por meio de discussões de textos científicos da colaboração dos demais colegas com pontos de vistas distintos, e dos relatos de experiências. (IN1_D13, 2016, p. 19)”. O NEPEN aparece como espaço de apoio ao desenvolvimento da pesquisa,

Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (PPGEEd – UFSCar) – campus Sorocaba/SP, Linha de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Educativas e foi desenvolvida com o apoio do NEPEN (Núcleo de estudos e pesquisas sobre narrativas educativas, formação e trabalho docente). (IN1_D21, 2019, p. 18)

E, por último, considerando as menções diretas ao NEPEN, uma dissertação defendida em 2021 caracteriza o NEPEN como

[...] importante e efetiva fonte de geração de conhecimentos e de aprendizagens, proporcionando-me ampliar e compreender as bases teórico-metodológicas da pesquisa educacional com o uso das narrativas (auto)biográficas, assim como fazer uma opção epistemopolítica por essa abordagem. (IN1_D25, 2021, p. 17)

Cabe destacar, ainda, que em outras 07 (sete) dissertações o NEPEN aparece nos textos de agradecimentos, com ênfase às aprendizagens oportunizadas e às interações e parcerias ocorridas entre os sujeitos que o integram.

Por sua vez, ao mobilizar os integrantes do NEPEN, aqueles que ainda o compunham, bem como, quem um dia dele participara, para que me ajudassem a fazer um “garimpo solidário”, visando levantar todo e qualquer documento das ações do referido núcleo de estudos e pesquisas, que tivessem em seus arquivos digitais e e-mails, para reconstruir a história do NEPEN, as memórias dos encontros também figuraram nos documentos encontrados. Dessa forma foram catalogadas (1) memória de 2022; (2) memórias de 2021; (8) memórias de 2020; (1) memória de 2019; (4) memórias de 2018; (1) memória de 2017; (2) memórias de 2016; (4) memórias de 2015; (4) memórias de 2014, totalizando (27) memórias⁴⁵.

⁴⁵ O Quadro 12, disponível na página 176 (APÊNDICE A), traz a catalogação das memórias dos encontros.

Considerando o trabalho da curadoria, constatada que as (4) memórias produzidas em 2018 retratavam encontros híbridos entres dois grupos de pesquisa, NEPEN e GEPRAEM, opto por apresentar, enquanto *corpus* da análise, as **(21) memórias** escritas em contexto exclusivo de encontros do NEPEN.

A escrita das memórias dos encontros é uma atividade que visa o registro histórico e na memória (IN1_MEM19) de 30/04/2020 há o informe de que elas passarão a ser disponibilizadas, para acesso dos integrantes, via pasta do *Google Drive*. Considerando que a organização do cronograma, bem como a definição dos referenciais teóricos, ações e eventos do semestre são definidos coletivamente, a indicação daquelas e daqueles que ficarão responsáveis pela escrita das memórias também é feito no coletivo, uma vez que as pessoas vão se voluntariando, conforme o cronograma é construído. No entanto, na leitura vertical das memórias, observou-se que há escritas em que não é possível identificar a autoria, ou seja, o autor não “assina” ou assume como sua aquela produção. Outra observação importante é que nem todas as memórias são escritas em primeira pessoa do singular, sendo comum o trânsito entre as pessoas do discurso.

Como não há uma orientação de formatação e/ou estrutura para essa escrita, os autores ficam totalmente livres para definir como farão esse registro, a partir de suas memórias.

Segundo Abrahão (2004, p. 202)

A memória é elemento-chave do trabalho com pesquisa (auto)biográfica, em geral: Histórias de Vida, Biografias, Autobiografias, Diários, Memoriais. A pesquisa (auto)biográfica, embora se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, epístolas, fotos, vídeos, filmes, documentos, utiliza-se do **exercício da rememoração**, por excelência. Esta é componente essencial na característica do (a) narrador (a) na **construção/reconstrução de sua subjetividade**. Esta também é componente essencial com que o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de seu objeto de estudo, ao **tentar articular memória e conhecimento**, procurando edificar uma “arqueologia da memória. (Destques para este texto.)

Essas características “exercício de rememoração, construção/reconstrução de sua subjetividade e articulação entre memória e conhecimento”, são encontradas nas memórias produzidas no NEPEN. Durante o exercício de inventariar os documentos, foi possível observar que algumas escritas se aproximam da ideia de atas de registro, mais estruturadas, com um relato linear e nominal da participação de cada integrante;

outros trazem fotos, poesias e excertos de músicas, numa escrita que apresenta recortes das discussões do encontro.

No entanto, independente do formato escolhido ou de como se assumem, ou não, o(s) autor(es), a escrita da memória sempre é compartilhada considerando tratar-se do olhar de quem a escreveu, a partir de suas lentes próprias, na relação com o vivido no encontro.

Os textos nos permitiram discutir de modo muito profícuo sobre a potência das narrativas. Rememoro a fala de meu colega [...] quando ele faz uma comparação entre escrita de uma ata e a escrita da memória: a ata é impositiva vem quase como uma sentença: “engula” e a memória não, na definição de [...], ela permite tanto do olhar do leitor quanto do olhar do narrador envolvidos neste processo, a possibilidade de “digerir”, ficar com os melhores nutrientes, com a melhor parte dessa experiência. Como [...] apontou: a memória vem na perspectiva de apresentar o olhar do Outro. [...] narrou sua experiência no município com a importância e ao mesmo tempo peso, que a ata carrega enquanto instrumento documental. Já a memória traz consigo a leveza da subjetividade. (IN1_MEM20 de 28/05/2020)

Observando as datas em que as memórias foram produzidas, na relação com os referenciais estudos pelo NEPEN, observa-se uma ampliação na função da ata, que passa de “registro histórico” ou “espaço informativo”, para diálogo reflexivo entre os pares, na medida que os estudos sobre a pesquisa (auto)biográfica vão se evidenciando. *Os encontros do NEPEN são mobilizados pelo desejo, ou pelo objetivo de fazer a escrita de si, desta maneira podemos realizar dois exercícios: a escrita de si, como primeiro princípio de trabalho [...] (IN1_MEM18 de 16/04/2020)* Em outra memória a temática dos dispositivos de escrita reflexiva aparecem fortalecendo essa percepção

Ao sermos “fisgados” pelo encantamento gerado por estes dispositivos [olhar para este movimento da escrita de si como dispositivo de formação e produção do conhecimento] realmente percebemos que estamos num caminho sem volta e não pela falta de opção, mas pela opção de não ser mais o que éramos e fazemos disso um princípio, uma atitude epistêmica, pois assumimos a necessidade de vermos naquilo que produzimos aquilo que está cravado em nós e articulado com o que somos. (Fala atribuída à Professora Bárbara Sicardi Nakayama em IN1_MEM19 de 30/04/2020)

Na esteira do (re)conhecimento de si, na relação com o grupo, a perspectiva singular/plural (DELORY-MOMBERGER, 2006), marca da pesquisa (auto)biográfica, também é evidenciada nas memórias dos encontros do NEPEN,

Neste momento ímpar que estamos vivendo é fundamental e desejável modificar o olhar, torná-lo sensível as inquietudes e angustias do Outro. Encontramos ressonância nas narrativas dos outros participantes do grupo, todos nós vivendo um turbilhão de emoções que muitas vezes nos sentimos incapazes de orquestrar todas elas. Os textos estudados pelo grupo de pesquisa permeiam um diálogo com as palavras de Ferreira-

Santos trazidas na epígrafe, nos fazem pensar sobre esse lugar do conhecimento, situam o lugar da pesquisa (Auto)Biográfica e consideram o lugar do Outro. (IN1_MEM20 de 28/05/2020)

As memórias refletem ainda, um compromisso do grupo com o PPGEd, buscando pensar em estratégias e ações que o fortaleça no cenário acadêmico nacional. *“realização de um trabalho de análise das dissertações defendidas na PPGEd no período de 2012 a 2014 na linha de formação de professores, pois trata-se de um fechamento de ciclo do programa assim como um primeiro momento de avaliação”.* Aponta ainda a percepção de que este movimento poderá ser *“uma forma de contribuir para o entendimento da trajetória da linha que está sendo consolidada.”* (IN1_MEM07 de 14/05/2015)

No que se refere a como os integrantes do NEPEN o definem, enquanto espaço/tempo de pesquisa-vida-formação o registro em (IN1_MEM25 de 18/02/2021) mobilizados pelo convite da Professora Bárbara Sikardi Nakayama, que ao expressar que *“[...] a gente descobriu nos nossos percursos que pode produzir conhecimento sem renunciar ao afeto. Isso nos empodera e fortalece, nos faz querer fazer essas coisas.”*, convidou a cada uma e a cada um, presente virtualmente, para que se apresentassem falando sobre o que significa participar do NEPEN.

Ao olharmos para a memória acima referida é possível perceber as marcas e sentimentos que o período pandêmico deixou, visto as manifestações dos integrantes que apresentam os desafios, medos e dificuldades enfrentados, em especial no ano de 2021. Ainda assim, os excertos em destaque abaixo, com algumas percepções individuais oportunizam observar o quanto o NEPEN é considerado um espaço/tempo de formação, não somente acadêmica, mas integral e humanizadora.

O grupo tornou-se inspiração para que cada um pudesse se recompor e continuar existindo sem perder a nossa essência.

*Esse é um grupo de pesquisa em que a gente, de fato vivencia a experiência integral de todo o processo de formação, não é só um exercício intelectual, cognitivo, **é um exercício de vida, afetivo, mesmo, relacional, vincular.** A gente cria, de fato, laços aqui que são muito ricos, de elementos diferentes com que as nossas vidas se tocam, não só nos nossos interesses de pesquisa, mas a gente vai encontrando suportes que são coisas que fizeram, pelo menos pra mim, muita diferença o ano passado. [...] Aqui, em um grupo de educação, é possível pensar e sentir o quanto há um compromisso ético, político, de valorização e empoderamento dessa dimensão do nosso ser. (grifo nosso)*

*Eu acho que o Nepen é esse espaço em que a gente vai se formando. [...] É nesse espaço que eu me senti pega pela mão, e vamos lá. [...] Eu vivi processos de começar a olhar para mim e começar entender algumas coisas, tava tudo muito claro na cabeça, era aquele racional, e o Nepen veio quebrando isso, acho que nem é quebrando, é aquebrantando, e foi formando uma outra coisa, uma coisa mais humana, uma coisa mais coletiva, mais afetiva, mais compartilhada. [...] **É esse espaço***

em que você é aceita do jeito que você é, com as suas limitações, com aquilo que você aprendeu, seja lá em que escola você estudou, em qual setor você trabalhou, não importa [...]. (grifo nosso)

Para mi Nepen es una esperanza como lo escribí, es una esperanza de un mundo más sensible, más humano. En un medio tan difícil en el que estamos viviendo, un grupo donde todos ponen sus cámaras, ver los gestos, las distracciones y las alegrías compartidas, es muy lindo. (grifo nosso)

Muito emocionado por perceber que há um outro jeito de viver a academia. Um jeito diferente. Um jeito que olha para a pessoa que é feita de carne e osso e que tem sentimentos. [...] Poder ter essa transparência, de revelar quem somos e o que queremos nos tornar, [...] nos tornamos, somos eternos aprendizes. [...] Compartilhar essa existência supõe exatamente ter esse acolhimento afetivo. (grifo nosso)

Espaço/tempo de humanização, apoio, diálogos e trocas, é assim que o NEPEN vem sendo reconhecido por quem o integra. Humanização na relação com o movimento de sentir parte, pertencer, uma vez que, enquanto sujeitos, não se pode exercer o papel de cidadão, de autor-cidadão, ou ainda, de pesquisadora-autora-cidadã, na condição de mero expectador. Cabe trazer a concepção humanizadora em Freire (1987), em que o autor aponta que ao desumanizar o ser humano, retirando-lhe a capacidade e o poder de decidir, oportuniza caminho à opressão afastando dos sujeitos o direito de construir e produzir sua própria educação, na leitura e pronúncia do mundo, enquanto capacidade de crítica.

O NEPEN é espaço/tempo de partilhar decisões, de construção coletiva, de acolhimento, de parceria e apoio, em que seus integrantes tomam consciência de que podem partilhar de um processo de construção acadêmico horizontal,

[...] uma alegria muito grande poder contar com todos que participam, o acolhimento que a gente tem dentro desse grupo. Têm sido uma experiência fabulosa. [...]

Apesar do Nepen ser uma grande novidade e um acontecimento biográfico para mim, eu me sinto, assim, super à vontade. [...]

E como disse o trecho da canção, é bom a gente voltar a um lugar que a gente já chegou. [...] Estar aqui hoje, além de ser um bálsamo pra minha alma, é uma questão de resistência porque, pra gente que trabalha 40 horas semanais, encontrar um tempo para nossa formação, é um motivo de resistência. [...] E é também um lugar de realização de sonhos pra mim.

O nosso trabalho neste grupo, eu, às vezes, acho que é um pouco de sonhar, de olhar para as narrativas das nossas vidas também de um jeito prospectivo, que nos leva a dar outros passos, a pensar para onde a gente quer ir. O sentido deste grupo, pra mim, é muito nesse olhar da construção do que eu quero, do meu vir a ser [...] Essa construção, eu tenho a sorte de não fazê-la mais sozinha, de fazer junto com vocês, porque é uma construção refletida, pensada, aprendida, sentida. O grupo pra mim tem essa presença, a presença do meu hoje, mas olhando para o meu amanhã.

A conscientização não vem com a educação, tampouco a conscientização vem com a educação, como ensina Freire (1987). No processo de aprendizagem, o eu

realmente acontece, é um movimento indissociável entre conscientização e educação; uma vem junto com a outra e ambas se realizam simultaneamente, visto que uma está inserida na outra. “[...] A libertação autêntica, que é humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo [...]”. (FREIRE, 1987, p. 67)

O NEPEN tem sido espaço/tempo que defende uma formação que almeje e promova a emancipação dos sujeitos, a partir de processos coletivos de transformação das realidades. Mais que uma tomada de consciência e busca de liberdade individual, perspectiva um movimento crítico-dialético na construção coletiva, no confronto aos desafios do oportunizar que cada um se constitua pesquisador/pesquisadora na relação com o outro.

Por fim, o NEPEN tem sido espaço de esperar, resistir e (re)existir a partir do existir em si mesmo, no diálogo com o existir do outro, afinal “[...] O diálogo não impõe, não domestica, não sloganiza.” (FREIRE, 2015, p. 102),

O NEPEN, em 2020, nos fez RE(EXISTIR) com AMOROSIDADE, ESPERANÇA E CONHECIMENTO compartilhado! Em 2021 vem repleto do ESPERANÇAR e com acolhimento de muitos Outros, suas singularidades e subjetividades!

Eu não esperava encontrar um espaço de acolhida tão doce assim. Aqui só conversa leve, turma bacana, enfim, é outro lugar. Essa expectativa não estava dada pra mim. [...] Sem dúvida, vai ser para mim um espaço de muito aprendizado. Esse grupo é vida. [...] Aqui a gente sente bater forte o coração. [...] Cada encontro traz pra nós essa impressão do pulsar da vida, de poder fazer algo que nos mova realmente com paixão. [...] A gente se acha na cumplicidade do que nos move.

Por fim cabe dizer, ainda, que

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a docência e com a seriedade. (FREIRE, 2000, p. 22)

E é necessário um posicionamento de que sim, o NEPEN é esse espaço de experiência total, por isso vem sendo identificado como espaço/tempo de pesquisa-vida-formação.

Inventário II – Doutoradolândia: espaços e tempos do produzir vida e ciência

Do momento em que a tese passa pelo Exame de Qualificação, até seu fechamento, o movimento de inventariar as produções da autora foi ampliado. As categorias de organização foram mantidas (Memórias; Pareceres; Artigo; Capítulos

de livros; Cartas Pedagógicas; Memoriais de Formação; Narrativas; Resumos; e, Outros.

No entanto, com a (re)definição dos contornos da tese, em especial, quando sai de cena a ideia de propor diálogos com outras mulheres docentes, a partir de Cartas Pedagógicas, conforme havia sido previsto na proposta metodológica do texto apresentado ao Exame de Qualificação, ao delinear os critérios de inclusão para o trabalho de curadoria, que se deu no processo de catalogação das produções, compreendi que se fazia necessário trazer todas as produções realizadas no recorte temporal do Doutorado, àquelas do contexto do Doutorado, bem como as do contexto profissional, mais as escritas de cunho pessoal/existencial⁴⁶.

O cenário final do processo de catalogação apresenta um primeiro quadro intitulado **Cadernos Físicos (15)**: que podem ser compreendidos da seguinte forma: Diários de Pesquisa (8), sendo cadernos que integraram os diários de pesquisa produzidos ao longo do Doutorado: (3) voltados a registros do desenvolvimento da tese, em si; (2) referentes às disciplinas cursadas, cursos de extensão e encontros do NEPEN; (1) para os registros do curso de extensão sobre Cartas Pedagógicas; (1) diário das produções acadêmicas; e, (1) sobre as ações da *Red Travesías del Sur*. Diários Pessoais (3): (1) para anotações de alguns sonhos que tenho e sinto a necessidade de textualizá-los; (1) registros dos exercícios do período em que iniciei as atividades de meditação; (1) registros de cursos voltados ao autoconhecimento e saúde; Agendas-diário: (4) são cadernos nos quais organizo a minha rotina de trabalho. **Memórias (5)**, sendo que três delas foram escritas em forma de Cartas Pedagógicas, logo apareceram nos dois catálogos, tanto no de memórias, quanto no de Cartas Pedagógicas, sendo que o quantitativo foi computado na categoria de memórias e suprimido das Cartas Pedagógicas. **Pareceres (4)**, sendo todos de projetos de pesquisa apresentados na atividade de Pré-Qualificação do NEPEN. **Artigo (1)** que foi publicado em revista acadêmica *qualis* A2. **Capítulos de livros (5)** e dois deles publiciza memoriais de formação, sendo que o cômputo deixa de ser feito no catálogo dos memoriais, visando a fidedignidade do quantitativo das produções. **Cartas Pedagógicas (38)** algumas escritas do gênero epistolar foram feitas antes que eu me aproximasse com o conceito de Cartas Pedagógicas, em Paulo Freire. Cheguei a organizar em catálogos separados: a) Cartas; b) Cartas Pedagógicas. No entanto,

⁴⁶ Os quadros com a catalogação das produções estão disponíveis no Apêndice B dessa pesquisa.

conforme os estudos foram sendo ampliados, foi ficando cada vez mais claro que buscar classificar o que é, e o que não é Carta Pedagógica, deixa de fazer sentido quando se assume uma perspectiva de que o que a lente é para a escrita reflexiva, a partir de dispositivos. Por isso a escolha de apresentá-las em um único catálogo. **Memoriais (4)** são três memoriais de formação produzidos em cenários de disciplinas cursadas (trabalhos de conclusão) e um deles é a versão embrionária do memorial da tese que integrou o texto apresentado para o Exame de Qualificação. **Narrativas (31)** nesse catálogo estão todas as narrativas produzidas nos mais diferentes contextos, considerando o recorte temporal do Doutorado. Algumas seguiram a comandas, outras são escritas espontâneas. As narrativas escritas e publicadas no meu blog pessoal “Escrever me trata”, também integrou o catálogo. **Resumos (5)** do total de resumos, um deles foi escrito enquanto atividade de conclusão de uma das disciplinas cursadas no Doutorado e as demais para a participação de eventos acadêmicos, dois deles voltados a eventos da Associação Brasileira de Pesquisa (auto)biográfica (Biograph). **Outros (83)** nesse catálogo estão todas as produções que não puderam ser, por suas características, inseridas nos demais. Trata-se de apresentações *PowerPoint*, organizados para diferentes atividades e contextos; planos de formação; tutoriais; contos; poemas; materiais produzidos para cursos e formações; templates; exercícios; reescrita/releitura de letras musicais e poemas, todas respeitando o recorte temporal da realização do Doutorado. São, no total, **(191) produções inventariadas**.

É importante demarcar que, no que se referem às minhas produções, grande volume delas escritas a partir de dispositivos biográfico-narrativos e, ao investir na sistematização do trabalho de curadoria, na perspectiva de pensar/apresentar os critérios de inclusão, percebo que o movimento a ser feito não é, necessariamente o de análise, no sentido acadêmico clássico.

Sem dúvida poderia ter “aplicado” os critérios de inclusão e, assim, definido um *corpus* de análise, como feito com a produções do NEPEN. No entanto a potência do inventário, também reconhecido, nessa tese, como um dispositivo biográfico-narrativo trouxe no processo de catalogação das produções, a emersão de sentidos que foram se articulando aos contornos da tese, em especial, evidenciados pelas escritas que marcam as tessituras da intriga, apresentadas ao longo desse trabalho.

Isto posto, considerando os 10 (dez) catálogos das minhas produções, acima identificados e levando em conta que 04 (quatro) deles não são de escritas a partir de dispositivos biográfico-narrativos, tomei como fonte, não necessariamente de análise,

mas para atribuição de sentidos, a partir do trabalho de curadoria, as produções dos catálogos que estão na relação direta com os dispositivos biográfico-narrativos e que integram as tessituras de intriga da tese, apresentadas enquanto mimesis II (o narrado).

Importante também destacar que, na perspectiva de pensar o **processo de atribuir sentido**, enquanto última etapa do movimento do inventariar, como indicado no quadro síntese dos contornos da pesquisa, mais uma vez recorro a Ribeiro (2019):

Longe de buscar uma linha cronológica ou categorias de análise, o desafio que orbitou e orbita a ação investigativa é **conversar e pensar com [...]** O que dão a pensar sobre e com as questões abertas ao longo deste caminhar narrativo que é a escritura desta tese, com as indagações que [minhas produções suscitam], de modo a afirmar o lugar ético, político, teórico e alteritário a partir do qual me penso e vivo este pesquisar? (RIBEIRO, 2019, p. 176)

Nesse sentido, no quadro abaixo, apresenta-se uma síntese das lentes e perspectivas de atribuição de sentidos dos achados nos (guar)dados.

Quadro 9 – Como se organiza o movimento de inventariar – *sobre atribuir sentido aos (guar)dados*

ATRIBUIR SENTIDO	
As lentes e a metodologia para a leitura e atribuição de sentido do inventário.	
CÍRCULO HERMENÊUTICO – (LENTEs)	
PRODUÇÕES DA AUTORA (inventário 2)	(MÍMESIS I) – O VIVIDO – PRÉ-FIGURAÇÃO: Quais as experiências que marcaram a minha vida e a produção desta tese?;
	(MÍMESIS II) – O NARRADO – CONFIGURAÇÃO: O que essas experiências fizeram comigo (as marcas)? <ul style="list-style-type: none"> ✓ dos tempos e espaços de formação; ✓ da relação autoria e criação; ✓ das experiências e reflexões emancipadoras; ✓ dos medos e desafios; ✓ da relação vida na academia e academia na vida; ✓ do papel do coletivo e plural, do NEPEN, nas minhas descobertas singulares; ✓ da importância das relações e articulações estabelecidas com o processo de orientação.
	(MÍMESIS III) – AS REFLEXÕES SOBRE/COM O NARRADO – REFIGURAÇÃO: O que faço agora com o que isso me fez? <ul style="list-style-type: none"> ✓ os dispositivos biográfico-narrativos; ✓ a itinerância do Doutorado.

Elaboração: sistematização da autora (2023).

No processo de construção dos catálogos, conforme Quadro 07 (p. 125), as produções foram organizadas em ordem cronológica dentro de cada categoria e, considerando as evidências dos contextos e/ou finalidades em que foram produzidas (acadêmica, profissional e pessoal/existencial). Enquanto uma primeira leitura, as

tabelas foram ganhando cores, escolhidas aleatoriamente, de forma a auxiliar compreensão do cenário que se apresentava. Pode-se atribuir a essa ação intencional, ver/indicar os diferentes contextos e finalidades de motivação das produções como um movimento inicial de atribuir sentido a elas, uma vez que esses dados apontam algumas leituras do cenário de produções. No quadro abaixo, a título de síntese ilustração e explicação, apresento como as tabelas, em cores, poderão ser visualizadas nos quadros de catalogação, disponíveis no APÊNDICE B.

Quadro 10 – Primeiras leituras dos guar(dados)

CONTEXTO	DESCRIÇÃO
Acadêmico (tese)	Produções vinculadas às disciplinas cursadas; aos eventos dos quais participei; cursos de extensão; às atividades do processo de orientação entre outras solicitadas pela universidade.
Profissional	Produções realizadas a partir das atividades profissionais exercidas na rede pública municipal de Sorocaba, enquanto supervisora de ensino.
Pessoais/Existenciais	Escritas feitas a partir de motivações pessoais e existenciais, cujas temáticas, não necessariamente se vinculam ao fato de ter compromissos com o espaço acadêmico.
Projeto-D*	Produções relativas a um curso organizado e ministrado por mim.

* O Projeto-D será detalhado mais a frente, mas são produções realizadas em um contexto que integra os três outros, por isso recebeu um destaque.

Elaboração: a autora (2023)

Também, a título de registro das percepções iniciais, destaco o quantitativo das produções, considerando a classificação de seus contextos e finalidades: (101) contexto acadêmico; (39) contexto profissional; (29) contexto pessoal/existencial; e, (22) Projeto-D, totalizando (191) produções, como indicado anteriormente.

A retomada da produção dos catálogos, após a (re)definição dos contornos da investigação, além de um trabalho intenso foi um exercício que suscitou alguns questionamentos que acabaram por auxiliar, no processo de curadoria, a definir como as produções seriam trazidas na versão final da tese. *Porque não trouxe, no relatório escrito para o Exame de Qualificação, as produções realizadas no contexto profissional e pessoal/existencial? Qual a compreensão de produção que trazia naquele momento que deixa de fora tantos materiais produzidos com o mesmo rigor, cuidado e sentidos que as produções ditas “acadêmicas”, ainda que o (auto)biográfico, as narrativas estivessem tão presentes neles?*

Outra percepção importante a ser registrada e objeto de reflexão, é o quanto os conteúdos se (re)desenham, se (re)significam e são utilizados em diferentes

contextos, considerando a pertinência da temática. Um exemplo disso são os estudos de Morin (1999) na relação com o pensar o período pandêmico da COVID-19 (IN2o11 e IN2o14). Um material pensado e organizado para o cenário profissional, que depois contribuiu em uma Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE). Ainda nessa percepção de (re)significação das produções, alguns materiais, visivelmente, são aprimorados, ganham novos contornos estéticos, novos conceitos epistemológicos são integrados, mostrando em momentos e contextos diferentes, potências que de uma primeira vez não se evidenciava.

Dado esse primeiro preâmbulo geral, segundo inventário de pesquisa, o quadro a seguir apresenta indicativos da MÍMESIS I – O VIVIDO – PRÉ-FIGURAÇÃO: *Quais as experiências que marcaram a minha vida e a produção desta tese?*. Os códigos, em negrito, são as referências que balizaram o movimento da MÍMESIS II e III.

QUADRO 11 – (MÍMESIS I) Momentos, descobertas e encontros: o contexto das produções

	CENÁRIO/CONTEXTO DAS PRODUÇÕES
Sobre os momentos charneira dos rumos da tese	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Descobrir que tenho direito de escrever uma tese, ser doutora, numa tarde paulistana, enquanto tomava café com minha orientadora e a Professora Maria da Conceição Passeggi (março/2020) – IN2N17 ➤ Catalogar as produções do NEPEN visando as comemorações dos dez anos de sua existência (maio/2021) – IN2N27_TQ ➤ Encontro de orientação: o momento em que minha orientadora sistematiza minhas percepções e intenções para com a tese, depois de ter assistido a live do Professor Joaquim Gonçalves Barbosa e conhecer a ideia de autor-cidadão, na UFSCar, numa tarde de pandemia. (setembro/2021) – IN2o23, IN2CF_01 e APÊNDICE D ➤ Descobrir-me uma “pesquisadora-autora-cidadã”, na casa da minha orientadora, com direito a choque inicial e choro convulsivo, seguido de uma taça de vinho. (junho/2022) – IN2CF_08 ➤ Decidir de que não seria possível integrar o diálogo com mulheres latino-americanas a tese. (dezembro/2022) – IN2CP28 ➤ Dar-me conta de que a metáfora da gestação havia cumprido seu papel no relatório escrito para o Exame de Qualificação. (janeiro/2023) – IN2CF_11
Sobre as descobertas conceituais	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Ampliar a aproximação e a compreensão sobre os conceitos da multirreferencialidade, enquanto perspectiva de produção de conhecimento. ➤ Descobrir as Cartas Pedagógicas. (2021) – IN2CF_07
Sobre as descobertas existenciais	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Apagões criativos ou travadas epistemológicas – períodos em que fiquei até dois meses sem conseguir produzir, escrever, desenvolver a tese. (maio/2022) – IN2CF_08 ➤ Tomar consciência de que a tese estava sendo colocada no “ninho vazio”. (junho/2022) – IN2CF_11 ➤ Perceber que preciso aceitar, assumir e buscar superar o medo de autorizar-me à autoria (a partir de agosto/2022) – IN2CF_11

CENÁRIO/CONTEXTO DAS PRODUÇÕES	
Sobre encontros, (re)encontros e desafios dos/com os referenciais teóricos	<ul style="list-style-type: none"> ➤ O (re)encontro com o legado de Paulo Freire. (fevereiro/2021) – IN2CP02 ➤ Assumir que não tenho condições de compreender Paul Ricoeur por ele mesmo. (novembro/2020) – IN2N26 e IN2o21 ➤ Participar de atividades na relação com a documentação narrativa das experiências pedagógicas. (julho/2022) – IN2CP29 e IN2CP31
Sobre encontros (re)encontros e desafios da/na vida	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Descubro que tenho que encarar a maternidade como processo contínuo, mas cujos papéis cumprem diferentes finalidades em cada etapa da vida dos filhos. (publicada em agosto/2022) – IN2o71 ➤ Aprender a ter uma nova relação familiar, agora, enquanto avó. (janeiro/2022) – IN2o76 e IN2N24 ➤ Lidar com os desafios de quem está final de carreira. (outubro/2021) – IN2CF_02

Elaboração: síntese feita pela autora (2023)

Desde que pensei na tríplice *mímesis* (RICOEUR, 2010) como possibilidade de exercício heurístico para atribuição de sentidos do inventário de pesquisa, conseguia visualizar esse movimento organizado de forma a oportunizar a compreensão dele. Claro está para mim, no entanto, que o círculo hermenêutico não se dá linearmente, assim como a tríplice MÍMESIS, na forma como está compreendida nesse trabalho, também, não se dá hierarquicamente uma após a outra.

As narrativas, Cartas Pedagógicas, quadros, imagens e esquemas que foram apresentados, enquanto tessituras da intriga, “[...] não são apenas formas de evidenciar o trabalho realizado – são [...] instrumentos autênticos de produção.”. (MILLS, 1982, p. 229) São andaimes cuja empreiteira da obra escolheu manter visíveis nesse ponto do texto, mas que ao apresentar suas sínteses nas “Cartas que anunciam”, buscará dar indícios de obra pronta, ainda que não no sentido literal, visto que a investigação a que me propus não se deu/está dada na relação com uma finitude, verdades definitivas ou provisórias. O trabalho que é concluído tem a ver com cenários, enredos, intrigas, poesia... E, assim sendo, sua compreensão se dará pelas lentes do leitor, a partir das marcas de autoria evidenciadas.

Dito isto, apresento a “brincadeira mimética”, que visualizei mentalmente desde que o círculo hermenêutico passou a compor a ideia da tese apresentando os eixos de atribuição de sentido que emergiram do movimento de catalogação das minhas produções.

Sobre os momentos charneira dos rumos da tese...

(MÍMESIS I) – O VIVIDO – PRÉ-FIGURAÇÃO: Que experiências marcaram a produção desta tese?	(MÍMESIS II) – O NARRADO – CONFIGURAÇÃO: O que essas experiências fizeram comigo (as marcas)?	(MÍMESIS III) – REFLEXÕES SOBRE/COM O NARRADO – REFIGURAÇÃO: O que faço agora com o que isso me fez?
<p>Descobrir que tenho direito de escrever uma tese, ser doutora, numa tarde paulistana, enquanto tomava café com minha orientadora e a Professora Maria da Conceição Passeggi (março/2020).</p>	<p>Somente com a escrita da narrativa (IN2N17) percebo que não me via como “capaz” ou legitimada a “ser doutora”, visto minha origem social e, também, por ser “professorinha”.</p>	<p>Redireciono a tese para o feminino, embora, não numa perspectiva de discussão atropo-social (gênero), mas com lentes; Apresento a minha trajetória (im)provável; meus vínculos intergeracionais e a mobilidade social ascendente para a tese.</p>
<p>Catalogar as produções do NEPEN visando as comemorações dos dez anos de sua existência (maio/2021).</p>	<p>Com o movimento de catalogação, em especial, os diálogos estabelecidos para conseguir acesso às produções do grupo, sua potência e importância, em especial o quanto pertencer e compô-lo integra o que venho perspectivando enquanto pesquisadora em formação.</p>	<p>O NEPEN é apresentado, num primeiro momento compreendido como objeto de pesquisa e, mais tarde o descubro como um espaço/tempo de pesquisa-vida-formação, que jamais poderia ser reduzido a um “objeto de pesquisa”, mas sim como um canal de escuta e diálogo dela própria.</p>
<p>Encontro de orientação: o momento em que minha orientadora sistematiza minhas percepções e intenções para com a tese, depois de ter assistido a live do Professor Joaquim Gonçalves Barbosa e conhecer a ideia de autor-cidadão, na UFSCar, numa tarde de pandemia. (setembro/2021).</p>	<p>Ao narrar minhas percepções da live à professora Bárbara, orientadora da tese, me dou conta de que estou impactada pela ideia de autor-cidadão e do quanto gostaria de pensar num movimento sobre fazer uma “pesquisa-cidadã”.</p>	<p>Amplio as percepções até chegar a ideia de pesquisadora-autora-cidadã, a partir das apresentações e diálogos estabelecidos a partir dessas figuras nas reuniões de orientação e no NEPEN, na atividade da “Pré-Qualificação”.</p>
<p>Descobrir-me uma “pesquisadora-autora-cidadã”, na casa da minha orientadora, com direito a choque inicial e choro convulsivo, seguido de uma taça de vinho. (junho/2022).</p>	<p>A partir das contribuições da Juliana Vieira e da Bárbara, enquanto eu apresentava o texto que seria encaminhado à Banca do Exame de Qualificação, insisto em explicar que a tese era para anunciar a ideia de pesquisadora-autora-cidadã que eu era/sou uma e que não precisava aguardar que me autorizassem a sê-la.</p>	<p>Me senti fortalecida para terminar o relatório de tese, encaminhado para a banca do Exame de Qualificação, depois de tantas “travadas” e “apagões epistemológicos”. Ainda que o texto tenha saído com muitos pedidos de desculpas e medo de autorizar-me à autoria, conseguir terminá-lo está na relação com o confrontar-me naquela noite.</p>
<p>Decidir que não seria possível integrar o diálogo com mulheres latino-americanas a tese. (dezembro/2022).</p>	<p>Frustração é a palavra que mais me faz sentido. Aliás já estava frustrada por não ter conseguido a Bolsa de Doutorado Sanduíche (BDS), a troca de Cartas Pedagógicas com mulheres latino-americanas seria uma forma de minimizar a frustração.</p>	<p>Não sei ao certo o que essa experiência fez comigo. Talvez tenha dificuldade de apresentar essa reflexão porque algumas das motivações foram silenciadas e ainda não sei se quero/tenho condições de “falar” sobre elas.</p>

(MÍMESIS I) – O VIVIDO – PRÉ-FIGURAÇÃO: Que experiências marcaram a produção desta tese?	(MÍMESIS II) – O NARRADO – CONFIGURAÇÃO: O que essas experiências fizeram comigo (as marcas)?	(MÍMESIS III) – REFLEXÕES SOBRE/COM O NARRADO – REFIGURAÇÃO: O que faço agora com o que isso me fez?
Dar-me conta de que a metáfora da gestação havia cumprido seu papel no relatório escrito para o Exame de Qualificação. (janeiro/2023).	Quando sistematizo as contribuições da Banca do Exame de Qualificação me deparo com minha veemente declaração de que “Não vou abrir mão da gestação como metáfora!”. O exercício de textualizar essas contribuições me fez lembrar de uma, das muitas conversas que tive com um companheiro de NEPEN, nos períodos de “apagões epistemológicos”, nos quais não conseguia escrever e dar continuidade à tese. Naquela conversa eu me dou conta que a tese era o bebê que estava ocupando o ninho que os meninos deixaram vazio e, ao me dar conta disso, percebo que a metáfora da gestação tinha cumprido seu papel e eu não precisava mais dela.	Abri mão da gestação como metáfora organizadora da escrita da tese. Reconheci que minha escrita é marcada por muitas metáforas e, não precisava, necessariamente, ficar com uma. Me abri para (re)parar em Ricoeur e me lançar a aventura de trazê-lo como eixo teórico e de organização da tese.

Sobre as descobertas conceituais...

(MÍMESIS I) - O VIVIDO – PRÉ-FIGURAÇÃO: Que experiências marcaram a produção desta tese?	(MÍMESIS II) - O NARRADO - CONFIGURAÇÃO: O que essas experiências fizeram comigo (as marcas)?	(MÍMESIS III) - REFLEXÕES SOBRE/COM O NARRADO - REFIGURAÇÃO: O que faço agora com o que isso me fez?
Ampliar a aproximação e a compreensão sobre os conceitos da multirreferencialidade, enquanto perspectiva de produção de conhecimento. Descobrir as Cartas Pedagógicas. (2021).	Interessante perceber que a multirreferencialidade, ao invés de me libertar das amarras do estruturalismo, que permeia, em muitos momentos meu modo de perceber a academia, faz com que eu me imponha um confronto ainda mais paradoxal, é como tivesse que aprender outro jeito (outra receita) de como pesquisar, quando na realidade não há uma expectativa de substituição de modelos... Me faz querer escrever uma tese-carta, para além de me motivar a (re)descobrir Paulo Freire, e tê-lo na tese.	Busco maneiras de transgredir a mim mesma, se não na forma, por vezes no conteúdo. Isso aparece na tese, agora na versão final. O meu confronto me fez perceber que algumas necessidades trazidas, como a de sistematizar, explicar e construir imagens são jeitos que encontro de fazer “poesia” quando se investiga a partir da multirreferencialidade. Escrevo muitas Cartas Pedagógicas; trazendo-as e defendendo-as, na tese, como dispositivo biográfico-narrativo; perpasso todo o movimento de itinerância teórico-metodológica, vivendo o tetragrama da (Trans)formação Permanente no movimento de me descobrir autora.

Sobre as descobertas existenciais...

(MÍMESIS I) – O VIVIDO – PRÉ-FIGURAÇÃO: Que experiências marcaram a produção desta tese?	(MÍMESIS II) – O NARRADO – CONFIGURAÇÃO: O que essas experiências fizeram comigo (as marcas)?	(MÍMESIS III) – REFLEXÕES SOBRE/COM O NARRADO – REFIGURAÇÃO: O que faço agora com o que isso me fez?
Apagões criativos ou travadas epistemológicas – períodos em que fiquei até dois meses sem conseguir produzir, escrever, desenvolver a tese. (maio/2022)	Me ajudou a reconhecer que produzir escritas reflexivas que traziam o cenário e a trajetória da minha origem, dos vínculos intergeracionais, bem como, a mobilidade social ascendente, me colocava de e, a frente das minhas relações familiares e crenças limitantes.	Fui buscar respostas à perguntas existenciais nunca antes feitas, conscientemente. Hipnose, Barras de Acces e Constelação familiar foram algumas ferramentas das quais fui ao encontro para (re)organizar algumas emoções, compreender algumas feridas abertas e lidar melhor com algumas cicatrizes.
Tomar consciência de que a tese estava sendo colocada no “ninho vazio”. (junho/2022).	Ainda estou processando o que isso fez comigo, vou precisar de muita terapia ainda para poder elaborar essa minha necessidade de ter o ninho cheio.	Tenho abstraído e fingido que está tudo bem.
Perceber que preciso aceitar, assumir e buscar superar o medo de autorizar-me à autoria (a partir de agosto/2022).	Me trouxe ainda mais responsabilidade e medo de não atender as expectativas em mim depositadas, principalmente por conta de todo o investimento feito em mim.	Continuei com medo mesmo.

Sobre encontros, (re)encontros e desafios dos/com os referenciais teóricos...

(MÍMESIS I) – O VIVIDO – PRÉ-FIGURAÇÃO: Que experiências marcaram a produção desta tese?	(MÍMESIS II) – O NARRADO – CONFIGURAÇÃO: O que essas experiências fizeram comigo (as marcas)?	(MÍMESIS III) – REFLEXÕES SOBRE/COM O NARRADO – REFIGURAÇÃO: O que faço agora com o que isso me fez?
O (re)encontro com o legado de Paulo Freire. (fevereiro/2021)	Me leva a querer ter seus livros, a lê-los e a me aproximar da comunidade que o estuda.	Apresento mais que Cartas Pedagógicas para a tese, seu conceito de “emancipação” passa a compor a tese como um eixo transversal.
Assumir que não tenho condições de compreender Paul Ricoeur por ele mesmo.	Fiquei perdida, uma vez que cursando o Doutorado como assumir que não conseguia compreender um referencial teórico?; me fez pensar nas muitas fragilidades com as quais cheguei na academia e comecei a duvidar das condições e competência para produzir uma tese.	Fui buscar artigos e livros dos estudiosos de Paul Ricoeur, mesmo tendo comprado boa parte de sua obra; mesmo sem assumir o compromisso de ampliar e aprofundar a compreensão de sua teoria, ousei trazer Ricoeur para a tese, a partir da tríplice mimesis e seu círculo hermenêutico.
Participar de atividades na relação com a documentação narrativa das experiências pedagógicas.	Me vejo com um desejo imensurável de protagonizar um movimento assim e trazê-lo para a tese.	Pensei em uma proposta de, por meio de Cartas Pedagógicas, realizar uma documentação narrativa com mulheres latino-americanas, mas não foi possível concretizá-la.

Sobre encontros (re)encontros e desafios da/na vida...

(MÍMESIS I) – O VIVIDO – PRÉ-FIGURAÇÃO: Que experiências marcaram a produção desta tese?	(MÍMESIS II) – O NARRADO – CONFIGURAÇÃO: O que essas experiências fizeram comigo (as marcas)?	(MÍMESIS III) – REFLEXÕES SOBRE/COM O NARRADO – REFIGURAÇÃO: O que faço agora com o que isso me fez?
Descubro que tenho que encarar a maternidade como processo contínuo, mas cujos papéis cumprem diferentes finalidades em cada etapa da vida dos filhos.	Essa descoberta me trouxe a consciência de que, embora não possa mudar o passado, preciso (re)significar algumas posturas na relação com os meninos.	Sei o que deveria fazer, mas, no máximo posso dizer que estou tentando.
Aprender a ter uma nova relação familiar, agora, enquanto avó.	Me fez querer viver esse “novo papel” com a máxima intensidade possível.	Estou vivendo!
Lidar com os desafios de quem está final de carreira.	Me dou conta de que não vejo sentido para muitas das atividades que realizo; me percebo sempre a busca de novos fazeres.	Venho buscando sentidos para as ações que desempenho, tanto na relação com a súmula de atribuições, quanto para além dela.

Essa “brincadeira mimética” oportunizou perceber que, ao estar em Doutoradolândia, seus tempos e espaços de formação são definidores de/do percurso. Não necessariamente por serem “lugares de conhecimento”, mas muito mais pelos ecos e ressonâncias das muitas vozes (plural), que ali estão e se misturam, formando novos acordos ao que a pesquisadora/pesquisador em formação está se propondo dizer.

Esses ecos e ressonâncias também impulsionam a busca e a consolidação dos lugares de fala, numa perspectiva, também, não necessariamente de marcar território, de demarcar fronteiras, também o são, no entanto, o que realmente ganha luz, holofotes eu diria, é o movimento de legitimar-nos autores, de nos autorizarmos à autoria. Uma autoria marcada pelos processos heurísticos que ganham espaço e amplitude à medida que o coro do coletivo, sem qualquer unísono, mas numa mistura, as vezes até inteligível, aponta o ir em frente, confiar em si como única possibilidade de se acreditar e creditar-se no processo de produzir conhecimento.

Nessa harmonia, nem sempre tão harmônica, visto que por vezes, as/os pesquisadores em formação se veem perdidos, as experiências vividas no coletivo empoderam, e empoderamento aqui está bem longe da ideia de “empoderamento” que surge com o neoliberalismo, é um empoderar numa relação direta, intrínseca e dialógica com o emancipar-se, tomar as rédeas das decisões, fazer escolhas e com

elas oportunizar (trans)formações permanentes, tal qual aponta o tetragrama (emoção/ação/reflexão/registo) que nos apresenta Freitas (2020a).

É nessa cadência de acordes que, enquanto pesquisadoras e pesquisadores em formação, enfrentamos nossos medos e desafios e descobrimos que produzir ciência é produzir a vida e por isso faz sentido nos reconhecermos como pesquisadoras-autoras-cidadãs e pesquisadores-autores-cidadãos.

Esse (re)conhecer-se só se dá a partir de um longo processo de partilha e entrega que na minha Doutoradolândia, considerando o NEPEN enquanto espaço/tempo de pesquisa-vida-formação, começa pelas e nas relações e articulações estabelecidas com/no processo de orientação.

Mais que uma “brincadeira mimética”, a experiência formadora única e singular vivenciada nessa itinerância acadêmico-existencial, que foram evidenciadas pelas/nas e com as escritas reflexivas, por meio dos dispositivos biográfico-narrativos, são partituras que se lançam, na perspectiva de encontrarem outros arranjos, outros ecos, outras ressonâncias que, junto a elas, sejam músicas e enredos outros, tendo a outras pesquisadoras-autoras-cidadãs como parceiras de composição.

Por fim, apresentar essa “brincadeira mimética” da forma como a apresento, ao considerar a ideia de coexistência, posso dizer que minha necessidade de fazer sistematizações, estruturar quadros, figuras e tabelas é meu jeito de fazer poesia, no cenário da escrita acadêmica, visto que não sei cantar. As vezes “na(s) caixa(s)” me sinto segura e consigo poetizar meu movimento acadêmico, enquanto acolho com cuidado e reverências outras expressões do campo narrar.

Projeto-D: percepções à parte

Nesse preâmbulo das primeiras impressões do movimento de inventariar minhas produções, preciso fazer um destaque ao Projeto-D⁴⁷.

⁴⁷ O título do curso “Projeto-D” está na relação com “Dissertolândia”, no entanto, preciso registrar que a motivação para ele não foi, necessariamente, o neologismo que criei no período em que cursei o Mestrado. Na ocasião em que propus o curso, uma professora, amiga muito querida da mestranda que mediou toda a realização do curso, havia tido COVID-19 e passado por momentos emblemáticos, visto que, naquele momento, não havia ainda a vacina. Essa professora acabara de passar no concurso para Diretora de Escola e, também, nutria a expectativa de cursar um programa de Mestrado. Numa das conversas em que a mestranda me pedia que organizasse o curso, ela comentou o quanto seria significativo para sua amiga, depois de tudo que tinha passado com a COVID-19, ter a oportunidade de fazer o curso. Esse “apelo” me comoveu sobremaneira e foi o que me motivou a realizar a primeira edição. Quando informei que sim, faria o curso, anunciei que se chamaria “Projeto-D” porque o nome da professora é Denise. Somente depois me dei conta que poderia também atribuir a letra “D” o sentido de Dissertolândia.

Curso que organizei e ministrei sendo que o objetivo era partilhar conhecimentos e saberes sobre a construção de Projetos de Pesquisa com foco à processos seletivos de ingresso no Mestrado em educação. Foram duas edições do “Projeto-D”, uma em junho/julho de 2021, direcionado a um público específico de Orientadores Pedagógicos que haviam participado de uma ACIEPE promovida por uma supervisora de ensino que também era mestrando no PPGEd da UFSCar-So e, entre julho e agosto de 2022 uma nova edição foi ofertada em parceria com o Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Sorocaba (SSPMS). (INV2_o_28)

Quando comecei a preparação para o processo seletivo do Mestrado, em 2011, considerando o início do PPGED e expectativa que a comunidade sorocabana trazia por programas públicos de pós-graduação, visto que o mais próximo é na UNICAMP, cerca de 100 km daqui. Colegas de trabalho também se debruçaram à escrita de seus projetos. Naquela ocasião, por gostar muito de metodologia do trabalho científico e cursar uma pós-graduação *lato sensu*, contribuí com alguns colegas fazendo a leitura de seus projetos e partilhando materiais. Com a finalização do Mestrado, tive a oportunidade de ministrar aulas em cursos de especialização em algumas disciplinas. Metodologia da pesquisa foi uma delas, bem como, a partir dela, passei a acompanhar/orientar trabalhos de conclusão da especialização, no gênero “artigo científico”, o que levou-me a sistematizar algumas das anotações que tinha das disciplinas do Mestrado e, em especial, das reuniões de orientação. Esse material, que inicialmente foi sistematizado, especificamente, para as aulas na pós-graduação, passou a ser partilhado por mim, sempre que alguém comentava que tinha vontade de entrar no Mestrado, fazendo os comentários triviais: *mas nem sei por onde começar... É muito difícil... Acredito que não tenho condições... Não dou conta...*

As solicitações aumentaram e eu sempre encaminhava sete ou oito arquivos por e-mail, ao qual intitulava “Bem-Vindo à Dissertolândia”. Percebi que para além de enviar os materiais, as pessoas precisavam de alguma orientação sobre como olhar o material que estava recebendo, então passo a enviar no corpo do e-mail algumas orientações sobre qual material olhar primeiro, quase um passo a passo para a construção do projeto e a inscrição no processo seletivo. Alguns materiais de domínio público, como manual antiplágio da faculdade que trabalhei, livros de Metodologia Científica foram sendo incorporados aos meus.

Em 2020, uma mestranda do PPGEd da UFSCar-So, desenvolveu uma ACIEPE com Orientadores Pedagógicos (OP), iniciantes visando levantamento de dados para sua dissertação. Esse curso de extensão suscitou o interesse das OPs em acessar o Mestrado e, sabendo do material que eu havia elaborado a mestranda

solicitou autorização para partilhá-lo. Esse movimento de partilha rendeu a solicitação de que eu desse assessorias ou ofertasse um curso para que elas pudessem tirar suas dúvidas. Envolvida com o Doutorado e sem considerar a questão da assessoria como uma possibilidade, me comprometi a pensar numa proposta de curso e, com a pandemia e o isolamento social, em junho/julho de 2020, usando os recursos do *Google Meet*, fizemos quatro encontro virtuais enquanto espaço de apropriação e compreensão dos materiais.

O convite foi estendido às outras pessoas que, recorrentemente, me sinalizavam o interesse em participar de processos seletivos para o Mestrado e, quando percebi a dimensão da ação e as expectativas em mim depositadas, fiz a primeira ampliação e sistematização dos materiais. Em julho de 2021, procurada pelo Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Sorocaba (SSPMS) ofereci, em parceria com o referido órgão, a segunda edição do curso “Projeto-D”. Para essa segunda edição o material foi revisado e integrei a ele as contribuições coletadas no primeiro movimento. Um destaque importante é que, na primeira edição, a ação foi totalmente voluntária, no entanto, a executada a partir da parceria com o SSPMS foi cobrado um valor simbólico de adesão. Para esse inventário, fiz a opção de trazer os materiais da segunda edição. Eles se encontram no catálogo “Outros”, podendo ser verificados pelos códigos (IN2o28; do IN2o34 ao IN2o47; IN2o49; IN2o50; IN2o51; IN2o53 e IN2o54).

Na segunda edição do curso, realizado na parceria com SSPMS, a ampliação do repertório didático-teórico dos materiais disponibilizados é um diferencial daqueles disponibilizados no primeiro movimento. Nesse sentido, ao olhar a produção dos materiais do “Projeto-D”, realizada em duas edições, em momentos e cenários diferentes, oportuniza pensar que “Nenhuma estratégia formativa será produtiva se não for acompanhada de um espírito de investigação no sentido de descoberta e envolvimento pessoal e é esta uma das ideias que deve estar na base do conceito de professor-investigador.” (ALARCÃO, 2005, p. 9)

Ainda sobre o “Projeto-D”, retomar os materiais, sua organização e finalidades, no processo de inventário de pesquisa, evidenciou o quanto a possibilidade de sistematização e articulação das temáticas, das discussões, das orientações e da fundamentação teórica estão vinculadas ao processo de orientação vivenciados, tanto no percurso do Mestrado, quanto agora no Doutorado. Mais que indicar, enquanto crédito, que um material ou outro é fruto de uma disciplina, ou de exercícios realizados

no processo de orientação (IN2o28), cabe reconhecer a importância de ter uma orientadora que nos encoraja à autoria. Assim como Hess (2005, p. 67-68) se identifica

Sou certamente um orientador bastante particular, porque encorajo a escrita em si e para si. Ela dá uma legitimidade ao seu autor, que deve fazer seus primeiros passos o mais cedo possível para ganhar segurança. Um texto escrito ganha legitimidade, primeiro, num círculo de leitores que pertencem a sua casa [...].

É possível afirmar que realizar o “Projeto-D”, só foi possível porque esse “encorajar” foi/é uma realidade no movimento de orientação e mais, que acaba por integrar um posicionamento pela formação.

Uma questão imprescindível, que embora possa parecer tardio trazer para o diálogo, visto que precisava primeiro apresentar o contexto no qual se dá a realização das duas edições do Projeto-D, é o fato de ter nesses materiais o envolvimento das três dimensões contextuais apresentadas no início do inventário. O Projeto-D integra materiais que são: a) **acadêmicos**, visto que os saberes que neles estão contidos foram construídos naquele espaço/tempo de formação; b) **profissionais**, uma vez que mobilizam ações formativos no contexto da rede pública municipal de ensino, na qual atuo como supervisora, ainda que não ligados diretamente ao meu cargo/função; c) **pessoais/existenciais**, se considerar que estar no Mestrado (acadêmico), para mim, sempre foi, muito mais uma conquista pessoal/existencial, que acadêmica ou profissional, dada a minha origem e trajetória social, contribuir para que outros possam acessá-la é, sim, uma realização pessoal/existencial.

MÍMESIS III
REFLEXÕES SOBRE/COM O NARRADO (REFIGURAÇÃO)

DISPOSITIVO 4 – (Cartas Pedagógicas)

CARTAS QUE ANUNCIAM

Sobre ser professora...

Se ser professora fosse um brinquedo
 seria bola, boneca, peteca ou pião?
 Quem sabe uma bicicleta, patinete, skate
 ou vídeo game de última geração!?
 Ah... Mas e se fosse um lugar?
 Praia, serra, neve ou pôr do sol em alto mar?
 Se fosse sobremesa,
 seria bolo de chocolate, torta de morango ou pudim?
 Chocolate meio amargo, quem sabe...
 Ser professora não é tão simples e doce assim!
 Ah... Mas e se fosse um bichinho?
 Talvez um coala fofinho...
 Se ser professora fosse uma bebida,
 seria café, chá ou chocolate quente?
 Quem sabe uma água fresquinha,
 daquelas que mata a sede da gente!
 Ah... Mas e se fosse um instrumento musical,
 seria a orquestra inteira, quem duvida disso afinal?
 Se ser professora fosse um material escolar,
 seria o caderno, o livro, o lápis ou o apontador?
 Quem sabe a caneta, a régua, a tesoura...
 Ou a mochila que guarda tudo com cuidado e amor!
 Mas...
 E se ser professora fosse um parente da gente,
 alguém aí sabe me dizer quem seria?
 Essa parece fácil de acertar, mas não é!
 Me faça um favor e não me venha com essa de "TIA" ...
 Claro que tem amor, cuidado e dedicação,
 Mas, também, não me venha com essa de missão!
 Ser professora é trabalho e exige muito estudar,
 Cansa, encanta, traz esperança e as vezes leva a exaustão...
 Ser professora é mais que trabalho,
 ser professora é PROFISSÃO!
 Se nessa homenagem usamos o feminino, tem um motivo, sabe qual é?
 A profissão, que se chama docência, tem como maior representatividade a mulher!
 Mas, se é dia de festa e é dia de comemorar, UM VIVA de GRATIDÃO,
 a quem escolheu e se agarrou a essa PROFISSÃO!
 Sem esquecer de todos os demais TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO,
 Que no dia a dia atuam com compromisso e dedicação!

Sol Silva Brito⁴⁸

⁴⁸ Em outubro de 2022, a Secretaria Municipal de Comunicação (SECOM) solicitou à Secretaria Municipal de Educação (SEDU) um texto para homenagear as professoras e os professores da rede pública municipal de educação de Sorocaba. A ideia era gravar crianças das escolas municipais lendo esse texto. Por solicitação dos responsáveis por mediar as ações entre as secretarias, escrevi o poema acima, que não foi aceito para a homenagem, visto que esperavam uma escrita mais afetiva.

Carta-anúncio I: Sobre ser pesquisadora-autora-cidadã e autorizar-se à autoria: e agora, o que faço com o que os dispositivos biográfico-narrativos fizeram comigo?

Sorocaba/SP/Doutoradolândia, abril de 2023.

Às Adrianes, Bias e Giovanas...

Primeiramente, talvez até antes dos cumprimentos e saudações tão triviais e de “bom tom”, que abrem as escritas feitas em gênero epistolar, preciso dizer quem são minhas rementes e, na verdade, quem elas passam a representar. Ao colocar no plural “Adrianes”, “Bias” e “Giovanas” estou me referindo, diretamente, às histórias de vida, de uma Adriane, a Maria de Oliveira, de uma Bia, a Fogaça, e de uma Giovana, a Corrêa. Adriane, com quem trabalhei de 2002 a 2007, é uma professora da educação básica, aposentada em dois cargos e atuou 25 anos em cada um deles, todos na sala de aula. Bia foi um presente que, em 2022, o evento comemorativo de uma década do PPGEd, oportunizou que eu conhecesse. Giovana chegou em minha vida em 2008 na minha primeira experiência na gestão escolar, enquanto Orientadora Pedagógica. Adriane merece os créditos pela alfabetizadora que me tornei e, minha disponibilidade por partilhar o que sei e o que produzo também aprendi com ela. Bia me fez perceber que sou vista como referência profissional e eu levei um susto com essa descoberta. Giovana é uma menina/pupila que sempre se destacou como uma gigante, enquanto profissional e uma super-heroína, enquanto pessoa.

Em momentos e circunstâncias diferentes escrevi sobre as três e, sem pedir licença, gostaria de partilhar excertos dessas escritas.

Para a Adriane dediquei um texto no meu *blog* pessoal, depois de passarmos uma tarde juntas, em família, após um longo tempo sem conseguirmos conciliar as agendas.

Adriane Maria de Oliveira... uma professora alfabetizadora de uma generosidade sem tamanho e tão desprovida de vaidade com o conhecimento e experiência que tinha/tem que me acolheu e compartilhou seus saberes e fazeres comigo de uma forma tão despretensiosa e gratuita que viramos uma DUPLA DINÂMICA! Foram muitos projetos idealizados e realizados de forma colaborativa. Eu tinha algumas "ideias malucas" e ela redesenhava trazendo pra realidade, ajustando às necessidades dos alunos, deixando tudo exequível... Dividiu suas experiências... Me mostrava novas

rotas... Me dizia onde eu tinha errado... praticamente me conduzia pelas mãos... Em cada oportunidade que tenho de falar da minha história profissional e, em especial da alfabetização e docência no Ensino Fundamental, sinto-me no dever de citar a Adriane como minha grande referência, inspiração e modelo de profissional... (BRITO, 2017)⁴⁹

Giovana não foi citada nominalmente, mas integrou um conto que escrevi em um momento emblemático da vida, escrita esta que compõe o inventário da pesquisa.

Quando a conversa que tivera com seu super-herói favorito lhe tomara o pensamento, Clara Luz estava organizando os próximos passos da tese, ao mesmo tempo via e revia os vídeos do serzinho de cabelos arrepiados e tentava dar atenção, por um desses aplicativos de conversa, à uma menina-guerreira muito querida e especial, a quem Clara Luz chamara de pupila em tempos dantes e acompanhara momentos de dor e perda, em tempos não muito remotos. Agora, o contato recebido era para contar à Clara Luz que estava prestes a alçar voos acadêmicos, conquistara uma passagem para “Dissertolândia” e, de forma muito generosa, queria partilhar esse momento... (IN2o82)

Uma narrativa do dia em que conheci a Bia, que também não está identificada nominalmente, compôs uma das Cartas Pedagógicas escritas para a *Red Travesías del Sur* e, assim como o texto em que menciono a Giovana, integra o inventário 2 dessa investigação.

Recentemente, em um evento acadêmico, encontrei uma professora da rede pública municipal de Sorocaba, mestranda do mesmo Programa de Pós-Graduação no qual estou vinculada, que me contou que o início da sua trajetória profissional, tal como o meu, se deu como auxiliar de educação em uma creche em que eu fui sua supervisora de ensino. Considerando o número de escolas que supervisiono, foi sem constrangimento que lhe disse que sentia muito por não lembrar dela. Na sequência, com um ar tomado pelo afeto ela me contou que numa das festas promovidas pela creche em que trabalhava, uma amiga chamou a atenção dela e mostrou um par de pés atrás de um painel, dizendo-lhe que eram aqueles pés que ela deveria mirar, era no lugar daqueles pés que ela precisava almejar chegar. Como ela não sabia quem era a “dona dos pés” a amiga disse que era da “SU-PER-VI-SO-RA” e lhe explicou qual minha função, destacando que a supervisão de ensino era o último degrau da carreira do magistério público municipal. Enquanto eu ouvia aquelas palavras, com um olhar meio perdido e um tanto assustada, aquela menina relatou que em 2018, ao passar no concurso público para professora, eu fiz parte da equipe de integração, uma ação que recepciona os novos ingressantes na rede, e ela estava lá. Naquele dia, ela tirou uma foto de mim, sem que eu percebesse, e, contendo as lágrimas, mandou para sua amiga com uma mensagem que dizia algo do tipo: “- *Olha quem está aqui na integração, estou mais pertinho dos pezinhos agora.*” Confesso que ouvir aquela narrativa me trouxe um misto de alegria e gratidão, ao mesmo tempo que tive medo pela tomada de consciência de que as pessoas nos veem como referência e, como nesse caso, se projetam por/pelas nossas histórias. Esse medo e percepção me acompanharam todo o evento, que durou quatro

⁴⁹ Texto na íntegra, intitulado “**Amizades... Experiências... Referências...**” está disponível em: <https://tudojuntoemisturadosolmultipla.blogspot.com/2017/04/sobre-nossas-referencias.html>. Acessado em 29.abr.2023.

dias, sendo que cada vez que nos encontrávamos ela lançava um olhar para os meus pés e dizia, “*agora ainda mais perto dos pezinhos...*”. (IN2CP34)

Uma professora aposentada, uma jovem em início da carreira e uma mulher no auge da profissão docente, as duas últimas cursando o Mestrado. Três mulheres que escolheram, assim como eu, o ensino público, enquanto espaço de atuação profissional. É para elas, mulheres docentes da educação básica, que me dirijo e, trazendo-as no plural indico como remetente, todas as mulheres que atuam na educação básica, em especial, àquelas que fazem a escola pública acontecer.

Agora sim, posso ir à saudação... Caríssimas, estou muito feliz por escrever-lhes e espero que essas linhas possam, de alguma forma, soarem como ecos e encontrarem ressonâncias no fazer pedagógico, na atuação docente e na vida de cada uma. Também sou professora de educação básica e, assim como vocês, vivi toda minha carreira no ensino público. Primeiro como auxiliar de educação, depois como professora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, passei pela Orientação Pedagógica e, desde 2011, atuo como supervisora de ensino. Estou finalizando o Doutorado em educação e o objetivo de escrever-lhes é partilhar algumas das descobertas dessa itinerância, na perspectiva de apresentar considerações, primeiramente a mim mesma, sobre ser pesquisadora-autora-cidadã e o autorizar-se à autoria.

A minha pesquisa de Doutorado se dá numa abordagem que chamamos de (auto)biográfica. Em síntese, é uma forma de produzir conhecimento científico que considera e parte de narrativas das histórias de vida dos sujeitos que compõem a pesquisa, sendo que a pesquisadora ou pesquisador, também se coloca e se assume enquanto sujeito desse jeito outro de pesquisar. Dizendo de outra forma, se fôssemos usar os termos acadêmicos clássicos, o pesquisador é tão “objeto de pesquisa” quanto aquele que elegeu para focalizar em sua pesquisa. No entanto, é muito importante enfatizar, que os sujeitos, inclusive a pesquisadora ou pesquisador, jamais são vistos como “objetos de pesquisas”, suas vozes vão ecoar em ressonância ao movimento feito, por isso pesquisar, a partir dessa abordagem, é investigar com os sujeitos e não para eles.

Nesse pesquisar, pelo (auto)biográfico, as vozes desses sujeitos se apresentam enquanto narrativas, que são vistas como a forma dada ao que esses sujeitos têm a dizer. Importante enfatizar que não é de “dar voz”, pois a voz está dada, não deveria nunca carecer de autorização, o que se quer com as narrativas é

oportunizar espaço de escuta, o espaço está na escrita e a escuta na publicização do escrito, pela lente da leitura do outro.

Os estudiosos sobre pesquisa (auto)biográfica tem se debruçado a pensar e compreender como oportunizar escritas que sejam reflexivas e oportunizem a partilha do que se tem a dizer, na perspectiva de que a escuta, pelo outro, seja garantida. Não há receitas de como orientar a escrita de uma narrativa, precisa antes de qualquer coisa, que seja um querer, um movimento espontâneo, a partir de contratos de entrega singulares, nos quais quem escreve o faz comprometido consigo e sua história e, aquele que escuta, por meio da leitura, também não está em busca de confirmações hipotéticas apriorísticas. O sentido da escrita e da escuta se define e se constrói tanto na singularidade de quem escreve e lê, quanto na pluralidade das trocas que ambos fazem ou que o autor carrega/integra quando escreve.

Nesse cenário, temos – e aqui me incluo, enquanto pesquisadora do campo (auto)biográfico – chamado de dispositivos biográfico-narrativos algumas ações, tempos e espaços, bem como estratégias, caminhos, possibilidades e atividades, que contribuam e oportunizem a narratividade, enquanto constructo coletivo, numa negociação horizontal e dialogada com os sujeitos que compõem as pesquisas e se assumem disponíveis ao narrar.

A minha tese apresenta como alguns dispositivos-biográficos narrativos são potentes no sentido de fazer emergir marcas singulares de autoria que são potencializadas nos espaços/tempos de pesquisa-vida-formação e oportunizam, aos autores que ali vivenciam as trocas singulares/plurais de suas trajetórias e produções, experiências formadoras singulares, sendo que os dispositivos abordados, que compuseram as tessituras da intriga, o enredo da minha história ao escrever uma tese, foram Cartas Pedagógicas, memoriais de formação, narrativas, diários de pesquisa e inventários.

Quando escolho endereçar essa carta à Adrianes, Bias e Giovanas e, a partir delas, chamar à leitura as mulheres docentes, de forma mais ampla, o que quero é dizer que a escrita reflexiva a partir dos dispositivos biográfico-narrativos nos oportunizam uma interação com nosso mundo e nossa realidade, ao ponto de podermos nos ver como pesquisadoras-autoras-cidadãs.

Ser e (re)conhecer-se uma pesquisadora-autora-cidadã não tem a ver com cursar um Mestrado ou Doutorado, enquanto condição para, mas está na relação direta com o que as Adrianes fazem no cotidiano e rotina de seu fazer pedagógico nas

salas de aula; também está na relação das Bias que estão em início de carreira e o tempo todo problematizam e buscam possibilidades de respostas para os desafios que enfrentam no seu fazer docente, cuja busca por referências vão se evidenciando; e, ainda, tem a ver com as inseguranças das Giovanas que ainda se perguntam se é legítimo ocupar o espaço acadêmico com repertórios e leitura teóricas que nem sempre são aquelas esperadas naqueles espaços.

Tentar responder o questionamento, “*e agora, o que faço com o que os dispositivos biográfico-narrativos fizeram comigo?*” vai ao encontro do pensamento e reflexões oportunizadas por Hess (2005),

A escrita tem sentido para mim porque ela circula na comunidade de seu autor, que o lê e comunica suas reações. [...] é o reconhecimento de meus próximos que me é mais precioso. Preciso sentir que meus textos têm uma utilidade social na vizinhança. E me pergunto se não é importante que todo pesquisador tenha consciência de que ele necessita definir para quem escreve. (p. 68)

Endereçar a carta às Adrianes, Bias e Giovanas é reconhecer em que espaços quero ver minha obra circular e por quem espero ser lida, mais na expectativa de poder anunciar o quanto ainda não sei e as muitas possibilidades de juntas almejarmos encontros, ecos e ressonâncias na itinerância acadêmica, da docência e da vida, quiçá tendo os dispositivos biográficos-narrativos como ponto de/para encontros e (re)encontros.

Sol Silva Brito

Sem fôlego... É tudo que consigo expressar ao terminar essa escrita, ainda que saiba que há tanto a ser dito!.

Carta-anúncio II: Por uma Pedagogia da Escrita – *E agora, o que faço com o que o Doutorado fez comigo?*

Sorocaba/SP/Doutoradolândia, abril de 2023.

Querida mãe,

Ontem, em meio a correria com as questões práticas dos cuidados com a saúde do pai, situação que estamos vivendo e ainda tememos pensar na famigerada palavra “diagnóstico”, que vem custando a deixar nossa família em paz, entre ouvir meus choramingos sobre meu desejo de ficar com vocês, enquanto explicava que precisava dos materiais que tenho no escritório (livros, artigos e cadernos) e do quanto eles eram essenciais para que eu pudesse finalizar o texto da tese e, assim, ver-me mais leve e livre para dedicar meu tempo cronos à vocês, a senhora me perguntou: - *Mas o que tanto você escreve nesse trabalho que fica agoniada, mas não termina nunca?*

Essa pergunta veio ecoando em mim por todo o pequeno trajeto entre a casa de vocês e a minha... Repeti incontáveis vezes a pergunta, agora, fazendo-a a mim mesma: - *Mas o que eu tanto escrevo que não termino nunca?*⁵⁰

Ontem lhe respondi que assim que tiver um tempo, que conseguir respirar, depois de encaminhar o texto para a banca, lhe contaria “o que é que eu escrevo tanto”. Mas hoje, quando chego ao registro das últimas palavras da tese e a vejo quase voando por aí, entendi que não quero esperar, vou lhe contar, nesta Carta Pedagógica (FREITAS, 2020c), e, fique tranquila, depois lhe explicarei o que são Cartas Pedagógicas.

Enquanto eu chorava, aos soluços, depois de escrever os dois primeiros parágrafos dessa Carta Pedagógica, me peguei pensando que foram pouquíssimas as vezes que tive a oportunidade de ver suas escritas, mãe... Talvez alguns bilhetes na época da escola, aquela vez que fiquei com dor de ouvido e achamos que era dor de dente e eu quase morri de tanto chorar, lembra? Parece que a senhora escreveu um bilhete avisando a professora que eu não ia à aula... Será que sonhei isso ou de

⁵⁰ Precisei de uma pausa e meio litro de chá de hortelã para reidratar o tanto que chorei quando me dei conta de que escrevo as últimas palavras da tese e as endereço à minha mãe. Como muitas outras ações dessa itinerância heurística, isso não havia sido planejado. Retomo a escrita depois de recompor a emoção e agradecer muito por ter chegado até aqui.

fato ocorreu? Em algumas receitas me recordo de ter visto sua letra, desenhada de uma forma tão insegura... Mas, tão logo a gente (eu, minha irmã e irmãos) aprendemos a escrever, assumimos os registros nos cadernos de receitas e, também, a escrita das cartas, a senhora se lembra?

Estou me perguntando, nesse momento, quem escrevia as cartas antes que eu e os meninos aprendêssemos a escrever? Aquele era o único meio de comunicação, então se a senhora não as escrevia, por não saber fazê-lo, ficava sem saber das pessoas do “norte”? Sobre escrever cartas, tenho uma memória afetiva que, salvo esteja enganada, textualizei em um dos meus escritos ao longo Doutorado, ou narrei oralmente... Eram nos finais de tarde, enquanto fazia a janta e cozinhava feijão que ditava as cartas para que eu escrevesse às suas irmãs, irmãos e pai. Se eu fechar os olhos sou capaz de sentir o cheiro do feijão e ouvir o “assobio” da panela de pressão. A primeira carta era ditada integralmente, depois a senhora falava para copiá-la mudando o remetente. Lembro de uma vez que escrevi uma carta para o meu avô e nela eu perguntava sobre uma tal senhora, que até hoje lembro do nome, mas não ousou registrar aqui. Meu ouvido enxerido tinha escutado umas histórias de que o avô estava namorando e, curiosa como sempre fui, já que estava lhe escrevendo uma carta, por que não saber mais algumas coisas sobre a tal mulher? Quando a senhora pediu para eu ler a carta e eu ingenuamente nem pulei as partes que havia acrescentado por conta própria, acho que já eram meus arroubos de autoria, a senhora ficou brava, amassou o papel e me fez escrever tudo de novo...

Sabe mãe, eu escrevo tanto, exatamente sobre escrever... Engraçado, não é?

A senhora, melhor que ninguém, sabe da minha paixão pelas letras, seja por lê-las ou escrevê-las. Lembra das inúmeras agendas que eu guardei, até outro dia, nas quais eu escrevia poemas, copiava letras de música, as metáforas que lia nos livros do Paulo Coelho? Numa das últimas faxinas que a senhora fez aí em casa e me entregou as últimas coisas que ainda restavam da minha adolescência e juventude vivida com vocês, a senhora me entregou essas agendas e me aconselhou a não dar fim nelas, lembra disso? A senhora disse para guardá-las porque, quando mais nova, eu era muito apegada a todos aqueles cadernos. Segui seu conselho até outro dia... Tem alguns anos que num momento nada característico da minha personalidade, resolvi fazer uma faxina e botei fora, no lixo, tudo aquilo... Peço, por favor, que não me pergunte se me arrependo, ainda, não estou preparada para essa conversa.

Mas, a verdade, mãe, é que, como a senhora sabe, ler e escrever sempre foram atividades que me constituíram enquanto pessoa, tanto que na quinta série a senhora teve que ir até a escola e pedir para a inspetora que cuidava da biblioteca não me emprestar nem mais um livro, até que eu conseguisse nota em matemática... Escolher ser professora perpassa por essa paixão pelas palavras e, quando quis descobrir outros espaços e tempos da docência, estudar mais, aprender mais, conhecer mais, a grande descoberta foi/é a de que sei muito pouco, ou quase nada e, por isso, escrever sobre esses “não saberes” e perseguir possibilidades para conhecê-los, também se tornou uma paixão e o nome dela é fazer pesquisa.

E mais uma vez, olha que engraçado, quis e fui pesquisar sobre os sentidos da escrita. Porque, para que, para quem, como e o que fazemos com o que escrevemos, além de buscar compreender o que essa escrita faz conosco e o que fazemos com o que ela nos fez (PASSEGGI, 2011) são questionamentos que perseguiram toda minha itinerância no Doutorado.

A senhora pode estar se perguntando: - *Sentidos de qual/quais escritas?*, pode ser que a senhora não acredite, mas passei quatro anos estudando no Doutorado para encontrar o(s) sentido(s) das minhas próprias escritas, acredita?! E, no movimento de atribuir sentido a elas, me descobri pesquisadora-autora-cidadã. Até vejo seu sorriso discreto, quase ruborizando, pronta para dizer: - *Sempre soube que essa menina era muito inteligente!*

Mas é importante dizer que essa ideia não surge por iluminação divina, muito pelo contrário, é nas muitas leituras e nos muitos diálogos e trocas que me descubro uma mulher que está o tempo todo, nas mais diversas situações, buscando sentidos, fazendo perguntas e escolhendo ir atrás de possibilidades que indiquem nuances de respostas. Perguntas e respostas que não se restringem aos meandros teóricos e acadêmicos, mas que estão, também, o tempo todo buscando fazer a leitura de mundo, da sua/minha realidade, na perspectiva de transformá-lo/la, tal como nos ensina Paulo Freire. Mãe, Paulo Freire a senhora sabe quem é, não sabe?

Nosso conterrâneo, pernambucano... Sim, aquele de barba grande e comprida.

Sabe mãe, fico pensando no que não diria Paulo Freire se soubesse que a senhora, com sua leitura de mundo, mas sem quase nenhuma leitura da palavra, saiu do semiárido nordestino, segurando duas crianças pequenas pelas mãos e eu no seu ventre, para buscar outra realidade que pudesse transformar as condições e possibilidades de vida que tínhamos...

Nossa mãe... Acabei de me dar conta que a senhora também é uma pesquisadora-autora-cidadã... Acho que vou às lágrimas novamente. Pensando bem, até iria, se tivesse mais tempo, mas como a senhora sabe, ando muito agoniada de tanto escrever e não vejo a hora de terminar esse trabalho...

Essa Carta Pedagógica, que tem o compromisso de fechar a tese, trouxe uma problematização em seu título: “*E agora, o que faço com o que o Doutorado fez comigo?*” e, junto com ela, um anúncio: “*Por uma Pedagogia da Escrita*” ...

Depois que fechei o título da tese com Bárbara, minha orientadora, me perguntei se não deveria ter proposto “Por uma Pedagogia da Autoria”, mas a catarse provocada pela sua pergunta, mãe, “*O que você tanto escreve...*” me trouxe a certeza de que a defesa que faço é mesmo por uma Pedagogia da Escrita.

Uma pedagogia que contribua com o escrever e o inscrever-se de cada pessoa no mundo, com o deixarem suas marcas, com o acreditar que podem fazer escolhas e, de fato fazê-las, assim como a senhora, há pouco mais de cinquenta anos também fez. Uma Pedagogia da Escrita que tenha como cerne o (re)conhecimento de si e de cada trajetória, como única e singular na relação com a realidade na qual se está inserida. Não qualquer realidade, mas uma realidade do ser cidadã/cidadão e, em especial, no reivindicar o direito à vida, à liberdade de ser, à educação emancipatória e libertadora, à propriedade (de bens e saberes), à igualdade, ou como está na constituição: direitos individuais; coletivos; sociais; à nacionalidade, e políticos.

O Doutorado me trouxe a consciência de que posso e devo assumir as rédeas da minha vida, de que ser pesquisadora-autora-cidadã não se dá na relação com os meandros acadêmicos, mas tem muito mais a ver com que sujeito eu sou numa sociedade na qual a cada cinco minutos ocorre um feminicídio; na qual o índice de analfabetismo ainda é inadmissível; na qual grande parcela da população dorme sem ter tido uma refeição digna; onde, mesmo depois de cinquenta e dois anos, as mulheres ainda perdem seus filhos, como a senhora perdeu, para a falta de condições básicas de sobrevivência...

A escolha epistemopolítica que faço, e digo o que significa essa palavra, é ir ao encontro, mais uma vez, das ideias do Professor Joaquim Gonçalves Barbosa, e fazer das palavras dele as minhas:

Quando falo da pesquisa, não estou me referindo às regras e aos procedimentos científicos com relação a um efetivo processo de pesquisa, mas à atitude do pesquisador enquanto indagador da realidade, enquanto

propositor de projetos para desvendá-la e enquanto autor de procedimentos e métodos para se alcançar os objetivos propostos. (BARBOSA, 2008, p. 212)

E, ainda, assumir o compromisso de não esquecer que,

O primeiro aspecto a ser destacado é a não separação da dimensão de cidadania da de pesquisador. Mais que dimensões trata-se de perspectivas diferentes de um mesmo personagem. Ao realizar a pesquisa não se separa o exercício desta do sujeito social que a realiza. Ao realizar a pesquisa exercitamos a cidadania, ou seja, o autor de um texto, de uma reflexão, é também o autor de uma forma de expressão social. A escrita é uma forma de ver-se e expressar-se socialmente. (BARBOSA, 2000, p. 17)

E é, exatamente por isso, que eu escrevo tanto e defendo uma Pedagogia da Escrita!

Nessa itinerância de quatro anos, dos quais em muitos momentos a senhora presenciou meus arroubos de alegria, satisfação e euforia, ao mesmo tempo em que me afundava em medos, frustrações e ansiedades, se o grande achado foi perceber o quanto não sei, mas tenho sede por saber, preciso dizer que não foi o único, mãe. Ao escrever essa tese alguns “achados” foram se evidenciando e preciso posicionar-me diante deles, assumindo-os, senão como “produtos” dela (da tese), como meus saberes-sínteses encontrados pela/por e partir dela.

Sabe mãe, compreender que mais que lançar-se à uma escrita autoral, o grande desafio está no movimento de nos autorizarmos à autoria, e que, os dispositivos biográficos-narrativos, muito mais que um recurso ao enfrentamento desse desafio, pode ser uma escolha epistemopolítica para sua superação é sem dúvida um dos grandes achados da minha tese.

Não posso deixar de mencionar, também, que ao escolher trilhar uma itinerância teórico-metodológica, a partir dos inventários de pesquisa (PRADO; FRAUENDORF; CHAUTZ, 2018), sem perder de vista a experiência metodológica que me compõe, desde o Mestrado, com a análise documental (CELLARD, 2012), me oportuniza perceber nuances que diferenciam duas formas/jeitos de trabalhar, pesquisar, investigar com documentos que não são antagônicas, mas podem se articular a medida que se definem as intenções e os objetivos teóricos-metodológicos de processos que considerem a subjetividade das leituras e hermenêuticas possíveis. Cabe destacar, também, que a própria heurística de (re)desenhar a ideia de inventário de pesquisa promovendo momentos que se integram e se interconectam como o catalogar, fazer um trabalho de curadoria e atribuir sentido, também é um achado da tese.

Mãe, preciso lhe dizer que dos muitos desafios dessa aventura (auto)biográfica que foi escrever esta tese, compreender os estudos de Paul Ricoeur foi um dos maiores. Os professores que estiveram na Banca de Qualificação ficaram bravos quando eu disse, acredito que em dois momentos, que me sentia “uma fraude”. Talvez não tenha conseguido me fazer entender, ou quem sabe tenha exagerado mesmo, a senhora sabe como sou performática as vezes, não é? Mas a verdade é que está no bojo do que “tanto escrevo”, o colocar em diálogo os estudos e contribuições epistemológicas dos dois “Paulos”, Ricoeur e Freire” que acaba por se anunciar uma marca/achado/saber que minha tese, embora não amplie, anuncia.

Sabe mãe, outro anúncio que começo a desenhar e tenho por expectativa retomar e ampliar em itinerâncias outras é a ideia de ver/reconhecer/defender as metáforas enquanto dispositivo biográfico-narrativo. Querer compreender o papel delas nos processos de produção de conhecimento, na perspectiva do (auto)biográfico, vem ganhando foco ao longo da minha itinerância. Começa ao me deparar com o trabalho de uma guria gaúcha, a Professora Aline Dorneles, com quem mais tarde tenho prazer de me aproximar e aprender muito e tanto, em nos movimentos em rede e perpassa pela minha necessidade de escrever o relatório da tese para o Exame de Qualificação, tendo a metáfora da gestação humana como eixo condutor, que mais tarde deixa de ser necessário, por ter cumprido seu papel naquele momento.

Apesar de tanto escrever, mãe, preciso lhe confidenciar que há tessituras que não aparecem na tese por escolha/opção de forma bastante intencional. Algumas porque não soube como apresentá-las, outras porque não estava preparada emocional e existencialmente para abordá-las e, mais umas cuja densidade teórica necessária para fazer reflexões acerca delas é algo que almejo, mas que reconheço ainda não reunir. No entanto, escolho (des)velar aqui, ainda que não com detalhes, a expectativa que nutri desde o início do Doutorado em fazer um estágio doutoral no exterior. De início cheguei a pensar que poderia ser na França, berço da pesquisa (auto)biográfica, mas com os contornos que a investigação foi tomando, me vi impelida e desejosa por obter uma bolsa de Doutorado sanduíche (BDS) na Argentina, especificamente com o Professor Daniel Suárez, minha principal referência sobre os dispositivos biográfico-narrativos. Os detalhes que escolho manter velados integram um quadro de frustração potencializada que senti por não conseguir a referida bolsa, uma vez que não consegui a certificação de proficiência em espanhol, exigida pela

Capes. A questão que escolho trazer nesse movimento de síntese e partilhar enquanto experiência com a senhora, mãe, é que mesmo sem a bolsa formalizada, minha orientadora conseguiu articular algumas ações e eu estive em Buenos Aires, participando de um *Ateneo* promovido e coordenado pelo professor Daniel Suárez, no qual fiz algumas aproximações e articulações que me levam a dizer que fiz da experiência internacional, ainda que não enquanto um estágio doutoral formal, uma escolha de posicionamentos e encaminhamentos da/para a tese.

Trazer essa questão aqui é reconhecer como mais um achado desse trabalho algo anunciado, como uma provocação, em meio a “borboletas na barriga”, na “Carta-convite ao devir”, última seção do relatório entregue para o Exame de Qualificação, sim mãe, eu já tinha escrito um relatório de pouco mais de cem páginas antes dessa versão final... Nele eu escrevo que

[...] Rompendo à norma e ousando a autorizar-me ser autora, escolhendo trazer um novo elemento [nas considerações finais], gostaria de sinalizar que no caminhar dessa construção me deparei com uma inquietação que ao longo do processo de escrita, não se perdeu na minha cabeça, mas não encontrei como integrá-lo ao percurso.

Na versão anterior desse relatório, que foi consideravelmente alterado, quando eu apresentava e discutia as trajetórias (im)prováveis, apontava que

Do ponto de vista da pesquisa (auto)biográfica na relação com a Filosofia da linguagem e da Sociologia compreensiva, esta proposta pretende construir uma interlocução entre os problemas, reflexões e discussões teórico-metodológicas que envolvem a abordagem, a partir de um olhar decolonizador (RIVAS FLORES, 2020) trazendo para o centro das discussões as produções e pesquisas latino-americanas. É fato que os fundamentos francófonos que surgem a partir dos estudos da Escola de Chicago, serão balizadores da pesquisa, mas buscar-se-á contribuir com a consolidação do reconhecimento e valorização do cenário latino-americano no percurso da pesquisa (auto)biográfica enquanto abordagem investigativa.

Importante ressaltar que tenho buscado compreender o “decolonizar”, em especial as lentes, no que tange a escolha de referências teóricas e metodológicas, dialogar ainda mais com as produções nacionais e latino-americanas, que tem sido um cenário fértil para aproximações e ampliação das discussões sobre a pesquisa (auto)biográfica. Esse movimento tem sido um exercício constante enquanto produzo a tese, parecendo ainda mais coerente ao falar de mulheres docentes no espaço acadêmico na relação com suas trajetórias.

Isto posto, me atrevo a propor trazer para o diálogo com a Banca Examinadora, [o seguinte questionamento]: *Como vocês veem minha percepção de que a pesquisa (auto)biográfica pode ser considerada, na relação com as abordagens científicas clássicas, uma trajetória (im)provável?* Anoto aqui, que minha

compreensão de (im)provável se dá na perspectiva da mobilidade ascendente e vínculos intergeracionais, conceitos esses que, na ousadia das minhas reflexões, são considerados como analogia, ao pensar a pesquisa (auto)biográfica sob o viés do (im)provável. (IN2CP29)

Respondendo ao meu próprio eco, ousou dizer que minha experiência com a *Red travesías del sur* que me trouxe foco aos trabalhos desenvolvidos, a partir e com redes (SUÁREZ y DÁVILA, 2022), em especial, por pesquisadoras e pesquisadores do/com o (auto)biográfica, na América Latina, me mostra que talvez o caminho não seja somente reconhecer e evidenciar nuances e características epistemo-teóricas de um paradigma de pesquisa emergente, mas assumir que no escolher com quem dialogamos, quando determinamos os espaços e as fronteiras para/desse diálogo, também estamos definindo o quanto estamos comprometidos com horizontalidade e a coexistência dos/nos processos de produzir conhecimento. Reconhecendo sim, e sempre, a importância e a imprescindibilidade dos referenciais, cuja caminhada árdua e pioneira foram abrindo caminhos e estradas, para que chegássemos aonde nos encontramos, mas sem nos sentirmos tutelados a eles, sentindo a necessidade de pedir licença para dizer o que temos a dizer, com nossas próprias palavras.

Ainda sobre coexistir, encontrei nas palavras de Josso (2017) um alento para minha angústia e necessidade de estruturar e sistematizar em quadros, figuras e esquemas as ideias que vão constituindo e emergindo no movimento da produção acadêmica, quase como se pesquisasse sob a ótica da ciência clássica. Percebo e assumo que o preocupar-me com a forma e a estrutura e traduzir essa preocupação em quadros sínteses, tabelas, figuras e esquemas tem sido meu jeito de fazer poesia... Singular e única do poetizar, o que tenho vivido na itinerância do produzir conhecimento, do escrever uma tese... Sistematizar, estruturar, cuidar do formato me compõe e "sou eu", no mesmo tanto que transgredir e apresentar minha subjetividade também o é...

Então, internamente, diante de todas as dificuldades que você encontra de tempos em tempos, você se levanta de manhã e diz para si mesma: "O que estou fazendo nessa bagunça?". Em seguida, rapidamente, há algo em você que lhe atira para a inovação, que diz que você está no caminho certo, que o que você quer fazer é o certo, que você não está sozinha nesse pensamento, que você não está completamente fora do que poderia ser uma pesquisa universitária. [...] Quantas vezes aconteceu de eu ler algo que estava escrevendo e me dizer que esta frase é uma frase marxista, funcionalista, estruturalista, etc., ou seja, pouco a pouco você cria um distanciamento com o antigo, e do que te fez parte espontaneamente. E você descobre que você

– é por isso que falava no início de ter subido num trem – que você tem um pensamento que é ocupado pela sua formação anterior, pelo que você já ouviu falar ou pelo que te forçaram a aprender e reproduzir. Mesmo se você estivesse na posição crítica. Acho que nunca abandonei completamente o pensamento marxista sobre o capitalismo e seus efeitos devastadores, não na pesquisa, mas no plano político. (JOSSO, 2017, p. 330-331)

Sabe mãe, todos esses achados perpassaram, mais uma vez tenho que dizer, pelo reconhecer-me e autorizar-me a ser autora, autorizar-me à autoria. A itinerância da tese e, em especial, o Exame de Qualificação, foram me mostrando que por vezes ainda não era eu no texto, no centro do processo formativo, como a pesquisa (auto)biográfica oportuniza. Por vezes estava atravessada pela insegurança, pelo medo da avaliação, pelo olhar e palavras do outro, pelas limitações ao colocar-me em diálogo com referenciais teóricos e, momentos depois, quase que como ato de rebeldia, recomeçava, me atirava, me desnudava, me entregava e continuava, por acreditar que, parafraseando PASSEGGI (2010), “se narrar é humano, (auto)biografar é um processo *[emancipatório]*”.

Por fim, mãe, não poderia encerrar esse diálogo com a senhora, sem antes cumprir a promessa de lhe explicar o que é uma Carta Pedagógica e o que significa a expressão “epistemopolítica”. No entanto, vou escolher lhe convidar para juntas descobrirmos isso, enquanto lhe mostro a tese finalizada, após ela ser defendida e aprovada, é claro.

Sol Silva Brito

Foram tantos pores de sol e namoros com a lua ao longo dos quatro anos em Doutoradolândia, vividos pela janela do escritório, que me causou estranheza a falta de estrelas. Ainda assim, vejo as luzes piscantes de um avião rasgando o céu... Que ele seja anúncio de outras muitas andarilhagens.

ÚLTIMAS PALAVRAS

PORQUE SEMPRE HÁ O QUE AINDA PRECISA, OU NÃO, SER DITO ANTES DE OUTRAS ANDARILHAGENS

*ANDARILHAGEM... é percurso... é chegada... é partida!
é convite...
é sujeito ou sujeitos...
é gente ou gentes...
é lugar... é espaço...
é o óbvio e o implícito!
é tempo... é momento...
é sertão... e é mar!
é escolha e é acaso...*

*É tetra... tetragrama: **AÇÃO**
REFLEXÃO
EMOÇÃO
REGISTRO*

Sem hierarquia ou linearidade...

*ANDARILHAGEM... é (trans)formação;
é empoderamento (de dar poder);
é emancipação;
é existir, (r)existir e (re)existir!
e por que não, coexistir?!*

*ANDARILHAGENS... é com e para mim;
é com e para você;
é com e para nós!*

*Andarilhagens é **Paulo Freire** e é **Ana Lúcia Freitas**...
Andarilhagem sou eu e é você!
Andarilhagem somos nós!!!*

Sol Silva Brito⁵¹

Não posso deixar de dizer que não me reconheço autora com ou a partir da minha história acadêmica, escrever me compõe enquanto sujeito que quer muito aprender a linguagem e fazer a leitura desse mundo, tão complexo e incrível.

Talvez quisesse falar dos silêncios e do que escolhi não dizer... Inspirada em Bolivar e Domingo (2001) acredito que ao me narrar trago à tona um 'eu', mas ainda ficam tantos outros 'eus' dos quais ainda não tenho consciência. Aqui porém, há

⁵¹ Escrito em abril/2021, este poema foi construído durante o último encontro do Curso de Extensão sobre Cartas Pedagógicas (UNIPAMPA) a partir das reflexões oportunizadas pela Prof^a. Ana Lúcia Souza de Freitas sobre o termo "Andarilhagens".

muitos “eus” dos quais tenho plena consciência, mas nesse momento, a escolha é não trazê-los para esses diálogos, talvez fiquem para as próximas andarilhagens.

Retomo que até aqui, busquei pensar possibilidades de abordar e indicar *que/quais marcas de autoria emergem das/nas escritas reflexivas realizadas em contextos de pesquisa-vida-formação, a partir de dispositivos biográficos-narrativos e, que/quais sentidos e significados uma doutoranda pode atribuir à essas marcas no processo de tornar-se uma pesquisadora-autora-cidadã?* – **problemática da pesquisa**. Também me dispus a alcançar, enquanto **objetivo geral** da investigação, *a compreensão do processo do constituir-se pesquisadora-autora-cidadã, a partir das experiências com dispositivos biográfico-narrativos, em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação, perpassando pelos objetivos específicos que visavam compreender o papel dos dispositivos biográfico-narrativos, no percurso do Doutorado, a partir da produção escrita em contextos de pesquisa-vida-formação; compreender a experiência da escrita reflexiva, via dispositivos biográfico-narrativos, como possibilidade de problematizar as marcas de autoria e os caminhos onde elas levam; e, compreender como a tomada de consciência do “autorizar-se à autoria”, mobilizada pelo trabalho com os dispositivos biográfico-narrativos, é problematizada e apresentada na proposta de uma Pedagogia da Escrita no processo de investigação (auto)biográfico.*

Dito isto, convido leitoras e leitores, que chegaram até aqui, que andarilhem pela tese, retomem os contornos propostos para a investigação e a (re)componham, em novos “outros movimentos” de heurística integrando-se à principal proposta aqui feita, o de se enxergar e se (re)conhecerem no processo de tornarem-se autores, sendo; enquanto possibilidade de narrar a vida e produzir sua obra, não, necessariamente, tendo o conhecimento acadêmico como balizador ou fio condutor, mas sim com foco nas experiências e escolhas emancipatórias que podem fazer de cada uma e cada um pesquisadora-autora-cidadã, pesquisador-autor-cidadão.

Como últimas palavras, escolho não encerrar essa tese com uma escrita reflexiva a partir de um dispositivo biográfico-narrativo trazido/apresentado ao longo desta obra. Enquanto anúncio de inéditos viáveis e possibilidades outras, para este e outros tempos/espacos de escrita de si, me aproximo de minhas origens e faço um último esforço para a produção de um “cordel”, singular por ser o primeiro, plural por trazer nele as muitas vozes que ficaram ecoando e se tatuaram em mim nesse processo de produzir ciência e produzir a vida...

Quase um cordel: ensaios sobre a escrita de uma tese

Nessa minha mania
Dos sentidos das palavras conhecer
Tive que buscar no dicionário
O que cordel quer dizer!

Até ficou mais fácil
Pois faz alusão
Às cordas esticadas nas obras
Usadas para marcar o chão...

Marcar o alicerce
E disso conheço bem
Como filha de pedreiro
Já estiquei muitas, também!

Como filha de pedreiro
Aprendi que tudo
Tem que ter excelência
Se cordel se faz com seis estrofes
Isso que eu escrevo é o que
Me dê ciência!

Pode ser uma matuta, uma caipira
ou embolada, se uma quadra configurar
Quadra? Sim, a ancestral do cordel
Deu até medo de continuar...
[...]
E se não for fiel ao rigor da literatura,
Visto que já tem quatro, cinco, seis
Sete versos essa costura!?

Tudo isso é preâmbulo
Para algo anunciar
Seja quadra, cordel, ou outro estilo
O que importa é contar...
Que uma tese
Acabo de fechar!

Um fechar que é abrir
Pois nem de longe é concluir
Abrir portas e esperar
Que outras andarilhagens
Possam a mim chegar!

Se chegou ao final
Ao final chegou-se...
Ou seria terminei,
Findou-se?

Trata-se de uma tese
Que se finda por agora
Que propõe uma Pedagogia da Escrita
Que seja logo, sem demora!

Também é sobre autoria, autorizar-se
Produzir ciência e encantar-se!

Se encantar com a vida e com o saber
Mesmo que muitas vezes
Não se saiba, exatamente
Se encantar com o que?

Uma tese que fala de emancipação
De tempo e narrativa, para além de narração.

Narrar a partir de dispositivos
Não aqueles do Foucault
Dispositivos mesmo
No sentido de “se dispor”

Se dispor a ouvir a si mesmo
E o(s) outro(s) também
Ouvir até os silêncios
Que as vezes as palavras têm!

Ler o que outro escreveu,
Mas também escrever,
E depois ler-se a si próprio
Num movimento singular
Ler o outro e a si mesmo
E com a alma
As marcas do plural encontrar!

Escrever a si, enquanto ao outro lê...
E lendo o outro
Seus próprios timbres
Reconhecer!

Ao misturar ecos e ressonâncias
Das muitas vozes que me compõe
Essa tese revela
Que o outro sou eu mesma,
Um “eu” que nas suas muitas interações!

Marcada pelos encontros e (re)encontros
Que a vida me oportunizou
Escrevi uma tese
Que conta muito de quem sou!

Fala das origens nordestinas
Dos vínculos intergeracionais
Do descobrir-se no direito
De ir mais longe que os meus pais.

Não é maior ou mais importante
Esse mais longe ir...
Bem ao contrário
Quanto mais longe vou
Mais perto deles quero vir!

São gigantes,
 Meu pai e minha mãe
 Gigantes porque aprenderam
 E pela leitura do mundo viveram!
 Gigantes, ainda que lhes tenha sido negado
 Da leitura das palavras o aprendizado!

Gigantes... Como são as referências
 Que convidei para esse diálogo
 Letradas e cheias de sapiência
 Trouxeram brilho à essa experiência!

De experiências portenhas
 A cafés paulistanos
 E encontros nos Pampas
 A tese reúne narrativas tantas!

Algumas ficarão só na memória
 Como o resgate de um professor solitário
 Na calçada da rodoviária!

Há narrativas
 Da minha existência também
 Da maternagem ao ser vovó
 E outras, que contei a ninguém!

Mas se não contou
 Então na tese não está
 Como explica isso, então...
 Parece contraditório, não?

Contradição pode até ser
 Mas em muitos momentos
 É o silêncio e o não dito
 Quem mais vai dizer!

O que escolhi não dizer
 Não revelar
 Também está na tese
 Pode apostar!

Pois muitos foram os achados,
 Mas o que achei mais
 Era o que não sabia...
 Foi bom assim, também
 Ao saber que não sabia
 Para o saber mais
 Sempre me abria!

Foram disciplinas, seminários e eventos
 Tudo isso teve também
 Mas nada valeu mais que os encontros
 Com gentes tantas, andarilhagens
 E os "Vai e vem"!

Se chegou ao final
 Ao final chegou-se
 Anuncio que terminei,
 Findou-se!

Não sem alívio na alma e no coração
 Não sem trazer tranquilidade
 Ao corpo que quase... Quase...
 Aguenta não!

Não foi sem medo dos rigores
 Os rigores da avaliação...
 Medo dos arguidores
 Que tem suma doutoração!

Percebo que estou esquecendo
 De anúncios importantes
 Talvez falar dos conceitos
 Ideias, concepções
 Falar que não foi fácil
 Compreender certas lições!

Assumir a incompletude
 Mas não do que está a faltar
 Mas porque se trata de processo
 E processo é sempre continuar!

Como falar de incompletude
 Se o anúncio é que se findou?
 Findou a escrita da tese
 Mas, nem de longe o assunto se esgotou...

Esgotada, exaurida, esvaziada
 Num exagero mexicano
 Digo eu estar
 Mas reconduzo
 Sem o dito antes negar...
 Entusiasmada, apaixonada, encantada
 É o que dizem, os olhos meus, é só olhar!

Se chegou ao final
 Ao final chegou-se
 Anuncio que terminei,
 Findou-se!

Mas sinto que preciso dizer mais
 Não consigo deixar de lado
 O anunciar da tese seu legado!

Um dia, ainda no Mestrado
 O capítulo de um livro publiquei
 Animada e orgulhosa do feito
 Para os meus pais mostrei...

Ao mostrar para minha mãe
 Cujas leituras é um prazer
 Sua preocupação foi
 Se era igual os livros
 Do Paulo Coelho que ela lê!

Já meu pai, leitor do mundo exímio,
 Olhou e fez qualquer questão
 Disse que preferia que eu tivesse levado
 Costela e mandioca,
 Pra fazer um "cozinhado"!

Essa experiência é daquelas
Que ficam, no corpo, tatuadas
Talvez esteja aqui
A explicação, do porquê querer compreender
Para que escrever uma tese
E ser doutora então?

Se há tantos não letrados,
Analfabetos e sem acesso à educação
Qual o sentido do fazer pesquisa
Produzir conhecimento em Educação?

Escrever Narrativas, Cartas Pedagógicas
Diários de Pesquisa e Memoriais...
Como tudo isso pode contribuir
Para mudar realidades
Como a dos meus pais?

Trinta anos na escola pública
Uma briga sem fim,
A escola dizendo:
- A academia nunca pensa em mim!

A academia, por sua vez
Pensa sempre em investigar
O que a escola/professor faz/fiz!

Nesse sentido a tese reforça uma luz
O movimento de documentação
Das experiências pedagógicas
Enquanto oportunidade e opção
Para aproximar academia e escola
Por meio de muita reflexão!

Reflexão que se faz junto
De forma horizontal
Pautando o eu...
Pautando o outro...
Tudo muito intencional!

Pautando o nós em movimento
Sem hierarquias, só interação
Tendo nas escritas reflexivas
A possibilidade de conexão!

Conexão com si mesmo
Sem do outro esquecer
O outro como si mesmo
É assim que diz Ricoeur!

E se sou eu com o outro
A interagir e (re)significar
O mundo, a realidade
A sociedade (trans)formar
A tese não nos deixar esquecer
Que o legado de Paulo Freire
Precisamos compreender!

Se chegou ao final
Ao final chegou-se
Anuncio que terminei,
Findou-se!

O anúncio, talvez o principal
Está nas entrelinhas...
Carece leitura com cuidado afinal...

Pesquisa e investigo
A partir do (auto)biográfico
Porque assumo um compromisso
De mudança e esperar
E é pela minha realidade
Que escolho começar!

Emancipar-se...
Emancipação...
Autorizar-se
Uma autoria que é ação!

Que tal **Autoriz-ação?**

Olhar para as experiências que a vida trouxe
Com os olhos de quem muito já aprendeu
Pensar e reconfigurar o amanhã
Considerando o que se viveu.

Se chegou ao final
Ao final chegou-se
Anuncio que terminei,
Findou-se...

Finalizo uma obra
Marcada no tempo histórico
Social e existencial...
Finalizo uma obra que me permita
Defender uma Pedagogia da Escrita!

Finalizo um trabalho
Que é do hoje, do agora
Mas pode ser também de amanhã
Finalizo um trabalho que me anuncia
Uma pesquisadora-autora-cidadã!

Sol Silva Brito
22/05/2023

*Fazendo as malas de Doutoradolândia...
outras andarilhagens me esperam!*

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2012/04/nicola-abbagnano-dicionario-de-filosofia.pdf> Acessado em 23.03.2023.

ABRAHÃO, Maria Helena Mena Barreto. Disciplina “Pesquisa narrativa (auto)biográfica em educação e formação de professores/as”. [Comentário feito em aula]. 2021.

ABRAHÃO, Maria Helena Mena Barreto. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8708> . Acessado em 16.jul.2022.

ABRAHÃO, M. H. M. B. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Mena Barreto (Org.). **A Aventura (Auto)Biográfica: teoria & empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 201-224.

ABRAMOWICZ, Anete. Prefácio. *In*: BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Autores Cidadãos – a sala de aula na perspectiva multirreferencial**. São Carlos: São Bernardo: EDUFScar, EdUMESP, 2000.

ALARCÃO, I. A. formação do professor reflexivo. *In*: **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 1-16.

ARDOINO, Jacques; BERGER, Guy. Ciências da educação: analisadores paradoxais das outras ciências? *In*: BORBA, Sérgio; ROCHA, Jamesson (Org.). **Educação & Pluralidade**. Brasília: Plano Editora, 2003.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. *In*: BARBOSA, J. G. (coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

BARBIER, René. Palavra educativa e sujeito existencial. *In*: BORBA, Sérgio; ROCHA, Jamesson (Org.). **Educação & Pluralidade**. Brasília: Plano Editora, 2003.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. Multirreferencialidade e produção do conhecimento: diferentes histórias de aprendizagens... **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 32, n. 18, p. 209-223, maio/ago. 2008

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. A sala de aula como campo de pesquisa: processo de autorização. *In*: BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sérgio; ROCHA, Jamesson (Org.). **Educação & Complexidade nos espaços de formação**. Brasília: Plano Editora, 2003.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Autores Cidadãos** – a sala de aula na perspectiva multirreferencial. São Carlos: São Bernardo: EDUFScar, EdUMESP, 2000.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. Educação para formação de autores-cidadãos. *In*: BARBOSA, J. G. (coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. **O diário de pesquisa**: o estudante universitário e o seu processo formativo. Brasília: Liberlivro, 2010. Disponível em: www.multirreferencialidade.com. Acessado em 16.jul.2022.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; SILVA, Camila Pessoa Sousa da. O tornar-se pesquisador em educação. **Crítica Educativa** (Sorocaba/SP), v. 6, 2020, p. 01-19 Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br> Acessado em 16.jul.2022.

BELUZO, Maria Ferreira; TONIOSSO, José Pedro. O Mobral e a alfabetização de adultos: considerações históricas. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, 2 (1):196-209, 2015. Disponível em: <https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200716.pdf>. Acessado em 16.jul.2022.

BOLIVAR, A. Prefácio – Investigación (auto)biográfica y narrativa: contar, decir y ler *In*: SOUZA, E. C.; Vicentini, P. P.; Lopes, C. E. **Vida, narrativa e resistência** – Biografização e empoderamento. Curitiba: CRV, 2018, p. 11-16.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; Fernandes, M. Las Narrativas Biográficas. *In*: BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; Fernandes, M. **La investigación biográfico-narrativa em educación**. Madrid: Editorial La Muralla, 2001, p. 17- 51

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p.183-191.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagens. *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. Revisto e ampliado. 2. ed. 1ª. Reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/9394.htm. Acessado em 16.jul.2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Mortalidade infantil no Brasil. **Boletim Epidemiológico**. Volume 52, n. 37, Out. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_37_v2.pdf/view Acessado em: 30.abr.2023.

BRITO, S. A. da S. (AUTO)BIOGRÁFICA: cartas pedagógicas entre pesquisadores "hermanos" (Brasil e Uruguai). *In*: SILVA JÚNIOR, A. V.; PEREIRA, A. C.;

NAKAYAMA, B. C. M. S.; PINHEIRO, R. A. (Org.). **Escrita de si e a pesquisa em educação**. Deerfield Beacha. Florida: Pembroke Collins, 2022a.

BRITO, S. A. da S. Cartas Pedagógicas: marcas de um curso de extensão no percurso de uma doutoranda. In: SILVA JÚNIOR, A. V.; PEREIRA, A. C.; NAKAYAMA, B. C. M. S.; PINHEIRO, R. A. (Org.). **Escrita de si e a pesquisa em educação**. Deerfield Beacha. Florida: Pembroke Collins, 2022b.

BRITO, Solange Aparecida da Silva. **Sobre repertórios, ignorâncias e saberes: do sentir ao ser, porque nós temos o direito!** (2021a) Blogue Escrever me trata. Disponível em <https://tudojuntoemisturadosolmultipla.blogspot.com/2021/03/sobre-repertorios-ignorancias-e-saberes.html> . Acesso em 14.mai.2021. Acessado em 16.jul.2022.

BRITO, S. A. da S. Trajetórias improváveis, pandemia e leitura do mundo. In: SOUSA, Cidoval Morais de. (Coord.). **Cartas a Paulo Freire por quem ousa esperar**. Vol. 3. Campina Grande: EDUEPB, 2021b.

BRITO, S. A. da S. De autor(a) à pesquisador(a)-autor(a) cidadã(o): potências de um grupo de pesquisa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 9. 2020a, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: UnB, 2020. 21 a 24 de setembro de 2020. ISSN 2178-0676

BRITO, Solange Aparecida da Silva. **Quando nasce a maternidade**. (2020b) Blogue Escrever me trata. Disponível em <https://tudojuntoemisturadosolmultipla.blogspot.com/2020/08/quando-nascemos-para-maternidade.html> . Acesso em 14.mai.2021.

BRITO, Solange Aparecida da Silva. **Amizades... experiências... referências...** (2017) Blogue Escrever me trata. Disponível em: <https://tudojuntoemisturadosolmultipla.blogspot.com/2017/04/sobre-nossas-referencias.html>. Acessado em 16.jul.2022.

BRITO, Solange Aparecida da Silva. **Estágio Remunerado, formação, profissionalização e precarização do trabalho docente: um estudo a partir do programa “residência educacional”**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, *Campus Sorocaba*, Sorocaba-SP, 2013.

BRITO, S. A. da S.; NAKAYAMA, B. C. M. S. Dez anos de NEPEN: um espaço/tempo de pesquisa-vida-formação, sua história e produções. In: NAKAYAMA, B. C. M. S.; MORAIS, J. de S. M.; VIEIRA, J. e BRITO, S. A. da S. (org.). **Diálogos entrecruzados, modos de narras e pesquisa-vida-formação**. Editora CRV. Curitiba, 2022a.

BRITO, S. A. da S.; NAKAYAMA, B. C. M. S. Produzir ciência, produzir a vida: as marcas de autoria no processo de gestar uma tese. In: JORNADAS NACIONALES Y V LATINOAMERICANAS DE INVESTIGADORXS EN FORMACIÓN EN EDUCACIÓN, 1. 2022, Buenos Aires. **Anais [...]**. Buenos Aires: UBA, 2022b.

BRITO, Solange; NAKAYAMA, Bárbara C. M. Sicardi; MELLETI, Claudia Maria Duran; FONSECA, Leandro Limoni de Campo. Mapeamento Sistemático de experiências formadoras e dispositivos de pesquisa-formação: contribuições da abordagem (auto)biográfica. **Pontos de Interrogação**, v. 11, n. 2, jul.-dez., p. 67-96, 2021. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/14384> . Acessado em 16.jul.2022.

BROWN, Mano [Pedro Paulo Soares Pereira]. **Negro Drama**. São Paulo: Cosa Nostra. 2002. YouTube. (6'53"). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=u4lcUooNNLY> . Acessado em 16.jul.2022.

BUARQUE, Cristovam; SALGADO, Sebastião. **O berço da desigualdade**. 3. ed. Brasília: UNESCO, Instituto Sangari, 2009.

CAMINI, Isabela. Cartas Pedagógicas – aprendizados de uma vida. **Cadernos de Educação**, n. 65, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/22087/13840> . Acessado em 16.jul.2022.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. (Org.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2012.

DELEUZE, Gilles. **O que é um dispositivo?** Gedisa, 1990, pp. 155-161. Disponível em <https://www.escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/> Acessado em 20.mar.2021.

DELORY-MOMBERGER, C. (2006) Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 32, n. 02, p. 359-371, maio/ago. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a11v32n2.pdf> . Acessado em 16.jul.2022.

DELORY-MOMBERGER, C. Introdução. In: HESS, Remi. **Produzir a sua obra**: o momento da tese. Tradução de Sérgio da Costa Borba e Davi Gonçalves. Brasília: Liber Livro Editora, 2005. (Série Pesquisa, v. 11).

DESLAURIERS, Jean Pierre; KERISIT, Michele. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: POU-PART, J. et al. (Org.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014, p. 127-153.

DICKMANN, Ivano. As dez características de uma carta pedagógica. In: DICKMANN, Ivo; PAULO, Paula Fernanda. (Org.) **Cartas pedagógicas**: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2). Disponível em <http://livrologia.com.br/anexos/1432/50003/livro-cartas-pedagogicas-pdf> . Acessado em 22.abr.2021.

DORNELES, Aline Machado. SEMINARIO: Abordaje narrativo, biográfico y autobiográfico em la investigación educativa”. [Comentário feito em aula]. 2021.

DORNELES, Aline Machado. **Rodas de investigação narrativa na formação de professores de Química**: pontos bordados na partilha de experiências. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Rio Grande-RS, 2016. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000011204.pdf> Acessado em 22.abr.2021.

EMICIDA [Leandro Roque de Oliveira] e RAEL [Israel Feliciano]. **Levanta e anda**. 2014. © Warner Chappell Music, Inc. Disponível em <https://www.letras.mus.br/emicida/levanta-e-anda/>. Acesso em 14.ago.2022.

FALBO, Ricardo de Almeida; SOUZA, Érica Ferreira; FELIZARDO, Katia Romero. Mapeamento Sistemático. In: FELIZARDO, Katia; NAKAGAWA, Elisa; FABBRI, Sandra; FERRARI, Fabiano (Org.). **Revisão Sistemática da Literatura em Engenharia de Software**: Teoria e Prática. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017. p. 79-98.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. Gestão do conhecimento: da produtividade a humanização da formação. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, v. 2, n. 3 (2007) Disponível em <https://seer.utp.br/index.php/a/article/view/1996/1708> Acessado em 16.jul.2022.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. Tradução J. Baptista. 7. ed. — São Paulo: Martins Fontes, 2004. Disponível em: http://www.educacionmotriz.com/docs/FREINET_C_Pedagogia_do_bom_senso_2004.pdf . Acessado em 16.jul.2022.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registro de uma experiência em processo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 4 ed., 2021.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época; v. 22)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. 7. ed. ver., ampl, e atual. – São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Andarilhagens de uma pesquisadora**: cartas pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras Paulo

Freire. 1 ed. São Paulo: BT Acadêmica; Porto Alegre: Poiesis & Poiética Casa Publicadora, 2020a. 370p

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Leitura de Paulo Freire: uma trilogia de referência.** 2ed. amp. New York: Editora BeM, 2020b. 121p.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Carta Pedagógica de Paris: registros de uma experiência em processo. In: DICKMANN, Ivo; PAULO, Paula Fernanda. (Org.) **Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular.** 1ed. – Chapecó: Livrologia, 2020c. (Coleção Paulo Freire; v. 2). Disponível em <http://livrologia.com.br/anexos/1432/50003/livro-cartas-pedagogicas-pdf> . Acessado em 22.abr.2021.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de; MACHADO, M. E.; SOUZA, Micheli Silveira de. O diário de registros como instrumento de (trans)formação docente. **Revista Ambiente & Educação.** Dossiê Temático Saberes, Práticas e Formação de Educadores(as) Ambientais, Vol. 22, n. 2, 2017. Disponível em <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/7886/5099> Acesso em 04/abr/2021. Acessado em 16.jul.2022.

FREITAS, A. L. S. de.; NAKAYAMA, B. C. M. S.; BATISTA, R. A.; BRITO, S. A. da S. Cartas Pedagógicas como dispositivos biográfico-narrativos de pesquisa-formação nos cursos de licenciatura: a disciplina de didática em tempos de pandemia do COVID-19. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 9. 2020, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: UnB, 2020. 21 a 24 de setembro de 2020. ISSN 2178-0676

GODOY, Rossana; RIBEIRO, Tiago. Chuva de estrelas: entre metáforas e narrativas para sentir/pensar caminhos investigativos desde nossas ancestralidades. **Educação Unisinos** – v.25, 2021. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/22263> . Acessado em 16.jul.2022.

GUIMARÃES ROSA, J. **Grande sertão: veredas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HESS, Remi. **Produzir a sua obra: o momento da tese.** Tradução de Sérgio da Costa Borba e Davi Gonçalves. Brasília: Liber Livro Editora, 2005. (Série Pesquisa, v. 11).

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores.** 2. ed. Porto-Portugal: Porto Ed., 1995. Disponível em: http://www.uel.br/pessoal/sreis/pages/arquivos/TEXTOS/IDENTIDADE%20DE%20PROFESSORES%20DE%20LINGUAS/1995_Novoa_II_Ciclo%20de%20Vida%20Profissional%20dos%20Profs_p_31_46.pdf . Acessado em 16.jul.2022.

JARA, Victor. **Manifiesto (Música).** Santiago: Nova Canção Chilena: 1973. YouTube. (4'29"). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uj-3mpjDC8M&t=30s> . Acessado em 16.jul.2022.

JOSSO, Marie-Christine. A metanoia: um processo biográfico de mudança de paradigma in: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto *et alii* (Org.). **A nova aventura (auto)biográfica** -Tomo III. Porto Alegre: ediPuCRS, 2017. p. 319-354
 JOSSO, Marie-Cristine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf . Acessado em 16.jul.2022.

JOSSO, Marie-Cristine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acessado em 16.jul.2022.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A pesquisa como heurística, ato de currículo e formação universitária** - Experiências transingulares com o método em Ciências em Educação. Campinas-SP: Pontes Editores, 2020. 168 p.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

MORAIS, Jaqueline de Fátima S. **Percursos de uma experiência de formação continuada: narrativas e acontecimentos**. 2006. 302 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2006. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_c54535b8844fb7241824a1408bac2b0e . Acessado em 16.jul.2022.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa-formação narrativa (auto) biográfica: da tessitura de fontes aos desafios da interpretação hermenêutica. **Educar em Revista**, [S.l.], abr. 2021. ISSN 1984-0411. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/75612>>. Acessado em: 30.jun. 2022.

NAKAYAMA, Bárbara C. M. Sicardi Nakayama. Conversa sobre dispositivos narrativos. [Comentário feito em reunião de orientação]. 2021.

NAKAYAMA, B. C. M. S.; BRITO, S. A. da S.; MORAIS, J. de S. M.; VIEIRA, J. (Org.). **Diálogos entrecruzados, modos de narras e pesquisa-vida-formação**. Editora CRV. Curitiba, 2022.

NAKAYAMA, Bárbara Cristina Moreira Sicardi; FREITAS, Ana Lúcia Souza de; BATISTA, Raquel Aparecida da.; BRITO, Solange Aparecida da Silva. A potencialidade da escrita de Cartas Pedagógicas na disciplina didática em tempos de pandemia covid-19: do legado freireano à documentação narrativa para a pesquisa-formação docente. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SERODIO, Liana Arrais; SIMAS, Vanessa França [Org.] **Narrativas e Formação: diálogos universidade e escola**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/narrativas-e-formacao-dialogos-universidade-e-escola/> Acessado em: 09.set.2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Revista Práxis Educacional**. v.17, n.44, p. 93-113, jan./mar. | 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/profs/Downloads/Passeggi%20reflexividade.pdf>. Acessado em 16.jul.2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267> . Acessado em 16.jul.2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Trajetórias "Improváveis"? Vínculos intergeracionais e mobilidade social. In: FERREIRA, M. S. et al. **Investigação em Educação**: diversidade de saberes e práticas. Ed. Fortaleza-CE: Imprece, 2015. p. 173-206.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Pierre Bourdieu: da "ilusão" à "conversão" autobiográfica. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n. 41, p. 223-235, jan./jun. 2014. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-70432014000100019&lng=pt&nrm=iso . Acessado em 16.jul.2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Lucas/Downloads/8697-32659-1-PB.pdf> . Acessado em 16.jul.2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial de formação. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM. Disponível em: <https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/118-1.pdf> . Acessado em 16.jul.2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Investigación Cualitativa**, 2(1) pp. 6-26, 2017. Disponível em: <https://ojs.revistainvestigacioncualitativa.com/index.php/ric/article/view/56/36> . Acessado em 16.jul.2022.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; FRAUENDORF, Renata Barroso Siqueira; CHAUTZ, Grace Carolina Chaves Buldrin. Inventário de Pesquisa: uma possibilidade de organização de dados da investigação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 03, n. 08, p. 532-547, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/4065/pdf> . Acessado em 16.jul.2022.

RESENDE JÚNIOR, José de. A crítica metodológica das ciências de Wilhelm Windelband. In: **Problemata R. Intern.** Fil. v.6 n.2, p. 381-404, 2015.

RIBEIRO, Tiago. **Por uma alfabetização sem cartilha**: narrativas e experiências compartilhadas no Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita da UNIRIO. Tese. 2019. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppgedu/teses/1f4c2repositorio-de-teses/1f4c22019/tese-ppgedu-tiago-ribeiro> Acessado em 02.nov.2021.

RIBEIRO, Tiago. Carta mínima para investigadores minúsculos. **Revista de Educación**. Año XI N°21.2, p. 97-110, 2020. Disponível em: https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/r_educ/article/view/4577 . Acessado em 16.jul.2022.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. A intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, Paul. **A Metáfora Viva**. São Paulo: Loyola, 2000.

RIVAS-FLORES, Ignacio. La investigación educativa hoy: del rol forense a la transformación social. **Márgenes: Revista de Educación de la Universidad de Málaga**, Vol. 1, N°. 1, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7246056>. Acesso em: 05.out.2021.

SAINT-EXUPERY, Antoine. **O pequeno príncipe**. Disponível em https://www.sesirs.org.br/sites/default/files/paragraph--files/o_pequeno_principe_-_antoine_de_saint-exupery.pdf . Acessado em 12.mai.2021

SOUZA, Elizeu Clementino. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**. Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50. jan./abr. 2014. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64442014000100004&lng=pt&nrm=iso . Acessado em 16.jul.2022.

SUÁREZ, Daniel; DÁVILA, Paula. Redes de formación, investigación y pedagogía: Documentación narrativa de colectivos docentes junto a la universidad. **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 31, n. 66, p. 19-30, abr./jun. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/14252> . Acessado em 16.jul.2022.

SUÁREZ, Daniel; BUSTELO, Cynthia. Escritura académica, relatos de experiencia y giro narrativo en el encierro global. *In*: PORTA, Luis. **La expansión biográfica**. 1. ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2021. Disponível em: https://cimedweb.org/wp-content/uploads/2021/05/NAyE-V-La-expansion-biografica_interactivo.pdf . Acessado em 16.jul.2022.

SUÁREZ, Daniel H. Relatar la experiencia docente. La documentación narrativa del mundo escolar. **Revista Teias**, UERJ, Río de Janeiro, v.18, n. 50, p. 193-209, (jun/sept), 2017. Conversas sobre formação de professores, práticas e currículos.

SUÁREZ, Daniel Hugo. Documentación narrativa e investigación-formación-acción en educación. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). **(Auto)biografías e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 63-86.

VIEIRA, Adriano. Cartas Pedagógicas. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. Revisto e ampliado. 2. ed. 1ª. Reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

YUNES, J.; RONCHEZEL, V. S. C. Evolução da mortalidade geral, infantil e proporcional no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 8, p. 3–48, jun. 1974. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101974000500002> Acesso em: 30/04/2023.

APÊNDICE A – Inventário 1 – O NEPEN sob a ótica de quem o integra

QUADRO 12 – Inventário 1 – Catálogo – Memórias dos encontros

CÓD.	NOME DO ARQ. / DATA	TÍTULO	CONTEÚDO E CONTEXTO
IN1_MEM27	MEMÓRIA NEPEN 02-02- 2022	Carta Memória - NEPEN 2022: sobre encontros, reencontros e saudades	Memória escrita em primeira pessoa do singular, com indicação da autoria. Trata-se de memória do primeiro encontro do NEPEN, endereçada à Niedja, diagnosticada com COVID-19 e, por este motivo não pode acompanhar o encontro. Destaco a ampliação do quantitativo de participantes (18), fazendo algumas considerações dos novos integrantes, bem como alguns destaques das discussões realizadas. Essa memória foi escrita por mim e compõe o inventário 2 dessa pesquisa, no catálogo de Carta Pedagógicas.
IN1_MEM26	MEMÓRIA NEPEN 08-04- 2021	É com eles que eu canto meu rock'n roll	A memória se inicia em terceira pessoa do singular (sujeito oculto); passa por momentos de uma escrita em terceira pessoa do plural, bem como há trechos em primeira pessoa do singular e, não há identificação de autoria. Os registros apresentam as atenções e expectativas para reflexões sobre o texto “La investigación (auto)biográfica como acontecimento: diálogos epistêmico-metodológicos” do Professor Doutor Elizeu Clementino Souza com uma síntese do referido artigo, a partir das reflexões coletivas realizadas, que contaram com a mediação de dois integrantes do grupo. Destaque para anotações sobre dispositivos biográficos-narrativos, na relação com o NEPEN “Ao nos atentarmos as colocações sobre os diferentes dispositivos, e ao sermos levados a refletir sobre o uso dos diferentes dispositivos, podemos encontrar nas nossas diversas comunicações – e aqui peço licença para classificá-las como “nepenianas” – por não encontrar uma outra palavra que defina o singular-plural deste grupo de pesquisas. Nas produções nepenianas e em suas ramificações, podemos encontrar o uso dos memoriais, das fotobiografias, de narrativas musicais, de ateliês. Dispositivos potencializadores das reflexões e trocas que se dão nesse espaço.” Outro destaque importante é para os desafios enfrentados por quem faz pesquisa articulando as dificuldades ao cenário de acolhimento e parceria do NEPEN, “E de modo geral, ainda falando sobre dificuldades, deparamo-nos com a dificuldade do fazer-pesquisar no Brasil, país que tem cada vez mais, desvalidado a ciência e aqueles que a produzem. E sendo essa, uma dificuldade comum, torna-se também uma força comum. Dificuldade que faz com que os nepenianos se unam, apoiem-se e fortaleçam-se enquanto sujeitos subjetivos, enquanto pesquisadores, professores, profissionais, pais, mães, amigos, humanos, que juntos, ainda que distantes, cantam e fazem o seu rock’n’roll.”
IN1_MEM25	MEMÓRIA NEPEN 18-02- 2021	Primeira reunião do ano	Memória que apresenta momentos do primeiro encontro ano de 2021. As falas são identificadas com fotos retiradas de <i>prints</i> feitos da tela do <i>meet</i> , plataforma utilizada para o encontro virtual. Cada presente teve ao lado de sua foto um destaque de sua fala sobre o que é participar do NEPEN. Considerando não ser material público, mas de extrema importância, visto que dialoga diretamente com os contornos da tese, as falas serão apresentadas literalmente como aparecem

CÓD.	NOME DO ARQ. / DATA	TÍTULO	CONTEÚDO E CONTEXTO
IN1_MEM25	MEMÓRIA NEPEN 18-02-2021	Primeira reunião do ano	<p>registradas na memória, sem, no entanto, a identificação: <i>O grupo tornou-se inspiração para que cada um pudesse se recompor e continuar existindo sem perder a nossa essência.</i></p> <p><i>Eu tenho certeza de que a gente se constitui pelas marcas vividas, então eu acho que tem essa marca muito forte na minha existência [...] Estou muito feliz de conhecer todos vocês [do NEPEN].</i></p> <p><i>E como disse o trecho da canção, é bom a gente voltar a um lugar que a gente já chegou. [...] Estar aqui hoje, além de ser um bálsamo pra minha alma, é uma questão de resistência porque, pra gente que trabalha 40 horas semanais, encontrar um tempo para nossa formação, é um motivo de resistência. Achar um tempo para a formação. [...] E é também um lugar de realização de sonhos pra mim.</i></p> <p><i>O NEPEN, em 2020, nos fez RE(EXISTIR) com AMOROSIDADE, ESPERANÇA E CONHECIMENTO compartilhado! Em 2021 vem repleto do ESPERANÇAR e com acolhimento de muitos Outros, suas singularidades e subjetividades!</i></p> <p><i>Eu não esperava encontrar um espaço de acolhida tão doce assim. Aqui só conversa leve, turma bacana, enfim, é outro lugar. Essa expectativa não estava dada pra mim. [...] Sem dúvida, vai ser para mim um espaço de muito aprendizado. Esse grupo é vida. [...] Aqui a gente sente bater forte o coração. [...] Cada encontro traz pra nós essa impressão do pulsar da vida, de poder fazer algo que nos mova realmente com paixão. [...] A gente se acha na cumplicidade do que nos move.</i></p> <p><i>Esse é um grupo de pesquisa em que a gente, de fato vivencia a experiência integral de todo o processo de formação, não é só um exercício intelectual, cognitivo, é um exercício de vida, afetivo, mesmo, relacional, vincular. A gente cria, de fato, laços aqui que são muito ricos, de elementos diferentes com que as nossas vidas se tocam, não só nos nossos interesses de pesquisa, mas a gente vai encontrando suportes que são coisas que fizeram, pelo menos pra mim, muita diferença o ano passado. [...] Aqui, em um grupo de educação, é possível pensar e sentir o quanto há um compromisso ético, político, de valorização e empoderamento dessa dimensão do nosso ser.</i></p> <p><i>O nosso trabalho neste grupo, eu, às vezes, acho que é um pouco de sonhar, de olhar para as narrativas das nossas vidas também de um jeito prospectivo, que nos leva a dar outros passos, a pensar para onde a gente quer ir. O sentido deste grupo, pra mim, é muito nesse olhar da construção do que eu quero, do meu vir a ser [...] Essa construção, eu tenho a sorte de não fazê-la mais sozinha, de fazer junto com vocês, porque é uma construção refletida, pensada, aprendida, sentida. O grupo pra mim tem essa presença, a presença do meu hoje, mas olhando para o meu amanhã.”</i></p>

CÓD.	NOME DO ARQ. / DATA	TÍTULO	CONTEÚDO E CONTEXTO
IN1_MEM25	MEMÓRIA NEPEN 18-02- 2021	Primeira reunião do ano	<p><i>Nepen é vida, Nepen marca a gente. Não é à toa que o Nepen hoje é meu objeto de pesquisa no Doutorado. Hoje é um dia marcante. Eu estava ansiosa pelo retorno de hoje porque em 2020 as tardes do Nepen foram tardes que seguraram o reggae naquele ano de pandemia, nesse cenário que a gente está vivendo. parecia que quando o gás estava acabando chegava o Nepen e enchia a gente de energia. dava pra segurar mais quinze dias. Gratidão por estar aqui.</i></p> <p><i>Eu acho que o Nepen é esse espaço em que a gente vai se formando. [...] É nesse espaço que eu me senti pega pela mão, e vamos lá. [...] Eu vivi processos de começar a olhar para mim e começar entender algumas coisas, tava tudo muito claro na cabeça, era aquele racional, e o Nepen veio quebrando isso, acho que nem é quebrando, é aquebrantando, e foi formando uma outra coisa, uma coisa mais humana, uma coisa mais coletiva, mais afetiva, mais compartilhada. [...] É esse espaço em que você é aceita do jeito que você é, com as suas limitações, com aquilo que você aprendeu, seja lá em que escola você estudou, em qual setor você trabalhou, não importa, mas a você não é permitido continuar deste jeito, você tem que se modificar.</i></p> <p><i>Estoy hace muy poco tiempo en Nepen, pero me siento como si llevase mucho tiempo, siento que he llegado como a esos viejos amigos, con los que puedo compartir, hablar libremente. [...] Agradezco a todos los que están aquí por tener un grupo tan lindo, que bueno uno encontrarse con personas tan maravillosas.[...] Siento ese espacio como tan personal, como tan necesario para mi, por mi salud, por mi querer, por hacer esencial compartir con personas que piensan y quieren hacer cosas similares a las suyas. Para mi Nepen es una esperanza como lo escribí, es una esperanza de un mundo más sensible, más humano. En un medio tan difícil en el que estamos viviendo, un grupo donde todos ponen sus cámaras, ver los gestos, las distracciones y las alegrías compartidas, es muy lindo.</i></p> <p><i>Sinto que estou no começo, ainda, do Nepen. Fui chegando de mansinho no ano passado, mas foi bem no final, então neste ano quero estar inteira com vocês. [...] A gente sabe o quanto é essencial o grupo de pesquisa pra gente, e a gente se sente vivo quando está nos grupos, estudando [...].</i></p> <p><i>uma alegria muito grande poder contar com todos que participam, o acolhimento que a gente tem dentro desse grupo. Têm sido uma experiência fabulosa. [..]</i></p> <p><i>O Nepen trouxe pra mim a defesa do aprendizado. [...] (sobre as dificuldades do ensino remoto presencial) Algumas coisas facilitaram [...] mas o Nepen não, o Nepen trouxe um aprendizado gostoso, leve, esse clima muito legal. [...]</i></p> <p><i>Muito emocionado por perceber que há um outro jeito de viver a academia. Um jeito diferente. Um jeito que olha para a pessoa que é feita de carne e osso e que tem sentimentos. [...] Poder</i></p>

CÓD.	NOME DO ARQ. / DATA	TÍTULO	CONTEÚDO E CONTEXTO
IN1_MEM25	MEMÓRIA NEPEN 18-02- 2021	Primeira reunião do ano	<p><i>ter essa transparência, de revelar quem somos e o que queremos nos tornar, [...] nos tornamos, somos eternos aprendizes. [...] Compartilhar essa existência supõe exatamente ter esse acolhimento afetuoso. [...] Fiquei só pensando aqui: 'Meu Deus, onde é que eu estava que não conhecia o Nepen, onde é que eu estava no Planeta Terra que eu não conhecia esse grupo?'. Fico imaginando que tudo tem o seu tempo. [...] Muito obrigada pela acolhida.</i></p> <p><i>Apesar do Nepen ser uma grande novidade e um acontecimento biográfico para mim, eu me sinto, assim, super à vontade. [...]</i></p>
IN1_MEM24	MEMÓRIA NEPEN 19-11- 2020	Não atribuído.	<p>Escrita ora na terceira pessoa do singular ora do plural e com indicação da autoria, a memória está organizada em seis subitens: 1) Contextualização do encontro - apresenta dois <i>prints</i> da tela do Google e, na sequência uma contextualização do encontro que apresentou dois momentos: a) Proposta de Pesquisa da intercambista colombiana Diana Molina; b) discussão sobre o artigo - SUÁREZ, Daniel Hugo. Documentación narrativa e investigación-formación-acción en educación. En: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). (Auto) biografías e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 63-86. 2) Acolhida dos participantes; 3) O compartilhar do projeto de tese acima referida; 4) A discussão do texto também já mencionado; 5) Refrências; 6) Anexos que trouxeram algumas figuras da apresentação da Diana em que traz uma síntese conceitual do texto de referência (SUÁREZ, 2015). Faz menção e marca os encontros virtuais, em virtude da pandemia da COVID-19. <i>“Presencia-se um cenário de intercâmbio profícuo entre sujeitos singulares, culturas e línguas diferentes, e revela o potencial formativo e acolhedor, inclusivo, existencial e epistemológico desse Núcleo de Pesquisa; são indícios de uma internacionalização no/do NEPEN! [...] os demais integrantes narraram um pouco de si, revelando os lugares de onde falavam, seu vínculo com o NEPEN e seus interesses de pesquisa, que estão imbricados com opção epistemo-política maior do grupo: a perspectiva da pesquisa (auto)biográfica em educação, que toma como fonte de investigação as narrativas autobiográficas, com ênfase na Formação e Trabalho Docente.”</i></p>
IN1_MEM23	Acta del encuentro 05-	Não atribuído.	<p>Escrita em primeira pessoa do singular e em espanhol, dada a participação de uma integrante colombiana, a memória apresenta uma epígrafe; uma percepção geral da sua participação no NEPEN <i>“Podría asegurar que no había vivido un primer encuentro en un espacio formativo, en el que el sujeto, su sensibilidad y la emocionalidad tuviese tanto valor. En medio de mis angustias por la conexión al ingresar y expectativas de cómo sería ese primer día con ustedes. Confieso: nunca imaginé el poder llegar a sentirme tan cómoda inmediatamente. En cada palabra, en cada emoción, sueño y decisión que he recorrido mediante la lectura de los documentos que reposan</i></p>

CÓD.	NOME DO ARQ. / DATA	TÍTULO	CONTEÚDO E CONTEXTO
	11-2020		<p><i>en la carpeta en el drive del grupo, encuentro a seres humanos preocupados por otros, esto me cobija con una sensación de esperanza y luz para avanzar en este camino tan maravilloso y esencial como lo es el campo de la educación. Siento confianza al saber que muchas vidas persiguen, sueñan, idean y trabajan desde el diálogo, para superar estas condiciones adversas y realidades en las que cohabitamos como sociedad. Eso me hace feliz y les expreso agradecimiento por ello.</i>” A memória se apresenta em três momentos (início, desenvolvimento e encerramento). Relata a apresentação dos integrantes do NEPEN; discussões sobre o texto “Diário de pesquisa: um estudante universitário e seu processo formativo; e a roda de conversa com o Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa, com destaque para “[...] partir de esta experiencia educativa, se da cuenta que la práctica del otro es fundamental para moldear nuestra forma de ser, somos coautores de nosotros mismos, nos influenciamos, inspiramos y reconstruimos en el otro. Al encontrarnos con el otro, lidiar con sus pensamientos, tratar con él, debatir, contradecir, y argumentar, nos lleva a continuos desplazamientos y pensamientos a conquistar y elaborar en esa búsqueda interna, en la que la heterogeneidad se configura como el límite de nuestro deseo, poder y ambición. De esta manera, el pensamiento plural y la institución del otro, es decisivo para la multireferencialidad. No puede coexistir diversas miradas a un mismo asunto sin el valor, el reconocimiento del otro u lo otro. Sin embargo, en esa multireferencialidad, encuentro con el otro y diferenciación del otro (de lo otro) y tu singularidad, pues es aquí donde puedes actuar y tomar tus propias decisiones de vida.”</p>
IN1_MEM22	MEMÓRIA NEPEN 24-09-2020	Não atribuído.	<p>Escrita em primeira pessoa do singular e com a indicação da autoria, a memória foi escrita a partir do vídeo gravado do encontro, por uma integrante que não conseguiu acompanhá-lo sincronamente. A mesma, na abertura da memória, destaca que “<i>Fiquei pensando, antes de concluir que não conseguiria mesmo participar “verdadeiramente” do encontro, nos porquês de o NEPEN constituir em um espaço importante na minha trajetória: aqui me sinto pertencente; aqui se faz “coisa séria” de forma alegre e descontraída e isso me obrigou a tirar algumas certezas dos lugares. Mexeu comigo.</i>”. Na sequência a pauta do encontro é apresentada e são relatadas a acolhida ao novo participante do grupo; a (Re)apresentação dos membros do grupo; a retomada do percurso do grupo neste ano de 2020; o planejamento das ações para os meses de outubro, novembro e dezembro.</p>
IN1_MEM21	MEMÓRIA NEPEN 18-06-2020	Não atribuído.	<p>A memória foi escrita em primeira pessoa do plural, com indicação da autoria, relata um exercício de mapeamento das pesquisas que abordam a formação de professores e que possuem como base metodológica a narrativa e a (auto) biografia, a partir da apresentação de um mapeamento sistemático que vem sendo feito pelas doutorandas Sol e Cláudia, iniciado durante a disciplina que cursaram em 2019, sob a regência da professora Bárbara.</p>
			<p>A memória está escrita em primeira pessoa do singular e apresenta o movimento de discussão das impressões dos textos propostos para o encontro: O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil:</p>

CÓD.	NOME DO ARQ. / DATA	TÍTULO	CONTEÚDO E CONTEXTO
IN1_MEM20	MEMÓRIA NEPEN 28-05- 2020	Não atribuído.	Esboço de suas Configurações no Campo Educacional (Passeggi e Souza, 2017) e o texto, O trabalho com narrativas na investigação em educação (LIMA, E.C. de C., GERALDI, C. M. G. e GERALDI, J.W, 2015). Na introdução da escrita observa-se como, a partir das lentes da autora da memória, se reconhecem os integrantes do NEPEN <i>“Começo a narrativa de nosso encontro a partir da epígrafe de Ferreira-Santos (2004), pois foi assim que começamos eu e Sol (Solange), no primeiro momento de nosso encontro. Como estávamos somente nós duas compartilhei com ela, o que me inquietava naquela semana especificamente. E foi assim, como Ferreira-Santos escreve: É no diálogo e através dele que nos descobrimos! Descobrimos a dor do Outro e podemos muitas vezes “tornar reto o andar dos pés cansados”, o ato de narrar nos aproxima do Outro e nos torna possível “amanhar a própria mão”, cultivar as relações que se fazem através do diálogo. Neste momento ímpar que estamos vivendo é fundamental e desejável modificar o olhar, torná-lo sensível as inquietudes e angustias do Outro. Encontramos ressonância nas narrativas dos outros participantes do grupo, todos nós vivendo um turbilhão de emoções que muitas vezes nos sentimos incapazes de orquestrar todas elas. Os textos estudados pelo grupo de pesquisa permeiam um diálogo com as palavras de Ferreira-Santos trazidas na epígrafe, nos fazem pensar sobre esse lugar do conhecimento, situam o lugar da pesquisa (Auto)Biográfica e consideram o lugar do Outro.”</i>
IN1_MEM19	MEMÓRIA NEPEN 30-04- 2020	Não atribuído.	Memória escrita em primeira pessoa do singular e com a indicação da autoria, se organiza e é assumida como uma “ata”, apresentando doze subitens: 1) Proposta do encontro; 2) abertura do encontro; 3) ACIPE; 4) apresentações dos integrantes; 5) atividades do NEPEN; 6) Provocações – apresentação literária com síntese reflexiva sobre as narrativas; 7) memórias do NEPEN – informação de que, a partir de agora as memórias dos encontros ficará disponibilizada em uma pasta do <i>google drive</i> ; 8) discussões dos textos de referência do encontro; 9) Presente – partilha de um fichamento do artigo de Falbo (2017); 10) Tarefa de casa; 11) Finalização; 12) Referências. Destaque ainda para a discussão sobre a metodologia do Mapeamento e Revisão Sistêmica: Conceitos básicos; proposta de ACIEPE - Atividade Curricular Integradora Ensino Pesquisa Extensão: Refletindo sobre narrativas educativas, formação e trabalho docente com profissionais da Educação no contexto da pandemia do COVID-19. Destaque para fala atribuída à professora Bárbara Sicardi Nakayama <i>“Ao sermos “fisgados” pelo encantamento gerado por estes dispositivos [olhar para este movimento da escrita de si como dispositivo de formação e produção do conhecimento] realmente percebemos que estamos num caminho sem volta e não pela falta de opção, mas pela opção de não ser mais o que éramos e fazemos disso um princípio, uma atitude epistêmica, pois assumimos a necessidade de vermos naquilo que produzimos aquilo que está cravado em nós e articulado com o que somos.”</i> .
			Memória escrita na terceira pessoa do plural e com a indicação de autoria dupla. Destaque e discussão a partir da leitura da memória do encontro anterior, a partir das percepções da

CÓD.	NOME DO ARQ. / DATA	TÍTULO	CONTEÚDO E CONTEXTO
IN1_MEM18	MEMÓRIA NEPEN 16-04- 2020	Não atribuído.	Doutoranda Sol Silva Brito e discussão do texto previsto de FERREIRA, Naura Syria Carapeto. Gestão do conhecimento: da produtividade a humanização da formação. Outra discussão foi sobre os mapeamentos e revisões sistemáticas, ainda embalados pela participação da Professora Carolina Mandarinini no encontro anterior, numa perspectiva de realização de pesquisa coletiva, visando <i>“atender demandas que o NEPEN apresenta”</i> , sendo definida uma pauta de prioridade e responsáveis por ela. Já sobre o texto referência, acima citado, as contribuições e reflexões foram apresentadas nominalmente, fechando os registros com as contribuições da professora Rosana que também desenvolveu pesquisa, a partir de mapeamentos. Destaque para caracterização do NEPEN feita pela professora Bárbara: <i>“Os encontros do NEPEN são mobilizados pelo desejo, ou pelo objetivo de fazer a escrita de si, desta maneira podemos realizar dois exercícios: a escrita de si, como primeiro princípio de trabalho, que dá o tom das reuniões e o segundo princípio: que é aprender a fazer a revisão sistêmica e o mapeamento sistêmico que é uma condição para ser um bom pesquisador, é a percepção de que todos que passam pela pós-graduação, têm que saber fazer mapeamento, tem que fazer revisão sistêmica. [...] Outro princípio importante e o terceiro objetivo do grupo é fazer uma pesquisa coletiva, a partir do nosso movimento. O movimento de discutir e aprender a fazer o mapeamento e a revisão sistêmica. É o movimento de registrar a forma que estamos aprendendo e também de analisar esse registro, possibilitando a percepção do que nós, enquanto coletivo aprendemos. (SICARDI NAKAYAMA, 2020).”</i> . Essa memória foi escrita por mim e compõe o inventário 2 dessa pesquisa.
IN1_MEM17	MEMÓRIA NEPEN 19-03- 2020	Não atribuído.	Escrita em terceira pessoa do singular, com indicação da autoria, a memória está organizada como resgate linear dos acontecimentos. Apresenta a acolhida da liderança do NEPEN, com uma breve apresentação dos participantes; um subitem intitulado “Iniciando os trabalhos” que relata a participação virtual da Prof ^a . Dra. Carolina Mandari ni Dias e apresenta uma síntese de sua fala com tabelas, reflexões e figuras, numa perspectiva de partilhar os saberes e conhecidos percebidos na fala da referida professora considerando que o foco do encontro foi a discussão sobre “As pesquisas do tipo Estado da Arte: desafios e perspectivas na/para a formação e atuação do pesquisador”, sendo que a professora Carol apresentou um conceito de Estado da Arte na relação com mapeamento e revisão bibliográfica. Essa memória foi escrita por mim e compõe o inventário 2 dessa pesquisa.
IN1_MEM16	Memória nepentale 15-03-2019	Não atribuído.	Reflexão sobre a pesquisa do Tipo Estado da Arte a partir da fala da convidada Marisol Vieira Melo; Lançamento dos livros produzidos a partir dos estudos e pesquisas realizadas nos grupos de estudos NEPEN/GEPRAM, UFSCar/So, financiados pela CAPES, por intermédio dos Programas OBEDUC e LIFE.
IN1_MEM15	Memória NEPEN- GEPRAM	Não atribuído.	O referido encontro teve como objetivo a discussão do texto: VAILLANT, D. Formação de Formadores: estado da prática. Rio de Janeiro: PREAL (Programa de Promoção da Reforma Educativa na América Latina e Caribe), 2003.

CÓD.	NOME DO ARQ. / DATA	TÍTULO	CONTEÚDO E CONTEXTO
	28-09-2018		
IN1_MEM14	Memória NEPEN- GEPRAEM 21-09-2018	Não atribuído.	O referido encontro teve como objetivo a discussão dos textos: CANÁRIO, R. Novos (des)caminhos da Educação de Adultos? Perspectiva, Florianópolis, v. 31, n. 2, 555-570 maio/ago. 2013; GUEDES, C.S.; LOUREIRO, A. de P. F. Educação de adultos: de onde viemos e para onde vamos? Laplage em Revista (Sorocaba), vol.2, n.1, jan.- abr.2016, p.7-21.
IN1_MEM13	Memória NEPEN- GEPRAEM 31-08-2018	Não atribuído.	O encontro previsto teve como proposta a discussão do texto: Marcelo Macedo Corrêa e Castro; Rejane Maria de Almeida. A formação inicial e a continuada: diferenças que legitimam um espaço de formação permanente de vida. Cad. Cedes, Campinas, v. 35, n. 95, p.37-55, jan.-abr., 2015.
IN1_MEM12	Memória NEPEN- GEPRAEM 29-06-2018	Não atribuído.	O encontro previsto teve como proposta a discussão dos textos: Joana Paulin Romanowski; Romilda Teodora Ens. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. Revista Diálogo Educacional, v.6, n.19, 2006 e Norma Sandra De Almeida Ferreira. As pesquisas denominadas “estado da arte”. Educação & Sociedade, ano XXIII, no 79, Agosto/2002.
IN1_MEM11	Memória NEPEN 07-07-2017	Não atribuído.	Escrita na terceira pessoa do plural a memória apresenta alguns informes sobre o cronograma dos encontros e encaminhamentos para o segundo semestre, bem como traz uma síntese (em tópicos) sobre a discussão do texto: António Nóvoa. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. In: NÓVOA, A. Professores: Imagens do futuro presente. EDUCA Lisboa. 2009. Cap. 2. Pp. 25-45, com destaque às características da docência fechando com a ideia do autor referência do encontro <i>“A formação de professores deve passar para “dentro” da profissão, isto é, deve basear-se na aquisição de uma cultura profissional, concebendo aos professores mais experientes um papel central na formação dos mais jovens”</i> .
IN1_MEM10	Memória NEPEN 30-06-2016	Não atribuído.	Memória escrita em meia lauda, aponta o objetivo do encontro <i>“apresentar os trabalhos dos mestrandos Jeferson e Elise que estão em processo de conclusão para a qualificação.”</i> Destaque para a indicação do movimento de arguições entre os pares. Mesmo sem mencionar a expressão “Pré-qualificação, observa tratar-se desse movimento.
IN1_MEM09	Memória NEPEN 31-03-2016	Não atribuído.	A memória quatro parágrafos e uma tabela apresenta a proposta do encontro <i>“retomar a pesquisa coletiva (análise das dissertações do PPGEd defendidas nos anos de 2013 a 2015) para realizar o mapeamento de temas e definição de frente de trabalhos, para isso retomou-se o quadro que demonstra os principais objetos de estudos relacionadas as dissertações. Foi feita uma apresentação das temáticas mais emergentes nas dissertações defendidas (14 até aquele momento): “saberes e conhecimentos docentes, aprendizagem da docência, educação matemática, constituição profissional.”</i> A partir desse mapeamento a memória apresenta uma tabela com a organização das leituras e apresentações dessas dissertações indicando que foram convidados participantes externos para comporem a pesquisa e, como última atividade, houve o registro do movimento de estruturação coletiva da escrita de um artigo, mas sem indicativos da temática e/ou intenção de publicação.

CÓD.	NOME DO ARQ. / DATA	TÍTULO	CONTEÚDO E CONTEXTO
IN1_MEM08	Memória NEPEN 28-05-2015	Não atribuído.	Memória sucinta (4 parágrafos). Registra a participação do Prof. Me. Michel Serigatto Mansano que compôs a discussão sobre o fichamento da sua dissertação que teve como tema: "Dilemas no cotidiano do Orientador Pedagógico: Entre a confrontação com a profissão e a (auto) confrontação na formação docente".
IN1_MEM07	Memória NEPEN 14-05-2015	Não atribuído.	Memória sucinta e informativa. Ratifica a discussão da proposta de <i>"realização de um trabalho de análise das dissertações defendidas na PPGEd no período de 2012 a 2014 na linha de formação de professores, pois trata-se de um fechamento de ciclo do programa assim como um primeiro momento de avaliação"</i> . Aponta ainda a percepção de que este movimento poderá contribuir com <i>"uma forma de contribuir para o entendimento da trajetória da linha que está sendo consolidada."</i>
IN1_MEM06	Memória NEPEN- GEPRAEM 16-04-2015	Não atribuído.	Reunião realizada entre NEPEN e GEPRAEM para apresentação e arguição sobre o andamento da pesquisa da Marília Yuca Hanita, que é integrante dos dois grupos.
IN1_MEM05	Memória NEPEN 19-03-2015	Não atribuído.	Memória escrita em primeira pessoa com indicação do autor apresenta expectativas de um novo ano de trabalho no NEPEN. Após as apresentações e discussão das expectativas individuais, o texto aponta uma proposta de trabalho que tem como enfoque o estudo das dissertações já produzidas no programa, bem como um espaço para leitura dos projetos e apresentação das dissertações que já se encontram em andamento para que o grupo possa trazer suas contribuições e debates que ajudem a reorientar as escritas. Um destaque a ser feito é a menção à diversidade que compõe o grupo: <i>"Química, enfermagem, língua portuguesa, pedagogia, arte, matemática, geografia e biologia integram esse grupo, onde a diversidade nos impulsionará nesse passeio durante o ano de 2015."</i>
IN1_MEM04	Memória NEPEN 20-06-2014	Não atribuído.	A memória é apresentada sem um formato rígido de ata, no entanto, vai apontando nominalmente a sequência das falas e contribuições dos participantes. A temática central dos registros é sobre a participação docente em grupos colaborativos e o "desempacotar" enquanto busca de referenciais para que o professor possa ir além daquilo que lhe foi colocado, de forma a encontrar ajuda para as dificuldades enfrentadas (RENATA e BÁRBARA). Destaco ainda, a percepção atribuída à Renata: <i>"Sobre a participação em grupos [colaborativos] – "Nem tudo nos significa, podemos sair da mesma forma, é algo gradativo e demorado, nem tudo nos perpassa."</i> Tais percepções partem dos textos de apoio - Parceria na formação de professores – Erineu Foerster (professor adjunto, universidade federal do Espírito Santo, Brasil) - Conteúdo e metodologia na formação de professores - Beatriz. S. D'Ambrosio.
IN1_MEM03	Memória NEPEN 11-06-2014	Não atribuído.	A memória está organizada em três partes (discussão do artigo Análise de Conteúdo e Análise de Discurso: aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória; análise de dissertação - capítulo Metodológico da Dissertação de Solange Aparecida da Silva Brito; e do

CÓD.	NOME DO ARQ. / DATA	TÍTULO	CONTEÚDO E CONTEXTO
			capítulo Metodológico da tese da Rosana. Os destaques centrais do texto são sobre as diferenças entre análise documental e análise do discurso.
IN1_MEM02	Memória NEPEN 14-05-2014	Não atribuído.	A memória é escrita em terceira pessoa e não apresenta autoria. A temática central dos registros são algumas discussões e reflexões sobre estratégias de análise nas pesquisas qualitativas. Relata a apresentação de convidada que fala <i>“da análise documental como metodologia de pesquisa, capaz de atribuir significado e sentido aos dados.”</i> Embora indique na pauta a reflexão e discussão a partir dos capítulos 1,2 e 3 do livro: Franco, Maria Laura Puglisi Barbosa- Brasília, 2a edição: Liber Livro Editora, 2005, na sequência aponta os livros “Produzir sua obra” (REMI HESS) e “O Diário de Pesquisa” (JOAQUIM GONÇALVES BARBOSA). Por fim, apresenta a importância <i>“sobre a necessidade das imbricações das etapas da pesquisa e a possibilidade de se descrever metodologia de forma a oportunizar ao leitor a compreensão dos resultados, atribuindo-lhes sentido.”</i>
IN1_MEM01	Memória NEPEN 16-04-2014	Não atribuído.	Texto sucinto e informativo que apresenta a pauta do encontro; um subitem intitulado “Desenvolvimento do Encontro” que aponta: apresentação dos novos integrantes; socialização da participação no Congresso Nacional de Formação de Professores em Águas de Lindóia – SP; discussão do texto de apoio “Delineamento de pesquisa qualitativa”, mas não indica a autoria; apresentação de resenha elaborada pelo grupo, indicando que houve explicações sobre sua estrutura, sem no entanto apontar a referência; encaminhamentos para publicação de periódicos; definição de responsáveis para elaboração da memória e suas respectivas datas.

QUADRO 13 – Inventário 1 – Catálogo – Dissertações defendidas

CÓD.	ANO NOME DO ARQ.	TÍTULO	TEMÁTICA DA DISSERTAÇÃO
IN1_D27	2021_LAGOEIRO, Fábio	Narrativas (auto)biográficas, processos de aprendizagem da docência e desenvolvimento profissional de professores que ensinam Matemática: contribuições para o campo da educação matemática	A articulação entre a Educação Matemática e a Pesquisa (Auto)biográfica, cabe destacar que os estudos pautados pelo método (auto)biográfico têm se destacado no cenário nacional, em especial no campo de pesquisa referente ao professor que ensina Matemática (PEM), foco do presente estudo. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15620
IN1_D26	2021_PONTES JR, Antonio Carlos	A disciplina de cálculo diferencial e integral na perspectiva da pós-graduação em educação e educação matemática: um balanço das produções acadêmicas brasileiras	Este trabalho tem como objetivo identificar e caracterizar a perspectiva dos trabalhos desenvolvidos nos Programas de Pós-graduação em Educação e Educação Matemática (EM) através da realização de um mapeamento sistemático (MS) sobre a disciplina de Cálculo Diferencial e Integral (CDI) e seu ensino. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15608
IN1_D25	2021_GOMES, José Oreste	Saberes docentes no ensino superior: compreendendo a aprendizagem profissional a partir da pesquisa (auto)biográfica	Este trabalho tem por objetivo geral desvelar saberes da docência no Ensino Superior, a partir do mapeamento de produções acadêmicas que dialogam com as narrativas (auto)biográficas. Para a composição do corpus de análise deste trabalho, utilizamos, como banco de dados, a Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (RBPAB), com recorte temporal de 2016 a 2021. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15591
IN1_D24	2020_SANTOS, Cícero Inácio	PRÁTICAS EDUCATIVA E PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES QUE ENSINAM MATEMÁTICA: um estudo a partir dos trabalhos do ENEM e ENDIPE	Este trabalho tem por objetivo pautar e caracterizar as práticas pedagógica e educativa do professor que ensina Matemática a partir da análise das produções acadêmicas disponíveis na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BBTD), no banco de Dissertações e Teses da CAPES e nos anais de todas as edições do Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM) e do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13875
IN1_D23	2020_ MONEGATTO, Elisângela	Inserção profissional docente no ensino superior: experiências formadoras de professoras que atuam no curso de pedagogia	A pesquisa trata da inserção profissional docente no ensino superior, parte integrante do processo de desenvolvimento profissional, e tem como objetivo analisar as experiências formadoras reveladas nas narrativas de professores iniciantes na educação superior que atuam no curso de Pedagogia. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13964
IN1_D22	2019_MONTEIRO, Leonardo	A formação continuada do coordenador pedagógico e o trabalho de formação junto aos professores especialistas	Este estudo tem como objetivo principal compreender as possibilidades de formação multidisciplinar do Coordenador Pedagógico que trabalha com professores especialistas, bem como a atuação dos formadores desses coordenadores e como esse processo de formação contribui no trabalho junto

CÓD.	ANO NOME DO ARQ.	TÍTULO	TEMÁTICA DA DISSERTAÇÃO
			ao professor especialista. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11334
IN1_D21	2019_BONIFÁCIO, Gabriel	A profissionalização do docente masculino da educação infantil: inserção, estabilidade e atravessamentos	A presente pesquisa vinculada ao PPGEd da UFSCar – campus Sorocaba, desenvolvida com o apoio do NEPEN (Núcleo de estudos e pesquisa sobre narrativas educativas, formação e trabalho docente), tem como objetivo principal: “Apontar achados, potencialidades e fragilidades da profissionalização do docente masculino (DM) que atua na Educação Infantil (EI)”. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11387
IN1_D20	2019_ARANTES, Antonio Carlos	Atuação de equipes gestoras para o ensino da matemática nos anos iniciais	Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar, descrever e compreender a atuação de equipes gestoras que pode favorecer o desempenho em matemática nos anos iniciais. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa, do tipo interpretativa. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11092
IN1_D19	2018_SERRA, Rodrigo	O conhecimento matemático para o ensino e os “por quês” dos alunos	Vinculada ao Programa Observatório da Educação em Educação Matemática. Tem como objetivos compreender quais conhecimentos para o ensino de matemática são mobilizados a partir da reflexão sobre os por quês dos alunos, esclarecer conceitualmente o que compõe o conhecimento para o ensino de matemática e revelar, nos Por Quês dos alunos, potencialidades formativas para os professores que ensinam matemática. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9988
IN1_D18	2018_ALVES, Elizabeth	A educação das relações étnico-raciais na creche: trançando as mechas da legislação federal, Formação e prática das professoras	O presente trabalho apresenta uma pesquisa vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente (NEPEN) desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – Campus Sorocaba. A problemática que orienta o desenvolvimento dessa pesquisa parte do seguinte questionamento: Quais as percepções das professoras de creche sobre as implicações e desdobramentos dos cursos que tratam das relações raciais para a sua formação e prática pedagógica? Tendo como objetivo: compreender os desafios que as professoras de creche enfrentam no trato das questões raciais. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9831
IN1_D17	2018_BATISTA, Raquel	Fotonarrativas de professoras de educação infantil sobre gênero: uma análise a partir das práticas pedagógicas	O presente trabalho apresenta uma pesquisa de Mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) - Campus de Sorocaba, vinculada ao grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e de Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente (NEPEN). A pesquisa traz a aproximação de duas temáticas: a prática

CÓD.	ANO NOME DO ARQ.	TÍTULO	TEMÁTICA DA DISSERTAÇÃO
			pedagógica e o gênero cujo objeto de estudo é a prática pedagógica de três professoras de um Centro de Educação Infantil no município de Campinas, estado São Paulo e a prática da pesquisadora. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10530
IN1_D16	2017_SILVA, Jaqueline Ferreira	Formação matemática do professor polivalente: um estudo metanalítico	O presente trabalho tem como propósito relatar uma pesquisa vinculada ao Programa Observatório da Educação e ao Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Práticas Educativas em Matemática (GEPRAEM) e foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – campus Sorocaba. A questão que norteou o estudo foi: Quais percepções sobre formação e conhecimento matemático parecem fundamentar as pesquisas que discutem a formação matemática do professor polivalente? https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9027
IN1_D15	2017_LANGONA, Neicheli	O trabalho formativo do coordenador pedagógico junto aos professores que ensinam matemática	O presente estudo tem como objetivo geral analisar as dimensões e centralidade do trabalho desenvolvido pelos coordenadores pedagógicos na formação continuada em serviço de professores que ensinam matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental na Rede Municipal de ensino de uma cidade do interior do estado de São Paulo. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9591
IN1_D14	2017_DESSOTTI, Elise	A constituição profissional do professor em início de carreira: registro dos egressos dos cursos de licenciatura da UFSCar-Sorocaba	O presente trabalho tem como objetivo descrever e compreender a constituição profissional de egressos dos cursos de licenciatura da UFSCar campus Sorocaba. A metodologia de natureza qualitativa, tipo interpretativa, utilizou como instrumentos para a construção dos dados um questionário inicial com os egressos das licenciaturas e entrevistas semiestruturadas com os egressos inseridos na profissão docente para aprofundamento dos dados. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9151
IN1_D13	2016_CRUZ, Vanessa	O desenvolvimento profissional do professor da educação básica em grupos de pesquisa	Esta pesquisa tem como objetivo compreender o processo de desenvolvimento profissional de professores da Educação Básica, inseridos em um grupo de pesquisa. Este estudo de natureza qualitativa e interpretativa foi realizado com quatro professores de educação básica integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Práticas Formativas e Educativas em Matemática (GEPRAEM). https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8990
IN1_D12	2016_HANITA, Marília	Programa Observatório da Educação e Desenvolvimento Profissional de Professores Iniciantes: um estudo a partir das produções da educação	Esta pesquisa tem como tema o desenvolvimento profissional docente de professores iniciantes no contexto do Programa Observatório da Educação (OBEDUC) na área da Educação Matemática. Os principais objetivos da pesquisa vislumbram identificar a potencialidade formativa do espaço

CÓD.	ANO NOME DO ARQ.	TÍTULO	TEMÁTICA DA DISSERTAÇÃO
		matemática	oportunizado OBEDUC para professores em início de carreira e indicar os possíveis desdobramentos do programa na perspectiva do desenvolvimento profissional docente. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7919
IN1_D11	2016_AGNELLI, Jefferson	Constituição docente do enfermeiro: o estado da arte das produções brasileiras	Trazendo consigo vários elementos da experiência pessoal que emergem da condição do pesquisador como enfermeiro e docente de enfermagem, intentamos responder as seguintes questões de pesquisa: basta ser enfermeiro para ser professor de enfermagem? Existe uma relação de proximidade do enfermeiro com os saberes docentes e pedagógicos durante o exercício profissional da docência? Os enfermeiros possuem critérios elegíveis de formação docente durante a graduação de enfermagem ou nos cursos de formação docente? https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9586
IN1_D10	2016_QUEIROZ, Paulo Henrique	Aprendizagem de licenciadas de matemática a partir das práticas vivenciadas em um grupo de pesquisa educacional	Esta pesquisa tem como objetivo compreender as aprendizagens de licenciandas de Matemática ao participarem do grupo de Estudos e Pesquisas sobre Práticas Formativas e Educativas em Matemáticas (GEPRAM). https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8374
IN1_D09	2016_SANTOS, Luiz Fábio	Narrativas educativas de professoras que atuam na eja: percepções sobre gênero e sexualidade	O presente trabalho apresenta uma pesquisa vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente (NEPEN) desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – Campus Sorocaba. A pesquisa está centrada nas percepções sobre gênero e sexualidade de professoras que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA). https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8523
IN1_D08	2015_SANCHES Ana Paula	O mal-estar docente no contexto escolar a partir das percepções dos professores	A pesquisa apresentada objetiva compreender o processo do mal-estar docente no contexto escolar a partir das percepções dos professores. Para o contexto deste trabalho, explicitamos algumas das tensões da pós-modernidade e questões referentes à profissionalidade docente, buscando relações com o mal-estar profissional. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8444
IN1_D07	2015_FERREIRA, Patrícia Romão	(Res) significação dos saberes docentes para educação infantil, a partir do diálogo com a Etnomatemática	Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender o processo de formação continuada, em diálogo com a Etnomatemática em um grupo de professoras que lecionam na Educação infantil. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2805
IN1_D06	2015_MORAES JR, Educardo	Por trás do currículo oficial, que Geometria acontece?: um estudo sobre os saberes anunciado nas narrativas de	A presente pesquisa tem como objetivo identificar os saberes docentes anunciados por um grupo de professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 3º ano), vinculadas ao PNAIC (Pacto Nacional pela

CÓD.	ANO NOME DO ARQ.	TÍTULO	TEMÁTICA DA DISSERTAÇÃO
		professoras dos anos iniciais do ensino fundamental	Alfabetização na Idade Certa) no ano de 2014, na cidade de Sumaré – SP, por meio do planejamento circunstanciado por uma reflexão coletiva e realização de uma atividade de geometria desenvolvida em sala de aula. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8453
IN1_D05	2015_MONTEIRO, Valdirene Malagrini	Imagens de si: das (foto)narrativas de vida à constituição profissional de professores alfabetizadores	Na presente pesquisa buscamos analisar a constituição pessoal e profissional de professoras alfabetizadoras frente aos matizes relacionais durante o decurso da vida. Nesse sentido, a pesquisa se constitui de reflexões teórico-metodológicas, que buscam compreender a constituição profissional como sujeito-autora em diálogo com duas professoras alfabetizadoras da rede pública de ensino de Sorocaba, que participam do grupo de estudos Grupo de Estudo e Pesquisas sobre Práticas Educativas em Matemática. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8441
IN1_D04	2015_LUIGI, André Santos	O ensino de História da África: interfaces entre a legislação federal e o currículo de História do estado de São Paulo	O objetivo desta dissertação é analisar como o Ensino de História da África é abordado no Currículo de História do Estado de São Paulo. Discute a questão da educação enquanto política cultural; problematiza o currículo como uma arena de disputas ideológicas e políticas; recorta o tema do currículo para abordar as complexas relações entre currículo de História, memória social e a construção das identidades; descreve brevemente como a questão racial é tradicionalmente abordada pela historiografia e pelos materiais didáticos de Ensino de História. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8409
IN1_D03	2015_PAULA, Mauro Lima de	Interfaces e perspectivas históricas do processo de formação continuada de professores do programa TEIA DO SABER no estado de São Paulo: elementos para o debate	Essa dissertação tem como objetivo analisar um programa de Formação Continuada - FC de professores, o "Teia do Saber" no estado de São Paulo nos anos de 2003 e 2005. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8442
IN1_D02	201_BRITO, Solange Silva	Estágio remunerado, formação, profissionalização e precarização do trabalho docente: um estudo a partir do Programa "Residência Educacional"	A pesquisa objetiva evidenciar as relações do estágio remunerado com os processos de formação, profissionalização e precarização do trabalho docente, sendo que para o contexto desse trabalho, buscamos a definição para estágio remunerado pautada na Lei 11.788/2008, que regulamenta o estágio para estudantes. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8428
IN1_D01	2013_GRAUPNER, Marli	Contribuição das práticas educativas para o ensino da matemática nos anos iniciais: análise de uma experiência disciplinar colaborativa	A presente pesquisa tem como objetivo identificar quais as contribuições da disciplina Metodologia e Prática do Ensino da Matemática para a formação dos professores que ensinam matemática nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2803

APÊNDICE B – Inventário II – Doutoradolândia: espaços e tempos do produzir vida e ciência

QUADRO 14 – Inventário 2 – Catálogo – Cadernos Físicos (diários)

CÓD.	DESCRIÇÃO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2CF_0 1	Caderno universitário de espiral de 160 folhas, capa preta, da coleção “Lhama” da Tilibra.	2019 a 2021	Diário da Tese I	Iniciei os registros com o planejamento da escrita do Projeto de Pesquisa que seria submetido ao processo seletivo. Nele está colado o cronograma do edital e outro cronograma que previa as ações para a escrita do Projeto de Pesquisa, bem como os requisitos exigidos no edital para o deferimento da inscrição. As reflexões teóricas; síntese das ideias; observações e percepções do cotidiano na relação com a produção da tese também são anotações encontradas ali. Ora as anotações são sistematizadas, escritas em papéis de carta ou <i>post it</i> , bem como há esboços, rascunhos, anotações “soltas” e algumas das narrativas que produzi ao longo do Doutorado forma impressas e coladas nele. Os pré-requisitos para qualificação e defesa a luz do regimento interno do PPGEd também estão colados; printei, imprimi e coleí as mensagens de parabenização que recebi quando o resultado do processo seletivo foi divulgado, bem como outras mensagens trocadas com parceiros de jornada acadêmica que marcaram a produção da tese; as primeiras reflexões sobre Cartas Pedagógicas se encontram nesse Diário e, também, o Plano de Vida Formação solicitado pela Professora Bárbara que, mais tarde, vai contribuir com a ideia de espaço/tempo de pesquisa-vida-formação. Tenho outros dois Diários da Tese, um como foco na qualificação e na defesa, no entanto a leitura e retomada a esse material é constante e recorrente. Importante destacar que muitos dos escritos são reflexões que faço em diálogo comigo mesma.
IN2CF_0 2	Caderno universitário de espiral de 200 folhas, capa vermelha, laranja, amarela e preta, da	2019 e 2020	Diário das Disciplinas I	Anotações de estudos e reflexões vinculadas às disciplinas cursadas nos anos de 2019 e 2020, bem como do NEPEN nesse mesmo período, bem como reúne todo o movimento de escrita do mapeamento sistemático publicado na revista “Pontos de Interrogação” escrito em coautoria com a orientadora da tese e outros dois doutorandos. As disciplinas cursadas nesse período, cujas anotações integram esse diário são: Formação de Professores: aspectos históricos, políticos e pedagógicos; PESCD – Atividade de estágio docente cursado na disciplina de biologia; Concepções e Práticas Reflexivas em Educação; Pesquisa (auto)biográfica e Formação de Professores. O caderno contempla,

	coleção “Black out, da “SPIRAL”			ainda, as anotações das Reuniões Ordinária do Conselho de Pós-Graduação (CPG) que integrei como representante discente do Doutorado entre 2019 e 2022. 2019 (suplente); 2020 e primeiro semestre de 2021 como titular e, do segundo semestre de 2021 ao final de 2022 como suplente novamente. Anotações referente as ações assumidas frente a Revista Crítica Educativa e as produções acadêmicas voltadas a participação em eventos (2019/2020) também podem ser encontradas nesse caderno.
IN2CF_03	Caderno universitário de corujinha	12/2019	Sonhos	Considerando que sou uma pessoa que vivencia a atividade de sonhar diariamente, alguns com muitos detalhes, em muitas noites são dois, três, quatro enredos diferentes, desenvolvi o hábito de registrar alguns desses sonhos. Não é algo diário e sistemático, mas quando acordo e sinto a necessidade, textualizo esses sonhos nesse caderno.
IN2CF_04	Caderno de anotações (floral azul e lilás)	07/2020	Meditação	Caderno de anotações (pequeno) que reúne os exercícios de uma jornada de 21 dias de iniciação a meditação. Nele apresento, detalhadamente, cada um dos exercícios realizados, bem como as minhas percepções e interações com eles.
IN2CF_05	Caderno capa quadriculada	2020	Cursos Livres	Caderno em que registro as atividades de cursos realizados no período da pandêmico da COVID-19 (Programação Neurolinguística (PNL); Organização e Gestão do Tempo; Mudança de hábitos; Alimentação saudável.
IN2CF_06	Caderno universitário de espiral de 160 folhas, com capa customizada com papel adesivo floral, fundo bege, identificado como “DOUTORA-DOLÂNDIA”	2021 e 2022	Diário das Disciplinas II	Anotações de estudos e reflexões vinculadas às disciplinas cursadas nos anos de 2021 e 2022., a saber: SEMINARIO: <i>abordaje narrativo, biográfico y autobiográfico em la investigación educativa</i> , cursada como aluna de intercâmbio junto a <i>Universidad de La República Uruguay</i> ; Pesquisa narrativa (auto)biográfica em educação e formação de professores, proposta multiinstitucional que cursei como aluna especial vinculada à Universidade Federal Fluminense; Paul Ricoeur e Outros: narrativas epistemológicas em educação. Além das referidas disciplinas, o caderno contempla, ainda, a organização do livro comemorativo aos 10 anos do NEPEN; as anotações dos encontros do NEPEN ao longo do ano de 2021, 2022 e 2023 e material de estudo e produção de escrita vinculadas ao curso “DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA DE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM LA FORMACIÓN DOCENTE EM RED”.
IN2CF_0	Caderno/agenda	04/04/2021	Diário de Registro “Cartas	A anotações de estudos e reflexões vinculadas aos 10 encontros do curso de extensão da Universidade Federal dos Pampas (UNIPampa) – <i>campus Jaguarão</i> . Nele se encontram as anotações e produções de cada

7	de capa laranja, espiral de 96 fls.	até agora	Pedagógicas”	um dos encontros, bem como o processo de construção da “Carta Avaliação” entre outras Cartas Pedagógicas produzidas em diferentes contextos que foram impressas e coladas em ordem cronológica.
IN2CF_08	Caderno universitário de espiral de 96 folhas, capa roxa	04/2021 a 07/2022	Diário de Registro - Qualificação	Anotações referentes ao processo de preparação para o Exame de Qualificação. Na capa customizei, com caneta permanente com meu nome e o ano (2021); a expressão “pesquisador-autor-cidadão dentro de um coração; em destaque escrevi “DIÁRIO DE REGISTRO” – “DIÁRIO DA TESE...” – RELATÓRIO DE QUALI...”. Há ainda a escrita de duas frases: 1) “A importância do ato de escrever!”; 2) “Por uma Pedagogia da autoria”. Há nele algumas breves reflexões sobre etnografia a partir dos estudos de Kastrup; traz também algumas reflexões e considerações de possibilidades da tese sempre em formato de questionamentos... o caderno não se restringe às questões voltadas ao texto de qualificação e há muitas das reflexões que não foram retomadas e/ou contempladas naquele texto. O caderno acaba se tornando um espaço do “diverso” em que há anotações de encontros do NEPEN, bem como de disciplinas e, mais tarde integra os movimentos heurístico para consolidação da versão final da tese.
IN2CF_09	Caderno universitário de espiral de 160 folhas com capas customizadas e identificado como “DIÁRIO DE PRODUÇÕES”	10/2021 até agora	Diário das produções acadêmicas	Esse caderno foi iniciado a partir de uma sugestão da orientadora da tese considerando que ela teria foco em minhas produções. As produções são marcadas por etiquetas e o que chama a atenção é que as normas definidas nos eventos ou registros estão impressas e coladas, com destaques e observações que auxiliem no planejamento da escrita, que também é feito a partir de um impresso criado por mim no qual apresenta uma tabela em que as características da produção são elencadas: Título; temática; problemática; introdução; desenvolvimento e referências a serem utilizadas. Em alguns o preenchimento desse “instrumento” está manuscrito, em outros digitado e impresso.
IN2CF_10	Caderno universitário de espiral de 96 folhas customizados com tecido autocolante com motivos de Paris	10/2022 até agora	Diário <i>Red Travesías del Sur</i>	Confeccionado especificamente para ser levado à Argentina, em novembro de 2022 quando ocorreu o encontro presencial da <i>Red Travesías del sur</i> , se encontram impressas e coladas as Cartas Pedagógicas escritas para o movimento em rede: minha primeira escrita; a primeira carta que a minha parceira, Ana Cristina, escreveu; as cartas respostas, tanto as minhas quanto as dela e, ainda, as cartas do grupo ao qual fui alocada no encontro presencial e, também, as reflexões feitas nos dois dias na UBA/Argentina.
				A capa traz as imagens e fotos que integraram o texto da Exame de Qualificação e uma etiqueta com a seguinte escrita: <i>Producir ciência,</i>

IN2CF_1 1	Caderno universitário de espiral de 96 folhas com as capas customizadas. A capa com fotos e a contra capa com figuras, ambas retiradas do texto apresentado para o Exame de Qualificação.	10/2022 até agora	Diário da Tese II - Defesa	<i>producir la vida: las marcas de la autoria en el proceso de elaboración de una tesis.</i> A contracapa traz as três imagens construídas da itinerância metodológica. Trata-se de um, que também integra o texto do Exame de Qualificação. Foi um diário pensado especificamente para ser levado à Buenos Aires em novembro de 2022 para as anotações e reflexões quando de minha participação na “V JORNADAS LATINOAMERICANA DE INVESTIGADORXS EM FORMACIÓN EM EDUCACIÓN”. Nele está colada a programação do evento; o texto submetido, intitulado “Producir ciência, produzir a vida, as marcas de autoria no processo de gestar uma tese”, assinado em parceria com a Professora Bárbara Sicardi Nakayama, orientadora da tese. Traz colado, também, o artigo “ <i>Conversaciones entre mujeres trabajadoras de la educación no docentes de la Universidad Federal do Rio Grande - FURG</i> ” e “ <i>Um trayecto em Residencia: escrituras, lecturas y reescrituras como um mode de reconocimiento y via a nuevos saberes</i> ”, artigos indicados pela comissão organizadora para minha leitura e diálogo. Esse diário acabou sendo adotado como espaço para os registros de organização de ideias para a escrita da versão final e, por essa característica, traz o mapeamento das principais contribuições de cada membro da banca, bem como da orientadora da tese.
IN2CF_1 2	Capa de personalizada (mosaicos geométricos)	Jan a dez 2019	Agenda-diário (2019)	Tenho hábito de fazer agenda-diário desde que fui para o primeiro cargo de gestão, a Orientação Pedagógica, em 2008. Os aqui apresentados, são organizados em cadernos universitários de 96 páginas. Neles proponho uma organização/sistematização das ações da supervisão de ensino. Para além de uma agenda mensal da marca Tilibra, na qual organizo os compromissos e permanece acoplada ao Diário-agenda, a partir de um encaixe de papel que personalizo, faço subdivisões que não podem ser chamadas de <i>scapbooks</i> visto que não tenho conhecimento dessa técnica, mas de forma artesanal coloco indicações das divisórias marcando e facilitando o acesso para as seguintes sessões: agenda diária – anoto TODAS as atividades realizadas diariamente; reuniões – registro de pautas e anotações das reuniões das quais participo; escolas – uma sessão subdivida em outras dez, que trazem folhas para anotações específicas de cada uma das nove escolas públicas que supervisiono e mais um espaço identificado como “escolas particulares” para as anotações de ações vinculadas às três unidades que compõem o setor sob minha supervisão; e diversos – onde registro informações diversas.
IN2CF_1 3	Capa personalizada (foral).	Jan a dez 2020	Agenda-diário (2020)	
IN2CF_1 4	Capa personalizada (mandalas coloridas).	Jan a dez 2021	Agenda-diário (2021)	
IN2CF_1 5	Capa personalizada (figuras de Paris).	Jan a dez 2022	Agenda-diário (2022)	

QUADRO 15 – Inventário 2 – Catálogo – Memórias

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2M1	Memória_ MOBILIZAÇÃO BCFP	03/10/2019	Não apresenta.	Memória do encontro de articulação para refletir sobre a Base Nacional Comum para a Formação de Professores da Educação Básica ou Base Nacional Comum para a Formação Docente (BNCFD) na perspectiva de marcar posicionamento de resistência acerca dos cortes nos investimentos em educação, sobretudo no ensino superior e pós-graduação, que tem sido a tônica do governo que assumiu a liderança do país.
IN2M2	Memória da Reunião do NEPEN	19/03/2020 1	Não apresenta.	Participação da Prof. ^a Dra. Carolina Mandarini Dias que apresentou, sua trajetória acadêmica, com foco na produção de sua tese, feita na UNICAMP, a partir do Estado da Arte, enquanto metodologia.
IN2M3 In2CP0 2	Carta Memória_Ext_ UNIPampa	12/06/2021	Carta memória: Cartas Pedagógicas e romance: possibilidades e aproximações.	Endereçada aos participantes do Curso de extensão feito junto à UNIPAMPA a escrita foi feita para atender ao convite de produzir uma Carta Pedagógica com o objetivo de compor o movimento de análise que seria foco no último encontro. A temática escolhida foi apresentar a memória do encontro de 12/06/2021, dia dos namorados, visto eu estava em viagem de comemoração dos 12 anos de casamento.
IN2M4	NEPEN_Carta_Memória_	03/02/2022	NEPEN 2022: sobre encontros, reencontros e saudades	Trata-se de memória do primeiro encontro do NEPEN, endereçada à Niedja, diagnosticada com COVID-19 e, por este motivo não pode acompanhar o encontro. Destaco a ampliação do quantitativo de participantes (18), fazendo algumas considerações dos novos integrantes, bem como fazendo alguns destaques das discussões realizadas.
IN2M5 In2CP1 4	Carta Memória_Projeto_Mult_Inst	20/03/2022	Do convite para uma construção coletiva ao primeiro encontro: percepções dos trabalhos de uma manhã de sábado sob a ótica de uma apaixonada pelas Cartas Pedagógicas	A memória escrita em formato de Carta-Memória, endereçada à Niedja e Bárbara, representantes do NEPEN que por estarem envolvidas com outras atividades não puderam participar do encontro, apresenta os principais pontos debatidos na proposta de implementação de um Projeto multi-institucional sobre Cartas Pedagógicas. Um dos destaques do registro foram as presenças ilustres de estudiosos de Paulo Freire e referências em Cartas Pedagógicas, como o Professor Agostinho Rosas e a Professora Isabela Camini.

QUADRO 16 – Inventário 2 – Catálogo – Pareceres (atividade de Pré-Qualificação)

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO DOS PROJETOS	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2Par1	C_S_Parecer de Projeto de Pesquisa	27/09/2019	Narrativas de professores que ensinam Matemática em início de carreira e os desafios da Prática pedagógica	Os pareceres que balizaram as arguições dos Projetos de Pesquisa de Mestrado em andamento apresentaram a mesma estrutura: um poema de acolhimento e uma análise pontual de cada um dos elementos do projeto, na relação com a pertinência e articulação à proposta apresentada. Foram analisados: título; introdução, objetivos (geral e específicos); referencial teórico e metodologia. A escrita acadêmica e a revisão ortográfica também foram contempladas na análise e registrados nos pareceres.
IN2Par2	E_M_Parecer de Projeto de Pesquisa	27/09/2019	Inserção profissional docente no Ensino Superior: narrativas Autobiográficas e experiências formadoras de professoras que atuam no curso de Pedagogia	
IN2Par3	D_A_P_L_Parecer de Projeto de Pesquisa	11/10/2019	Orientador/ coordenador pedagógico iniciante: desafios, possibilidades e saberes necessários à atuação.	
IN2Par4	R_M_Parecer de Projeto de Pesquisa	25/10/2019	Formação continuada em ação: percepções dos professores de educação física de Votorantim/SP sobre a implementação curricular	

QUADRO 17 – Inventário 2 – Catálogo – Artigo

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2ART1	Mapeamento_ versão_final	30/09/2021	MAPEAMENTO SISTEMÁTICO DE EXPERIÊNCIAS FORMADORAS E DISPOSITIVOS DE PESQUISA-FORMAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM (AUTO)BIOGRÁFICA	Estudo apresenta os resultados de um mapeamento sistemático que buscou responder à seguinte pergunta: Quais os dispositivos de pesquisa-formação evidenciados nos estudos acadêmicos primários publicados no Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES que assumem a abordagem (auto)biográfica e estão voltados a investigar as experiências formadoras no campo da formação docente?

QUADRO 18 – Inventário 2 – Catálogo – Capítulo de livros

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2CL1	Carta a Paulo Freire	20/06/2021	Trajétórias improváveis, pandemia e leitura do mundo	Carta escrita no ano do centenário de Paulo Freire, publicada no terceiro volume de trilogia “Cartas a Paulo Freire” coordenada pelo professor Cidival Morais. O tema central são experiências com situações de vulnerabilidade social e pandemia, a partir de reflexões sobre o documentário “Os esquecidos dos lixões”, bem como da leitura do site “Memorial inumeráveis”.
IN2CL2	Livro_Narrativas e Formação	2º sem / 2021	A potencialidade da escrita de Cartas Pedagógicas na disciplina de didática em tempos de pandemia covid-19: do legado freireano à documentação narrativa para a pesquisa-formação docente	Texto escrito a oito mãos que partilha a experiência de trabalhar com a escrita de cartas na disciplina de Didática, no curso de Pedagogia, enquanto estratégia de reflexão acerca da profissão docente. A disciplina foi ofertada em caráter emergencial, visto o contexto pandêmico vivenciado a época, com 100% das atividades oportunizadas remotamente, a partir de ferramentas digitais. O capítulo aborda um exercício de análise das produções dos estudantes. (PRODUÇÃO COLETIVA)
IN2CL3	Relato De Experiência_Udelar_CAEDUCA	1º sem / 2022	NARRATIVAS E PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA: Cartas Pedagógicas entre pesquisadores “hermanos” (Brasil e Uruguai).	A atividade de final de Seminário realizado como atividade de internacionalização junto à UDELAR (Uruguay) foi adaptada na estrutura de um artigo científico, na categoria Relato de Experiência e submetido ao “Congresso Internacional de Altos Estudos em Educação”, indicado ao GT Especial – ESCRITA DE SI E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO e foi contemplado com a aprovação e publicação em livro do evento.
IN2CL4	Relato De Experiência_Cartas CAEDUCA	1º sem / 2022	Cartas Pedagógicas: marcas de um curso de extensão no percurso de uma doutoranda	A atividade de avaliação do curso de extensão realizado na UNIPampa, <i>campus</i> Jaguarão, foi adaptada na estrutura de um artigo científico, na categoria Relato de Experiência e submetido ao “Congresso Internacional de Altos Estudos em Educação”, indicado ao GT Especial – ESCRITA DE SI E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO e foi contemplado com a aprovação e publicação em livro do evento.
IN2CL5	Dez_Anos_NEPEN	2º sem / 2022	Dez anos de NEPEN: um espaço/tempo de pesquisa-vida-formação, sua história e produções	Considerando as ações comemorativas aos dez anos do NEPEN esse artigo, publicado enquanto capítulo de livro, apresenta o conceito de pesquisa-vida-formação, na relação com o espaço/tempo do NEPEN, os sujeitos que o integram e as produções ali realizadas.

QUADRO 19 – Inventário 2 – Catálogo – Cartas Pedagógicas

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2CP01	Carta_para_lembrar_FORM_DESIGNADOS	17/07/2020	Carta para lembrar	Produção assinada em dupla com a supervisora de ensino (em designação) Petula Ramanauskas, essa escrita compôs o encerramento de um ciclo de ações formativas ocorridas em meio ao período pandêmico junto aos diretores e vice-diretores que atuavam enquanto gestores substitutos na rede pública municipal de Sorocaba. A carta foi o encerramento desse percurso formativo e promoveu um movimento de leitura e músicas, interpretadas pela supervisora acima mencionada.
IN2CP02	Fórum_ Estudos_de_PF	08/04/2021	DA GRADUAÇÃO AO DOUTORADO: Paulo Freire e a gestação de uma tese.	1ª Carta Pedagógica escrita para o XII FÓRUM DE ESTUDOS: leituras de Paulo Freire. Narra o reencontro da doutoranda com o legado do autor, a partir dos primeiros contatos com seu referencial, ainda na graduação, a partir do livro “A importância do ato de ler”, que balizou minha primeira experiência com a construção de projetos de pesquisa.
IN2CP03	PD_Carta de acolhida	07/06/2021	DISSERTOLÂNDIA: um lugar possível!	Mensagem de acolhimento aos participantes do curso Projeto D – Dissertolândia cujo objetivo era partilhar conhecimentos e saberes sobre a construção de Projetos de Pesquisa, como foco à processos seletivos de ingresso no Mestrado em educação. Foram duas edições do “Projeto-D”, uma em junho/julho de 2021, direcionado a um público específico de Orientadores Pedagógicos que haviam participado de uma ACIEPE promovida por uma supervisora de ensino que também era mestrando no PPGEd e, entre julho e agosto de 2022 uma nova edição foi ofertada em parceria com o Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Sorocaba (SSPMS). O material utilizado, no caso a Carta-acolhida sofreu poucos ajustes de uma edição para a outra. Há a indicação de referência (artigo) para leitura prévia, bem como divulga-se o link de acesso ao encontro e de vídeo intitulado “pré-encontro” que aborda os contornos da proposta formativa.
IN2CP04	Carta Memória_Ext_UNIPampa	12/06/2021	Carta memória: Cartas Pedagógicas e romance: possibilidades e aproximações.	Endereçada aos participantes do Curso de extensão feito junto à UNIPAMPA a escrita foi feita para atender ao convite de produzir uma Carta Pedagógica com o objetivo de compor o movimento de análise que seria foco no último encontro. A temática escolhida foi apresentar a memória do encontro de 12/06/2021, dia dos namorados, visto eu estava em viagem de comemoração dos 12 anos de casamento.
IN2CP05	Carta a Daniel Suarez_DIÁLOGOS	16/06/2021	Carta agradecimento: a história nas memórias do	Carta escrita ao Professor Daniel Suárez em agradecimento por sua participação no evento comemorativo aos dez anos do NEPEN, “Diálogos Entrecruzados.”

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
			NEPEN	
IN2CP06	Carta a Paulo Freire_DOSSIÊ_CIDOVAL	20/06/2021	Carta àquelas e àqueles que resistem: Sobre viver, sentir e partilhar	Carta escrita no ano do centenário de Paulo Freire, publicada no terceiro volume de trilogia “Cartas a Paulo Freire” coordenada pelo professor Cidoval Morais. O tema central são experiências com situações de vulnerabilidade social e pandemia, a partir de reflexões sobre o documentário “Os esquecidos dos lixões”, bem como da leitura do site “Memorial inumeráveis”. Essa carta foi publicada no Volume três da trilogia “Cartas à Paulo Freire” em comemoração ao seu centenário.
IN2CP07	Agradecimento e acolhimento _Duljara	24/06/2021	Carta agradecimento/acolhimento : “Agradecer e confiar: uma carta sobre expectativas.” – Equipe EM Duljara Fernandes de Oliveira	Em meados de 2021 recebi, no setor que supervisiono, dois novos diretores, efetivados na rede pública municipal de Sorocaba. Na ocasião escrevi duas cartas, endereçadas às equipes das escolas agradecendo quem havia estado nos cargos anteriormente e, que a partir daquele momento retornariam a atuar como vice-diretores, bem como acolhendo e, pedindo acolhida, aos recém-chegados.
IN2CP08	Agradecimento e acolhimento _Genny	24/06/2021	Carta agradecimento/acolhimento : “Agradecer e confiar: uma carta sobre expectativas.” – Equipe EM Genny Kalil Milego	
IN2CP09	Carta acolhida_Amiga	11/07/2021	Carta acolhida - Sobre começos e (re)começos tendo a cidade de Natal como referência.	Reflexões sobre dilemas existenciais e pessoais, escritos na perspectiva de contribuir com o pensar a vida.
IN2CP10	Carta Avaliação_Ext_UNIPampa	12/07/2021	Carta avaliação: sobre as marcas do curso de extensão da UniPampa	Carta produzida em resposta à Carta-Convite para contribuir com o processo de avaliação do Curso de Extensão sobre Cartas Pedagógicas realizado junto à UNIPAMPA. A escrita pautou-se nas provocações sugeridas, pelas professoras e professor, responsáveis pelo curso, sendo que “[...] manifestome acerca das dimensões pedagógico-estrutural, didático-metodológica, pessoal e profissional, político-epistemológica e, investigativa. A carta se propõe, ainda, apresentar considerações complementares da autora, de temáticas que lhe foram caras e deixaram marcas ao longo do percurso.”
IN2CP11	Carta anúncio - sonhos	25/07/2021	Carta-anúncio - sonhos	Carta escrita para “contar” um sonho que tive com uma colega de PPGEd.
IN2CP12	Carta ao	07/08/2021	Carta ao filho amado	Mensagem de parabenização pelo 27º aniversário do meu filho. Nela destaco principalmente a necessidade de que meu filho considere que, em algum

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
	Lucas_27_anos			momento da vida, terá que lidar com as demandas materiais e existenciais sem meu apoio e intervenção direta.
IN2CP13	PD_Carta de agradecimento	18/08/2021	Na esperança de que DISSERTOLÂNDIA tenha ficado mais perto...	Mensagem de agradecimento aos participantes do curso Projeto D – Dissertolândia cujo objetivo era partilhar conhecimentos e saberes sobre a construção de Projetos de Pesquisa, como foco à processos seletivos de ingresso no Mestrado em educação. Foram duas edições do “Projeto-D”, uma em junho/julho de 2021, direcionado a um público específico de Orientadores Pedagógicos que haviam participado de uma ACIEPE promovida por uma supervisora de ensino que também era mestrando no PPGEd e, entre julho e agosto de 2022 uma nova edição foi ofertada em parceria com o Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Sorocaba (SSPMS). O material utilizado, no caso a Carta-agradecimento sofreu poucos ajustes de uma edição para a outra. Agradeço a participação e o empenho das/dos cursistas e proponho que respondam um questionário de avaliação.
IN2CP14	Carta_evento_PPGEd_2021	30/08/2021	Carta àquelas e àqueles que resistem: Sobre viver, sentir e partilhar a academia em tempos de pandemia e pandemônio	Carta escrita para o cerimonial da mesa de abertura do VIII Seminário de Pesquisa e VII Encontro de Egressos do PPGEd-So – “Educação, Vida, Ciência: da pandemia ao porvir”. Apresenta uma reflexão sobre a importância de ocupação dos espaços acadêmicos, contendo uma crítica explícita a fala do Ministro da Educação à época, Milton Ribeiro, que declarou que “ universidade deveria, na verdade, ser para poucos [...]”.
IN2CP15	Se_algo_acontecer_UFF	04/10/2021	Se algo acontecer, amo vocês: narrativa de uma mãe/doutoranda ou, de uma doutoranda/mãe	Trata-se de uma Carta-Narrativa produzida na disciplina “Pesquisa narrativa (auto)biográfica em educação e formação de professores/as” (UFF), escrita com o objetivo partilhar o que senti ao assistir, o curta metragem da Netflix “Se algo acontecer, te amo”. Endereço a carta aos meus filhos e partilho nela, com uma linguagem que busca ser compreensível à eles, os conceitos de pesquisa (auto)biográfica, experiência formadora e a tríplice mimesis de Paul Ricoeur.
IN2CP16	Ecos e Resson_01	09/11/2021	Eu e o Doutorado: vai ter intercâmbio sim!	Narrativa escrita para atender a solicitação de escrever os “Ecos & Ressonâncias” do primeiro encontro do Seminário cursado junto à UDELAR – Uruguay, como estudante de intercâmbio. A temática da carta é o processo de aceite para participar do Seminário, com destaque à acolhida das professoras e alunos.
IN2CP17	Ecos e Resson_02	11/11/2021	Sobre o 2º encontro e a ética dos máximos e	Narrativa escrita para atender a solicitação de escrever os “Ecos & Ressonâncias” do primeiro encontro do Seminário cursado junto à UDELAR – Uruguay, como estudante de intercâmbio. A escrita estava comprometida com a apresentação de uma síntese do encontro anterior e, com a reflexão

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
			mínimos	sobre os conceitos de ética dos máximos e mínimos.
IN2CP18	Ecos e Resson_03	14/11/2021	Da escrita acadêmica e sua “forma” ao posicionamento epistemopolítico	Narrativa escrita para atender a solicitação de escrever os “Ecos & Ressonâncias” do primeiro encontro do Seminário cursado junto à UDELAR – Uruguay, como estudante de intercâmbio. Foco da escrita: Apresentar algumas reflexões sobre a questão da “forma” na escrita acadêmica; propor algumas considerações sobre o conceito de “epistemo-político” foco do artigo de Yedaide, Álvares e Porta (2015) na relação com outros referenciais teóricos.
IN2CP19	Ecos e Resson_04	17/11/2021	Detalhes e Intimidades pós-encontro: o que mais consigo falar?	Narrativa escrita para atender a solicitação de escrever os “Ecos & Ressonâncias” do primeiro encontro do Seminário cursado junto à UDELAR – Uruguay, como estudante de intercâmbio. O foco da escrita foram destaques de algumas reflexões feitas durante os diálogos sobre vídeo de Rivas Flores, em que fala do caráter emancipador das pesquisas a partir de novos paradigmas (narrativas).
IN2CP20	Ecos e Resson_05	19/11/2021	Entre a hermenêutica e <i>masitas</i> finas: diálogos que já começam a deixar saudades.	Narrativa escrita para atender a solicitação de escrever os “Ecos & Ressonâncias” do primeiro encontro do Seminário cursado junto à UDELAR – Uruguay, como estudante de intercâmbio. A escrita focou a intensidade das aprendizagens da experiência com o Seminário (intercâmbio).
IN2CP21	Sarau_UFF_opção I	01/12/2021	Carta ao meus ancestrais: Por onde andei...	Carta Pedagógica escrita para o Sarau de encerramento da disciplina “Pesquisa narrativa (auto)biográfica em educação e formação de professores/as” (UFF).
IN2CP22	Gratidão_Professor_W	04/12/2021	CARTA DE GRATIDÃO – Marcas deixadas por um certo Professor [...]: narrativas do “seguir em frente”.	Mensagem póstuma de agradecimento a um colega de trabalho endereçada aos seus familiares. O teor da mensagem, agradecimentos pontuais por experiências divididas ao longo da carreira docente, já havia sido externado ao professor, quando em vida, mas senti a necessidade de registrar e encaminhar à família visto a importância e relevância de sua atuação na rede pública municipal de educação de Sorocaba.
IN2CP23	Acolhimento_ano_letivo_2022	02/02/2022	Carta/acolhimento ao ano letivo que se inicia: por um ano em que possamos escrever uma história diferente!	Mensagem endereçada às equipes das nove unidades que compõe o setor que supervisiono, na rede pública municipal de educação de Sorocaba, em acolhida ao ano letivo de 2022. Aquele foi o ano em que as unidades escolares, efetivamente, retomaram as atividades presenciais após o período pandêmico. A carta traz uma mensagem da necessidade de enfrentamento da realidade e dos desafios, frente ao cenário pandêmico que ainda apresentava tantas incertezas e inseguranças.
				Mensagem escrita pelos representantes discentes do PPGE, no Conselho de pós-graduação (CPG) para o acolhimento feito remotamente, visto o

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2CP24	Acolhida_calouros_PPGEEd_2022	07/03/2022	Carta Acolhimento: Chegastes/chegamos e agora?	período pandêmico. Na carta, além das boas-vindas destacam-se algumas indicações sobre as atividades típicas do espaço/tempo acadêmicos, bem como o compromisso e responsabilidade de cada uma e cada um que ocupa uma vaga em uma universidade pública.
IN2CP25	Carta Memória_Projeto_Mult_Inst	20/03/2022	Do convite para uma construção coletiva ao primeiro encontro: percepções dos trabalhos de uma manhã de sábado sob a ótica de uma apaixonada pelas Cartas Pedagógicas	A memória escrita em formato de Carta-Memória, endereçada à Niedja e Bárbara, representantes do NEPEN que por estarem envolvidas com outras atividades não puderam participar do encontro, apresenta os principais pontos debatidos na proposta de implementação de um Projeto multi-institucional sobre Cartas Pedagógicas. Um dos destaques do registro foram as presenças ilustres de estudiosos de Paulo Freire e referências em Cartas Pedagógicas, como o Professor Agostinho Rosas e a Professora Isabela Camini.
IN2CP26	Carta_à_Valentina	21/03/2022	CARTA À VALENTINA...	Escrevo uma carta de acolhida e gratidão ao fato da minha enteada estar grávida e eu me assumir avó da bebê. Relato experiências vividas com a nova mamãe, na sua adolescência, quando vem morar comigo, visto meu casamento com o pai dela. A forma como ela me apresenta “o mundo das meninas”, visto que só tive filhos meninos é abordada, bem como apresento um poema escrito para a “Menina Valentina”.
IN2CP27	Como_estou	24/04/2022	Carta sobre [...] como sou/estou	Carta endereçada ao meu esposo em que trato de questões de foro íntimo.
IN2CP28	Como_cheguei_aqui_FURG_Versão1	21/06/2022	“Carta-Relato de Experiência - Como cheguei aqui: diálogo com quem me mostrou ser possível escolher chegar”	Esta é uma produção realizada para o curso de “Documentação Pedagógica” ofertado pela FURG. A partir de um encontro presencial, ocorrido em Porto Alegre, liderado pela Professora Aline Dorneles (FURG) e pelo Professor Daniel Suárez (UBA), outras atividades na plataforma <i>Moodle</i> foram realizadas, sendo essa carta produto do primeiro exercício de escrita.
IN2CP29	Convite_ao_Devir_TQ	03/07/2022	Carta-Convite ao devir: diálogos com mulheres docentes	Carta Pedagógica produzida como capítulo de encerramento do relatório apresentado para o exame de qualificação da tese. Apresenta algumas considerações prévias da tese em desenvolvimento e sinaliza a intenção de ampliar o diálogo com mulheres latino-americanas, a partir da <i>Red Travesias del sur</i> . Traz uma reflexão contundente apresentando minha Tia Zezé como referência intergeracional que me impulsiona ao caminho dos estudos e da pesquisa.
IN2CP30	Resposta_Marita_Udelar	20/07/2022	Carta-resposta à Marita	Conheci a professora Marita quando cursei o Seminário de Pesquisa (Auto)biográfica junto à UDELAR (Uruguay), em novembro de 2021. Foi um movimento formativo, que teve peso de uma disciplina de 8 créditos no PPGEEd e que aconteceu 100% remotamente, entre os muitos ganhos dessa

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2CP31	Resposta_Vivi_Udelar	20/07/2022	Carta-resposta à Vivi	oportunidade, conhecer os estudos da Professora Aline Dornelles e do Professor Tiago Ribeiro são os grandes destaques. Em julho de 2022, minha orientadora encontrou com a Professora Marita e com a Vivi, aluna do já referido Seminário, em Mar del Plata e ambas me enviaram cartas tendo minha orientadora como portadora. Fiz as referidas respostas que encaminhei em arquivo PDF, via WhatsApp. Entreguei os originais quando estive em Buenos Aires, para o encontro da <i>Red Travesías Del Sur</i> , ocasião em que conheci Marita pessoalmente.
IN2CP32	Agrad_Beliscador_de_rim	23/07/2022	Carta-agradecimento: sobre “beliscões”, confiar, entregar e agradecer!	Em março de 2022 descobri algo que precisava ser investigado no rim direito. Acabei passando, em julho do mesmo ano, por uma biópsia percutânea, literalmente levei alguns “beliscões no rim” para coleta de material a ser estudado. A experiência foi das mais traumáticas que já vivi, mas o acolhimento dos profissionais que fizeram o procedimento me marcou profundamente e, por isso, lhes escrevi uma carta de agradecimento destacando o quão me senti cuidada naqueles encontros, bem como o desejo de não estender tais relações.
IN2CP33	Carta_como_cheguei_aqui_FURG_Versão2	25/07/2022	“Carta-Relato de Experiência - Como cheguei aqui: diálogo com quem me mostrou ser possível escolher chegar”	Intitulada é uma produção realizada para o curso de “Documentação Pedagógica” ofertado pela FURG. A partir de um encontro presencial, ocorrido em Porto Alegre, liderado pela Professora Aline Dorneles (FURG) e pelo Professor Daniel Suárez (UBA), outras atividades na plataforma <i>Moodle</i> foram realizadas, sendo essa carta produto do segundo exercício de escrita que abarcou as provocações dos colegas que leram a primeira narrativa, que por opção escrevi no formato de CP.
IN2CP34	Travesias_del_sur_Carta1	04/10/2022	Carta Investigação - Sobre pés, portas, travessias, redes e convites: o momento da tese	Carta Pedagógica produzida para o movimento de documentação narrativa da <i>Red Travesías Del Sur</i> , que contou com encontro presencial em Buenos Aires, em novembro de 2022. A escrita tinha por objetivo partilhar “o momento da tese”. Como venho pensando, lendo, produzindo e estudando?
IN2CP35	Travesias_del_sur_Carta2	31/10/2022	CARTA RESPOSTA - Sobre descobrir as possibilidades do “coro del pájaros”	Carta Pedagógica produzida para o movimento de documentação narrativa da <i>Red Travesías Del Sur</i> , que contou com encontro presencial em Buenos Aires, em novembro de 2022. A escrita foi uma resposta à Professora Ana Cristina Pace, uma doutoranda Argentina que me enviara uma carta-resposta a partir da minha Carta-investigação. Nessa carta aponto algumas das minhas percepções sobre questões singulares trazidas pela Professora Ana, em sua carta, em especial, o documentário da “Escuela da siñorita Olga”, citado por ela em sua missiva.
				Uma das escolas do setor supervisiono inaugurou, atendendo a um projeto

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2CP36	Espaço Maker - Florenzano	19/11/2022	Carta/Reconhecimento: Sobre agradecer e reconhecer: expectativas, sonhos e realizações	da Secretaria da Educação, uma sala chamada “Espaço Maker”. Esse espaço contempla a expectativa de um ensino inovador, em que as/os estudantes sejam protagonistas. Convidada a participar da cerimônia de inauguração, a diretora solicitou que eu escrevesse um texto para ser lido no evento. Nessa “Carta/Reconhecimento” retomo a relação de longa data que me vincula a escola, que supervisiono desde sua inauguração; destaco algumas características da equipe gestora e, no nome da diretora, da vice e da Orientadora Pedagógica, explico o reconhecimento e o agradecimento à toda a equipe escolar pelo comprometimento para com o atendimento às crianças.
IN2CP37	Mulheres_Red_Travesías_del_sur	22/11/2022	Sobre acreditar que produzir ciência é produzir a vida...	Ao passar pelo exame de qualificação, considerando o relatório da pesquisa encaminhado para apreciação da banca, tinha por expectativa ampliar a pesquisa e ouvir outras vozes, a partir do convite à mulheres que integram a Red Travesías del Sur. A qualificação ocorreu em agosto e no mês de novembro seguinte tive a oportunidade de ir a Buenos Aires para um encontro presencial da referida rede e escrevi uma Carta Pedagógica na qual partilhava os contornos da minha pesquisa, bem como indicava um possível convite visando um movimento polifônico. Levei as cartas impressas e coladas em pequenos cadernos, que encapei de tecido, um a um, presenteando as mulheres do grupo brasileiro, bem como aquelas com quem tinha envolvimento direto fosse pela Red Travesías, ou pelos Seminários Internacionais de que participei. Cabe destacar que esse convite não se concretizou e a pesquisa acabou por tomar outros rumos.
IN2CP38	Aconhida_calouros_PPGEd_2023	09/03/2023	Carta-acolhimento: Chegastes, e agora?	Em 2023, primeiro momento em que os ingressantes do Mestrado e Doutorado foram acolhidos presencialmente, após o período de pandemia, fui convidada a retomar a carta escrita para o acolhimento de 2022, cuja escrita fora feita pelos representantes discentes, grupo que eu integrava. Retomei a escrita, mantendo a essência, em especial quanto as indicações de atividades e responsabilidades de cada um e cada uma que ocupa a vaga numa universidade pública. Indiquei o crédito do texto, fazendo referência nominalmente ao grupo de autores da carta de 2022, apontando que as partes mantidas na íntegra passaram a ter a fonte em itálico, acrescentando, por fim, o “conceito” de Dissertolândia e Doutoradolândia.

QUADRO 20 – Inventário 2 – Catálogo – Memoriais

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2MR1	MEMORIAL DE FORMAÇÃO_UFF	Dez / 2021	Memorial de Formação: Das carteiras escolares ao gestar uma tese: diálogos sobre autoria	Memorial de Formação apresentado à Universidade Federal Fluminense (UFF) (UFSCar), como trabalho final da disciplina “Pesquisa narrativa (auto)biográfica em educação e formação de professores/as”. O foco do memorial foi o percurso da disciplina com destaque à aproximação e honra que foi ter aula com algumas das referências do (auto)biográfico no Brasil e em Portugal, numa disciplina multi-institucional, bem como assumo um compromisso com a abordagem de pesquisa.
IN2MR2	MEMORIAL DE FORMAÇÃO_Paul_Ricoeur_2021	Dez / 2021	TEMPO E NARRATIVAS: diálogos entre Paul Ricoeur e a mãe do Lucas e do Felipe – os memoriais de formação	Memorial de Formação apresentado à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), como trabalho final na disciplina “Paul Ricoeur & outros: narrativas epistemológicas em educação”. O foco do memorial foi o percurso da disciplina. Além de apresentar aproximações com referenciais teóricos como Certeu e Bakhtin, aproveito a atividade realizada para a disciplina feita junto a UFF, a narrativa intitulada “Se algo acontecer, amo vocês: narrativa de uma mãe/doutoranda ou, de uma doutoranda/mãe”, para fazer reflexões sobre a tríplice mimesis de Paul Ricoeur. Por fim, considerando a necessidade de sistematizar e estruturar minhas ideias, apresento o quadro utilizado para pensar a escrita do memorial.
IN2MR3	MEMORIAL NARRATIVO_Udela r	Fev / 2022	NARRATIVAS E PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA: Cartas Pedagógicas entre pesquisadores “hermanos” (Brasil e Uruguai)	Memorial Narrativo apresentado à UDELAR como trabalho final do Seminário de Pesquisa sobre a abordagem narrativa. O foco do memorial foi o percurso do Seminário e traz uma análise das cinco cartas escritas no contexto do seminário. Foram cinco Cartas Pedagógicas escritas ao longo do Seminário e, enquanto “considerações finais, apresento a sexta, busca traduzir “[...] o movimento do encontro com os “hermanos” uruguaios e brasileiros, sendo que é um convite à sistematização de algumas perspectivas teóricas e à continuidade ao diálogo.”
IN2MR4	MEMORIAL_Produções_Sol_TQ	Julho/2022	Produzir ciência, produzir a vida: sobre os dispositivos narrativos e as marcas de autoria no gestar uma tese	Movimento inicial da escrita de um memorial, a partir das produções no recorte temporal do Doutorado, que compôs o relatório do desenvolvimento da tese, escrito para o exame de qualificação. Cabe destacar que para o exame de qualificação somente havia sido inventariadas as produções acadêmicas da autora, não sendo consideradas as escritas, consideradas até então, pessoais.

QUADRO 21 – Inventário 2 – Catálogo – Narrativas

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2N01	Quando um ciclo se encerra	03/07/2019	Quando um ciclo se encerra, pensar sobre o que aprendemos é inevitável...	Esse texto é uma homenagem aos professores, funcionários, coordenadores e gestores da Faculdade Anhanguera – Sorocaba, instituição em que fui coordenadora e docente do curso de Pedagogia por sete semestres, pedindo o desligamento em julho de 2019 para cursar o Doutorado.
IN2N02	CMESO_TEXTOS E_CERIMONIAIS	25/11/2019	CMESO, TEXTOS e CERIMONIAIS: sempre cabe uma nova experiência!	Enquanto representante eleita, da supervisão de ensino municipal, no Conselho Municipal de Educação (CMESO) fui convidada a escrever um texto em homenagem ao Jubileu de Prata do colegiado. Essa escrita mesclou dados históricos e de pesquisa e, ainda, apresentou o poema “Normatizar... Deliberar... Consultar...”. Esse texto foi publicado no blog pessoal “Escrever me trata”.
IN2N03	Ter_filhos_extraordinário	01/12/2019	Ainda não inventaram nada mais extraordinário do que ter filhos!	É o título de uma narrativa, cuja motivação para a escrita foi a leitura de um pequeno artigo nas redes sociais que terminava com a frase que virou o título, acima referido. Ela traz memórias de episódios da infância do Lucas e do Felipe. Alguns já estavam textualizados em arquivos soltos e foram reunidos para essa publicação no blog pessoal “Escrever me trata”.
IN2N04	Sobre_o_Pote_da_gratidão	27/01/2020	ENCONTROS, LIÇÕES E O POTE DA GRATIDÃO...	Essa narrativa textualiza as reflexões, regadas à um delicioso café, que eu, a orientadora da tese e outras duas ex-orientandas suas, fizemos numa tarde em que partilhar a vida era a pauta, embora os laços que nos unissem ali, fossem os acadêmicos. Esse texto foi publicado no blog pessoal “Escrever me trata”.
IN2N05	Anhanha_queno sobia	09/04/2020	ANHAQUENOSOBIA: sobre quando nossos medos precisam ser enfrentados!	Motivada por uma conversa sobre a maternidade e como os filhos nos fazem encarar nossos medos, escrevi essa reflexão a partir da memória de uma fase dos meninos (Lucas e Felipe) em que se, sabendo da minha fobia de aranhas, resolveram ser exterminadores de aranha e, empunhando, cada um, uma espada de madeira procuravam teias de aranha pela casa toda e as destruíam para me protegerem. Esse texto foi publicado no blog pessoal “Escrever me trata”.
IN2N06	Cuidado_de_Deus_aniversário	27/04/2020	Sobre o cuidado de Deus: por vezes, o amor Dele nos constrange!	É um texto de agradecimento por “coincidências” entre o pensar e o acontecer, ocorridas no dia do meu aniversário em 2020. Escrever sobre o meu aniversário é uma ação recorrente, visto que para mim as comemorações são sempre intensas e singulares. Nessa escrita retrato os presentes inusitados que ganhei: fotos do sol e do céu, numa manhã em que tudo que eu desejava era ver o sol nascer. Esse texto foi publicado no blog pessoal “Escrever me trata”.
	ATIVIDADE1_			Narrativa produzida para a disciplina “Concepções e práticas reflexivas em educação” com o objetivo de fazer a seguinte reflexão: “ <i>Quais as lembranças da sua/seu professora/professor inesquecível? Como ele exercia a sua profissão?</i> ” Considerando as provocações feitas por Passeggi (2011) <i>Que experiências</i>

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2N07	Discipl_ Práticas Reflexivas	04/08/2020	Não apresenta.	<i>marcaram a minha vida intelectual e profissional? O que essas experiências fizeram comigo? O que faço agora com o que isso me fez?</i> Narro algumas das experiências mais marcantes no meu percurso escolar e na graduação, a partir de professoras e professores que tenho como referência, culminando em uma reflexão sobre a profissão e o trabalho docente.
IN2N08	ATIVIDADE2_ Discipl_ Práticas_ Reflexivas	Ago / 2020	Não apresenta.	Narrativa produzida para a disciplina “Concepções e práticas reflexivas em educação” com o objetivo de fazer a seguinte reflexão: <i>Quais as lembranças dos diferentes profissionais da Educação nas escolas que estudou? Como eles atuavam no processo de ensino e aprendizagem?</i> Provocada pela comanda da narrativa, escrevo especificamente sobre meus professores na primeira série, na relação com o processo de alfabetização; um professor de matemática da quinta série que já tinha, o que poderia ser chamado de característica de trabalho interdisciplinar; e, uma inspetora, também do período da quinta-série que atuava na biblioteca da escola e que, a pedido da minha mãe, não me emprestou livros até que eu não mais corresse o risco de ser reprovada por não conseguir aprender raiz quadrada.
IN2N09	Quando_nasce_ A_maternidade	08/08/2020	QUANDO NASCE A MATERNIDADE...	Reflexão publicada no blog “Escrever me trata” em que apresento a ideia de que no momento em que nasce uma criança, também nasce uma mãe e, com esse nascimento, aparecem também os desafios, as alegrias, as buscas, as descobertas que permearão toda uma existência a partir de então. Essa ideia “nascer a maternidade/nascer uma mãe”, não é criação minha, a reflexão advém da escuta dessa ideia em algum momento do cotidiano que, naquele momento fez sentido textualizar.
IN2N10	Trajatória em uma imagem	17/08/2020	Não apresenta.	Imagem-narrativa produzida para a disciplina “Concepções e práticas reflexivas em educação” com o objetivo de apresentar minha trajetória em uma imagem. A primeira é uma ilustração do “curta-metragem” produzido pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, Vida Maria; a segunda é uma foto feita por Sebastião Salgado, publicada no livro “O berço da desigualdade, de Cristóvam Buarque; e, a terceira uma imagem encontrada em uma busca livre pela internet em que mostra uma moça sendo abraçada por uma folha de caderno totalmente escrita.
IN2N11	ATIVIDADE4_ Discipl_ Práticas_ Reflexivas	Set / 2020	Não apresenta.	Narrativa produzida para a disciplina “Concepções e práticas reflexivas em educação” com o objetivo de fazer uma <i>“Análise reflexiva crítica na perspectiva coletiva: escolher e narrar uma prática vivenciada e/ou observada em um espaço educacional considerando possuir um movimento coletivo de reflexão.”</i> Problematizo os desafios que têm sido na acolhida aos professores formados

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
				pela Educação à Distância (EaD), que muitas vezes ao serem contratados temporariamente não conseguem ter sucesso no período de experiência.
IN2N12	ATIVIDADE5_ Discipl_Práticas _Reflexivas	Set / 2020	Não apresenta.	Atividade em grupo, da disciplina Concepções e Práticas Reflexivas em Educação, com objetivo de analisar uma prática reflexiva, apresentada em narrativa, na perspectiva colaborativa. O trabalho está estruturado a partir do movimento de escolha, apresentação e análise da narrativa de um dos integrantes do grupo.
IN2N13	Narrativa 1 - NEPEN 2020-1	1º sem / 2021	Não apresenta.	Narrativa produzida no NEPEN a partir da comanda <i>“Eu, a produção do conhecimento científico e a construção do projeto de pesquisa (tese).”</i> Parto de reflexões de um artigo de Naura Sírnia Carapeto Ferreira (2007), em que autora problematiza os sentidos e a importância da humanização na gestão do conhecimento. Nesse sentido, minha narrativa caminha pelos sentidos que atribuo ao pesquisar e produzir ciência.
IN2N14	Narrativa 2 - NEPEN 2020-1	1º sem / 2021	Não apresenta.	Narrativa produzida no NEPEN a partir da comanda <i>“Eu e o estudo do tipo estado da arte, revisão e mapeamento sistêmico.”</i> Nessa narrativa partilho a experiência de produção de um artigo, a partir de um mapeamento sistêmico que permeou dois anos das atividades do Doutorado. Descrevo alguns dos desafios e finalizado declarando que <i>“Eu e o estudo do tipo estado da arte, revisão e mapeamento sistêmico estamos numa relação séria e “quase” estável!”</i>
IN2N15	Narrativa 3 - NEPEN 2020-1	1º sem / 2021	Não apresenta.	Narrativa produzida no NEPEN a partir da comanda <i>“Eu, os trabalhos científicos já concluídos e minha proposta de investigação.”</i> Abro essa narrativa tendo um excerto do livro <i>“O pequeno Príncipe”</i> para fazer uma crítica à exigência de produtividade acadêmica. Na sequência apresento a monografia da graduação, o TCC realizado para finalizar uma especialização em <i>“Alfabetização e Letramento”</i> , cujo fruto é o projeto de pesquisa com o qual entro no Mestrado e, por fim falo da dissertação e o desafio da produção do meu primeiro memorial acadêmico.
IN2N16	Bem_Vindos_a_ Dissertolândia_ Doutoradolândia	09/03/2021	Bem-vindos à Dissertolândia e Doutoradolândia	Convidada a fazer a abertura do encontro de acolhida aos ingressantes no PPGEd, em 2021, escrevo algumas das minhas percepções sobre o ambiente acadêmico. Além de ser um dos primeiros movimentos de textualizar <i>“meu conceito”</i> de Dissertolândia e Doutoradolândia, dois lugares especiais para mim, apresento algumas características das aulas e atividades ali desenvolvidas, a partir de uma escrita breve e descontraída.
IN2N17	Sobre_repertórios_	24/03/2021	Sobre repertórios,	É uma narrativa escrita e publicada no blog pessoal <i>“Escrever me trata”</i> com o objetivo de fazer reflexões sobre a aula do dia 23/03/2021 na disciplina <i>“Pesquisa (Auto)biográfica e Formação de Professores”</i> , a partir de comentários de dois

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
	ignorâncias_e_saberes		ignorâncias e saberes: do sentir ao ser, porque nós temos o direito!	estudantes, um mestrando e outro doutorando. O primeiro diz que acredita que não tem repertório para participar daquela discussão, chegando a dizer sobre sua apreensão de estar ocupando aquele espaço, o outro, por sua vez, ao contribuir na reflexão sobre a temática da aula, escreve no <i>chat</i> que fala com a “humildade da ignorância”.
IN2N18	Diário de Registro_CICLOPE	18/04/2021	Não se apresenta.	Narrativa escrita para o Curso de Extensão – CICLOPE (UNICAMP) com foco nas percepções após assistir a gravação de dois encontros dos quais não pude participar (2º e 4º). Embora não tenha um título, pois é apresentada como uma página do Diário de Pesquisa, destaco que o intitularia como “ <u>Para não dizer que não falei da pandemia: de Ricoeur a Morin, os impactos do “Memorial Inumeráveis” na vida de uma pesquisadora-autora-cidadã</u> ”.
IN2N19	Cinquetei_na_pandemia	26/04/2021	Cinquetei na pandemia!	É um texto que traz uma reflexão sobre as expectativas do comemorar meio século e o que realmente foi fazê-lo durante uma pandemia. Há agradecimentos específicos aos encontros e experiências oportunizadas pelo percurso do Doutorado, bem como às conquistas pessoais, profissionais e existenciais. Esse texto foi publicado no blog pessoal “Escrever me trata”.
IN2N20	Sobre_primeiros_beijos	16/05/2021	Sobre primeiros beijos e o melhor lugar do mundo...	Escrita voltada à comemorar o décimo segundo aniversário do primeiro beijo entre eu e meu marido, marcando e eternizando uma fala que traduz muito do nosso relacionamento: “ <i>Não importa onde estejamos, estar no braço dele é estar no melhor lugar do mundo!</i> ”
IN2N21 IN2CP07	Se_algo_acontecer	04/10/2021	Se algo acontecer, amo vocês: narrativa de uma mãe/doutoranda ou, de uma doutoranda/mãe.	Trata-se de uma Carta-Narrativa produzida na disciplina “Pesquisa narrativa (auto)biográfica em educação e formação de professores/as” (UFF), escrita com o objetivo partilhar o que senti ao assistir, o curta metragem da Netflix “Se algo acontecer, te amo”. Endereço a carta aos meus filhos e partilho nela, com uma linguagem que busca ser compreensível à eles, os conceitos de pesquisa (auto)biográfica, experiência formadora e a tríplice mimesis de Paul Ricoeur.
IN2N22	Apresentação UDELAR_imagens	09/11/2021	Não apresenta.	Trata-se de narrativa em que me apresento para o grupo de alunos e professoras do Seminário cursado junto à UDELAR – Uruguay. A proposta era uma apresentação em uma lauda e, em virtude da língua, optei por fazer uma apresentação a partir de fotos e imagens com pequenos enunciados textuais.
				Desde que meu irmão caçula, onze anos mais novo que eu, tornou-se pai nos EUA, recorrentemente me fala do quanto gostaria que eu escrevesse algumas das histórias da família, em especial as que meu pai nos contava para que ele possa contar para sua filha, a Alice. Coloquei como meta, em algum momento da vida, escrever um livro intitulado “Histórias para Alice”. No final de 2021, com um ano de atraso por causa da pandemia da COVID-19 que assolou o mundo,

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2N23	Livro_Histórias_para_Alice	30/12/2021	Histórias para Alice	podemos conhecer a doce, encantadora e pequena Alice. Eles ficaram dois meses no Brasil e nos últimos dez dias, num trabalho hercúleo e intenso, reuni narrativas das duas famílias da Alice (avós, avós, tias, tias, primos maternos e paternos), até a bisavó materna escreveu, a mão, uma narrativa para o livro que foi ilustrado com fotos dela bebê e fotos dela durante sua estada no Brasil. Imprimi, encadernei e entreguei o livro na noite anterior ao retorno deles.
IN2N24	Ao_bebê_Que_vai_chegar	26/01/2022	AO BEBÊ QUE VAI CHEGAR...	Ao bebê que vai chegar é o título de um poema que escrevi no dia em que soube que seria vovó, de fato, pela primeira vez. Já me sentia avó “por consideração” da Alice, filha do meu enteado e da Valentina, filha da minha enteada, no entanto a notícia da chegada de um bebê descendente do meu filho caçula foi histórico e marcante.
IN2N25_TQ	Gestação como metáfora_N1	Junho/2022	Por que a gestão como metáfora?	Narrativa escrita para o relatório da tese em desenvolvimento, apresentado à banca do exame de qualificação. Apresenta a escolha de estruturar o relatório como MOMENTOS, fazendo alusão aos momentos biológicos de uma gestação, concepção, primeiro, segundo e terceiro trimestre, bem como a expectativa do parto, enquanto momento da defesa e publicação da tese.
IN2N26_TQ	Cordão_Umbilical_N2	Junho/2022	O cordão umbilical da tese: sobre os encontros e reencontros com os referenciais teóricos	Narrativa escrita para o relatório da tese em desenvolvimento, apresentado à banca do exame de qualificação. Apresenta as aproximações e leituras com os principais referenciais teóricos e conceitos da tese, tendo o cordão umbilical enquanto metáfora – os referenciais teóricos nutrem a tese, que é vista como uma bebê.
IN2N27_TQ	Trajetórias_Improváveis_N3	Junho/2022	Constituir-se pesquisadora: sobre trajetórias (im)prováveis e mulheres docentes	Narrativa escrita para o relatório da tese em desenvolvimento, apresentado à banca do exame de qualificação. Apresenta a a doutoranda na relação com suas referências intergeracionais, a partir da ideia de “trajetórias (im)prováveis” cunhada na relação com os estudos de Passeggi no artigo “Trajetórias “Improváveis”? Vínculos intergeracionais e mobilidade social” (2015).
IN2N28_TQ	NEPEN_pesquisa_vida_ formação_N4	Junho/2022	Diálogos entrecruzados I: pesquisa (auto)biográfica, um espaço de pesquisa-vida-formação (NEPEN) e autoria	Narrativa escrita para o relatório da tese em desenvolvimento, apresentado à banca do exame de qualificação. A partir da problematização sobre a primeira experiência de escrever um memorial, a doutoranda aponta o NEPEN como espaço que promove a aproximação e o mergulho nos estudos teóricos sobre a pesquisa (auto)biográfica.
IN2N29	Docum_	Junho/2022	Diálogos entrecruzados II:	Narrativa escrita para o relatório da tese em desenvolvimento, apresentado à banca do exame de qualificação. Apresenta o conceito de documentação

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
_TQ	Pedagógica_e_Paulo_Freire_N5		documentação biográfico narrativa, as Cartas Pedagógicas e Paulo Freire: PRESENTE!	pedagógica, a partir dos estudos e pesquisas de Daniel Suárez, bem como a aproximação com as obras de Paulo Freire.
IN2N30	Caderno_Curículo_EJA	Dez/2022	Experiências com a EJA: memórias de uma educadora	Narrativa produzida para compor o Caderno de Currículo da EJA, da rede pública Municipal de Sorocaba, construído ao longo de 2022 e publicado no início de 2023. Fui convidada a compor a comissão organizadora e levei ao grupo de professores envolvidos a ideia de produzir e publicar narrativas, como marca autoral daquelas e daqueles que contribuíram com a concretização do caderno. Essa narrativa nasce da retomada e ampliação de uma narrativa produzida para um curso de extensão, que propunha uma reflexão sobre as questões de gênero e sexualidade no contexto da formação de professores da EJA (2016).
IN2N31	Homenagem_Sara	27/02/2023	Sara: hoje é/foi por você!	Uma das escritas mais difíceis que já produzi, essa narrativa traz considerações acerca da vida de uma parceira de trabalho que faleceu, sucumbindo a uma depressão profunda. Um texto escrito para homenageá-la, dias depois de sua partida. A partir de excertos de manifestações feitas nas redes sociais, faço algumas reflexões sobre os desafios de trabalhar na educação nos dias atuais, considerando as dificuldades dos sistemas. Também apresento um poema pautado nas características de personalidade da Sara e fecho com algumas denúncias e cobranças sobre a necessidade de que, institucional e coletivamente, os trabalhadores docentes sejam considerados na perspectiva afetiva, psicológica e de saúde mental.

QUADRO 22 – Inventário 2 – Catálogo – Resumos

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2R1	Resumo de Artigo_Disc_Profs_Reflexivos	2º sem / 2020	O Professor, a Escola, a Formação e a Prática reflexiva: contornos de um estudo teórico-reflexivo em uma disciplina da pós-graduação em tempos de pandemia	Resumo de artigo apresentado para a disciplina “Concepções e práticas reflexivas em educação” com o objetivo de propor reflexões sobre “estudos sobre práticas reflexivas”. Essa foi a atividade final da disciplina e os objetivos destacados na proposta, que acabou por não se desenvolver, eram: “1. Apresentar a organização temática e dinâmica propostas para a disciplina, bem como os referenciais teóricos que os fundamentaram; 2. Analisar os eixos de reflexão das temáticas discutidas; 3. Indicar as principais reflexões evidenciadas no que se refere as atividades realizadas; 4. Apontar os contornos do movimento da disciplina, com ênfase aos recursos.” Na avaliação as professoras destacaram que faltou uma problematização investigativa que contextualizasse a proposta.
IN2R2	Resumoexpandido Disciplina_Didática	Mai / 2021	Formação docente em tempos de pandemia COVID 19: a potencialidade da escrita de Cartas Pedagógicas em uma disciplina de didática	Apresentado ao XXII FÓRUM DE ESTUDOS – Leituras de Paulo Freire, o resumo apresenta uma investigação feita sobre os contornos da disciplina de Didática, ministrada de forma não presencial, em que a escrita de cartas pedagógicas foi um dos recursos utilizados para a reflexão, participação e avaliação dos estudantes. Posteriormente esse resumo foi retomado e ampliado, integrando a análise de algumas cartas produzidas pelos estudantes e publicado em capítulo de livro (IN2CL2). (PRODUÇÃO COLETIVA)
IN2R3	Resumoexpandido_Poster-CIPA-2021	Jun / 2021	De autor(a) à pesquisador(a)-autor(a) cidadã(o): potências de um grupo de pesquisa	Apresentado como poster ao IX CIPA o resumo expandido focaliza o percurso da tese em andamento. Apresento uma discussão sobre o NEPEN, mas não ainda na perspectiva de reconhecê-lo um espaço/tempo de pesquisa-vida-formação, mas sim “enquanto espaço e tempo de pesquisa e estudos, que promove a aproximação da universidade com profissionais das escolas de educação básica”. As reflexões finais indicam que “Pensar sobre as experiências permite que o sujeito “olhe” para o passado e faça uma reflexão do que aconteceu, quer tenha sido um acontecimento não provocado ou provocado; lhe dá ainda a possibilidade de pensar em como está hoje, considerando o que lhe aconteceu, e a partir dessa reflexão projetar o que fará, no seu futuro (PASSEGGI, 2011, p. 152), sendo que é nessa perspectiva que se encaminha a tese que vem se constituindo.”, tônica que ganhou força no desenvolvimento da tese.
IN2R4	Biograph_Região_SUDESTE_2021	2º sem / 2021	O NEPEN como espaço/tempo de resistência, (re)existência e	O resumo apresenta uma discussão sobre a experiência com a Atividade Curricular Integradora Ensino Pesquisa Extensão (ACIEPE) – “Reflexões em torno de narrativas, formação e trabalho docente no contexto da pandemia do COVID-19”, que foi promovida pelo PPGEd da UFScar-So, em articulação ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens, Adultos e Idosos –

			esperançar a vida	(GEPEJAI-UFOP). (PRODUÇÃO COLETIVA)
IN2R5	Apresentação_UBA_Tese	11/11/2022	Produzir ciência, produzir a vida: as marcas de autoria no processo de gestar uma tese	Apresentação do percurso da tese até o momento do exame de qualificação. Na ocasião o título era “Documentação biográfico narrativa em espaços de pesquisa-vida-formação: um diálogo da pesquisadora-autora-cidadã com as trajetórias acadêmicas de mulheres docentes” e o destaque principal, tanto no texto quanto na apresentação oral, voltava-se à discussão sobre a autoria e suas marcas.

QUADRO 23 – Inventário 2 – Catálogo – Outros

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2o01	Proj_Pesq_2019	24/06/2019	Experiências formadoras / ciclo de vida profissional; supervisão de ensino / formação de formadores: narrativas que buscam (re)velar marcas e relações	Projeto de pesquisa apresentado no processo seletivo, para candidatar-me a vaga na primeira turma do Doutorado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da UFSCar-So. A temática do projeto era o perfil; os saberes e os fazeres; a dimensão da ação; e, a constituição da identidade do supervisor de ensino, a partir de narrativas (auto)biográficas. O objetivo geral consistia em compreender quais são e como se evidenciam as características das marcas das experiências formadoras e, ainda, como elas emergem ao longo do ciclo de vida profissional.
IN2o02	Plano de Formação_GC	12/09/2019	Plano de formação – gestão compartilhada	Desde que as creches municipais passaram a ser gerenciadas a partir de convênios e parcerias com Organizações Sociais, ao que chamamos de Gestão Compartilhada, percebeu-se a necessidade de que as entidades responsáveis por essas unidades compreendessem que não se tratava de uma escola “conveniada à rede pública”, mas sim uma escola pública, cuja gestão de pessoas era feita pela entidade. Considerando esse cenário, propus uma ação formativa com o objetivo de “Apresentar as concepções, documentos, rotinas e procedimentos administrativos e pedagógicos do sistema ao qual as unidades de CEI de Gestão Compartilhada fazem parte.”. A proposta de formação foi implementada a partir de convite a profissionais da rede e contemplou as seguintes temáticas: Regimento Escolar; Calendário Escolar; Instituição do Conselho de Escola; Associação de Pais e Mestres (APM); o Marco Referencial da rede; organização do trabalho pedagógico; espaços, rotinas e cotidianos na creche; direitos da criança; gestão administrativa e financeira.
IN2o03	Palestra_A Educação sob	04/10/2019	EDUCAÇÃO SOB A ÓTICA DA SUPERVISÃO	Já tem alguns anos que a coordenação do curso presencial de Pedagogia da Universidade Paulista (UNIP), <i>campus</i> Sorocaba, me convida para participar de uma conversa com as/os estudantes sobre a atuação profissional do supervisor de ensino, na rede pública municipal de educação de Sorocaba. Produzi um material

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
	a ótica da supervisão de ensino 2019_UNIP		DE ENSINO	em que apresento a súmula de atribuições da supervisão de ensino e, a partir dela, partilho as principais atividades, experiências e desafios do cargo. No período da pandemia, acrescentei os desafios que aquele cenário impôs à educação, sob a ótica da supervisão de ensino.
IN2o04	Plano_Formação_Contin_Caderno_GC	14/12/2019	Plano anual de formação continuada	Em 2020 a Secretaria da Educação publicou um caderno de orientações específico para as unidades que contam com a Gestão Compartilhada (gestão feita por Organizações Sociais). Contribuí com essa produção na escrita das orientações para implementação do Plano Anual de Formação Continuada dessas unidades (p. 15 a 17). O texto retoma o conceito de planejamento na relação com a LDB e sugere que o plano contemple três aspectos: interesses e necessidades apontadas pelo corpo docente; necessidades observadas pela equipe gestora; Temáticas e demandas apresentadas pela Secretaria da Educação (SEDU). Há, ainda, a sugestão de um template para o registro do plano.
IN2o05	DICAS_Pós_grad	06/04/2020	DICAS para quem está na pós-graduação	Um dos integrantes do Mestrado no PPGEd, na mesma linha de pesquisa em que sou vinculada, sendo orientado pela mesma orientadora, me solicitou algumas orientações sobre minha rotina de estudos, visto estar preocupado com a gestão do tempo e a sistematização das atividades solicitadas nas disciplinas. Produzi o material em <i>Power Point</i> de uma forma descontraída e leve partilhando como faço a leitura dos artigos (estratégias de anotação e fichamento); a possibilidade de escrita de um “glossário” para termos e conceitos desconhecidos; a importância de fazer síntese das ideias principais de cada material lido e depois problematizá-las; a necessidade de se perceber num novo ambiente, com uma nova linguagem, na relação com a sensação de se estar entendendo nada e, por fim, algumas dicas sobre a escrita acadêmica.
IN2o06	Fichamento_Falbo	05/05/2020	Não se aplica.	Fichamento de: FALBO, R. A.; SOUZA, E. F. F., K.R. Mapeamento Sistemático. Revisão Sistemática da Literatura em Engenharia de Software: Teoria e Prática, 1º ed. Rio de Janeiro, 2017, p. 79-98. Considerando a dificuldade de compreensão do mapeamento e da revisão sistemática, enquanto metodologia de pesquisa, Falbo era uma das referências que tínhamos, no entanto o foco de suas pesquisas não era a área da Educação. Realizar o fichamento contribuiu para a compreensão e o desvendar da metodologia e foi crucial para o sucesso da escrita do artigo produzido a partir de mapeamento sistemático.
IN2o07				Considerando o contexto da pandemia da COVID-19 e a necessidade de, de uma hora para outra, termos que aprender a lidar com ferramentas digitais que, embora disponíveis desde há algum tempo, não faziam parte de nossa rotina, quando

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
	Tutorial <i>MEET</i>	07/05/2020	Usando o <i>Google Meet</i> pela primeira vez...	aprendi a utilizar o <i>google meet</i> , não sem uma certa dificuldade, fiz um tutorial ilustrado com o passo a passo para o acesso e a utilização das principais ferramentas disponíveis. Partilhei esse tutorial com as escolas que trabalho, na Secretaria da Educação e, também, no ambiente acadêmico.
IN2o08	DICAS_concursos	14/05/2020	DICAS para quem vai prestar concursos públicos	Enquanto coordenadora do curso de Pedagogia em uma universidade privada da cidade, no período de 2016 a 2019 fui convidada a ministrar alguns “minicursos de férias”. Um deles consistiu em partilhar minhas experiências de “concurseira”, a partir desse material em <i>Power Point</i> , em que chamo a atenção sobre a leitura e compreensão do edital; planejamento da rotina de estudos; formas de estudar e sistematizar os conteúdos da bibliografia solicitada no edital, a partir do perfil dos candidatos; estratégias de leitura e interpretação de diferentes propostas de perguntas que, recorrentemente caem em concursos; e, algumas estratégias possíveis para o dia da prova.
IN2o09	Plano de Formação_De signados	19/05/2020	Plano de formação – suporte pedagógico designados Diretora / diretor e vice-diretora / vice-diretor de escola	A rede pública municipal de educação de Sorocaba, ficou por muitos anos sem a realização de um concurso público para os cargos do suporte pedagógico (gestão escolar), em função disso as vagas eram ocupadas, em substituição, por servidores efetivos do quadro do magistério. A grande rotatividade e a falta de experiência de muitos professores que saíam da sala de aula para se tornarem diretoras e diretores, vice-diretoras e vice-diretores indicou a necessidade de oportunizar uma ação formativa em nível de rede. Apresentei a proposta de formação que foi implementada em parceria com outra supervisora de ensino. A proposta apresenta: os objetivos; o público-alvo; as estratégias; eixos de estudos e discussões; organização e cronograma para implementação. Os eixos eram: Gestão Democrática; Gestão Financeira; Gestão da Organização do Trabalho Pedagógico; Gestão dos Processos Administrativos; Liderança e Gestão de Pessoas. As formações foram feitas, a partir de convite, por servidores da Secretaria da Educação, bem como por profissionais que atuam nas unidades escolares da rede, num movimento colaborativo e de troca de práticas e realidades.
IN2o10	ACIEPE_COVID_Papel_SEDU	23/05/2020	Limites, alcances e aprendizagens e o papel das SEs, equipes gestoras e de apoio pedagógico no contexto da pandemia do COVID-19	Como se estrutura o trabalho na SE? Ações voltadas para a formação e organização do trabalho docente a SE já realizava? O que o contexto da pandemia desencadeou na SE? Quais ações foram desenvolvidas no sentido de orientar o trabalho das equipes gestoras e dos docentes? Como tem se configurado a organização do calendário escolar e o trabalho com os alunos? O que ainda se apresenta como um desafio? Quais ações já revelaram a necessidade de novas reflexões e planejamentos? Quais indicativos se anunciam como ações futuras para o pós-pandemia? Quais aprendizagens se revelam neste processo?

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2o11	Reunião_Equipes_Incertezas	16/06/2020	Reunião de Equipes	Em meio ao período pandêmico, por conta da COVID-19, a angústia e apreensão das equipes escolares por conta do atendimento remoto aos alunos, entre outros desafios daquele momento, levou-me a pensar numa forma de dialogar com as equipes que compunham o setor que supervisiono, visando acolher e oportunizar um canal de escuta dessas angústias, medos e incertezas. A partir do livro de Edgar Morin (1999), em específico o “5º saber – Educar para as incertezas”, propus reuniões remotas, via <i>Google Meet</i> , tendo como pauta a reflexão sobre como cada uma e cada um estava sentindo, vivendo e significando a pandemia, sob a ótica da atuação e fazeres profissionais que precisaram sofrer tantas adaptações. Esse material também foi utilizado na ACIEPE “Refletindo sobre narrativas, formação e trabalho docente, com profissionais da educação no contexto da pandemia da COVID-19”.
IN2o12	Formação_Designados_Liderança	17/06/2020	LIDERANÇA: Experiências, narrativas e referências	No contexto da ação formativa realizada juntos a diretoras e diretores de escola; vice-diretoras e vice-diretores que atuavam como designados aos cargos, em substituição, ação essa descrita no Plano de Formação, fiquei responsável por garantir a formação sobre “liderança”. Esse material em <i>Power Point</i> traz um movimento narrativo a partir do que aprendi com as referências de liderança que fui constituindo ao longo da carreira profissional e percurso de formação. Para falar de cada um deles fui buscar fotos nas redes sociais, trazendo as experiências como memórias vivas.
IN2o13	Plano de Formação_Designados_Temas_complementares	30/06/2020	Reorganização plano de formação – temáticas pendentes Suporte pedagógico designados	Em continuidade a ação formativa realizada juntos a diretoras e diretores de escola; vice-diretoras e vice-diretores que atuavam como designados aos cargos, em substituição, ação essa descrita no Plano de Formação, percebeu-se a necessidade, retomar algumas temáticas que, seja por questões de agenda e cronograma ou por emergir no contexto das discussões de outros temas, propor uma extensão e reorganização da proposta, de forma a contemplar as seguintes temáticas: Diversidade; Projeto Político Pedagógico (PPP); Judicialização (vagas por mandados judiciais); Solicitação de materiais; Responsabilidade sobre o patrimônio; Documentação Pedagógica na Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos (EJA).
IN2o14	ACIEPE_Enfrentar_Incertezas_MORIN	07/07/2020	APRENDER A ENFRENTAR AS INCERTEZAS...	Enquanto doutoranda participei da organização da ACIEPE “Refletindo sobre narrativas, formação e trabalho docente, com profissionais da educação no contexto da pandemia da COVID-19”, ofertada pela UFSCar-So. Numa das reuniões de alinhamento e planejamento partilhei a experiência com as reuniões de equipe em que propus a reflexão sobre os impactos da pandemia a partir dos estudos de Edgar Morin (1999), com ênfase no 5º saber – aprender a enfrentar as incertezas. Me foi

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
				solicitado retomar o material utilizado para a realização do movimento feito junto às equipes das escolas, que supervisionava, e adequá-lo para apresentar no último encontro da ACIEPE.
IN2o15	Form_Desig_EJA_e_Encer	17/07/2020	Não apresenta.	Material produzido para anunciar o convidado que oportunizou algumas reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) na rede, bem como foi uma forma de agradecer e homenagear as pessoas que acompanharam e apoiaram o processo de execução da ação formativa, em especial a chefe da seção de formação continuada e a supervisora de ensino que dividiram as responsabilidades e tarefas comigo ao longo dos dois meses de formação.
IN2o16	Destaques_Palestra_Nóvoa	06/08/2020	Não se aplica.	Fichamento com destaques da Palestra: NÓVOA, Antonio. Desafios do Trabalho e Formação Docente. Palestra. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=sYizAm-j1rM&fbclid=IwAR256O4iEr43wR1bLqEhQvaoYJoYUG0G1NcdNsnOf_0uhDsDiwYTqaU-Kxs . Atividade da disciplina Concepções e Práticas Reflexivas em Educação, o material apresenta destaques das ideias desenvolvidas pelo referido autor.
IN2o17	Plano de Mediação_Discipl_Aspectos_Hist	10/08/2020	Não se aplica.	Plano de mediação feito para a disciplina “Formação de Professores: Aspectos Históricos, Políticos e Pedagógicos”. A proposta era apresentar reflexões sobre “O campo de pesquisa de formação de professores” a partir de referencial teórico anteriormente indicado e trazia as indicações de referências (material de apoio); exercício prévio à aula; os objetivos da aula; estratégias de apoio e exercício pós-aula; (PRODUÇÃO COLETIVA)
IN2o18	Roteiro_Aula_Discipl_Práticas Educativas	10/08/2020	O campo de pesquisa de formação de professores	Material em <i>Power point</i> utilizado para a aula do 10/08/2020 da disciplina “Formação de Professores: Aspectos Históricos, Políticos e Pedagógicos” visto a estratégia de mediação criada pelos estudantes indicados como responsáveis para desenvolver a aula naquele dia (IN2O02). Esse arquivo organiza os momentos da aula: acolhida; apresentação dos objetivos e da proposta de trabalho; e culmina com uma síntese das principais reflexões coletivas oportunizadas na aula. Posteriormente o material foi compartilhado com a turma. (PRODUÇÃO COLETIVA)
IN2o19	Integração_PEBI_Contexto_pandêmico	13/08/2020	INTEGRAÇÃO PEB I e PEB II - CLT	Material produzido para a integração de professores da Educação Básica que chegavam à rede pública municipal de educação de Sorocaba a partir de contratos temporários pela CLT. O momento da integração ocorreu remotamente, via Google Meet, e foi adaptado tendo incorporado ao material básico (súmula de atribuições e deveres dos servidores) as contribuições de Edgar Morin (1999), em especial o 5º saber – aprender a enfrentar as incertezas, do livro “Os sete saberes necessários para a educação do futuro.”
				Arquivo em <i>Power Point</i> em que organizo, para apresentação em aula, as reflexões feitas na narrativa produzida para a disciplina “Concepções e práticas reflexivas em

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2o20	ATIVIDADE3_Discipl_Práticas_Reflexivas	20/09/2020	Análise reflexiva crítica	educação” (IN2N11). A apresentação se dá a partir das contribuições de SMYTH, J. Una pedagogía crítica de la práctica en el aula. Revista de Educación. núm. 294 (1991), que problematiza: o que faço; os significados da minha ação; e, ainda, algumas reflexões sobre quem tem o poder diante da situação apresentada?; a que interesse minha prática está servindo; como me posiciono diante desses interesses, criticamente ou se estaria apenas reproduzindo-os.
IN2o21	O labirinto da tese	06/11/2020	O labirinto da tese: um conto sobre encontros e reencontros	Esse é um conto escrito e publicado no blog pessoal “Escrever me trata” com o objetivo de narrar os desafios que vinha sendo iniciar o Doutorado, em especial, a dificuldade de encontrar-me com a tese. O conto traz uma reflexão sobre a expectativa de que o percurso do Doutorado teria um cunho menos existencial que o Mestrado, visto o pensamento de que no Mestrado “havia aprendido a pesquisar”, logo o movimento do Doutorado seria puramente acadêmico.
IN2o22	Gramática_da_vida	08/11/2020	A GRAMÁTICA DA VIDA: um conto sobre os pontos	Meu <i>alter ego</i> Clara Luz propõe uma reflexão sobre as dificuldades de encerrar ciclos (pontos finais) e a expectativa de que sempre haja um “continuar” (reticências). A reflexão foi motivada a partir de uma conversa pelo WhatsApp das autoras da coletânea “Mulheres em Verso” e foi publicado no blog pessoal “Escrever me trata”.
IN2o23	Apreset_Orientação_Coletiva	12/11/2020	PROPOSTA DO PROJETO DE QUALIFICAÇÃO	Arquivo em PowerPoint que apresenta uma síntese das ideias da tese até o presente momento. O material foi apresentado aos orientandos da Professora Bárbara, em um movimento de orientação coletiva como encontro que encerrava o SEMINÁRIO DE PESQUISA, que contava crédito tal qual uma disciplina. A partir imagens, fotos e frases narro como cheguei no Doutorado e nas ideias que apresentaria; os desafios existenciais também são pautados e apresento o conto “O LABIRINTO DA TESE”; narro minha busca por responder “Porque quero escrever uma tese” e o encontro com a Professora Passeggi que me ajuda a compreender o direito de escrevê-la; apresento recorte de conversas no WhatsApp que demonstram os medos do percurso e, por fim apresento uma proposta de tema/tese: Da autoria à pesquisa cidadã: potências de um grupo de pesquisa ; <i>A partir do método biográfico narrativo, defenderei a tese de que o NEPEN, enquanto espaço e tempo de pesquisa e estudos estruturados, que promove a aproximação da universidade com profissionais das escolas de educação básica, oportuniza um movimento de pesquisa formação na perspectiva do desenvolvimento profissional que oportuniza a realização de “pesquisa cidadã” A ideia é desenvolver o conceito (de “pesquisa cidadã pesquisador cidadão” a partir das contribuições do Prof Joaquim Barbosa 2000 que trabalha com o “autoria cidadã autor cidadão”;</i> apresento ainda os objetivos e perspectivas de organização e estruturação do texto.
				Trata-se de um arquivo em que todas as conversas trocadas no grupo do NEPEN,

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2o24	Memórias_Whats_App	13/12/2020	Não se aplica	no <i>WhatsApp</i> , no período de 05 de março a 13 de dezembro de 2020 foram printadas. É um material extenso que demonstra o compartilhamento de referências para leituras; indicações de lives entre comentários do cotidiano pessoal, profissional e acadêmico dos integrantes. Importante destacar que em 2020 a humanidade foi assolada pela pandemia da COVID-19 e, considerando que havia a ideia de tomar o NEPEN como objeto de investigação, entendeu-se que esses registros, enquanto recorte do período pandêmico, poderia vir a compor o corpus da pesquisa, levando em conta os rumos que seus contornos tomassem.
IN2o25	Plano de Formação_Integrações_SEDU	28/12/2020	Projeto: Integração/inserção profissional dos Servidores da secretaria da educação	Produção em parceria com outros dois supervisores de ensino para atender solicitação da Secretaria de Recursos Humanos (SERH). As ações de integração dos servidores que passavam a fazer parte do quadro funcional da Secretaria da Educação (SEDU) sempre foram feitas a partir de ações pontuais, tendo a supervisão de ensino como principal executora. Com a solicitação da SERH foi pensada uma proposta que fosse além de um encontro de “acolhimento”, mas sim oportunizasse um movimento de integração com características que pudessem ser ampliadas visando a inserção profissional de quem chega à rede pública municipal de educação, em especial, aquelas e aqueles que assumem cargos efetivos. O projeto apresenta uma justificativa destacando a importância dos processos de Integração e Inserção Profissional, bem como a fundamentação teórica que balizou a definição da proposta; os objetivos do projeto (geral e específicos); o plano de ação para seu desenvolvimento, em duas fases, integração e inserção profissional, respectivamente; público-alvo com a indicação da quantidade de cargos a serem providos, visando a necessidade da rede, considerando o que estava previsto nos últimos editais dos concursos em fase de finalização; propostas de organização temática das discussões, bem como sugestão de cronograma de realização da Fase 1 (integração) e, indicativos para organização e realização de forma híbrida (<i>online</i> e presencial) da Fase 2 (inserção), considerando o cenário pandêmico que ainda não se mostrava totalmente superado no momento em que o projeto é concluído.
IN2o26	TUTORIAL_Marcadores_Revisor_Word	16/01/2021	TUTORIAL PARA UTILIZAR O MARCADOR DE REVISÕES DO WORD	No contexto da realização do “Projeto D – Dissertolândia: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação” percebi a necessidade de ajudar os participantes a utilizarem e compreenderem como funciona e quais são as ferramentas disponíveis do “revisor” do editor de textos <i>Word</i> . O tutorial é todo ilustrado e mostra as principais ações e ferramentas do referido editor, com ênfase aos marcadores, que são recursos que permitem que uma ou mais pessoas deem sugestões ao texto escrito utilizando o <i>Word</i> , enquanto editor de textos, sem necessariamente alterar o que o AUTOR escreveu, exceto se o mesmo dê um

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
				comando para validar as sugestões feitas. Embora o material tenha sido desenvolvido no contexto do “Projeto – D”, foi compartilhado com diversos outros espaços.
IN2o27	Vinte_Marias	06/02/2021 PUBL	20 Marias em um grito São Paulo	Trata-se de um conjunto de quatro poemas publicados na coletânea “20 Marias em um grito – SP”. <u>Filho, amor maior que o mundo!</u> e <u>Corpo & Alma</u> , foram adaptados escritas anteriormente publicadas no blog pessoal “Escrever me trata”; <u>Para povoar sua imaginação</u> e <u>Grito Brasil</u> , também foram adaptações de escritas antigas.
IN2o28	PD_CRONOG RAMA	13/03/2021	PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação	Desde que fiz o Mestrado venho organizando materiais que contemplam estratégias de estudos e sistematização da escrita de Projetos de Pesquisa. Ao todo eram aproximadamente sete arquivos que apresentavam as principais características dos elementos de um Projeto de Pesquisa, tendo como referência fundamental as aulas de Metodologia do Trabalho Científico, cursada no primeiro semestre do Mestrado. Esse material balizou o movimento de apoiar algumas amigas a construírem seus projetos para participarem de processos seletivos para acesso ao Mestrado e, recorrentemente me solicitavam a partilha dos mesmos. Em 2020, uma supervisora de ensino, da rede pública municipal de educação de Sorocaba, ofertou/realizou uma ACIEPE junto aos Orientadores Pedagógicos (OP), como estratégia de produção de dados para sua dissertação. Nessa ação, muitos dos OP pediram dicas e orientações sobre como fazer um projeto de pesquisa para acessarem o Mestrado. Para além de partilhar o material que havia organizado, essa supervisora me pediu para que os sistematizasse e ofertasse um curso para as OP. No início de 2021 realizamos a primeira experiência do que chamei “Projeto D” – “D” de “Dissertolândia” e de “Denise”, uma das professoras que mais motivava à realização da ação. Esse movimento foi repetido, no ano seguinte, em parceria com a Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Sorocaba (SSPMS), sendo que o “Cronograma” apresenta a ementa do curso; a carga horária; a justificativa; os objetivos; e, o planejamento detalhado, com os assuntos e as temáticas de cada um dos encontros.
IN2o29	Poema_ andarilhagens	24/04/2021	Andarilhagens	Poema construído durante o último encontro do Curso de Extensão sobre Cartas Pedagógicas (UNIPAMPA) a partir das reflexões oportunizadas pela Prof ^a . Ana Lúcia Souza de Freitas sobre o termo “Andarilhagens”.
IN2o30	Palestra_Limit es_Possibilida des_Estágio_	11/05/2021	ESTÁGIO E FORMAÇÃO: limites e possibilidades	Material em <i>Power Point</i> organizado para uma conversa/palestra na Semana de Pedagogia, da Universidade Paulista (UNIP), a convite da coordenação do curso. Adaptado a partir da organização de um outro momento parecido, junto aos estagiários remunerados da rede pública municipal de educação de Sorocaba, em 2017, as reflexões oportunizadas perpassam pelos fatos históricos que envolvem o “aparecimento” da figura de estagiários; bem como algumas características

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
	UNIP			conceituais do estágio na formação docente. Os estudos do Mestrado aparecem nessa produção, visto que meu objeto de pesquisa foi um programa de estágio remunerado.
IN2o31	OU ISTO OU AQUILO – Memorial_UFF	16/05/2021	Ou isto ou aquilo	Adaptação do poema de Cecília Meireles “Ou isto ou aquilo”, na perspectiva de fazer uma reflexão sobre a abordagem (auto)biográfica. Atividade realizada na disciplina “Pesquisa narrativa (auto)biográfica em educação e formação de professores/as” (UFF).
IN2o32	Texto_Pré_Quali	17/05/2021	Do sujeito em formação à pesquisadora-autora-cidadã: potências de um grupo de pesquisa	Texto escrito para o exercício de Pré-Qualificação, com arguição feita por membros do NEPEN. Já estruturei o texto no formato de como deve ser apresentado no momento do Exame de Qualificação. A abertura é uma Carta de apresentação - De sujeito em formação à pesquisadora escrita a partir de um exercício de bricolagem de narrativas e produções realizadas no contexto do Doutorado; na sequência apresento uma Carta Introdução – em que anuncio os contornos da pesquisa (tema, problema, objetivos, referenciais e metodologia); No “Diário de Pesquisa 1. Referencial teórico-metodológico: primeiros esboços” apresento, no formato de verbetes alguns dos conceitos-chaves da tese; No “Diário de Pesquisa 2. Estrutura organizativa da tese: possibilidades” uma proposta de organização textual com a previsão de um possível sumário; e, como última sessão apresento uma “Carta das considerações provisórias: um convite à continuidade” que indicam algumas questões na perspectiva de propor o diálogo com os arguidores, além das “Referências” utilizadas.
IN2o33	Apresentação_Pré_Quali	20/05/2021	ENTRE EMBRIÕES E AFETOS: O GESTAR DE UMA TESE	Trata-se de um material em <i>Power Point</i> organizado para apresentar o texto escrito para o exercício da Pré-Qualificação. Nele a ideia do “gestar a tese” aparece, mas não com a força metafórica que vai ganhar mais tarde. Por meio de fotos, imagens e figuras compartilho o conteúdo do texto acima referido.
IN2o34	PD_PRÉ-ENCONTRO DISSERTOLÂNDIA	07/06/2021	Não apresenta.	Trata-se de um material em <i>Power Point</i> organizado para explicar a proposta do “PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação.”. Chamado de “pré-encontro” e utilizando o <i>Google Meet</i> como recurso de gravação, produzi um vídeo em que apresento os contornos gerais da proposta do curso, bem como o que esperar em cada um dos encontros.
IN2o35	PD_GT 08_ANPED_m	13/06/2021	PESQUISA EXPLORATÓRIA – GT 08	Considerando que o foco de interesse do curso e dos participantes são os programas de pós-graduação em educação, como forma de contribuir com o processo de pesquisa exploratória dos temas, em um dos materiais desenvolvidos e disponibilizados são dadas indicações de como realizar pesquisa exploratória para a aproximação com temas de interesse. Uma das fontes sugeridas, além do Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e o Catálogo da CAPES é Associação

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
	apeamento de trabalhos		– REUNIÕES ANUAIS DA ANPED	Nacional de Pesquisa em Educação (ANPED), por meio dos artigos publicados pelos Grupos de Trabalho (GT) em suas reuniões anuais. No intuito de contribuir com a experiência desse movimento de aproximação com temas de interesse, organizei uma tabela com todos os trabalhos publicados no GT 8 “Formação de Professores”. As colunas trazem o título, os autores, e os <i>links</i> para acesso, tanto dos resumos quanto dos artigos na íntegra.
IN2o36	PD_Pesq_Exploratória_exemplo_orient_exercício	13/06/2021	Não apresenta.	Material que apresenta uma proposta de exercício, a partir de um exemplo de como “fichar” um artigo no movimento da pesquisa exploratória com destaque a importância de registrar a referência e local de acesso; qual o temática central do artigo e os principais conceitos abordados; objetivos do artigo e/ou da pesquisa abordada nele; a metodologia utilizada; os principais referenciais teóricos; contexto sócio histórico do momento em que a pesquisa foi desenvolvida; excertos que possam ser utilizados como citações diretas e algumas perguntas que podem balizar o movimento exploratório, com perspectivas de contribuir com a construção de um projeto de pesquisa. Esse material foi produzido com base nas atividades propostas pela minha orientadora, no período do Mestrado.
IN2o37	PD_ENCONTRO1_Intr_Cenário_PG	17/06/2021	Não apresenta.	Material em <i>Power Point</i> que organiza as reflexões temáticas do primeiro encontro do “PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação.”: conhecer o cenário da pesquisa qualitativa, no Brasil, na área da Educação; conhecer os níveis de pesquisa <i>stricto sensu</i> ; reflexões sobre as condições para cursar um programa de Mestrado; apresentação de alguns programas de Mestrado na região metropolitana de Sorocaba; propor um exercício prático para iniciar uma pesquisa exploratória.
IN2o38	PD_PPGEs_Região	17/06/2021	EXPLORANDO OS SITES DOS PPGEds DE SOROCABA E REGIÃO	Considerando o contexto do “PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação.” fiz um mapeamento dos Programas de Pós-Graduação da cidade e da região e produzi uma tabela com os links dos sites desses PPGEs. A orientação dada, enquanto uma das atividades do Pré-Encontro, era para que entrassem nos sites e verificassem as características dos programas, as linhas de pesquisas, quem são e o que pesquisam os professores, de forma a contribuir com o acesso a informações sobre processos seletivos; disciplinas para cursar como aluno especial, entre outras informações que os sites disponibilizam.
IN2o39	PD_ENCONTRO2_Pesq_Q	30/06/2021	ENCONTRO 2 – O PROJETO DE	“Material em <i>Power Point</i> que organiza as reflexões temáticas do segundo encontro do “PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação.”: retomar o texto referência do encontro que tratava das características das pesquisas qualitativas; conhecer o que é e quais

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
	uali_Tema_Problema		PESQUISA	são os elementos de um projeto de pesquisa; aprender como se definem os temas e como se faz a sua (de)limitação; aprender como construir um problema de pesquisa.
IN2o40	PD_Proj_Pesq_Mat_Complementar	01/07/2021	PROJETO DE PESQUISA	Com base nas aulas da disciplina “Metodologia Científica”, cursada no Mestrado, uma primeira versão desse material foi produzido quando da minha atuação na pós-graduação <i>lato sensu</i> e foi pensado para reunir e apresentar as características de cada um dos elementos de um Projeto de Pesquisa. No contexto do curso “PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação.” retomo e amplio o material de forma que, para além de ser informativo/explicativo, possibilite conhecer, a partir de um exemplo as referidas característica.
IN2o41	PD_EXERC_Escrita_Tema	30/06/2021	Exercício para definição e delimitação do tema de pesquisa	A cada encontro do “PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação” era disponibilizado um material de apoio que convidava a um exercício prático de escrita do elemento estudado no encontro. O primeiro foi para escrever o tema e sua delimitação a partir de uma pesquisa exploratória. O exercício consiste em registrar, a partir dos fichamentos dos artigos lidos na pesquisa exploratória, as seguintes reflexões: Quem são os autores desse texto? De que lugar eles falam? O que dizem sobre o assunto? Como elaboraram suas pesquisas? - metodologias Que resultados obtiveram? Você concorda com eles? – justifique sua resposta Que avanços apresentam ao tema? Quais aspectos ainda não foram discutidos? Qual a relação do seu trabalho, da sua proposta de pesquisa com os deles? Depois disso, o segundo momento do exercício oportuniza um movimento de análise da pesquisa exploratória: Qual perspectiva do tema já está saturada de pesquisa? – tem muita pesquisa e pesquisar sobre isso será “falar mais do mesmo”; Qual perspectiva do tema não tem praticamente nenhuma pesquisa? – e querer pesquisar sobre isso significa “caminhar insolitamente”, sozinho, sem referenciais; Qual perspectiva do tema oferece um referencial razoável, mas carece de ser ampliado? Por fim, a última etapa consiste na escrita, em um parágrafo, de uma primeira versão do tema já delimitado.
IN2o42	PD_Exerc_Tema_problema	30/06/2021	Exercício para a escrita do problema de pesquisa	A cada encontro do “PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação” era disponibilizado um material de apoio que convidava a um exercício prático de escrita do elemento estudado no encontro. O primeiro foi a escrita e delimitação do tema a partir de uma pesquisa exploratória; esse material integra o segundo encontro e propõe a retomada do tema e sua delimitação e orienta a escrita do problema de pesquisa, a partir de um exemplo prático.

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2o43	PD_ENCONTRO3_Just_Obj_Ref_Teor	14/07/2021	ENCONTRO 3 - O PROJETO DE PESQUISA (continuação): objetivos, justificativa e referencial teórico	Material em <i>Power Point</i> que organiza as reflexões temáticas do terceiro encontro do “PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação”: Retomar os textos sugeridos como leitura prévia; apresentar a finalidade e definição de objetivos: geral e específicos; conhecer as características de uma “justificativa” em um projeto de pesquisa para o Mestrado; compreender qual a diferença entre “Referencial Teórico”, “Referencial Teórico metodológico” e “Metodologia”.
IN2o44	PD_Características_Exercício_OBJ_JUST	14/07/2021	Objetivos e Justificativa: características e atividade prática de escrita	No contexto do curso “PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação” esse material foi produzido visando apresentar uma síntese das características dos objetivos (geral e específicos), bem como da justificativa (em três dimensões: pessoal, social, acadêmica) de um Projeto de Pesquisa, para além de, visando um exercício prático, apresentar uma tabela que sistematiza o registro do desenvolvimento de escrita de cada um desses dois elementos.
IN2o45	PD_Narrativa-justificativa_ORIENTAÇÕES	14/07/2021	A narrativa como justificativa no Projeto de Pesquisa: ORIENTAÇÕES	No contexto do curso “PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação” esse material foi produzido visando apresentar, enquanto possibilidade, orientações para que uma justificativa seja estruturada a partir de uma narrativa. Para cada uma das dimensões de uma justificativa são feitas provocações para balizar e “orientar” a escrita, a saber: PESSOAL sob a ótica do “Desvelar de Si; SOCIAL a partir do “Percurso Escolar, Acadêmico e Profissional; ACADÊMICO por meio da reflexão “O tema, a academia e as pesquisas já realizadas”.
IN2o46	PD_EXERC_c onc_concepções_REF_TEO RICO	14/07/2021	Exercício para a escrita do Referencial Teórico	No contexto do curso “PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação” apresento, nesse material, uma proposta de exercício para a escrita de um esboço inicial do Referencial Teórico, enquanto elemento do Projeto de Pesquisa. Sugiro a retomada da escrita de cada um dos elementos trabalhados anteriormente (assunto, tema, delimitação do tema, problema, objetivos – geral e específicos e justificativa) e, a partir da retomada da sistematização/fichamento dos materiais lidos na pesquisa exploratória, oriento que os principais conceitos, concepções e ideias essenciais sejam destacadas em uma tabela, na perspectiva de identificar quais serão as fontes que serão utilizadas na escrita do Referencial Teórico. O material integra as orientações para a realização da atividade, um exemplo e uma tabela em branco para o exercício propriamente dito.
	PD_Lista_con	14/07/2021	LISTA DE CONECTIVOS PARA INICIAR	Trata-se de uma lista de conectivos, iniciada na graduação, que visa auxiliar a escrita de textos acadêmicos, no requisito coerência/coesão, principalmente, entre os

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2o47	ectivos_esc_a cadêmica		PARÁGRAFOS DE TEXTOS CIENTÍFICOS	parágrafos. Recorrentemente retomo e amplio a lista, sendo que para o “PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação.” fiz a última atualização.
IN2o48	Integração_Su porte_Pedag	20/07/2021	A função social da escola, a Liderança Democrática e Participativa na relação com as Atribuições do suporte pedagógico	Material produzido para a integração de novos servidores que assumiam cargos efetivos, de suporte pedagógico (supervisores de ensino, diretores, vice-diretores e orientadores pedagógicos) na rede pública municipal de educação de Sorocaba. Arquivo em <i>Power Point</i> produzido para integrações cujo foco temático sejam os documentos oficiais e ações sistemáticas da rede pública municipal de educação de Sorocaba (Marco Referencial, a Avaliação Institucional e Projeto Político Pedagógico) Por meio de reflexões a partir das minhas experiências com os temas e ações acima citados; reflexões sobre a função social da escola na contemporaneidade (a partir de imagens das ilustrações de Powell Kuckzinsk); reflexões sobre os saberes necessários para lidar com a incerteza (MORIN, 1999) – acrescentado no período da pandemia; pensar sobre que escola queremos? que sujeitos queremos formar nessa escola que queremos? E, por fim, um olhar detalhado aos contornos do Marco Referencial (O que é um Marco Referencial? para que serve? como ele se faz presente na Prática pedagógica da sala de aula?); do PPP, a partir do Caderno de Orientações nº 5 “Diretrizes para a construção do PPP”; da Liderança democrática e participativa na relação com o processo de construção do PPP e da avaliação institucional.
IN2o49	PD_E4_Metod _Cronogr	28/07/2021	ENCONTRO 4 O PROJETO DE PESQUISA: metodologia e cronograma	Material em <i>Power Point</i> que organiza as reflexões temáticas do quarto encontro do “PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação.”: conhecer metodologias e técnicas de produção de dados que possam vir a compor um projeto de pesquisa; apresentar o cronograma – do planejamento à execução da pesquisa; apresentar as diferenças e utilização para: Referências Bibliográficas, Referências ou Bibliografia; conhecer uma proposta de <i>template</i> , com comentários explicativos, de um Projeto de Pesquisa.
IN2o50	PD_Exercício_ Metodologia	27/07/2021	EXERCÍCIO PARA A ESCRITA METODOLOGIA	A cada encontro do “PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação.” era disponibilizado um material de apoio que convidava a um exercício prático de escrita do elemento estudado no encontro. O primeiro foi a escrita e delimitação do tema; o segundo retomava o tema e trazia a proposta de escrita do problema de pesquisa; o terceiro apontava para a escrita da justificativa e dos objetivos, sendo que nesse material era solicitada a escrita da metodologia a partir de uma tabela em que deveriam ser registrados: a metodologia; o referencial que fundamenta a escolha, no sentido de indicar qual a concepção da metodologia – o que é essa metodologia – segundo qual(is)

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
				autor(as/es)? e, por fim, as técnicas para produção dos dados.
IN2o51	PD_Exerc_cronograma	27/07/2021	Exercício para ajustar o cronograma de execução da pesquisa	A cada encontro do “PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação.” era disponibilizado um material de apoio que convidava a um exercício prático de escrita do elemento estudado no encontro.
IN2o52	Integração_PE B I	04/08/2021	Docência na educação básica: atribuições do P.E.B. I – na rede Pública municipal de Sorocaba	Material produzido para a integração de Professores da Educação Básica I que atuam na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental), com foco temático na súmula de atribuições que apresentada após uma reflexão sobre “A docência: ser professora e professor na contemporaneidade. O contexto pandêmico também aparece como desafio à docência, considerando as contribuições de Edgar Morin (1999), no pensar a importância de aprender a enfrentar as incertezas. O material é finalizado com uma narrativa acerca da apresentação de uma das referências trazidas da/na docente, considerando minha trajetória profissional.
IN2o53	PD_E5_Escrita_Acadêmica	04/08/2021	ENCONTRO 5 O PROJETO DE PESQUISA: escrita acadêmica	Material em <i>Power Point</i> que organiza as reflexões temáticas do quinto encontro do “PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação.”: dicas sobre escrita acadêmica e exploração da referência FERREIRA, Naura Syria Carapeto. Gestão do conhecimento: da produtividade a humanização da formação. Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional, v. 2 n. 3 (2007).
IN2o54	PD_Projeto_Pesq_Mestrado_Template	27/08/2021	Não apresenta.	Material em arquivo do <i>Word</i> (editor de texto) apresenta uma sugestão de <i>template</i> de um Projeto de Pesquisa com foco no Mestrado. Cada um dos elementos do projeto, além da capa, folha de rosto e sumário aparecem em formato editável e com anotações autoexplicativas fundamentadas nas discussões feitas nos encontros do “PROJETO “D” - DISSERTOLÂNDIA: do pensar ao escrever um Projeto de Pesquisa para o Mestrado em Educação.”.
IN2o55	Palestra_GESTÃO EM SALA DE AULA - ATPC	28/09/2021	Gestão em sala de aula	Material produzido para atender a convite mediado pela Faculdade Anhanguera de Itapetininga que, em articulação à Diretoria Regional do Estado daquele município, promoveu um encontro de Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC), com professores da rede pública estadual de ensino. A “encomenda” era uma reflexão sobre “Gestão em sala de aula”. Utilizando produções anteriores e novos estudos esse material em <i>Power Point</i> propõe reflexões sobre: o pensar a educação; o pensar a escola pública; o pensar a docência; e, o pensar a sala de aula.
IN2o56	Mulheres_em verso	30/09/2021	Mulheres em verso	Mulheres em versos é uma coletânea produzida em parceria com outras autoras, a convite da escritora cearense Marilac Anselmo. Publicizo dois poemas. O primeiro, inédito e escrito especialmente para a coletânea, “ <i>Mulher começa com a letra “T”</i> ” e o segundo, “ <i>Sexo antes, depois é depois...</i> ” adaptado de um poema escrito há muito

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
				tempo, apresentam a assumem a libido feminina numa conotação de escritos secretos de outrora.
IN2o57	Fichamento_Delory_2006	06/10/2021	Não se aplica.	Fichamento do artigo: DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projetos. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006 – apresentação das principais ideias do artigo, bem como excertos para utilização em citações diretas.
IN2o58	Fichamento_Passeggi_2020	06/10/2021	Não se aplica.	Fichamento do artigo: PASSEGGI, M. C. Reflexividad narrativa: “vida, experiencia vivida y ciencia” Márgenes, Revista de Educación de la Universidad de Málaga, 1 (3), 91-109. Año 2020 – apresentação das principais ideias do artigo, bem como excertos para utilização em citações diretas.
IN2o59	Fichamento_Minayo_Reflexividade	14/10/2021	Não se aplica.	Fichamento do artigo: Minayo, Maria Cecília de Souza e Guerriero, Iara Coelho Zito. (2013) Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. – apresentação das principais ideias do artigo, bem como excertos para utilização em citações diretas. Fichamento feito a partir de discussões realizadas no NEPEN.
IN2o60	Fichamento_Manuela_Esteves	14/10/2021	Não se aplica.	Fichamento do artigo: ESTEVES, Manuela. Para um desenvolvimento profissional do professor ao longo da vida. (2014) Revista Educação em foco (UMG). Ano 17 - n. 23 - julho 2014 - p. 17-44 – apresentação das principais ideias do artigo, bem como excertos para utilização em citações diretas. Atividade realizada na disciplina “Pesquisa narrativa (auto)biográfica em educação e formação de professores/as”, enquanto aluna especial da UFF.
IN2o61	Destaques_Certeau	26/10/2021	Não se aplica.	Fichamento com os principais destaques da referência: FERRAÇO, C.E., SOARES, M.C.S., AND ALVES, N. <i>Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação</i> [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018, 109 p. Atividade realizada, enquanto aluna reguila da disciplina Paul Ricoeur e outros.
IN2o62	Fichamento_Texto_Mairce	03/11/2021	Não se aplica.	Fichamento do artigo: ARAÚJO, Mairce. Cenas do cotidiano de uma escola pública: olhando a escola pelo avesso. Artigo publicado em GARCIA, R.L. (org.) Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2003. Disponível em: www.uff.br – apresentação das principais ideias do artigo, bem como excertos para utilização em citações diretas. Atividade realizada na disciplina “Pesquisa narrativa (auto)biográfica em educação e formação de professores/as”, enquanto aluna especial da UFF.
IN2o63	Fichamento_Texto_Regina_L_Garcia	03/11/2021	Não se aplica.	Fichamento do artigo: GARCIA, Regina Leite. A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. – apresentação das principais ideias do artigo, bem como excertos para utilização em citações diretas. Atividade realizada na disciplina “Pesquisa narrativa (auto)biográfica em educação e formação de professores/as”, enquanto aluna especial da UFF.

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2o64	A escola - adaptado – Relatoria_UFF	17/11/2021	A escola	Adaptação do poema “A escola”, que embora seja creditado à autoria de Paulo Freire, ele não reconhece. Há registros de que uma professora lhe entregou um manuscrito com esse poema ao final de uma palestra e que, embora tenha buscado a identidade da autora não conseguiu. Essa adaptação compôs a relatoria da apresentação dos Memoriais de Formação produzidos na disciplina “Pesquisa narrativa (auto)biográfica em educação e formação de professores/as” (UFF).
IN2o65	METÁFORA_ Encerramento _UDELAR	20/11/2021	<i>Sol no conocía el (auto)biográfico</i>	Adaptação do poema “ <i>Diego no conocía el mar</i> ” de Eduardo Galeano. Essa “reescrita” foi apresentada como metáfora para atender comanda de trabalho para o Encontro de Encerramento do Seminário Abordaje narrativo, biográfico y autobiográfico en la investigación educativa (UDELAR/Uruguay). Nela apresento, na mesma perspectiva de Eduardo Galeano, a ideia do “me ajuda a olhar”, tendo como conotação o movimento de conhecer a pesquisa (auto)biográfica.
IN2o66	COREPIR_RE LATÓRIO FINAL_Versão Preliminar	13/02/2022	Relatório Final COREPIR (versão preliminar)	Proposta de Relatório Final feito em contribuição à Comissão Organizadora do V COREPIR - Conferência Regional de Promoção da Igualdade Racial (Região Sorocaba). Para além das discussões e reflexões oportunizadas na/pela conferência o relatório, em sua introdução, traz um texto narrativo das ações e articulações desenvolvidas pela comissão organizadora.
IN2o67	COREPIR_Análise_Documental	05/03/2022	CENÁRIO DAS DISCUSSÕES E REGISTROS – GTs E PLENÁRIA FINAL	Material produzido a partir de Análise Documental para contribuir com a V COREPIR - Conferência Regional de Promoção da Igualdade Racial (Região Sorocaba) “CENÁRIO DAS DISCUSSÕES E REGISTROS – GTs E PLENÁRIA FINAL.
IN2o68	Palestra_CONAE_abertura_Araçoiaba	29/04/2022	INCLUSÃO, EQUIDADE E QUALIDADE: compromissos com o futuro da educação brasileira	Considerando meu vínculo institucional como doutoranda Do PPGE da UFSCar-So, fui convidada a participar da abertura da Conferência Nacional de Educação (CONAE/2022) organizada pela rede pública municipal de educação de Araçoiaba da Serra, envolvendo outros cinco municípios da região. Esse material em <i>Power Point</i> organiza as ideias e reflexões daquela manhã, a partir do questionamento “ <i>Como minha participação na CONAE/2022 pode contribuir para a garantia do direito das crianças brasileiras, em especial daquelas que são das cidades aqui representadas, a terem acesso a uma educação Inclusiva, equânime e de qualidade?</i> ”. A palestra se desenvolve de forma a pensar/refletir sobre QUATRO PENSARES: “ <i>I. pensar a educação; II. pensar a escola pública; III. pensar a docência; IV. pensar a sala de aula</i> ” e UM DESAFIO: “ <i>Compreender A INCLUSÃO, A EQUIDADE e A QUALIDADE como direitos!</i> ” – esses movimentos são impulsionados a partir de experiências e acontecimentos da minha história de vida que vão sendo articulados com pressupostos teóricos que envolvem conceitos e estudos sobre identidade docente, trabalho e profissionalização docente.

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2o69	Anúncio_poético	16/05/2022	Manifesto	É um “anúncio poético” que a autora faz, ao abrir o relatório da tese em desenvolvimento, apresentado à banca do exame de qualificação. É, na verdade, uma reescrita da letra de uma música de “Oscar Jara” que marca a aproximação da autora com a cultura latina no percurso do Doutorado.
IN2o70	EJA_Formação_Marco_Referencial	22/06/2022	Marco Referencial da Rede Pública Municipal de Educação de Sorocaba	Considerando minha participação no processo de revisão e publicação do Marco Referencial (SOROCABA. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Marco Referencial da Rede Pública Municipal de Educação de Sorocaba, 2016.) fui convidada a realizar uma formação com as professoras e professores que atuam na rede pública municipal de educação de Sorocaba, no segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Retomando materiais anteriores, produzi esse arquivo em <i>Power Point</i> que apresentou a contextualização do processo de revisão do MR, bem como uma exploração do documento em si, a partir da sua organização estrutural, com ênfase às principais ideias e conceitos de cada eixo temático, a saber: EIXO 1 - sociedade e escola sob a ótica da democracia; EIXO 2 - a constituição do sujeito; EIXO 3 – o currículo para uma escola democrática; EIXO 4 - formação e condição de trabalho dos profissionais da educação.
IN2o71	Livro_Ensaio_sobre_a_maternidade	14/08/2022	Sobre não estar preparada para ser desnecessária: um conto sobre a maternidade real	A narrativa, que já havia sido publicada no blog pessoal “Escrever me Trata!” foi adaptado para compor a produção coletiva e independente intitulada “Ensaio sobre a maternidade”. A proposta do projeto foi da autora da tese e o mesmo foi implementado em parceria com a Editora Ser Poeta, uma editora pernambucana com sede em Moreno.
IN2o72	Espaço_Maker_Duljara_CONTO	15/08/2022	ESPAÇOS E GENTES: um conto sobre escolas, pontes e asas	Uma das escolas do setor supervisionado inaugurou, atendendo a um projeto da Secretaria da Educação, uma sala chamada “Espaço Maker”. Esse espaço contempla a expectativa de um ensino inovador, em que as/os estudantes sejam protagonistas. Convidada a participar da cerimônia de inauguração, o diretor solicitou que eu escrevesse um texto para ser lido no evento. Considerando as características do espaço escrevi um conto, tendo meu <i>alter ego</i> , Clara Luz como personagem principal. Exponho algumas memórias dos laboratórios escolares da minha infância e parabeno a escola por ousar, mesmo tendo uma estrutura engessada, propor espaços alternativos ao atendimento das crianças.
IN2o73	De_caverna_a_jardim_CONTO	15/08/2022 PUBL.	De caverna a jardim: os segredos dos olhos de Luiza	Este conto, escrito e publicado, primeiramente no blog pessoal “Escrever me Trata!” apresenta perspectivas da minha história de vida sob a ótica de um <i>alter ego</i> , “Luiza”. O foco da escrita são alguns dilemas da infância que emergiram no processo de acompanhamento terapêutico iniciado em 2018, sinalizando a necessidade de serem olhados e cuidados. Alguns desses dilemas e desafios reaparecem no contexto das escritas reflexivas no período do Doutorado, motivando a escrita do conto.

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
IN2o74	Apresentação_QUALI	16/08/2022	Documentação biográfico narrativa em espaços de pesquisa-vida-formação: um diálogo da pesquisadora-autora-cidadã com as trajetórias acadêmicas de mulheres docentes	Trata-se de apresentação feita em Power Point com a apresentação feita no Exame de Qualificação. Nele situo a gestação como metáfora condutora da tese; apresento a organização do texto em que os capítulos cedem lugar a três momentos: MOMENTO I - Da concepção ao primeiro trimestre: contextos e referenciais teóricos Anúncio poético - do “descobrir-se grávida”; NARRATIVA 2 - O cordão umbilical da tese: sobre os encontros e reencontros com os referenciais teóricos; NARRATIVA 3 - Constituir-se pesquisadora: sobre trajetórias (im)prováveis e mulheres docentes; NARRATIVA 4 – Diálogos entrecruzados I: a pesquisa (auto)biográfica, um espaço de pesquisa-vida-formação (NEPEN) e autoria; NARRATIVA 5 - Diálogos entrecruzados II: documentação biográfico narrativa, as Cartas Pedagógicas e Paulo Freire: PRESENTE!; MOMENTO II - 2º trimestre: ultrassom morfológico (percurso metodológico e primeiros achados): Diário de Pesquisa 1 – Percurso metodológico - andaimos metodológicos: dos caminhos percorridos; Perspectivas metodológicas: caminhos a percorrer; Inventários: os primeiros achados; Dez anos de NEPEN: uma história de pesquisa-vida-formação; MEMORIAL – Produzir ciência, produzir a vida: diálogos sobre autoria no gestar uma tese; MOMENTO III – Do 3º trimestre ao parto: Carta-Convite ao devir.
IN2o75	EJA_Orient_Comanda_Narrativa	07/10/2022	ORIENTAÇÕES PARA A PRODUÇÃO DA NARRATIVA	Material produzido para orientar professoras e professores sobre o convite à escrita de narrativas, contemplando reflexões sobre: o que é uma narrativa (auto) biográfica na perspectiva da formação docente? Qual a estrutura de um texto narrativo?; o material apresenta ainda uma “comanda” que sugere questões a serem contempladas nas narrativas a serem produzidas: a) O desvelar de si: Quem é o narrador? De onde ele vem? A que contexto sociocultural pertence? Qual seu percurso profissional? Como se deu sua aproximação com a docência na EJA?; b) Aprendizagens preliminares: Que/Qual atividade você enviou para integrar o Caderno do Currículo da EJA? Por que escolheu essa atividade? Como responderia a pergunta: O que atuar na EJA fez comigo enquanto profissional docente e cidadão?; c) Aprendizagens potencializadas: O que significou contribuir e protagonizar a escrita do Caderno do Currículo da EJA? Quais suas expectativas e alcances esperados para esse documento? Como responderia a pergunta: E agora, o que faço com o que o trabalho na EJA fez comigo?
IN2o76	CL_Lugares_de_Ler_CONTO	10/10/2022	SOBRE OS ENCANTOS DA LEITURA: um conto	A Secretaria Municipal de Educação (SEDU), espaço em atuo como supervisora de ensino, tem um projeto intitulado como “Lugares de Ler”. No viés do projeto foi feito o lançamento de uma carreta itinerante, que levaria a “Magia da Leitura” a várias unidades em que, por falta de espaço físico, ainda não havia sido contemplada com o projeto. A gestora de desenvolvimento educacional (GDE), responsável pelas

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
			para novos personagens das histórias e da vida	ações me solicitou que escrevesse um texto para a cerimônia de lançamento da carreta. Mais uma vez, tendo meu <i>alter ego</i> Clara Luz como personagem principal, faço uma reflexão sobre os encantos da leitura, trazendo para o cenário o Caê, meu neto, e Manoel de Barros em “ <i>O apanhador de desperdícios</i> ”.
IN2o77	Sobre ser professora_SE DU	11/10/2022	Sobre ser professora...	A Secretaria Municipal de Comunicação (SECOM), solicitou à Secretaria Municipal de Educação (SEDU), um texto para homenagear as professoras e os professores da rede pública municipal de educação de Sorocaba. A ideia era gravar crianças das escolas municipais lendo esse texto. Escrevi um poema numa perspectiva de valorização e reconhecimento da docência enquanto profissão, que não foi aceito para a homenagem, visto que esperavam uma escrita mais afetiva.
IN2o78	Integração_MR1_AVAL_INSTITPP	17/10/2022	A função social da escola e a Liderança Democrática e Participativa na relação com o Projeto Político Pedagógico	Material em <i>Power Point</i> produzido para integrações cujo foco temático sejam os documentos oficiais e ações sistemáticas da rede pública municipal de educação de Sorocaba (Marco Referencial, a Avaliação Institucional e Projeto Político Pedagógico), retomando produção feita para a integração do suporte pedagógico em 20/07/2021. Por meio de reflexões a partir das minhas experiências com os temas e ações acima citados; reflexões sobre a função social da escola na contemporaneidade (a partir de imagens das ilustrações de Powell Kuckzinsk); reflexões sobre os saberes necessários para lidar com a incerteza (MORIN, 1999) – acrescentado no período da pandemia; pensar sobre que escola queremos? que sujeitos queremos formar nessa escola que queremos? E, por fim, um olhar detalhado aos contornos do Marco Referencial (O que é um Marco Referencial? para que serve? como ele se faz presente na Prática pedagógica da sala de aula?); do PPP, a partir do Caderno de Orientações nº 5 “Diretrizes para a construção do PPP”; da Liderança democrática e participativa na relação com o processo de construção do PPP e da avaliação institucional.
IN2o79	EJA_Formação_Narrativas	26/10/2022	NARRATIVAS NA FORMAÇÃO DOCENTE: possibilidades e potências do partilhar experiências	Considerando a ampliação da ideia de ter um documento puramente técnico para publicização do currículo da EJA da rede pública municipal de educação de Sorocaba, após o convite à escrita de narrativas, os professores envolvidos com o movimento de reflexão e escrita do referido currículo, foram convidados a participar de uma formação com foco a conhecerem aspectos do trabalho com narrativas na formação docente. Esse material, em <i>Power Point</i> , apresenta conceitos fundamentais das narrativas e da pesquisa (auto)biográfica. Partilho a leitura da Carta-Pedagógica “Se algo acontecer, amo vocês: narrativa de uma mãe/doutoranda ou, de uma doutoranda/mãe.” e teço reflexões que vão ao encontro dos seguintes objetivos: apresentar o conceito de narrativa na formação docente; propor reflexões sobre as possibilidades e potencialidades dos relatos de experiência, enquanto

CÓD.	NOME DO ARQUIVO	DATA	TÍTULO	CONTEXTO E CONTEÚDO
				dispositivo de formação docente; oportunizar a reflexão dos relatos de experiências apresentados para comporem o Caderno do Currículo da E.J.A. da rede pública municipal de educação de Sorocaba. Um destaque ao material produzido é o exercício que faço para apresentar os conceitos do (auto)biográfico e das narrativas, na relação com algumas produções de Paulo Freire, referencial tão caro ao contexto da EJA.
IN2o80	CL_Beliscador_de_Rim_CONTO	13/12/2022	Clara Luz e o Beliscador de rim: lições a serem aprendidas	Em sequência à “Carta-agradecimento: sobre “beliscões”, confiar, entregar e agradecer!” (IN2C14) retomo o diálogo com os profissionais da saúde que acompanhavam a busca por diagnóstico de um nódulo identificado no meu rim direito. Dessa a reflexão é feita por meio de um conto em que Clara Luz, meu <i>alter ego</i> , se coloca a pensar sobre as aprendizagens que os episódios da vida nos ensinam, destacando que ninguém está aqui (nesse mundo) a passeio, mas todos temos missões e lições a serem aprendidas. Posteriormente esse texto foi publicado no blog pessoal “Escrever me trata!”.
IN2o81	Integração_Súmula_Deveres_Inspetor_Sec	14/02/2023	INTEGRAÇÃO: inspetores de alunos e secretários de escola	Oportunizar uma reflexão sobre que escola temos nos dias atuais. Apresentar as súmulas de atribuições dos inspetores de alunos e secretários de escola. Apresentar os deveres e as proibições previstos no Estatuto dos Servidores Públicos Municipais.
IN2o82	Clara Luz_super_heróis_e_super_heroínas_CONTO	18/02/2023	Clara Luz em: encontros de super-heróis e super-heroínas	Completando as reflexões iniciadas na “Carta-agradecimento: sobre “beliscões”, confiar, entregar e agradecer!” (IN2C14) e no conto “Clara Luz e o Beliscador de rim: lições a serem aprendidas” (IN2O29), mais uma vez, meu <i>alter ego</i> , Clara Luz, se coloca a propor reflexões sobre a vida, os encontros, por ela promovidos, bem como a forma que temos de olhar, compreender e acolher a história e os eventos que marcam a vida daqueles que estão/são próximos a nós.
IN2o83	O_Valsa_do_sono_da_Valentina	20/02/2023	A VALSA DO SONO DA VALENTINA	Poema que textualiza a rotina do sono da Valentina, minha neta do coração. Com o retorno de sua mãe ao trabalho, em algumas ocasiões a Menina Valentina ficou em casa. Atender as necessidades básicas dela, nesses períodos, previa fazê-la dormir, o que me fez observar que ela tinha uma rotina de gestos que anunciavam, do momento em que ela indicava que era hora de dormir, até que ela, de fato, dormisse. O poema trata dessa “rotina” que, para mim, parecia mais uma valsa.